



Universidade Federal  
de São João del-Rei

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROCESSOS  
SOCIOEDUCATIVOS E PRÁTICAS ESCOLARES

LORRANA NASCIMENTO FERREIRA

**VIVÊNCIAS FORMATIVAS EM EDUCAÇÃO POPULAR: UM OLHAR SOBRE A  
PRÁXIS POLÍTICO-PEDAGÓGICA DO CURSINHO POPULAR EDSON LUÍS**

Orientadora: Professora Dra. Bruna Sola da Silva Ramos

São João Del-Rei/MG

2023

LORRANA NASCIMENTO FERREIRA

**VIVÊNCIAS FORMATIVAS EM EDUCAÇÃO POPULAR: UM OLHAR SOBRE A  
PRÁXIS POLÍTICO-PEDAGÓGICA DO CURSINHO POPULAR EDSON LUÍS**

Texto apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação: Processos Socioeducativos e Práticas Escolares, do Departamento de Ciências da Educação, da Universidade Federal de São João del-Rei para defesa do título de Mestre em Educação.  
Orientadora: Profa. Dra. Bruna Sola da Silva Ramos

São João Del-Rei/MG

2023

Se o mundo ficar pesado  
Eu vou pedir emprestado  
A palavra poesia  
Se o mundo emburrecer  
Eu vou rezar pra chover  
A palavra sabedoria  
Se o mundo andar pra trás  
Vou escrever num cartaz  
A palavra rebeldia  
Se a gente desanimar  
Eu vou colher no pomar  
A palavra teimosia  
Se acontecer afinal  
De entrar em nosso quintal  
A palavra tirania  
Pegue o tambor e o ganzá  
Vamos pra rua gritar  
A palavra utopia

*Samba da Utopia - Ceumar*

Qual o sujeito beneficiário do teu sonho?

É a burguesia que explora  
ou a massa desertada que sofre?

(FREIRE, 2013, p. 354)

Eu sigo entre aquelas e aqueles que

continuam firmes  
no seu amor revolucionário,  
fazendo a sua parte  
todos os dias  
– em qualquer lugar do mundo -  
pela redenção dos  
injustiçados e dos oprimidos.

(MELLO, 1989)

## **DEDICO**

A todas educadoras e educadores que fazem de sua vida luta para transformar  
a realidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, Silvana e Lelo que sempre se doaram arduamente com a força de seus trabalhos para que meus irmãos e eu estudássemos e tivéssemos uma formação humana, consciente, com princípios que nos levassem sempre por caminhos de solidariedade com o próximo.

À minha sobrinha Helena, que veio ao mundo nesse caminhar de pesquisa e ressignificou a palavra amor, esperança e família. Mesmo distante e perdendo parte de seu crescimento, quero que saiba que o esperar por novos tempos ganhou outro significado quando você chegou. Espero que você viva em tempos melhores de viver, sonhar e de ser mais.

À querida professora e companheira Bruna Sola, que com a sua amorosidade e rigorosidade na medida me ensinou e continua ensinando muito sobre compromisso. Sobre generosidade, sobre crescer junto, sobre amaciar as durezas que encontramos nesse mundo universitário, muitas vezes engessado. Obrigada por todas as trocas e por me “amadrinhar” nesse processo. Com você percebi que eu poderia ir além nessa e com essa pesquisa.

À professora Jaqueline de Grammont por abraçar essa ideia de projeto comigo. Em tempos de pandemia, com a mudança do percurso da pesquisa, obrigada por me incentivar a trilhar caminhos científicos a partir dessa nova escolha do que investigar durante o Mestrado. Obrigada por construir conosco alguns passos rumo à construção de um Projeto Popular para o Brasil.

À Universidade Federal Pública, em especial a Universidade Federal de Lavras e a Universidade Federal de São João del Rei, por viabilizarem que eu pudesse estudar e construir meu caminho da docência. Consequentemente à população brasileira por financiar meus estudos nessas duas universidades.

Ao Levante Popular da Juventude por viabilizar o encontro com camaradas de luta que me ensinaram e ensinam a todo o momento. Principalmente a renovar a mística, em tempos onde o fascismo constantemente tenta nos derrubar. Foi de extrema importância pra mim passar por esses 4 anos de barbárie que vivenciamos, ao lado de camaradas que, mesmo em tempos difíceis, marchavam denunciando e anunciando outra possibilidade de vivenciar um mundo mais humano.

Ao Cursinho Popular Edson Luís, esses 4 anos intensos de relação me proporcionaram um entendimento mais profundo sobre o que é organização, formação e luta. Esse espaço me viabilizou um encontro lindo e profundo com a Educação Popular. Isso me fez ressignificar a forma de enxergar e vivenciar a docência. Em especial ao núcleo político-pedagógico, formação e biblioteca popular, o convívio com vocês me segurou e me apoiou de tantas formas. Espero continuar reencontrando vocês na caminhada da vida.

À Equipe Nacional da Rede de Cursinhos Podemos +, em especial a Pérola, o Léo, o Luiz e a Gheidilla pela partilha intensa do último período e que muito contribuiu com a minha formação para militância e para luta. Têm muito de nossas trocas nestas páginas.

Ao Grupo de Pesquisa (GECDiP), vocês me fizeram vivenciar o Mestrado de outra forma, em tempos de Pandemia foi fundamental o encontro com vocês e nossos camaradas revolucionários para repensar os discursos pedagógicos que construímos a partir de nossos ofícios.

Aos meus amigos e amores que me atravessaram, me apoiaram, me contrastaram, me ensinaram e rechearam minha existência de afeto, de amor e de felicidade. Espero constantemente ser pra vocês o que vocês são para mim, colo, conforto, amizade, lealdade, amor, compaixão e diálogo. Obrigada por tanto. Vocês sabem quem são.

E por fim, não menos importante, ao povo brasileiro que (re) existe e que ressignifica a sua existência a cada momento histórico, a cada adversidade - que são muitas - e que com o suor da classe trabalhadora ajuda a formar muitos de nós, jovens que se comprometem em transformar a sociedade em qualquer espaço de poder.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como palco de observação o Cursinho Popular Edson Luís, projeto idealizado pelo movimento social que organiza as juventudes brasileiras – Levante Popular da Juventude – em relação com a extensão da Universidade Federal de São João del Rei, Minas Gerais. Como objetivo, essa pesquisa busca compreender de que maneira os vivenciamentos formativos em Educação Popular experimentados pelos educadores do cursinho contribuem para a construção de uma práxis político-pedagógica transformadora. Desse modo, buscamos interpretar quais os sentidos que os educadores, atribuem à sua condição de educador e como significam sua práxis político-pedagógica no movimento formativo que constroem coletivamente. A investigação é de caráter qualitativo e se orienta através da pesquisa participante, na qual o universo pesquisado faz parte da construção cotidiana da vida da pesquisadora. Além disso, partes dos dados aqui analisados foram elaborados pelo coletivo investigado, a priori e durante a pesquisa, não somente como metodologia investigativa específica para a construção da mesma. Nesse sentido, fomos ao encontro do que dizem os educadores sobre os vivenciamentos formativos experimentados no Cursinho Popular Edson Luís, a partir de documentos, questionários, grupos focais e relatos de experiência. À procura de dialogar com a pluralidade de discursos que surgem do contexto investigativo, propomos a utilização de Paulo Freire como referencial teórico-metodológico, assentada na perspectiva dialógica em que sua pedagogia se fundamenta. Para aprofundarmos nessa questão, fomos ao encontro de Mikhail Bakhtin que nos ajuda a estabelecer relações com a alteridade, conceito fundamental para que o diálogo verdadeiro aconteça. Para ambos os autores, o diálogo e o discurso são a arena onde são expressos os embates e contradições que viabilizam a construção do conhecimento de maneira dialógica. Considerando a visão desses autores e da práxis que orienta os movimentos sociais, organizamos os enunciados em quatro categorias analíticas: os sujeitos, a formação, a organização do trabalho e a luta. A primeira nos permite compreender elementos que corporificam o perfil socioeconômico, formativo e subjetivo dos Educadores Populares, sujeitos que constroem o Cursinho Popular Edson Luís. E as outras três vão ao encontro de como esses educadores significam a práxis político-pedagógica que fundamenta as ações do cursinho. Nesse sentido, foi possível observar como eles vivenciam e se formam a partir da Educação Popular, como organizam o trabalho pedagógico e como significam a dimensão da luta. Esse movimento analítico nos permite inferir que o Cursinho Popular Edson Luís tem sido propositivo para reflexões sobre a formação de educadores no contexto brasileiro. Além de proporcionar um despertar político e social do educador e de seu papel consciente no contexto da transformação social, sob os princípios da Educação Popular, significando e vivenciando a práxis freireana. Nos permite ainda afirmar a importante relação que se constrói entre Educação Popular, Movimento Social e Extensão universitária. E como essa tríade deve ser explorada como caminho possível para uma formação de educadores comprometidos com as causas do povo.

**Palavras chave:** Educação Popular, Formação Docente, Cursinho Popular Edson Luís, Práxis Político-Pedagógica.

## **ABSTRACT**

This research has as its observation setting the Edson Luís Popular ENEM Preparation Center, a project idealized by Levante Popular da Juventude, a social movement that organizes the Brazilian youth, and the extension division of the Universidade Federal de São João del Rei, Minas Gerais. This research aims to understand how Popular Education formative experiences contribute to constructing a transforming political-pedagogical praxis for the center's educators. Therefore, we seek to interpret what meanings they attribute to their condition as educators and how they signify their political-pedagogical praxis in the formative movement they collectively build. We apply a qualitative methodology guided by participant observation, in which the research setting is part of the daily construction of the researcher's life. Moreover, the observed collective elaborated parts of the analyzed data a priori and during the investigation, not only as part of the methodology applied to conduct this research. Thus, we analyzed what the educators say about their formative experiences at the Edson Luís Popular ENEM Preparation Center based on documents, questionnaires, focus groups, and experience reports. Seeking to dialogue with the plurality of discourses that arise from the investigative context, we propose using Paulo Freire as a theoretical-methodological reference, given the dialogic perspective of his pedagogy. To deepen this matter, Michail Bakhtin helps us establish relationships with otherness, a fundamental concept for genuine dialogue construction. For both authors, dialogue and discourse constitute the arena where clashes and contradictions are expressed, allowing the construction of knowledge dialogically. Considering these two authors and the praxis that guides social movements, we have analyzed the statements with respect to four categories: subjects, training, work organization, and fight. The first allows an understanding of the elements that embody the socioeconomic, formative, and subjective profiles of the Popular Educators that construct the Edson Luís Popular ENEM Preparation Center. The other three discuss how the educators signify the political-pedagogical praxis that fundament the center's actions. These four categories helped us observe how educators experience and develop themselves from the perspective of Popular Education, how they organize their pedagogical work, and how they signify the fight dimension. Our analysis shows that the Edson Luís Popular ENEM Preparation Center has been propitious for reflections on the educator's training in the Brazilian context. The center also provided a political and social awakening for the educators and their role in social transformation under the principles of Popular Education, giving meaning and experiencing Freire's praxis. In addition, our analysis allows us to affirm the vital relationship between Popular Education, Social Movement, and University Extension; and how we should explore this triad as a possible path for training educators committed to the causes of the people.

**Keywords:** Popular Education, Teacher Training, Edson Luís Popular ENEM Preparation Center, Political-Pedagogical Praxis.



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AI 5 – Ato Institucional Número 5  
BNCC – Base Nacional Comum Curricular  
CN – Coordenação Nacional  
CNE – Conselho Nacional de Educação  
CP – Consulta Popular  
CPEL - Cursinho Popular Edson Luís  
CPP - Coordenação Político Pedagógica  
DCN – Diretrizes Curriculares Nacional  
EAD – Ensino à Distância  
ENEBio - Entidade Nacional dos Estudantes de Biologia  
ENEM - Exame Nacional de Avaliação do Ensino Médio  
ESP - Escola Sem Partido  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
LGBTQT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Queer  
MP – Medida Provisória  
MST – Movimento dos Sem Terra  
MTD – Movimento dos Trabalhadores Por Direitos  
NPP - Núcleo Político Pedagógico  
OMS - Organização Mundial de Saúde  
ONU – Organização das Nações Unidas  
PEC - Proposta de Emenda Constitucional  
PETAR - Parque Estadual de Turismo do Alto do Ribeira  
PIBID - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência  
PJR – Pastoral da Juventude Rural  
PPB – Projeto Popular para o Brasil  
PPE – Projeto Popular de Educação  
PPEDU – Programa de Pós-graduação em Educação  
PPP – Projeto Político Pedagógico  
PT – Partido dos Trabalhadores  
SEC – Serviço de Extensão e Cultura  
UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas  
UFPA - Universidade Federal de Lavras  
UFSJ – Universidade Federal de São João del Rei  
UNE – União Nacional dos Estudantes  
UNIFAL - Universidade Federal de Alfenas

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Anotações dos primeiros passos do movimento – Arquivo Brasil de Fato RS

Imagem 2 – Aula da 1º Turma Regular do Cursinho Popular Edson Luís

Imagem 3 - Espaço Formativo desenvolvido pelo núcleo de formação durante o Ensino Remoto

Imagem 4 - Representação dos núcleo de atuação do CPEL.

Imagem 5 – Fotografia retirada através da plataforma Google Meet que representa o Grupo Focal número 4

Imagem 6 – Fotografia do material desenvolvido pelo núcleo político pedagógico

Imagem 7 – Gráfico referente à orientação racial dos educadores do CPEL.

Imagem 8 – Gráfico referente à composição da renda familiar dos educadores do CPEL.

Imagem 9 – Gráfico referente à identidade de gênero dos educadores do CPEL.

Imagem 10 – Gráfico referente à orientação sexual dos educadores do CPEL.

Imagem 11 – Gráfico referente à pergunta sobre a 1º experiência pedagógica dos educadores.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Levantamento de Dados Analíticos da Pesquisa

## SUMÁRIO

<b>EU ME APRESENTO E DIGO POR ONDE ANDAM MEUS PASSOS E PENSAMENTOS.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO 1 – A EDUCAÇÃO POPULAR, AS BASES EPISTEMOLÓGICAS DO PENSAMENTO FREIREANO E A FORMAÇÃO DOCENTE .....</b>	<b>30</b>
1.1 – PAULO FREIRE E A MOVIMENTAÇÃO POLÍTICA PELAS CAUSAS DO POVO EM PERNAMBUCO .....	43
1.2- O CURRÍCULO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO POPULAR .....	47
<b>CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR CONSTRÓI O PODER POPULAR .....</b>	<b>58</b>
2.1- AFINAL, QUEM É ESSE LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE?.....	59
2.2 - A PRÁXIS POLÍTICO PEDAGÓGICA DO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE..	65
2.3 - O DIÁLOGO COM A JUVENTUDE.....	69
2.4 – O PROJETO POPULAR E PROJETO POPULAR PARA EDUCAÇÃO .....	72
<b>CAPITULO 3 - O CURSINHO POPULAR EDSON LUÍS.....</b>	<b>78</b>
3.1 – A HISTÓRIA DO CURSINHO POPULAR EDSON LUÍS.....	80
3.2 – A ORGANIZAÇÃO EM NÚCLEOS.....	91
3.3 - AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES POLÍTICO PEDAGÓGICAS	100
3.4 - REINVENTANDO O TRABALHO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DURANTE A PANDEMIA .....	106
3.5 - ATUAÇÃO DO NÚCLEO DE ACOMPANHAMENTO DE EDUCADORES.....	113
<b>CAPÍTULO 4 - A PESQUISA PARTICIPANTE E A SISTEMATIZAÇÃO DO SABER COLETIVO .....</b>	<b>119</b>
4.1 – OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	133
4.2 – SOBRE O SUJEITO-COLETIVO E ALGUMAS QUESTÕES ÉTICAS QUE PERMEIAM A PESQUISA.....	139
<b>CAPÍTULO 5 – OS EDUCADORES POPULARES, SUAS VOZES E A FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA.....</b>	<b>144</b>
5.1 – OS EDUCADORES POPULARES QUE CONSTROEM O CURSINHO POPULAR EDSON LUÍS .....	148
5.1.1 – O PERFIL SOCIOECONÔMICO DA JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR .....	152
5.1.2 – A BUSCA DA VIVÊNCIA FORMATIVA EM EDUCAÇÃO POPULAR DA JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR .....	163

5.1.3 - A VIVÊNCIA DA EDUCAÇÃO POPULAR PARA A JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR.....	170
5.1.4 - COMO A JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR AVALIA A EXPERIÊNCIA DE TRABALHAR NO CURSINHO POPULAR EDSON LUÍS.....	179
5.2 – A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E A LUTA PELA EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR .....	185
5.2.1 – COMO A JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR ORGANIZA O TRABALHO .....	186
5.2.2 – A DIMENSÃO REVOLUCIONÁRIA DA PRÁXIS COMO HORIZONTE DE NOSSAS AÇÕES.....	193
<b>AS CONSIDERAÇÕES FINAIS EM FORMA DE UMA CARTA ABERTA À REDE DE CURSINHOS POPULARES PODEMOS+ .....</b>	<b>200</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>209</b>

## **EU ME APRESENTO E DIGO POR ONDE ANDAM MEUS PASSOS E PENSAMENTOS**

Gosto de ser gente porque, como tal, percebo afinal que a construção de minha presença no mundo, que não se faz no isolamento, isenta da influência das forças sociais, que não se compreende fora da tensão entre o que herdo geneticamente e o que herdo social, cultural e historicamente, tem muito a ver comigo mesmo. [...]

Afinal, minha presença no mundo não é a de quem se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.

*Paulo Freire*

Ao afirmar o gosto por ser gente, me reconheço entre aquelas que amam profundamente a humanidade e em comunhão com ela constroem a ousada história de lutar pela transformação da realidade que segrega, oprime e vulnerabiliza determinados sujeitos. A escolha desta epígrafe reverbera em mim as condições concretas e subjetivas que transpassam a minha existência e que, sem estas – o que herdo geneticamente, social, cultural e historicamente – os meus passos não caminhariam ao encontro desta pesquisa.

Ao me apresentar e dizer às leitoras e leitores onde andam meus passos faço uma breve contextualização de quais vivenciamentos transcorreram minha trajetória de vida e acadêmica que viabilizaram o esforço de elaboração e sistematização desta pesquisa. E para isso gostaria de contar brevemente sobre onde nasci e como isso me direcionou a vivenciar experiências sócio-histórico-culturais as quais contribuíram com a minha formação e me constituem enquanto sujeito.

O fascínio pelas Ciências Biológicas e como ela permite uma explicação sobre o mundo, sobre as diversas manifestações de vida, sobre como as espécies interagem entre as outras e si, sobre a natureza, sempre me intrigaram desde muito cedo. Minhas raízes nascem no interior do Estado de São Paulo, numa região conhecida como a maior porção de Mata Atlântica nativa preservada do país, o Vale do Ribeira. No Vale, há o Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira (PETAR),

unidade de conservação que abriga a minha primeira casa neste mundo, a cidade de Apiaí.

Durante os meus primeiros anos de existência, naquela cidade, comecei a me encantar por todas as representações de natureza que escancaravam todo o olhar que a minha vista alcançava. A exuberância das matas, as cachoeiras e dezenas de cavernas que lá abrigam. Em contrapartida, o Vale do Ribeira era considerado a região mais pobre e menos desenvolvida do estado de São Paulo. Naquela época, eu mal conseguia compreender o que isso implicava. Passaria alguns anos até eu assimilar o que ocasiona uma região ser a mais pobre economicamente e a mais rica em biodiversidade. As dimensões sobre a inversão de valores socioambientais atreladas à lógica capitalista ainda estavam distantes de serem presentes na minha leitura e compreensão de mundo.

Durante a transição entre a infância e a juventude, me mudei para cidade de Lavras, em Minas Gerais. Lá, várias inquietações e angústias se estruturaram em torno da busca da compreensão sobre a minha identidade e sobre a minha experiência de ser jovem. A busca do eu começou a caminhar cotidianamente em meus pensamentos. Queria respostas prontas, acabadas, que satisfazem a ideia ilusória de definição do eu. Além disso, era vista como uma jovem rebelde. Traço que acreditava ser uma característica marcante da juventude.

Nesse tempo, algumas angústias pulsavam em meu interior e a busca para abafar ou suprir essas angústias faziam despertar ainda mais o traço da rebeldia em mim. Levaria um tempo para começar a compreender que tais angústias em parte são propiciadas e fortalecidas pelo modelo de sociedade que vivemos e como isso afeta nossas relações interpessoais e nossos comportamentos. Passaria alguns anos até compreender outras características marcantes que atravessam a minha e de tantas outras juventudes anos mais tarde.

Ao ingressar no curso de Ciências Biológicas - Licenciatura na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), meu sonho, enquanto bióloga em formação inicial era compreender como as espécies interagem entre si e com o meio no qual se inserem. No entanto, as relações que a nossa espécie estabelece com a sociedade e mais precisamente com o modelo de sociedade no qual estamos inseridos não me eram claras, devido, em parte, à formação que tive durante a educação básica.

Ao transferir meu curso para Universidade Federal de Lavras (UFLA), logo me engajei na Licenciatura e entrei em contato com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de Biologia. O programa consiste em fomentar o diálogo entre a formação de futuros professores através da oferta de bolsas de iniciação à docência, articulando uma parceria entre as escolas da rede pública.

O PIBID desde sua estruturação vem ampliando o debate sobre a política nacional de formação de professores e promovendo uma articulação entre a comunidade escolar pública e o ensino superior público, contribuindo com uma formação integradora dos conhecimentos científicos-pedagógicos. Em uma perspectiva de fomentar outro tipo de formação, ainda muito distante dos currículos das licenciaturas do país de um modo geral.

Foi neste contexto que eu passei a explorar e a me interessar pelas Ciências Humanas, principalmente pela Educação. A relação entre o ser humano, sociedade e educação começou a despertar anseios e questionamentos que mudaram minha forma de enxergar o mundo e a maneira como nos relacionamos com ele, o que foi possível com um espaço intenso dedicado à formação inicial que o PIBID de Biologia da UFLA me proporcionou. Neste cenário, acredito que o encontro com o “nós” foi ganhando densidade e significativa atenção aos meus passos e pensamentos.

Durante este contexto da graduação e PIBID, a perspectiva formativa que eu vivenciei baseava-se na concepção educativa marxista proposta pela Pedagogia Histórico-Crítica, elucidada por Demerval Saviani. Experimentei, enquanto professora em formação inicial, muitos momentos sobre elaboração de materiais didáticos, planos de aula, projetos de escola que iam ao encontro com uma perspectiva de educação crítica-reflexiva apoiada em bases epistemológicas que visam à superação do modelo socioeconômico vigente.

Tempos depois eu iria compreender que tanto a construção do processo cognitivo como a construção da nossa formação enquanto sujeito acontece passo a passo, diálogo a diálogo. A natureza inacabada do ser e da consciência nos leva a uma busca de formação permanente, tal qual é a caminhada de ser educadora.

Durante os anos que seguiram à construção da minha graduação, alguns espaços de organização estudantil e de movimentos sociais foram, por mim, vivenciados. Entre eles destaco a participação na Coordenação Nacional (CN) da



Entidade Nacional dos Estudantes de Biologia – (ENE BIO). O movimento tem como proposta organizar estudantes da Licenciatura e Bacharelado do Brasil a partir da reflexão crítica sobre a sociedade através da atuação e inserção profissional dos biólogos.

As discussões acerca dos efeitos e o combate à degradação ambiental exacerbada pelos modelos econômicos imperialistas, bem como a discussão sobre outras perspectivas socioambientais ligadas a práticas econômicas e sociais que promovam a manutenção e conservação da biodiversidade se faziam presentes naquele contexto. Nessa circunstância, comecei a vivenciar e compreender as nuances entre a denúncia do modelo econômico capitalista e o anúncio de outras práticas socioeconômicas que visam à superação do modelo econômico vigente.

A ENE BIO foi o primeiro espaço de organização estudantil que me possibilitou um despertar para a compreensão sobre a importância da organização coletiva<sup>1</sup> como perspectiva de transformação social. Anteriormente a isso, a minha ingenuidade me levava a crer que a minha ação individual, como professora fundamentada nas perspectivas críticas, cumpriria com o quadro rumo à superação do modelo econômico atual. Neste momento, houve em mim um desses ‘cliques’, algo que anos depois eu compreenderia como um acúmulo considerável de saberes que me levariam à construção de um processo de transição de uma visão ingênua a uma visão crítica, e que tal processo está em constante construção.

As executivas de curso, assim denominadas pelos movimentos do campo popular – como o caso da ENE BIO - possuíam estreita relação com a Via Campesina<sup>2</sup>, o Movimento Sem Terra (MST) e com a Consulta Popular<sup>3</sup> (CP), o que me possibilitou um contato mais próximo com movimentos sociais históricos que contribuem com o legado para outro movimento que eu encontraria um pouco mais tarde nesta caminhada, o Levante Popular da Juventude, o qual se tornou arena de estudo desta pesquisa. Neste momento, houve em mim um salto cognoscível importante acerca da compreensão sobre organização, movimentos sociais e a

---

<sup>1</sup> Cabe pontuar, que trago como organização coletiva nesta construção textual os movimentos sociais populares do campo do Projeto Popular para o Brasil, sobre o qual trarei mais elementos em um momento seguinte.

<sup>2</sup> Consulta Popular é um partido político de organização de quadros na perspectiva de organizar as lutas populares através do Projeto Popular para o Brasil.

<sup>3</sup> Via Campesina é uma organização internacional de camponeses que defende a agricultura pela soberania alimentar como maneira de promover a justiça e diminuição da desigualdade social e se opõe fortemente à agricultura pautada pelo agronegócio que destrói as relações sociais e a natureza.

juventude como sujeito contestador fundamental nos processos de transformação e superação do modelo econômico e, em consequência, da sociedade.

Em meados de 2016, momento que antecedeu a finalização da minha experiência como graduanda, o Brasil passava por um golpe de estado que afastou a primeira presidenta mulher que esteve à frente do governo deste país e, conseqüentemente, o plano de governo de seu partido – o Partido dos Trabalhadores (PT), considerado – embora com algumas críticas – um governo à esquerda.

Este momento acarretou uma enxurrada de desmontes e retrocessos em vários setores da sociedade que propunham uma ruptura com o projeto de governo do campo progressista que havia sido impedido de governar. Um entre os diversos cortes proporcionados por Michel Temer, presidente que tomou o poder e implementou uma proposta de governo de desmonte em relação aos direitos sociais, foi em relação ao PIBID. O corte em questão previa uma redução orçamental em 70% do programa, presente em diversas universidades federais.

Neste contexto sócio histórico, militantes do Levante Popular da Juventude organizados na cidade de Lavras - MG auxiliaram os grupos que atuavam no PIBID da UFLA a construir um ato, tendo como pauta única o “FICA PIBID!” Este ato denunciava os desmontes do governo em relação ao programa e à educação. Ecoavam gritos de ordem como: “Educação Não é Mercadoria!” e “Fora Temer!” Esse é o momento quando ocorre minha aproximação com o movimento social organizativo de jovens – Levante Popular da Juventude.

A construção de um ato, desde a estruturação das pautas, bem como quais trajetos iríamos percorrer na cidade, quais gritos de ordem, quais músicas puxaríamos para a animação do ato, quais cartazes desenvolveríamos, com quais setores dialogaríamos, possibilitou um arcabouço de experiências que me fizeram compreender, através de uma espécie de frenesi, a importância da luta coletiva e organizada na reivindicação de pautas que atravessam a minha existência e a de tantos outros jovens.

O Levante Popular da Juventude, através das suas escolas de formação, proporciona aos militantes em formação uma série de experiências, vivências,

sentidos e místicas<sup>4</sup> que me possibilitaram a compreensão do meu papel neste mundo como sujeito e jovem contestadora que foi *‘deixando, devagar, sofredamente de ser a primeira e desolada pessoa do singular para transformar-se muito mais sofredamente na primeira e profunda pessoa do plural’*.<sup>5</sup> Nesse momento eu comecei a compreender as bases organizativas do movimento - formação, organização e luta - embora, ainda não soubesse os primórdios da epistemologia da palavra práxis.

Outro ponto relevante nesta trajetória, mais de profundas mutilações sociais ocasionadas por Temer e projeto que seu campo político visava e conseguira implementar, foi a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 241, conhecida como “Teto de Gastos”, que ao se tornar Emenda Constitucional 55, congelou os investimentos públicos em saúde, educação e projetos sociais por 20 anos, prevendo apenas o seu reajuste pela inflação. O que ocasionou um verdadeiro “levante” estudantil em oposição a essas medidas.

No ano de 2016, mais de 1000 (mil) escolas e universidades foram ocupadas por todo o Brasil - movimento que ficou conhecido como Primavera Secundarista<sup>6</sup> - o que não intimidou o congresso, que aprovou a Emenda Constitucional congelando os investimentos públicos nas áreas de saúde, educação e assistência social. Nessa circunstância, os estudantes protestaram principalmente contra a PEC 241/ 55, e também negavam a Medida Provisória (MP) 746, que propunha uma reforma no Ensino Médio. Outra pauta de luta, reivindicação e denúncia, era o projeto de lei nº 193 de 2016, intitulado Escola sem Partido (ESP).

A reforma do Ensino Médio, posteriormente aprovada, propõe a ampliação da carga horária total do Ensino Médio, tornando obrigatórias apenas as disciplinas de português e matemática, reduzindo a carga horária das disciplinas gerais. Além disso, viabilizava o ‘notório saber’ para a prática docente, sem a necessidade de uma formação específica em licenciatura para a atuação em sala de aula. Outros pontos marcantes desta reforma foram a instituição de ciclos formativos que previam

---

<sup>4</sup> A mística é o elemento cultural que tem como característica trazer provocações a partir de música, slam, poesia, vídeo, performance, paródias além de tantas outras formas de manifestações culturais que sensibilizam coletivamente para a luta de classes. Elementos como motivação, vínculos entre os militantes e estética estão presentes nessas expressões culturais e têm como horizonte agregar signos como a solidariedade, a resistência, o sonho de uma vida digna, o sonho de uma nova sociedade, de uma nova educação, de um novo homem e de uma nova mulher.

<sup>5</sup> Para os que virão – Poesia de Thiago de Mello (MELLO, 1989, p.11).

<sup>6</sup> A Primavera Secundarista foi um movimento que mobilizou estudantes em diversos estados no Brasil em torno da pauta da Educação. A mobilização e luta estudantil no Brasil ocorreu em 2016 e correspondeu a uma série de manifestações e ocupações de escolas secundárias e universidades públicas brasileiras que reivindicavam os desmontes na Educação.

a especialização dentro de uma das áreas do conhecimento ou ensino técnico profissionalizante; tornou inglês como língua estrangeira obrigatória; ampliou e permitiu que parte do ensino fosse oferecido na modalidade à distância. Além disso, a proposta inicial retirava a obrigatoriedade de disciplinas do campo das ciências humanas como artes, educação física, sociologia e filosofia, trecho que foi barrado posteriormente.

Já o projeto de lei que ficou conhecido como Escola Sem Partido previa a “neutralidade” da escola e do ato de ensinar, a fim de eliminar conteúdos curriculares atrelados às demandas sociais como diversidade sexual, gênero, política e religião, sob a alegação de que tais conteúdos se caracterizam como “doutrinação ideológica”. O projeto tinha como proposta inicial estabelecer regras para os professores sobre o que eles podem ou não ensinar dentro da sala de aula, como também previa que os mesmos não se posicionassem em assuntos cotidianos sobre a conjuntura política.

A questão central da MP 746 e do movimento que culminou na criação do projeto de lei do ESP, que também ficou conhecido como “lei da mordaza”, pressupõe a neutralidade dos conteúdos, o que fere a concepção de escola que a sociedade moderna construiu, a qual surgiu com o objetivo político de educação das massas como exigência do regime democrático (SAVIANI, 2017). Além disso, ela conflitava diretamente com a autonomia do educador, uma vez que tais propostas previam quais assuntos e disciplinas deveriam ou não fazer parte do currículo e de que forma os educadores deveriam ou não construir o conhecimento com os educandos.

Tais medidas articulam uma série de desmontes que fundamentam um projeto de governo que intenciona, a partir de sua gestão, sucatear direitos que são fundamentais a vida, como educação, saúde e outros. Ocasionalmente ocasionando significativos estrangulamentos nestes setores que reverberam até o contexto atual. Além disso, estas medidas convergem com uma perspectiva educativa a qual um camarada revolucionário de luta me apresentou mais tarde nesta minha caminhada como “Educação Bancária” (FREIRE, 2021), que será aprofundada mais adiante neste texto.

O Levante, em seus diversos territórios de atuação, assim como na UFLA, integrou a onda de ocupações das escolas e universidades públicas em defesa da

educação pública de qualidade e contra a PEC, a fim de reivindicar e combater as medidas impopulares do até então governo federal comandado por Michel Temer. Neste contexto, vivencio minha primeira experiência de ocupação e começo a construir a compreensão sobre a importância da luta coletiva em torno de ocupar todos os espaços públicos e resistir em defesa dos direitos conquistados pelo povo.

Na ocupação, nós, estudantes, articulamos uma série de aulas no interior da universidade com o caráter de compreendermos o momento histórico que vivenciávamos. Os estudantes e professores de Direito construíam aulas públicas sobre os processos constitucionais e legais para aprovação da PEC. Os estudantes e professores das Licenciaturas refletiam os impactos e desdobramentos que a aprovação da PEC ocasionaria no setor Educacional. Estudantes e professores de outras áreas como de Filosofia, refletiam sobre os prolongamentos que o ESP provocaria no ensino básico e na atuação desses profissionais.

Além disso, os estudantes construíram uma série de atividades para a manutenção do espaço universitário, como limpeza, revitalização de alguns espaços coletivos, além de refletirem sobre os currículos das formações iniciais que careciam de reflexões sobre como nos organizarmos e incidirmos na política brasileira. Nesse contexto a compreensão da disputa de poder que se estabelece através dos currículos de formação básica e, conseqüentemente, nos da formação dos professores foi fortalecendo em mim uma “curiosidade epistemológica”<sup>7</sup> (FREIRE, 2017).

A partir dessa compreensão, ficou nítida a forma como os planos de governo fundamentam sua identidade ideológica através da construção de currículos acrílicos, que não propõem um diálogo entre o conhecimento científico e as problemáticas sociais, a fim de superá-las. Desse modo, se coloca, assim, a favor do modelo econômico vigente, que segrega e condiciona milhares de pessoas à passividade frente aos desdobramentos da gestão pública.

Com a finalização da minha formação inicial e minha vinda para São João Del Rei - MG, continuei engajada na construção do movimento social – Levante Popular da Juventude, agora em outro território e a partir de outra atuação, como educadora no Cursinho Popular Edson Luís (CPEL). Momento e movimento que viabilizou o

---

<sup>7</sup> A curiosidade epistemológica a que me refiro é um conceito que perpassa toda a obra freireana Pedagogia da Autonomia. Freire ao longo da obra vai fundamentando uma série de elementos do que vem a ser curiosidade epistemológica. Cabe destacar que em momentos posteriores, nesse texto, retomarei a discussão sobre tal conceito.

meu encontro teórico-prático com a Educação Popular<sup>8</sup>. Tal encontro me possibilitou uma série de experiências que atravessaram a minha construção enquanto educadora e mudaram minha forma de me relacionar com a docência. Como também mudaram a construção do meu pensar-agir no mundo.

A organização do Cursinho Popular Edson Luís com as divisões de tarefas para sua construção, a experiência de conduzir as reuniões, organizar e mediar as discussões sobre as pautas que permeiam o cotidiano das atividades político-pedagógicas, os espaços e aspectos formativos que perpassam toda a estruturação do cursinho me possibilitaram um arcabouço de experiências que me atribuíram outro olhar para o aspecto formativo e para o currículo da formação de professores.

O compromisso com as classes populares endossou, em mim, questionamentos que me levariam a repensar a minha atuação enquanto educadora. As perspectivas críticas educativas agora me levariam a trazer o saber e a cultura popular como fundamentação do processo político-pedagógico. Isso me viabilizou um despertar sobre a importância da articulação entre os saberes populares e os saberes científicos como possibilidade da construção de uma perspectiva de ciência comprometida com as classes populares, uma ciência popular. Ciência que permite aos cientistas que estudam sobre a educação e a sociedade responderem criticamente às exigências históricas respaldadas pela ciência, colocando-a a serviço das camadas populares (BONILLA et al., p.131, 1984).

Além disso, a trajetória no Cursinho Popular Edson Luís oportunizou o meu encontro com a extensão, promovendo uma prática que, incorporada às experiências formativas curriculares da formação inicial, subsidiaram um direcionamento para uma atuação profissional e acadêmica comprometida e a serviço dos interesses do povo.

Durante a trajetória da minha formação, a discussão sobre currículo foi um dos assuntos que mais me atraíram como objeto cognoscível, as discussões em volta das tendências curriculares, currículo crítico reflexivo, currículo da Educação Básica, currículo dos professores em formação inicial despertaram em mim anseios, que corroboraram em grande parte como motivação para a construção desta pesquisa.

---

<sup>8</sup> A escolha pela letra maiúscula para a grafia do termo Educação Popular, no decorrer dessa dissertação, se dá por uma opção política, utilizada para demarcar e valorizar uma concepção pedagógica que, a partir do meu olhar, deveria ser ainda mais explorada no campo da formação de professores.

Ao longo do caminho na construção de minha formação enquanto educadora, vários anseios e questionamentos foram se estruturando, como: Quais os vivenciamentos que as perspectivas críticas e mais especificamente a Educação Popular viabilizam aos educadores? Quais conhecimentos mobilizam a docência em Educação Popular? A experimentação da Educação Popular possibilita uma transformação do exercício da docência, assim como aconteceu comigo? O currículo das licenciaturas contribui com uma formação de professores comprometida com as demandas sociais do povo? Quais contribuições formativas a práxis militante proporcionam aos educadores em formação inicial e continuada que vivenciam a construção dos movimentos sociais?

A busca pela superação de algumas dessas perguntas me fez optar pela vida acadêmica e enxergar, no Mestrado em Educação da Universidade Federal de São João del Rei – MG (UFSJ), a possibilidade de elucidação e aprofundamento. As discussões sobre militância, formação docente, currículo, reverberam em mim a motivação de desvendar quais vivenciamentos atravessam a formação inicial e continuada de professores que experimentam a Educação Popular a partir das experiências político-pedagógicas desenvolvida pelo Levante Popular da Juventude, mais especificamente a experiência do Cursinho Popular Edson Luís.

Nesse sentido, a partir da experiência que o Cursinho Popular Edson Luís me viabilizou e ainda continua viabilizando, chego à pergunta que orienta esta pesquisa: **De que maneira os vivenciamentos formativos em Educação Popular experimentados pelos educadores do Cursinho Popular Edson Luís contribuem para a construção de uma práxis político-pedagógica transformadora?** Busco analisar as contribuições formativas para os educadores em formação inicial e continuada em sua proximidade com os movimentos sociais, mais especificamente com o Levante Popular da Juventude, bem como quais os sentidos esses educadores atribuem à sua condição de ser educador e como significam sua práxis político-pedagógica no movimento formativo que constroem coletivamente.

Como objetivos específicos busco: a) Identificar, compreender e discutir como se dá a organização e divisão de tarefas no interior do Cursinho Popular Edson Luís; b) Compreender como os educadores em formação inicial e continuada significam as práticas político-pedagógicas no contexto da Educação Popular; c) Identificar e

compreender elementos emancipatórios nas práticas de formação, organização e ação do Cursinho Popular Edson Luís.

Meu 'objeto' de estudo são os vivenciamentos formativos experimentados no Cursinho Popular Edson Luís, desenvolvido em São João del-Rei, Minas Gerais. Esta experiência político-pedagógica compõe a Rede de Cursinhos Populares Podemos +, que aglutina as experiências de cursinhos populares do Levante Popular da Juventude, como também é um Programa de Extensão da UFSJ desde 2015. Cabe destacar, que esta experiência está localizada em um bojo de ações das quais faço parte, como aprofundarei mais adiante.

Parte dessa escolha se dá pelo fato de que esta pesquisa se desenvolve em um tempo histórico de intensivo ataque à pesquisa, à ciência e à educação brasileira, no qual os excessivos cortes atrelados a estas áreas inviabilizam e castram os sistemas de financiamento de pesquisa. Sendo assim, esta pesquisa não conta com financiamento e, por isso, inviabiliza um deslocamento de território. Mas grande parte desta escolha também se dá pelas experiências que me transpassaram nesta caminhada e mobilizaram em mim saberes e práticas que me despertaram para outra docência, a de educadora popular, e que me motivam a investigar se também mobilizam a práxis de outros sujeitos.

Nesse sentido, me apoio na pesquisa participante, como construção teórico-metodológica, uma vez que esta pesquisa se desenvolve através da relação direta da pesquisadora como participante no processo da experiência político-pedagógica investigada. A escolha da pesquisa participante se dá também pelo compromisso social e pelo caráter militante que ela assume. Assim, faz-se importante afirmar que este trabalho é fruto da minha caminhada enquanto jovem militante e jovem educadora que se encontram para assumir e dar cena à pesquisadora participante.

Como caminho dessa construção, no primeiro capítulo, me dedico a construir com as leitoras e leitores a concepção educativa que fundamenta as ações político-pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís, a Educação Popular. Nesse capítulo teórico, me concentro na elucidação de cinco bases epistemológicas do pensamento freirano, que são diálogo, práxis, criticidade, cultura e historicidade e que me subsidiam para compreender os saberes necessários à prática docente à luz da Educação Popular. Como também me auxiliam na construção da análise, na busca de estabelecer relações entre os discursos dos Educadores Populares que



constroem a experiência do Cursinho Popular Edson Luís e a significação para a práxis desses educadores através dessas bases epistemológicas.

Nesse primeiro capítulo vou ao encontro da obra freireana, destacando algumas passagens que trazem à tona as concepções pedagógicas que fundamentam a sua obra. Busco, nesse sentido, estabelecer relações entre a concepção pedagógica de Freire e a construção de um projeto popular de sociedade para o país, onde, nessa nova sociedade, construída pelo povo e com o povo, não haja mecanismos de opressão de nenhuma espécie. Ainda no primeiro capítulo, inauguro uma discussão sobre a Educação Popular e a relação com o currículo na formação de professores. Nesse sentido, busco trazer para a discussão a concepção de como os currículos de Licenciatura de um modo geral se fundamentam em uma concepção formativa alinhada às perspectivas tradicionais. E como a Educação Popular, tendência pedagógica ainda muito distante dos currículos das licenciaturas do país, imprime uma identidade de ser educador consciente de seu lugar social de agente transformador e multiplicador da pedagogia freireana e que deve ser explorado no campo da formação docente.

No segundo capítulo apresento o movimento social Levante Popular da Juventude, trazendo as principais bandeiras de luta que mobilizam o movimento, permeadas pela reivindicação de pautas que tocam a vida das juventudes das classes populares. Pautas como as questões de classe, raça, gênero, orientação sexual; bem como a construção de um projeto popular de sociedade para o país, livre de qualquer marca de opressão e que contemple uma vida digna as gentes brasileiras como um todo. Para a edificação desse projeto popular para o Brasil, o movimento aposta na educação como eixo fundamental de luta para a transformação da sociedade e edificação desse projeto. Nesse momento, construímos com as leitoras e leitores as aproximações do Levante Popular da Juventude com a concepção da Educação Popular, como caminho para a edificação do projeto popular.

Após a apresentação desse contexto, no terceiro capítulo faço um recorte das ações educativas desenvolvidas pelo movimento Levante Popular da Juventude em São João del Rei – Minas Gerais. Nesse momento, construo com as leitoras e leitores dessas páginas o histórico do Cursinho Popular Edson Luís. Construo uma contextualização sobre o que viabilizou a sua construção, do porquê o cursinho

receber o nome do estudante Edson Luís, de que forma constitui a sua organicidade, quais relações vêm estabelecendo na cidade de São João del-Rei ao longo de seus nove anos de existência.

Além disso, neste mesmo capítulo, apresento a reorganização do trabalho político-pedagógico durante o período da pandemia do coronavírus que vivenciamos nos anos de 2020 a 2022. E como essa reorganização possibilitou um crescimento organizativo para o cursinho, seja relacionado à ampliação de educadores que buscam vivenciar essa experiência político-pedagógica que é o Cursinho Popular Edson Luís, como também relacionado à amplitude que as ações do cursinho foram tomando nesse momento histórico.

No quarto capítulo, apresentarei a construção do percurso teórico-metodológico desta pesquisa e sua relação com a Educação Popular. A Pesquisa Participante que fundamenta esta construção teórico-metodológica articula a Educação Popular e as experiências político-pedagógicas desenvolvidas coletivamente no Cursinho Popular Edson Luís. Nessa etapa, me fundamento na relação que me conduzirá eticamente na análise e na elaboração deste texto, que é entre a Pesquisa Participante, Educação Popular e os discursos dos Educadores Populares que emergem no interior das atividades cotidianas do Cursinho Popular Edson Luís.

Essa tríade reafirma a busca pela coerência entre a práxis desenvolvida no Cursinho Popular Edson Luís e a metodologia de pesquisa que buscamos desenvolver ao longo desse processo. A escolha dessa construção metodológica se deu pela proximidade entre as teorias e práticas desenvolvidas no interior do cursinho e que contribuem com a sistematização desta escrita. Desse modo, podemos observar um alinhamento estratégico entre a teoria e a prática construídas pelo Cursinho Popular Edson Luís e a construção teórico-metodológica desta pesquisa.

No quinto capítulo, buscando compreender de que maneira os vivenciamentos formativos em Educação Popular experimentados pelos educadores do Cursinho Popular Edson Luís contribuem para a construção de uma práxis político-pedagógica transformadora, sigo ao encontro do que dizem os Educadores Populares que vivenciam essa experiência. Nesse momento, vêm à tona as e os

sujeitos que constroem o Cursinho Popular Edson Luís e as suas vozes, na perspectiva de uma interação dialógica com as mesmas.

A fim de estabelecer o panorama de quem são os Educadores Populares do Cursinho Popular Edson Luís, traço um perfil dos mesmos. Após uma leitura atenta dos dados levantados nesse conjunto de dados de análise desenvolvidas pelo coletivo e das transcrições dos enunciados das participantes, tive uma visão de todo o processo retomando inclusive questões elaboradas no início e no desenvolver da pesquisa.

Além disso, proponho, nesse momento, a discussão sobre a formação docente a partir do eixo da Educação Popular. Para isso construo quatro categorias analíticas que me conduziram no processo de análise desta pesquisa, que são: Sujeito, Formação, Organização e Luta. Para tal, no primeiro momento desse capítulo analítico me dediquei a trabalhar em conjunto as categorias Sujeito e Formação; e em um segundo momento, as concepções da Organização do trabalho e da Luta travada por esses Educadores Populares.

Por fim, trago algumas considerações finais acerca de todo o processo de construção da pesquisa, propondo um diálogo, através de uma carta aberta, para a Rede de Cursinhos Populares Podemos +, que articula as experiências político-pedagógicas do Levante Popular da Juventude. Este exercício se dá pelo compromisso ético e militante com essas experiências que me constituem e por compreender que o meu lugar de pesquisadora militante deve estar a serviço do povo, fundamentado na superação de questões que são urgentes para a garantia de melhor qualidade de vida para a juventude brasileira.

Nesse sentido, construo alguns apontamentos sobre as potencialidades e desafios vivenciados pelos Educadores Populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís. Além disso, exploro as possibilidades curriculares que a Educação Popular vivenciada no interior dos movimentos sociais em relação com a extensão universitária viabilizam aos sujeitos que nelas atuam.

Faz-se importante anunciar que esta pesquisa oportuniza vários encontros em mim. Um encontro entre o eu-militante, o eu-bióloga, o eu-educadora e o eu-pesquisadora. Além disso, oportunizou o encontro com uma diversidade de educadoras e educadores populares e a relação com eles me despertou e mobilizou para a escrita desta pesquisa. Sendo assim, ousou dizer que este trabalho é um

pensar-fazer coletivo, especialmente porque hoje compreendo que não há como ser “eu” sem a relação com o “outro”.

O encontro com Mikhail Bakhtin, filósofo da linguagem, ao longo do processo do mestrado me levou a uma aproximação teórica com o conceito de alteridade e tal conceito, que é próprio e inerente à condição humana (BAKHTIN, 2011) nos traz a concepção de que a nossa existência no mundo só é possível a partir da relação com o outro que nos constitui e nos transforma através da linguagem, que anuncia a palavra a outro que igualmente ouve e se transforma com ela.

Portanto, proponho construir esta pesquisa como um fazer com os tantos sujeitos que emergem no contexto investigativo. As experiências e sentidos que afloram no caminhar desta pesquisa não foram experimentados unicamente por mim, neste texto há tantos outros braços, cabeças, pernas, corpos e olhares que esta pesquisa só pode ser pensada como um fazer de muitos, um pensar-agir no mundo a partir da criação coletiva.

O encontro com Paulo Freire nos ensina que há sempre uma luta para se travar no esperar de dias menos injustos e mais responsivos com o povo brasileiro. Por isso, me coloco ao lado daquelas e daqueles que recusam veementemente o fatalismo imposto pela malvadez do modelo socioeconômico capitalista, na esperança de que nós conquistamos, na coletividade, as transformações que almejamos para o futuro. Sendo assim, assumo o gosto de ser gente, e por me reconhecer enquanto gente, buscando – em permanente formação - minha vocação ontológica, me reconheço como sujeito em construção. Construída pelo encontro e diálogo com diversos outros e, outras diversas forças sociais. É na soma do que herdo geneticamente, socialmente, culturalmente, historicamente, em diálogo com o outro, que também esta pesquisa é construída.

Este texto que apresento, de muitas formas, se encontra em construção. Ele não se conclui com o ponto final desta redação, ao contrário, continuam reverberando em mim várias outras questões que surgem a partir do exercício da sistematização desta escrita. O texto se transformou ao longo do processo do mestrado e continua aberto para dialogar com o Levante Popular da Juventude, a Rede Podemos +, a banca e os outros que o encontrarem, numa escrita dialógica, em um pensar-agir coletivo. Portanto, como Frei Betto nos ensina, é sobre esse “chão” que piso e é sobre esse “chão” o qual eu me proponho refletir, no diálogo

com o(s) outro(s) – sujeitos de pesquisa, o referencial teórico-metodológico, o eu e, se possível, com você, leitora e leitor.

## CAPÍTULO 1 – A EDUCAÇÃO POPULAR, AS BASES EPISTEMOLÓGICAS DO PENSAMENTO FREIREANO E A FORMAÇÃO DOCENTE

Ontem um menino que brincava me falou  
que hoje é semente do amanhã.  
Para não ter medo  
que este tempo vai passar.  
Não se desespere não, nem pare de sonhar  
Nunca se entregue,  
nasça sempre com as manhãs.  
Deixe a luz do sol brilhar  
no céu do seu olhar!  
Fé na vida, fé no homem, fé no que virá!  
nós podemos tudo,  
Nós podemos mais  
Vamos lá fazer o que será.

*Gonzaguinha<sup>9</sup>*

A escolha desta epígrafe para iniciar um capítulo teórico se dá muito pelo fato da dimensão que a Educação Popular e a luta comprometida com a transformação da sociedade reverberam em mim. Mais do que uma concepção pedagógica que atravessa o meu compromisso enquanto educadora, a Educação Popular sistematizada por Paulo Freire - mesmo que ele não a tenha batizado com este nome – me coloca em um lugar de pensar-agir perante o mundo. Mais do que uma Pedagogia do Oprimido, ela contrastou em mim uma pedagogia do ser militante, do ser comprometido com a libertação das mulheres e homens deste modelo econômico capitalista, que constantemente marginaliza e inviabiliza a existência de uma vida digna para a classe trabalhadora.

O menino que brincava de ler o mundo e a palavra cultivou sementes em mim, que florescerão no amanhã, a partir da luta comprometida com a educação para e com o povo, através de um projeto popular para educação. Suas palavras nos fazem refletir sobre o sonho e o esperar por uma nova sociedade, que pode e deve estar a serviço do ser humano na concepção mais bonita do ser, o ser mais (FREIRE, 2021), que carrega em si o compromisso histórico da superação da sociedade dividida em classes. E que precisa ser forjada por nós, educadoras e

---

<sup>9</sup> Música lançada no álbum – Grávido pelo do cantor e compositor brasileiro Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior em 1984.

educadores que assumimos a Educação Popular como dimensão político-pedagógica de nossa práxis em diálogo com os educandos envolvidos neste processo.

Essa concepção pedagógica, que ouse dizer que é uma concepção de existência, não se esgota no momento histórico em que os movimentos populares latino-americanos a viabilizaram ou quando Paulo Freire a sistematizou. Fundamentada na perspectiva do materialismo histórico dialético, ela se movimenta a partir da materialidade do momento histórico e com isso, ela deve ser analisada, problematizada e transposta ao momento atual. Não como uma diretriz intocável ou inquestionável e sim como um horizonte de possibilidades político-pedagógicas que viabilizam uma ruptura com a desumanização. E por isso, nós enquanto militantes nos envolvemos nessa concepção a fim de nos orientarmos para a construção e anunciação de uma nova sociedade que virá.

Assim como Freire (2021), compreendemos que a história é tempo de possibilidades, o futuro não é pré-determinado. Dessa maneira, cabe a nós forjá-lo, embebidos no compromisso ético e estético de um futuro que contemple uma vida de qualidade, livre de qualquer forma de opressão a todas e todos os brasileiros. Fundamentamo-nos, assim, nós, do Levante Popular da Juventude em relação com o campo popular, na Educação Popular como caminho para a construção do Trabalho de Base<sup>10</sup>, horizonte de nossas ações político-pedagógicas.

A Educação Popular, que foi mundialmente difundida através da obra Pedagogia do Oprimido<sup>11</sup>, redigida por Freire em 1968, nos possibilita um pensar sobre o mundo e nos convoca a agir sobre ele. Embora Paulo Freire tenha uma extensa contribuição para as sistematizações da Educação Popular, além de difundi-la para o resto do globo, há autores latino-americanos que já pensavam uma proposta educativa em um exercício permanente de reflexão e crítica ao modelo econômico vigente e que antecedem o período histórico o qual Freire vivenciou.

---

<sup>10</sup> O Trabalho de base é a ação política transformadora, realizada por militantes de uma organização popular em determinado território, que estimula, desperta, organiza e acompanha o povo no enfrentamento de desafios cotidianos e liga essa luta à luta geral contra a opressão ocasionada pelo sistema socioeconômico vigente. A finalidade prioritária do trabalho de base é: a) responder às necessidades concretas de uma categoria profissional ou setor da sociedade; b) produzir quadros militantes para dirigir politicamente a luta econômica e política de transformar, pela raiz, as estruturas da sociedade capitalista. (PELOSO, 2012).

<sup>11</sup> Cabe anunciar que não é proposta desta pesquisa abordar em profundidade os fundamentos teórico-metodológicos e filosóficos que deram origem à Pedagogia do Oprimido. A ideia é discutir como a Pedagogia do Oprimido, tratada aqui como Educação Popular contribui com a formação de professores.

A concepção de Educação Popular enquanto dimensão do conhecimento e prática educativa foi forjada nos processos históricos de luta e resistência das classes populares da América Latina. Segundo Streck (2010), sobre as fontes de uma pedagogia latino-americana, há autores que construíam reflexões a respeito de uma Educação Popular. Dentre eles estão: Simón Rodríguez, da Venezuela; Maria La Cerda de Moura, do Brasil; Domingo Faustino Sarmiento, da Argentina, José Pedro Varela, do Uruguai, José Martí, de Cuba, Ruben Dario, da Nicarágua entre diversos outros. É importante salientar que existem em quase todos os países latino-americanos e, inclusive, em outros continentes, muitos autores e autoras que geraram e têm gerado uma ampla produção intelectual sobre os mais diversos aspectos referidos à Educação Popular (JARA, 2020).

Tal concepção educativa vincula explicitamente a educação e a política, na busca de contribuir para a construção de processos de resistência e para a emancipação humana, o que requer uma transformação na ordem do modelo vigente capitalista/imperialista. Sendo assim, a Educação Popular se constitui como uma perspectiva teórico-metodológica de força contra hegemônica de resistência ao modelo socioeconômico que nos rege e a qualquer forma de opressão, seja ela de orientação sexual, gênero, raça, etarismo, xenofobia, condição sociocultural, entre outras. Por isso, nós, enquanto militantes do campo popular, nos fundamentamos e subsidiamos desta concepção político-pedagógica a fim de superar as desigualdades sociais fomentadas e escancaradas pelo capitalismo, sem deixar de denunciar as tantas formas de opressão.

A vertente da Educação Popular que vamos tomar como base aqui para construção desse percurso teórico-metodológico é a Educação Popular sistematizada por Paulo Freire em constante diálogo com os movimentos sociais populares latino-americanos. Paulo Freire formula e nos apresenta a pedagogia do sujeito oprimido, como uma prática político-pedagógica dialógica que interroga e evidencia a realidade, desvelando aquilo que é ocultado nas relações de poder, aquilo que é “naturalizado”. Como, por exemplo, a desigualdade social, o patriarcado, o racismo, a misoginia, a dominação de classe, entre outras. Essa naturalização da realidade opressora perpassa pelas estratégias de colonização, doutrinação, mercantilização da vida, próprias do capitalismo e do neoliberalismo. A Educação Popular e a pedagogia do oprimido são um levante contra tudo isso, uma



concepção educativa que indaga, mobiliza e proporciona a conscientização em busca da superação da condição de opressão.

Neste capítulo me dedicarei a construir algumas bases epistemológicas que estruturam a concepção educativa freireana. Cabe pontuar, nesse sentido, que não pretendo esgotar tais bases, nem ousar classificá-las como as únicas bases presentes na concepção educativa elucidada por Paulo Freire, mas busco compreendê-las como subsídio na formação teórico-metodológica de Educadores Populares que constroem a experiência político-pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís. As bases epistemológicas que me dedicarei a contemplar nesse capítulo são: **diálogo, práxis, cultura, historicidade e criticidade**.

A Educação Popular como concepção político-pedagógica nos convoca a refletir e agir a partir da própria contradição em que a história da humanidade se constrói. E que contradição é essa? É a perspectiva basilar que estrutura o modelo econômico vigente. Àqueles que produzem as riquezas a partir da força de trabalho é negado o direito a usufruí-las por aqueles que controlam os meios de produção. E por isso são oprimidos, e por isso uma pedagogia para a libertação dos oprimidos.

Segundo Freire (2021):

Se faz indispensável aos oprimidos para a luta por sua libertação, que a realidade concreta de opressão já não seja para eles uma espécie de "mundo fechado" (em que se gera o seu medo da liberdade) do qual não pudessem sair, mas uma situação que apenas os limita e que eles podem transformar, é fundamental, então, que, ao reconhecerem o limite que a realidade opressora lhes impõe, tenham, neste reconhecimento, o motor de sua ação libertadora. (FREIRE, p.48, 2021)

É nesse lugar, de desvelar as limitações que a realidade opressora impõe aos “esfarrapados do mundo”, que os Educadores Populares constroem o conhecimento, em diálogo com os educandos. Mas para isso, os Educadores Populares devem conhecer profundamente a realidade opressora imposta aos oprimidos, sujeitos de sua ação pedagógica. Nesse processo, cabe aos educadores o importante exercício crítico e problematizador em face do conhecimento. Seja qual for a área de atuação do educador, cabe a ele criar e recriar caminhos com os quais facilite mais e mais a problematização do conhecimento a ser desvelado e finalmente apreendido pelos educandos.

Paulo Freire, ao iniciar suas sistematizações sobre a abordagem pedagógica a que se dedicou, teve a sensibilidade em compreender a conjuntura socioeducativa do país, conhecendo a demanda por letramento das populações em situação de

vulnerabilidade socioeconômica. Atento ao número de pessoas em condição de analfabetismo no Nordeste do país, entre os anos 1950 e 1960 e que não podiam votar, por estarem nesta condição, protagonizou junto a uma equipe de Educadores Populares um movimento de alfabetização de jovens e adultos no Rio Grande do Norte, a experiência político-pedagógica de Angicos. Nesse movimento, a equipe construiu um método pedagógico fundamentado no debate de questões da realidade social local, a partir do qual trezentas pessoas aprenderam a ler e a escrever.

De modo geral, o método de alfabetização que Freire sistematizou consiste, em um primeiro momento, em fazer um levantamento do universo vocabular dos educandos; em um segundo momento, o grupo de educadores faz uma seleção das palavras que emergiram no universo vocabular pesquisado, levando em conta as palavras com maior riqueza fonética; o terceiro momento consiste na criação de imagens que representem situações concretas da vida da comunidade com quem se trabalha o processo de alfabetização e que representem as palavras levantadas; a quarta fase consiste na elaboração de fichas de roteiro, que auxiliem os educadores no debate de seu trabalho e por último, a quinta fase consiste na elaboração de fichas com a decomposição das famílias fonêmicas das palavras levantadas escolhidas (FREIRE, 2020).

No interior desse movimento ocorre a aprendizagem dos fonemas que compõem a sistematização da palavra. No processo de decomposição das palavras geradoras, em sílabas, os educandos vão ampliando as possibilidades de construir novas palavras. Amplificando assim, as perspectivas de lerem a palavra e conseqüentemente o mundo à sua volta, a partir de uma concepção educativa crítica. Desse modo, na relação dialética entre a leitura da realidade e a aprendizagem dos fonemas necessários à leitura-escrita da palavra, o educando tem a possibilidade de voltar àquele mundo que já conhecia e relê-lo, a partir de uma nova perspectiva que o possibilita transformá-lo.

É importante salientar que não basta ler o mundo e a palavra para transformar a realidade de opressão, é preciso, segundo Freire (2021), que os oprimidos, reconhecendo-se enquanto oprimidos, se engajem na luta para sua libertação. Sendo assim, o processo educativo assume um lugar político ao propor aos educadores e educandos a construção dos conhecimentos científicos, sem deixar de lado a proposição da organização em torno da luta rumo à transformação social.

Papel educativo central do trabalho organizativo de base dos movimentos sociais. E por isso, muitos desses movimentos atrelados ao campo popular assumem a Educação Popular como concepção político-pedagógica e linguagem de suas ações.

Esta concepção educativa é baseada em relações horizontais, nas quais o diálogo possibilita construções coletivas que valorizam os saberes e protagonismos de seus educandos, além do conhecimento do educador no processo educativo. O conhecimento, nesse sentido, não é transmitido ou “passado” do educador para o educando, mas é construído com ele. Educador e educando mobilizam o conhecimento, de maneira dialógica, onde ambos trazem para o processo pedagógico os seus saberes, igualmente importantes para o processo de ensino-aprendizagem.

Freire problematiza sobre a importância da reflexão, tanto para o movimento de educar quanto para o de aprender, e tal processo é realizado através do diálogo. Diálogo que envolve tanto o ato de falar como o de ouvir, atentamente, de maneira responsiva e dialética. Segundo o autor:

É preciso que quem tem o que dizer saiba, sem dúvida nenhuma, que, sem escutar o que quem escuta tem igualmente a dizer, termina por esgotar a sua capacidade de dizer por muito ter dito sem nada ou quase nada ter escutado. Por isso é que, acrescento, quem tem o que dizer deve assumir o dever de motivar, desafiar quem escuta, no sentido de que, quem escuta diga, fale, responda. É intolerável o direito que se dá a si mesmo o educador autoritário de comportar-se como o proprietário da verdade de que se apossa e do tempo para discorrer sobre ela. (FREIRE, p 114, 2017)

Nesse sentido, a concepção de diálogo parte da compreensão de que o movimento educativo se constrói a partir de uma dinâmica de ensino-aprendizagem, ou seja, quem ensina aprende com o educando sobre a sua realidade, seus costumes, suas formas de enxergar e compreender o mundo, sua linguagem, sua cultura; como também, quem ensina aprende com o educando novas formas de ensinar. No mesmo movimento, o educando aprende novas palavras, novos conhecimentos científicos, novas formas de se observar e compreender o mundo, como também ensina o educador.

A partir do diálogo, educador e educando se relacionam e ambos leem o mundo para encontrar nele o conhecimento popular interligado ao conhecimento científico. Para a construção do diálogo verdadeiro há a necessidade da constituição de uma relação também verdadeira entre homens e mulheres e educadores, sujeitos igualmente importantes do processo político-pedagógico. Só a partir dessa relação

alteritária, onde ambos se doam e se permitem refletir, interrogar e se modificar durante o processo de diálogo, há a construção dialógica do conhecimento, com construção de sentido dos enunciados para ambos os sujeitos envolvidos no processo.

Sendo assim, a construção do conhecimento, nesta concepção, se inicia através do diálogo a partir do conhecimento prévio que o estudante tem de determinado conhecimento, o objeto cognoscível. E é nessa “manipulação” de ambos, educador e educando, sobre o objeto cognoscível que se constrói outra forma de conhecer o mundo. Para o autor, a leitura do mundo precede a leitura da palavra, isto é, o ato educativo deve basear-se na compreensão da realidade, cultura e expressão que envolva um determinado grupo popular. Isso exige do educador uma escuta e um aprendizado atento sobre a realidade do educando, condicionada por sua cultura de classe que é revelada em sua linguagem, também de classe (FREIRE, 2020).

Paulo Freire, no livro “Trabalho de Base”, organizado por Ranulfo Peloso (2012), ao refletir sobre os princípios do trabalho popular nos problematiza que um dos elementos fundamentais para realização do trabalho educativo com as classes populares é a postura que o educador deve assumir ao se relacionar com o educando, na qual se exige que o educador viabilize uma experiência em que o educando diz sua palavra, a partir de seus vivenciamentos, linguagem e leitura de mundo e não apenas escute a palavra do educador. Cabe ao educador, nesse sentido, questionar, indagar, problematizar, aguçando a curiosidade epistemológica do educando. Só assim a educação se autentica, tendo no educando um criador de sua própria aprendizagem (FREIRE, p.23, 2012), a partir de um encantamento despertado pelo educador.

Outra concepção do pensamento freireano é o aspecto crítico em que esta pedagogia se fundamenta. A criticidade em questão perpassa pelo desvelamento do conhecimento científico, aquilo que é ocultado nas relações de poder e naturalizado, que se expressa também na formulação dos conhecimentos científicos sistematizados ao longo de nossa história. Paulo Freire dedicou-se a trabalhar com a alfabetização dos sujeitos, porém essa concepção educativa transcende e extrapola a questão da linguística, abrangendo as mais diversas áreas do conhecimento.

Ao trabalhar com as palavras geradoras no momento educativo e ao decompô-las em letras, fonemas e novas palavras, Paulo Freire viabilizou discussões e problematizações sobre como as sílabas, os fonemas, as palavras são, na verdade, os códigos que representam a realidade vivida, o pensamento e a sistematização de nossa consciência a partir da linguagem. Estas palavras que conhecemos e materializamos na linguagem carregam a nossa história, a nossa cultura e viabilizam a construção de um novo futuro em sociedade, onde as verdades não sejam mais ocultadas e naturalizadas.

No entanto, cabe aos Educadores Populares das diversas áreas criar e recriar caminhos com os quais viabilizem a problematização do conhecimento a ser desvelado e apreendido pelos educandos. Como é o caso dos conhecimentos científicos produzidos pelas ciências da natureza, que nos mostra respostas urgentes para contribuir com a superação de questões imprescindíveis à saúde e à vida de toda sociedade. Um exemplo conhecido sobre o conhecimento referente às ciências da natureza foi em relação ao desvelamento sobre o comportamento do vírus SARS- Cov- 2 e conseqüentemente a descoberta da vacina contra o vírus, popularmente conhecido como coronavírus, que ocasionou a maior pandemia global que enfrentamos da história recente.

Ao construir com os educandos os conhecimentos necessários sobre os vírus, cabe ao educador viabilizar uma série de problematizações que desvelam alguns conhecimentos ocultos sobre a conjuntura sócio histórica e o modelo de sociedade que favorece a degradação ambiental que tem como um de seus desdobramentos o surgimento de pandemias globais como a do coronavírus. Ou seja, a problematização do conhecimento científico viabiliza que a sociedade enfrente questões imprescindíveis à manutenção da vida e conseqüentemente do futuro de nossa sociedade.

Tal perspectiva nos provoca a refletir, enquanto educadores, sobre a articulação entre o conhecimento científico e as problemáticas sociais ocasionadas pelo modelo com que organizamos nossas sociedades historicamente, endossadas pelo capitalismo neoliberal, desvelando-as durante o processo de ensino-aprendizagem. Freire (2021), nesse sentido, defende que toda ação educativa possui em sua essência um caráter político, uma vez que, o conhecimento científico

contextualizado às dimensões que estruturam o capitalismo, desconstruindo-as, viabiliza a reflexão sobre as injustiças ocasionadas pelo modelo econômico vigente.

A perspectiva crítica em questão está relacionada com a dimensão da denúncia da perversidade na qual a sociedade capitalista se estrutura, sua malvadez e suas atrocidades que inviabilizam uma vida digna à maioria da população, os oprimidos. Denúncia esvaziada de anúncio inviabiliza a construção de uma nova sociedade, nesse sentido, a prática educativa freireana nos convoca a agir sobre a realidade social, em constante diálogo com o povo para que a transformação social se efetive. Sem denúncia, estamos passíveis de constituir práticas vazias de criticidade e mais suscetíveis às formas de dominação e opressão. E sem o anúncio, esvaziamos em utopia e de horizonte estratégico o trabalho político-pedagógico rumo à superação das injustiças sociais advindas e endossadas pelo capitalismo.

A reflexão crítica sobre a própria prática também é um exercício que a educação para liberdade – outro nome que contempla a perspectiva de Educação Popular aqui tratada – exige. Para diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, é necessário ao Educador Popular avaliar criticamente a própria prática, para repensá-la e reconstruí-la, concretizando assim a práxis. Base epistemológica fundamental da obra freireana, a práxis consiste em articular a prática pedagógica às concepções teóricas nas quais são fundamentadas. Sendo assim, a perspectiva crítica dessa concepção pedagógica é uma exigência permanente sobre o exercício da docência, que deve ser transversal durante todo o ato educativo.

Para Freire, a práxis é uma das condições ontológicas do ser humano. Os homens e mulheres são seres do que fazer porque seu fazer é ação e reflexão. É práxis (FREIRE, 2021). Nesse sentido, a práxis nos provoca ao processo de reflexão permanente sobre o mundo. O pensar/agir sobre o mundo, problematizando-o criticamente, nos leva produzir novas ações e reflexões. Sendo assim, teoria e prática fazem-se juntas, desdobrando-se em práxis, e isso possibilita uma ação transformadora do mundo e com o mundo.

Segundo o autor, a verdadeira reflexão crítica sobre a própria prática que os Educadores Populares devem assumir origina-se e transforma-se a partir da dialética na interioridade da práxis (FREIRE, 2021). Esse movimento dialógico entre teoria e ação possibilita a transformação da consciência do educador. E esta transformação se desdobra em sua atuação em sala de aula e na vida.

É importante afirmar que o conhecimento da realidade não basta para transformá-la. Embora o conhecimento da realidade seja indispensável ao processo de transformação, ele não é o suficiente para a adesão do sujeito ao processo de transformação (FREIRE, 2017). É preciso, então, que o conhecimento da realidade acrescido ao processo de consciência da transformação da realidade se desdobre em ação transformadora. E é no interior desse processo, a partir da relação verdadeiramente dialógica, que educador popular e educando constroem a reformulação do mundo vivido.

Paulo Freire, nesse sentido, nos convoca a refletir sobre a consciência do mundo e a consciência de si, que crescem juntas e em razão direta. Para o autor, evidencia-se a intrínseca correlação entre conquistar-se, fazer-se mais si mesmo, e conquistar o mundo, fazê-lo mais humano (FREIRE, 2021). A partir dessa relação entre tomar consciência de si e tomar consciência do mundo, compreendemos nosso papel histórico de sujeitos transformadores da realidade. E tal transformação se constrói a partir de um projeto popular para a sociedade baseado nos nossos valores éticos e morais, os quais almejamos solidificar nessa nova sociedade.

Outra concepção epistemológica, que também se faz fundamental na construção pedagógica aqui elucidada, é a historicidade que envolve o processo cognitivo. Os conteúdos científicos produzidos na história da humanidade são sistematizados a partir dos condicionantes sócio-históricos que proporcionaram a sua construção. Fundamentado na perspectiva do materialismo histórico dialético, Freire compreende que o conhecimento produzido e as teorias do conhecimento produzidas pela humanidade são expressões históricas. E tais conhecimentos estão a favor e a serviço, até então, das classes dominantes.

Na concepção dialética da História, o futuro emerge da transformação do presente. Daí o caráter problemático e não pré-determinado do futuro. O futuro não é o que tem de ser, mas o que façamos com o e do presente (FREIRE, 2021). Sendo assim, os conhecimentos produzidos nas universidades hoje, podem – e ao meu ver devem – estar a serviço da classe oprimida em busca da transformação social que contemple um futuro livre de opressões.

A articulação entre conhecimento científico, a realidade vivida pelos educandos, acrescida do processo de consciência crítica, se constroem a partir do diálogo, materializados em determinado tempo histórico. Para Freire, homens e

mulheres são seres históricos, que se fazem e refazem na história. Por serem históricos e inacabados estão em constante estar sendo e vir-a-ser movidos por uma relação dialógica e humana construtora de conhecimento (FREIRE, 2017). Portanto, é no tempo histórico atual que semeamos as sementes que florescerão no amanhã, com a construção de uma sociedade mais humana e menos desigual. E a construção desse processo, através de luta contra as forças hegemônicas deve ser forjada no hoje por todos os sujeitos que sonham com um futuro mais digno de viver.

A luta, sendo histórica, não se acaba, muda à maneira de apresentar-se, de fazer-se, e por isso tem que ser reinventada em função das circunstâncias históricas e sociais do contexto atual. Dessa maneira, nós Educadores Populares e militantes, devemos estar sempre atentos à conjuntura socioeconômica a fim de decidir e se necessário construir a melhor estratégia, apoiados em conhecimentos e técnicas para que a luta seja eficaz. Se a greve de professores, por exemplo, não resulta em nada, cabe aos educadores discutir cientificamente qual será em cada momento a maneira mais eficaz de lutar pela causa. A questão não é desistir da luta, é mudar as formas da luta (FREIRE, 2017) de acordo com os condicionantes do momento histórico atual. E a universidade é palco fundamental de disputa por essas mudanças.

Outra concepção epistemológica estruturante dos trabalhos de Freire é a cultura. O método que levanta as palavras geradoras que emergem do contexto dos educandos no processo político-pedagógico é desenvolvido através dos Círculos de Cultura. Para Freire, a cultura envolve tudo o que mulheres e homens constroem no processo histórico, a partir da modificação da natureza. A partir da cultura, transformamos o mundo em que vivemos por melhores condições de existência.

Freire (1989, p.5), em “A importância do Ato de Ler”, nos provoca a refletir:

Todos os Povos têm cultura, porque trabalham, porque transformam o mundo e, ao transformá-lo, se transformam. A dança do Povo é cultura. A música do Povo é cultura, como cultura é também a forma como o Povo cultiva a terra. Cultura é também a maneira que o Povo tem de andar, de sorrir, de falar, de cantar, enquanto trabalha O calulu<sup>12</sup> é cultura como a maneira de fazer o calulu é cultura, como cultural é o gosto das comidas. Cultura são os instrumentos que o Povo usa para produzir. Cultura é a forma como o Povo entende e expressa o seu mundo e como o Povo se compreende nas suas relações com o seu mundo. Cultura é o tambor que soa pela noite adentro. Cultura é o ritmo do tambor. Cultura é o gingar dos corpos do Povo ao ritmo dos tambores.

---

<sup>12</sup> Calulu é um prato típico de Angola e de São Tomé e Príncipe.



Nesse sentido, as comunidades ribeirinhas que pescam artesanalmente produzem cultura, os jovens através de seus slams<sup>13</sup> e o seu linguajar próprio produzem cultura, o camponês ao lavrar a terra produz cultura, os povos originários ao produzirem uma flecha para caçar produzem cultura, entre diversos outros exemplos. A cultura, assim, envolve a capacidade humana de modificar a natureza na busca de melhores condições de existência. Ao nos reconhecermos enquanto sujeitos produtores de cultura compreendemos que podemos transformar o mundo em que vivemos.

Para Freire, educação e cultura não se desconectam, uma vez que a produção de conhecimento científico é também processo de criação cultural. Desse modo, a concepção de cultura é essencial para a construção do processo educativo, uma vez que somos seres que, ao produzir cultura, transformamos o mundo, assim como o processo educativo deve estar a serviço da transformação social.

Dessa forma, a Educação Popular promove o debate entre o ser humano, a natureza e a cultura, entre homens e mulheres e o trabalho, entre a espécie humana e o mundo em que vive. É uma concepção pedagógica, que bebe do materialismo histórico dialético e, como tal, prepara mulheres e homens para viver o seu tempo histórico, a partir das contradições e dos conflitos existentes naquele momento. Para além disso, busca em seu processo pedagógico a consciência da necessidade de intervir no tempo presente para a construção e efetivação de um futuro mais humano, rompendo com a sociedade dividida em classes estabelecida pelo modelo capitalista vigente.

Em contrapartida, a educação institucionalizada, seja na educação básica, seja no ensino superior, carrega fortes condicionantes da Educação Bancária, assim nomeada por Freire (2021). Tal perspectiva propõe a partir de suas práticas pedagógicas a manutenção do modelo econômico vigente, uma vez que as relações de poder se estabelecem também no processo pedagógico. Na relação professor-aluno, o primeiro é tido como o detentor do conhecimento e, o segundo, como aquele a quem o conhecimento é transmitido (FREIRE, 2021).

Ainda nessa concepção, o sujeito central do processo pedagógico é o professor. Ele é quem tem a autoridade do saber. E é a ele que os alunos devem obedecer e, enfileirados, apreender o que o professor lhes transmite. O educando,

---

<sup>13</sup> Slam é uma batalha de poesias e rimas autorais.

nessa concepção, é visto como um sujeito passivo, que deve se ajustar à linguagem do educador e dele receber um conhecimento que não apresenta relação aparente com as problemáticas sociais que envolvem a vida cotidiana dos educados.

Em consonância, Freire nos provoca à reflexão de que a educação como prática da dominação tem como concepção manter a ingenuidade dos educandos, e “o que pretende em seu marco ideológico (nem sempre percebido por muitos dos que a realizam), é indoutriná-los no sentido de sua acomodação ao mundo da opressão.” (FREIRE, 2021, p.92). Nesse sentido, essa concepção pedagógica se fundamenta na negação da discussão sobre as questões sociais que envolvem determinado conteúdo. Por estarem acomodados ao mundo da opressão, os sujeitos oprimidos muitas das vezes não se reconhecem enquanto oprimidos.

Esta concepção é fortemente marcada pela transmissão do conhecimento, como se o aluno fosse um depósito, uma tábua rasa na qual os conhecimentos vão sendo nele depositados, cabendo apenas guardá-los e memorizá-los. Tal concepção recebe o nome de Educação Bancária (FREIRE, 2021). Além disso, os conteúdos são vistos sob a perspectiva da neutralidade, os quais não apresentam conexões aparentes com as problemáticas da vida cotidiana dos educandos.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz comunicados e o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que nada sabem. Outra característica marcante desta concepção pedagógica é a forma como o conteúdo programático é escolhido pelo educador, a priori, sem mesmo conhecer a realidade dos educandos envolvidos no processo educativo. O que configura uma prática a qual pressupõe que todos os educandos devem se ajustar ao conteúdo escolhido pelo educador, sem levar em conta quais os conhecimentos prévios – a leitura de mundo - que os educandos têm do assunto.

Outra característica marcante dessa concepção educativa é que, em sua fundamentação, o ato educativo se concentra em ajustar o educando à sociedade tal qual ela é e instrumentalizá-lo com uma série de competências e técnicas para exercer com aptidão sua mão de obra na esfera produtiva da sociedade dividida em classes. Assim, nessa concepção pedagógica, as práticas de ensino se orientam a partir de uma forte valorização dos conteúdos programáticos, principalmente concentradas nas áreas das exatas, ciências da natureza e linguagem e pouca ou nenhuma preocupação com as ciências humanas de caráter crítico-social.

Tal concepção, nesse sentido, é observada como uma perspectiva educativa fundamentada na “neutralidade”, uma vez que os conhecimentos previstos no conteúdo programático não estabelecem conexões aparentes com a realidade social vivida pelo educando. Além disso, a leitura de mundo, os conhecimentos e as culturas populares dos educandos são desconsiderados no processo educativo.

Aqueles que estão no poder têm dimensão do quanto a Educação tem a capacidade de transformar consciências. Se o processo educativo se comporta como “neutro”, não dialogando com os problemas que permeiam a vida do povo, ele domestica corpos e mentes contribuindo para que mulheres e homens se comportem de maneira passiva diante da transformação social. Dizem: “o mundo está em constante transformação, mas não temos como modificar isto”. “As tecnologias vão dominar o mundo e não temos o que possa se fazer para impedir.” “Sempre existiu pobre e sempre continuará existindo.” “Só os que têm dinheiro são capazes de transformar realmente algo.” Como diversos outros discursos fatalistas em relação à história da humanidade. E é contra esse discurso fatalista da história que a Educação Popular, elucidada por Paulo Freire, se constrói.

## **1.1 – PAULO FREIRE E A MOVIMENTAÇÃO POLÍTICA PELAS CAUSAS DO POVO EM PERNAMBUCO**

Como anunciado anteriormente, a Educação Popular vem sendo construída e sistematizada por diversos sujeitos e movimentos sociais na América Latina, até mesmo em um momento anterior a Paulo Freire. Nesse sentido, faz-se importante pontuar que Paulo Freire não idealizou tal concepção político-pedagógica de maneira solo. Este movimento educativo o qual ele encabeçou no Brasil teve origem em Pernambuco a partir de um período com disputas de projetos políticos de forças antagônicas, em que a questão educacional também se expressava entre dois polos distintos.

No período de 1958 a 1964, a prefeitura de Recife e o governo do Estado de Pernambuco, onde Paulo Freire nasceu e cresceu, vivenciava um conflitivo movimento de classes. O Estado comandado por Cid Sampaio representava um projeto de governo alinhado às elites, já a prefeitura de Recife, liderada por Miguel Arraes, de tendência popular. Havia um campo de disputas que demonstrava o jogo de interesses políticos em torno da educação, seja entendido como elemento de

processo de organização popular (educação não formal), seja como elemento de escolarização (SOUZA, 1987).

Segundo Souza (1987), esse movimento de concepções políticas antagônicas em Pernambuco possibilitou uma transformação no setor educativo do Estado. Modificações que são significativas tanto no plano da expansão da rede escolar, como também na concepção da educação. As propostas político-pedagógicas, naquele momento, passam a ser alvo da disputa na articulação do movimento de classes e grupos sociais, na luta pelo poder.

O governo de Arraes, alinhado ao campo popular, assumiu a bandeira educativa como proposta de gestão. Tanto a questão do déficit escolar, como o da qualidade da educação, ao lado de outros grandes problemas enfrentados pela população que se encontrava em vulnerabilidade socioeconômica em Recife. Tais questões relacionadas à saúde, habitação, transporte, emprego entre outras problemáticas que permeiam os sujeitos que vivenciam a degradação humana provocada pelo capital, portanto a desumanização.

Recém-empossado a prefeito de Recife, Arraes proporciona a ascensão do Movimento de Cultura Popular (MCP) em 1960, com a participação de artistas, intelectuais, militantes e líderes operários, com a vontade política de transformar o cenário socioeconômico da capital e por consequência do Estado. “Um órgão ou serviço de natureza pedagógica, movido pelo gosto democrático de trabalhar com as classes populares, e não sobre elas; de trabalhar com elas e para elas” (FREIRE, 2015). Movimento este que Paulo Freire também se dedicou a construir.

O MCP tentou, com o povo orientado por intelectuais, conduzir à práxis cultural revolucionária para a transformação do país. Segundo seus estatutos, a finalidade do MCP era educativa e cultural, e seus objetivos:

1-Promover e incentivar, com a ajuda de particulares e dos poderes públicos, a educação de crianças e adultos, 2-Atender ao objetivo fundamental da educação que é o de desenvolver plenamente todas as virtualidades do ser humano, através de educação integral de base comunitária, que assegure, também, de acordo com a Constituição, o ensino religioso facultativo; 3-Proporcionar a elevação do nível cultural do povo preparando-o para a vida e para o trabalho; 4-Colaborar para a melhoria do nível material do povo através de educação especializada; 5-Formar quadros destinados a interpretar, sistematizar e transmitir os múltiplos aspectos da cultura popular. (FREIRE, 2015)

O MCP e o governo Arraes foram importantes condicionantes à emergência da Educação Popular no cenário político do nordeste brasileiro nos anos 1960 e

provocaram significativas transformações no cenário sócio-econômico da época. Porém, um fator relevante naquele contexto, e que tem fundamental importância nesse processo, é a relação que se estabeleceu entre a política, setores sociais comprometidos com a causa do povo e o conhecimento produzido na universidade. Ao refletir sobre esse processo, Freire nos conta em “Cartas a Cristina - reflexões sobre minha vida e práxis”, que foi através do convênio entre o Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade Federal do Recife, que ele estava à frente até então, estabelecido com o governo do estado do Rio Grande do Norte, que foi possível viabilizar a experiência de Angicos (FREIRE, 2015).

Outro projeto marcante no cenário educativo, que aconteceu na época e que repercutiu nacionalmente, porém de maneira passageira, foi o convênio através do SEC-MCP que desenvolvia “Os Círculos de Cultura”, em áreas populares do Recife. O projeto que acabou sendo destruído pelo Golpe de Estado em 1964, previa ampliá-los e reforçá-los para além de Angicos - RN, transformando aos poucos os Círculos de Cultura em Institutos Populares de Estudos Brasileiros. Esse projeto e a própria ideia do SEC e do MCP apostavam na capacidade de as classes populares se mobilizarem, se organizarem, de assumir-se e de saber (FREIRE, 2013).

Segundo Freire (2013), os problemas filosóficos, epistemológicos, estéticos, ideológicos, políticos, metodológicos e pedagógicos ligavam o SEC ao MCP. E é a partir dessas questões, que Freire se debruçou ao sistematizar a concepção pedagógica intitulada Pedagogia do Oprimido, que ficou mundialmente conhecida. A opção destes dois setores, ocupados por militantes do campo progressista, era pela promoção das classes populares, o que não se consegue a não ser pela transformação política e econômica da sociedade. E ambos os setores compreendiam que uma conscientização que partisse apenas do educador, limitada ao campo escolar, seria insuficiente para operar uma verdadeira transformação na sociedade brasileira.

Nesse sentido, cabe ao educador, o intelectual engajado, o militante orgânico, construir o ato educativo com os sujeitos oprimidos, que não pode limitar-se a conscientizar somente dentro da sala de aula. Deverá aprender a se conscientizar com a massa (FREIRE, 2014), em qualquer situação fazer dela pedagógica. Assentados nessa concepção, os movimentos populares que constroem Educação Popular a compreendem como uma linguagem de luta. A Educação Popular nesse

viés transcende o espaço escolar e se constrói como uma linguagem de organização social de determinado grupo, rumo à transformação social.

Ou seja, a dimensão pedagógica da conscientização cimentada nessa concepção se fundamenta em uma linguagem de caráter popular que desperta e canaliza os sujeitos oprimidos para lutar rumo à superação desse modelo econômico. Dessa forma, cabe ao educador, intelectual engajado, militante orgânico, assumir o papel de Educador Popular e problematizar as injustiças sociais causadas pela malvadez neoliberal em qualquer que seja o espaço e situação, e fazer dela pedagógica, provocando e viabilizando a organização social em torno da luta.

Nesse sentido, assim como Freire em sua época articulou uma série de parcerias para criar as condições necessárias para lutar contra o analfabetismo, como também propiciar que os sujeitos ao se alfabetizarem pudessem votar e transformar a sua realidade, nós, educadores populares, militantes orgânicos, intelectuais engajados devemos construir parcerias em que a Educação Popular seja um dos fundamentos das nossas ações. Sejam esses processos realizados nos espaços formais de educação, como nos ditos informais, que transcendem aos espaços escolares, mas que também assumem caráter político-pedagógico.

Na contramão dessas ações, a Educação Bancária, entretanto, vêm sendo assumida institucionalmente, seja na Educação Básica, seja no Ensino Superior como prática pedagógica dominante. Dessa forma, a perspectiva assumida na construção dos currículos das instituições de ensino se fundamenta em uma dimensão pedagógica na qual o conhecimento é altamente fragmentado e corrobora com uma formação de professores na qual não se possibilita uma transformação da consciência dos sujeitos envolvidos no processo pedagógico. Assim, é fundamental pensar a formação de professores respaldada em diretrizes político-pedagógicas críticas, que instrumentalizem os educadores a construir práticas educativas que problematizem o conhecimento e o modo de vida como organizamos a sociedade.

Formação que proporcione aos sujeitos envolvidos no processo pedagógico um olhar sobre o conhecimento de uma maneira multidisciplinar, contextualizado às realidades desses sujeitos e que seja essencial à melhoria das condições socioeconômicas concretas da vida desses sujeitos. Formação que desperte e sensibilize a construção de uma nova sociedade onde as opressões já não sejam as mesmas ou, quem saiba, não mais existam. Formação a partir de horizontes

utópicos que nos coloquem em direção, em caminho permanente de busca por uma nova sociedade mais livre.

## **1.2- O CURRÍCULO DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO POPULAR**

Ao pensarmos uma discussão sobre formação docente é importante trazer um panorama histórico de como as legislações brasileiras se preocuparam e regulamentaram a questão nos últimos anos. O marco recente para essa discussão se estabeleceu com a publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) – n. 9.394/96 publicada em dezembro de 1996. A LDB é a lei mais importante que se refere à educação brasileira. É a legislação que regulamenta o sistema educacional, público ou privado, da Educação Básica ao Ensino Superior. Ela organiza a regulamentação sobre a formação dos profissionais da Educação e estabelece o dever dos Municípios, Estados e do Governo Federal sobre suas competências no que refere à estrutura e orçamentos necessários ao desenvolvimento pleno da Educação.

Com a vigência da lei, são estabelecidas nacionalmente as diretrizes e bases que orientam as instituições de ensino público e privado sobre a formação dos profissionais da educação. Tal formação deve proporcionar aos professores requisitos mínimos para exercer a atividade docente. Em seu artigo 62, a LDB de 1996, prevê que “a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação [...]”(BRASIL, 1996). Portanto, é a partir dessa lei que os profissionais da educação começam a ter uma orientação mais significativa e com elementos mais profundos em relação à sua formação. O que não era tão explícito nas leis anteriores.

Através da LDB, alterações foram propostas tanto para os cursos de formação de professores como para as instituições formadoras, tendo sido definido um período de transição para efetivação de sua implantação (GATTI, 2010), sinalizando um momento significativo de transição para a educação brasileira. Entretanto, as diretrizes e bases da educação nacional não tiveram por si só o poder de alterar a situação da educação e a formação inicial e continuada de professores, mas puderam produzir alguns impactos em relação a essa realidade. De forma

geral, a lei foi responsável por ampliar o acesso à educação a todos os brasileiros e orientar de maneira organizada o trabalho das instituições de ensino.

Durante mais de 20 anos de LDB, seu texto foi atualizado algumas vezes, para atender as novas demandas sociais que surgiam. Nas últimas décadas, a formação inicial para a docência, adquiriu importantes aspectos teóricos no que se refere aos conhecimentos dos fundamentos da educação e das políticas, na perspectiva de superar a ênfase técnica que teve forte presença nas formações, não só de professores, mas em outras áreas (GATTI, 2020).

Em 2002, são promulgadas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Formação de Professores e nos anos seguintes, passam a serem aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) as Diretrizes Curriculares para cada curso de licenciatura. Mesmo com ajustes em razão das novas diretrizes, é possível verificar nas licenciaturas o predomínio da formação com foco na área disciplinar específica, com pouco espaço para a formação pedagógica. Dentro de um panorama geral das licenciaturas brasileiras, o que se verifica é que a formação de professores para a educação básica é feita de modo fragmentado, distinguindo as disciplinas específicas de cada área do conhecimento das disciplinas pedagógicas (GATTI, 2010).

Mesmo com o passar do tempo e com as orientações mais integradoras quanto à relação teoria e prática, ainda se verifica a prevalência do modelo consagrado em um período anterior para essas licenciaturas (GATTI, 2010). Dessa maneira, as condições de formação de professores ainda carregam fortes condicionantes dessa fragmentação entre as disciplinas específicas e as disciplinas pedagógicas. Isso vem provocando enormes desafios para os profissionais em formação inicial, na medida em que há um déficit formativo em relação à articulação desses saberes, o que se reflete nas concepções em relação às práticas pedagógicas desses profissionais.

Os desafios que a sociedade brasileira enfrenta tornam-se ainda mais complexos no que toca à questão pedagógica e às aprendizagens escolares. Diversos são os fatores que corroboram para isso, alguns deles são:

As políticas educacionais postas em ação, o financiamento da educação básica, a naturalização em nossa sociedade da situação crítica das aprendizagens efetivas de amplas camadas populares, as formas de estrutura e gestão das escolas, e, também, a condição da formação docente, no que tange aspectos de sua formação inicial e continuada,



planos de carreira e salário dos docentes da educação básica, as condições de trabalho nas escolas, dentre outras (GATTI, 2010).

Em consequência disso, recorrem à preocupação com as licenciaturas e à formação de professores, seja quanto às estruturas institucionais seja quanto aos seus currículos e conteúdos formativos. Essa formação de professores pode ser inicial ou continuada. A primeira se refere à formação necessária para que o sujeito possa exercer a profissão; a segunda acontece quando o educador já exerce a docência e busca, pesquisa, investiga, avalia os fundamentos que subsidiam a sua prática.

Em relação à questão da formação inicial e continuada de professores as preocupações recaem sobre a construção curricular, na tentativa de responder quais competências e saberes são necessários à prática docente. Saberes que contribuam para garantir uma formação que articule os conhecimentos específicos de área aos conhecimentos pedagógicos, problematizando-os a partir da realidade concreta dos educandos, garantindo um pleno desenvolvimento da sua profissão.

No contexto atual, o CNE aprovou o parecer e a resolução definindo as novas DCN para a formação inicial em nível superior, contemplando os cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura. Esse parecer foi emitido a partir da Resolução CNE/CP nº 1, de 2 de julho do ano de 2019 (BRASIL, 2019), que propõe novas configurações para a formação dos profissionais do magistério para a educação básica.

Ao longo do ano de 2019, as novas diretrizes foram sendo elaboradas e a formação de professores, nesse contexto, foi sendo construída na perspectiva de atender aos interesses do mercado, dessa forma, tem como pressuposto estratégico concretizar a reforma da educação básica em curso<sup>14</sup> (AGUIAR E DOURADO,

---

<sup>14</sup> Não buscamos ao longo do texto discutir sobre a reforma da educação básica em curso iniciada pela gestão do governo Temer, tomando contornos ainda mais retrógrados no governo Bolsonaro. Com o slogan de tornar o Ensino Médio mais atrativo aos jovens, permitindo que estes possam escolher itinerários formativos diferenciados, ampliar a oferta de ensino em tempo integral e aumentar o aspecto técnico do Ensino Médio, o “Novo Ensino Médio” se constrói e se fundamenta em uma concepção pedagógica de caráter instrumentalista, técnico e acrítico. Que oferta disciplinas por pessoas através do “notório saber”, sem formação adequada e contratada precariamente para lidar com jovens em ambiente escolar. Além disso, a reforma interdita sujeitos vulnerabilizados que vivenciam as escolas públicas desse país ao acesso qualificado ao conhecimento científico, à arte e ao pensamento crítico. Como sugestão de leitura indico a carta aberta pela revogação da reforma do ensino médio (lei 13.415/2017), escrita por um conjunto de sindicatos, movimentos sociais, professores, grupos e núcleos de pesquisas de todo o país. Disponível em: <https://mst.org.br/2022/08/04/entidades-movimentos-sociais-e-sindicatos-cobram-revogacao-da-reforma-do-ensino-medio-de-proximo-governo/>

2019). Segundo os autores Aguiar e Dourado (2019), as políticas desenvolvidas pelo MEC, nesse momento, passaram a ser o carro-chefe da agenda da educação, tornando-se ponto estratégico para uma ampla reforma da educação básica. Tal reforma abrangia a formalização e a articulação entre currículos escolares, a formação de professores, a gestão da educação e os processos avaliativos (AGUIAR E DOURADO, 2019).

Para o CNE/MEC, a questão central dessa resolução é que a Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica<sup>15</sup> (BNCC) passasse a ser a chave de leitura para a compreensão das novas políticas educacionais (AGUIAR; DOURADO, 2019). No entendimento de Bazzo e Scheibe (2019, p. 673):

A BNCC, portanto, determinada pela agenda global da manutenção do capitalismo, passou a conduzir e a dominar as discussões e o debate a respeito da formação dos professores para a educação básica. O professor deveria ser formado para atender aos ditames dessa base curricular, que, como sabemos, teve uma tramitação sensivelmente polemizada pelos educadores nas diversas entidades, uma vez que sua aprovação acontecia para atender a um modelo de currículo padrão para todo o País, elaborado de acordo com uma visão tecnicista/instrumental, favorável às orientações dos grupos empresariais, interessados em formar um trabalhador que lhes fosse submisso, a partir, portanto, de um currículo próximo do que poderíamos chamar de mínimo e muito distante de uma base curricular que lhe propiciasse formação capaz de desenvolver sua autonomia e criticidade.

Nesse sentido, a perspectiva curricular assumida durante esse momento histórico conflui para uma formação docente fundamentada em uma perspectiva de cunho tecnicista, que proporciona aos docentes em formação inicial ou continuada instrumentos pedagógicos que se articulam aos interesses do capital. Além disso, essas novas diretrizes se orientam a partir de uma concepção de currículo único que padroniza a formação docente em todo o país. O que busca nesse processo, é desarticular os conhecimentos científicos aos saberes e culturas locais e próprios do povo de cada localidade desse extenso país.

---

<sup>15</sup> A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação . Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)<sup>1</sup> , e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (BRASIL, 2017).

Para adentrarmos nessa discussão faz-se necessário que aprofundemos o debate sobre as significações que fundamentam a construção dos currículos de formação inicial e continuada de professores.

As diferentes significações atribuídas aos currículos sejam da formação básica, sejam do ensino superior, são reflexos das diversas concepções de se pensarem a educação e a sociedade ao longo da história. O que ensinamos? Como ensinamos? Por que determinados conhecimentos em detrimento de outros? São perguntas centrais, que perpassam a construção curricular e sistematizam os princípios educativos da práxis docente. Ao longo dos séculos, a escola e, mais precisamente, o currículo assumiram o papel de preparar os indivíduos para desempenhar determinado trabalho no modelo de sociedade capitalista.

Nesse contexto, a escolha sobre o que deve ou não estar no currículo e como esse conhecimento é construído com o estudante está relacionada ao tipo de sociedade se quer construir. Dessa forma, a construção de um currículo e o desenvolvimento educacional, seja ele institucionalizado ou não, em um ambiente de aprendizado, demonstram em qual tipo de princípios sociais e morais se acredita e como estes podem contribuir para a formação crítica na sociedade.

Durante muito tempo, a concepção de educação e as metodologias de ensino adotadas nos processos de ensino e aprendizagem foram embasadas em uma pedagogia tradicional, em que o currículo buscava sistematizar e organizar os conteúdos de maneira acrítica, sendo que estes eram considerados em uma perspectiva de neutralidade (SILVA, 1999), o que Paulo Freire nos provoca a refletir e nomeia como Educação Bancária. Para Freire, é impossível a neutralidade da Educação. Ela necessariamente é política. E para o autor há uma esperteza com que a ideologia dominante insinua a neutralidade da educação.

Para as pedagogias tradicionais, a educação não é comprometida com a transformação social, mas sim reprodutora de um sistema baseado na desigualdade. Para Libâneo (1989), ao discutir sobre as questões curriculares, com exceção à Escola Nova, que teve algumas iniciativas de mudança, na pedagogia liberal - tradicional a escola tem a função de preparar os indivíduos para a ocupação de papéis sociais determinados pelo modelo econômico capitalista, de acordo com as aptidões individuais a serviço da lógica da exploração do trabalho em prol do capital, fortemente consolidada na tendência liberal tecnicista. As metodologias de ensino

desta concepção são centradas no professor a partir da exposição verbal e demonstração dos conceitos de maneira a-crítica. (LIBÂNEO, 1989).

Muito se tem discutido sobre as questões curriculares na educação, segundo autores como Demerval Saviani (2008) e Tomaz Tadeu da Silva (1999), as tendências tradicionais de ensino se estruturam sob a perspectiva da manutenção do *status quo*, fator que provoca marginalização de classes sociais, uma vez que, na educação e no currículo, latejam a ausência do questionamento sobre as estruturas econômicas que provocam as problemáticas sociais.

Além disso, as concepções bancárias de ensino concebem o processo socioeducativo como algo a ser transmitido ao estudante, colocando-o como sujeito passivo, mero ouvinte e receptor do conhecimento, sem se preocupar com a capacidade do estudante em articular de maneira crítica as questões cotidianas com os conhecimentos ensinados.

Na tentativa de pensar criticamente esta concepção de educação, a partir da década de 1960, acompanhando as significativas transformações que o mundo vivia, inauguram-se as correntes da Pedagogia Progressista em detrimento à Pedagogia Liberal. Inserem-se nesta pedagogia as tendências libertadora, libertária e a crítico-social dos conteúdos (LIBÂNEO, 1989). Nesta concepção, a escola pode não só reproduzir a realidade imposta pelo sistema, mas sim é parte integrante do caminho a ser percorrido rumo à transformação social.

O professor assume papel de mediador, as metodologias são centradas no estudante e o diálogo entre professor e aluno e a participação são essenciais no processo de ensino-aprendizagem. Foi precisamente a questão do poder hegemônico<sup>16</sup> que iria separar as teorias tradicionais das teorias críticas e pós-críticas do currículo (SILVA, 1999).

A conjuntura educacional brasileira carrega fortes aspectos destas tendências liberais no ensino, uma vez que a formação inicial de professores muitas vezes conta com currículos marcados pela forte especialização das áreas do ensino,

---

<sup>16</sup> Entendemos poder hegemônico na perspectiva de Gramsci (2000, p. 41), quem sustenta que o processo de hegemonia de um grupo social sobre outros subordinados demarca a passagem da estrutura para a esfera das superestruturas complexas de forma que diferentes ideologias entram em confronto “até que uma delas, ou pelo menos uma única combinação delas, tenda a prevalecer, a se impor, a se irradiar por toda a área social, determinando, além da unicidade dos fins econômicos e políticos, também a unidade intelectual e moral, pondo todas as questões em torno das quais ferve a luta não no plano corporativo, mas num plano ‘universal’, criando assim a hegemonia de um grupo social fundamental sobre uma série de grupos subordinados”.

baseados em disciplinas fragmentadas que não apresentam conexões aparentes, na concepção de ciência como atividade neutra, não permitindo o desenvolvimento de questões imprescindíveis para a superação das tendências liberais de ensino (LIBÂNEO, 1989).

Já as tendências críticas trazem como consenso a perspectiva de que as disputas ideológicas também se estabelecem na construção curricular, como, por exemplo, na discussão sobre o que deve ou não pertencer ao currículo e o porquê da legitimação de um conhecimento em detrimento de outro (SILVA, 1999; SAVIANI, 2008). Além disso, o papel destas tendências, do ponto de vista prático, é de lutar contra a discriminação e o rebaixamento da educação das camadas populares. O que pressupõe lutar para garantir aos trabalhadores e suas filhas e filhos um ensino da melhor qualidade possível nas condições históricas atuais. O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses das classes dominantes (SAVIANI, 1999).

É nesse cenário que desponta a Educação Popular, a qual se propõe a organizar os conteúdos curriculares de maneira a dialogar com a realidade e as vivências cotidianas dos educandos, possibilitando uma transformação crítica no modo de conhecer o universo desse e com esse sujeito, contrapondo-se à visão capitalista sobre o currículo. Além disso, há como perspectiva o reconhecimento dos saberes dos grupos populares, a transformação social e a crítica ao modelo econômico vigente, princípios educativos tão imprescindíveis quanto os conteúdos específicos das áreas.

A Educação Popular, nesse sentido, explicita a perspectiva política da educação e ganha um caráter de classe, na medida em que questiona a forma como as relações de poder que sustentam a sociedade capitalista reproduzem-se na educação bancária e que orienta as suas atividades político-pedagógicas para a construção de um projeto nacional popular (PEREIRA e PEREIRA, 2010), que perpassa a construção curricular. Nessa concepção, a escola e as práticas de ensino não só reproduzem a realidade imposta pelo sistema, mas são partes integrantes do caminho a ser percorrido rumo à transformação social.

O educador assume papel de mediadora do conhecimento a ser construído, as metodologias educativas trazem para a construção do conhecimento educando-

educador como igualmente importantes no processo. O ato cognoscente é construído através do diálogo, no qual educadores e educandos mobilizam o conhecimento e a participação ativa e crítica de ambos são essenciais no processo de ensino-aprendizagem.

A Educação Popular ganhou forças no cenário educacional brasileiro no final da década de 1950 e início dos anos 1960 com a perspectiva de alfabetizar centenas de jovens e adultos subjugados pela condição de “analfabetismo”. Para a concepção crítica, o analfabetismo é uma das expressões concretas de uma realidade social injusta. Não se resume a um problema estritamente linguístico nem exclusivamente pedagógico, mas político. A alfabetização nesse contexto é o terreno fértil propício do qual se pretende politizar o processo educativo. Proclamar sua neutralidade, ingenuidade, não afeta em nada a sua politicidade intrínseca (FREIRE, 2017).

A educação bancária é uma forma institucionalizada, através das tendências curriculares tradicionais, de garantir a dominação de classe e impedir a ação reflexiva do sujeito sobre o mundo. Já a Educação Popular libertadora, através do diálogo, desnuda a realidade e confronta o conflito, buscando a superação das contradições sociais e tornando homens e mulheres sujeitos da própria história (FREIRE, 2009). Nessa perspectiva, a educação popular privilegia o diálogo como princípio pedagógico e tem como objetivos para a formação humana a liberdade e a autonomia. Já os conhecimentos têm como ponto de partida o próprio educando, seu mundo e sua cultura (BATISTA, 2005).

A Educação Popular, desde seu despontar, se estruturou mediante práxis metodológicas de cunho combativo ao modelo econômico vigente e às políticas institucionais que constituíram o Brasil. Nessa ótica, falar em Educação Popular é falar do conflito que move a ação humana em um campo de disputas de forças de poder. É falar da forma como o capitalismo neoliberal vem atuando de maneira perversa, causando dor e sofrimento (PEREIRA; PEREIRA, 2010).

As experiências de Educação Popular passaram a ter um caráter maior de organização política, a fim de conscientizar e contribuir para a organização popular. Esse foi um momento de articulação dos compromissos políticos assumidos com movimentos sociais populares, os quais consideramos como movimentos de classe,

que têm por objetivo a condução da transformação da sociedade a partir do lugar político popular (MACIEL, 2011).

Embora as tendências críticas e pós-críticas tenham surgido contrapondo-se às pedagogias tradicionais de ensino, estas ainda se fazem fortemente presentes na formação inicial dos educadores no Brasil, uma vez que os currículos ainda expressam uma forte especialização das áreas do ensino e uma forte fragmentação das disciplinas que não apresentam conexões aparentes entre os saberes didático-pedagógicos e os saberes relacionados aos conteúdos, não permitindo o desenvolvimento de questões essenciais para a superação das tendências tradicionais de ensino.

Nesse sentido, a Educação Popular e as perspectivas críticas se configuram como outra concepção de educação e formação que contrastam com o 'ideal único e protótipo' de formação geralmente estabelecida nos cursos de pedagogia e licenciaturas do país. Segundo Arroyo (2015), a concepção de um perfil único, nacional, de formação, vinculado a uma base comum nacional e a uma concepção única nacional de qualidade a ser avaliada por padrões únicos nacionais de avaliação pressupõe o reconhecimento de que apesar de tantos programas pela garantia de direito a todos pela educação e pela igualdade, ainda persistem grupos sociais não incluídos nesse pretendido padrão universalista igualitário de educação.

Ainda segundo o autor, é possível observar que, nas últimas décadas, houve um avanço em relação à defesa de uma concepção sócio histórica da função da educação e do protótipo ideal do educador e de sua formação, na medida em que os movimentos sociais vêm articulando o direito à educação às lutas pelas igualdades socioeconômicas. Avançou-se para uma perspectiva de docente-educador crítico, intelectual orgânico, capaz de formar cidadãos críticos, conscientes, liberados da consciência falsa, pré-política (ARROYO, 2015).

Nesse sentido, os movimentos sociais foram além, pois buscam promover a formação de um educador alinhado às lutas pelos direitos sociais, econômicos, pelo direito à terra, território, trabalho, teto, identidade coletiva, entre outros. O que afirma outro paradigma de formação em tensão com o paradigma do protótipo comum nacional (ARROYO, 2015). Ainda segundo o autor, seria promissor avançar para outras perspectivas de formação, baseada em outras políticas, outras diretrizes e

outros currículos que questionem as diretrizes tidas como universais (ARROYO, 2015).

No Brasil, a partir dos finais dos anos de 1950, a educação, e particularmente a educação de adultos e a educação popular, encontrou em Paulo Freire a referência que sistematiza as bases da educação libertadora. A concepção freireana de educação, aqui entendida como Educação Popular, é aquela na qual as intenções, os conteúdos, as ações estão articulados para possibilitar a humanização e a libertação dos sujeitos do modelo socioeconômico vigente. Tal perspectiva político-pedagógica contribui com a discussão sobre as políticas curriculares, construindo um horizonte de possibilidades para a emancipação humana a serviço da transformação social (MENEZES E SANTIAGO, 2014).

Dessa forma, faz-se importante lutar para que os currículos da formação inicial e continuada de professores viabilizem uma perspectiva formativa crítica, subsidiada pelos trabalhos de Freire e das relações que ele estabeleceu em vida, a partir da universidade e dos governos estaduais com os quais se relacionou. Outro ponto importante nessa discussão é disputar o papel desempenhado pelas universidades em formar os diversos sujeitos que compõem os setores profissionais comprometidos com as causas do povo. O que pode contribuir, a partir da perspectiva da atuação profissional, com a construção de melhores condições de existência para todos os brasileiros.

É essa a perspectiva assumida pelo Levante Popular da Juventude, que organiza seus militantes a partir de pautas sociais, as quais promovam melhores condições de vida para a juventude do Brasil, como também pauta um projeto popular de Educação e sociedade, reformulações no currículo e educação pública, que estimulem a valorização da cultura popular. Uma educação que possa formar a juventude para a conquista de direitos básicos comuns a toda sociedade brasileira, como acesso à cultura, lazer, segurança, saúde de qualidade, moradia, trabalhos dignos e que permitam uma existência digna. Pensando de maneira dialógica, e de acordo com Paulo Freire (2009), a ideia desse projeto se baseia no enfrentamento à educação bancária.

Faz-se importante anunciar que as práticas educativas do movimento caracterizam-se por serem espaços não-formais de educação, uma vez que o processo formativo do movimento se dá a partir das suas escolas de formação,



através da participação em atos de rua, e a partir da mobilização popular. Porém, algumas das experiências pedagógicas de cursinhos populares que o movimento toca se constroem no interior da universidade ou através da extensão universitária, como é o caso do Cursinho Popular Edson Luís (CPEL), aqui investigado. Nesse sentido, abre um campo de possibilidades para se discutir a inserção desta perspectiva formativa na formação de professores.

É a partir dessa discussão que este trabalho se debruça na busca por compreender de que maneira os vivenciamentos formativos experimentados no CPEL contribuem para a formação dos educadores que neles atuam. Desse modo, nosso objetivo é analisar as contribuições formativas para os educadores em formação inicial e continuada em sua proximidade com os movimentos sociais, mais especificamente com o Levante Popular da Juventude, bem como quais os sentidos esses educadores atribuem à sua condição de ser educador e como significam sua práxis político-pedagógica no movimento que constroem coletivamente.

Cabe anunciar que as questões aqui trazidas têm como perspectiva apontar discussões e questionamentos sobre esta concepção educativa no âmbito da formação inicial e continuada de educadores no interior do Cursinho Popular Edson Luís. Mas que, por se tratar da construção de uma experiência a partir de um movimento social, que será melhor apresentado adiante, fundamenta uma série de ações político-pedagógicas que transcendem a diversos outros sujeitos sociais envolvidos nas ações viabilizadas pelo Levante Popular da Juventude.

## **CAPÍTULO 2 – JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR CONSTRÓI O PODER POPULAR**

Aos trabalhadores restaram somente às periferias das grandes cidades, as encostas de morro e as beiradas de rio, extensas jornadas de trabalho e salários miseráveis; no campo, a reforma agrária e a produção de alimentos foram deixadas de lado e substituídas pela utilização de transgênicos e agrotóxicos, tudo orientado para a exportação. Nós jovens, estamos no meio do furacão: no campo, nas periferias e favelas, nas escolas e universidades, no trabalho. Somos constantemente disputados pelo projeto capitalista. É em contraposição a este projeto que nos lançamos no desafio da construção do Projeto Popular.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE (2012), Carta Compromisso do I Acampamento Nacional

Escolho como epígrafe deste capítulo este trecho elaborado a partir do primeiro Acampamento das Juventudes organizadas pelo Levante, no ano de 2012, no Rio Grande do Sul. Momento em que o movimento emerge nacionalmente e contou com a participação de 1200 jovens de 17 estados brasileiros. O Acampamento Nacional é o momento de encontro das juventudes, que se unem para debater e construir os horizontes e as propostas socioeconômicas que contemplem uma vida digna para as juventudes e toda a classe trabalhadora.

No trecho da carta em destaque é possível observar como contrapartida ao modelo econômico vigente as juventudes que se mobilizam para a construção do Projeto Popular (PP) para o Brasil. O movimento, a partir desse projeto, propõe para toda classe trabalhadora acesso a demandas básicas que perpassam a concepção de bem estar social, como acesso a saúde, educação, trabalho de qualidade, transporte, lazer, o que o modelo econômico capitalista transforma em produtos a serem vendidos para os filhos e filhas da classe trabalhadora. Nesse sistema, essas pautas são ofertadas pelo sistema privado, ou seja, devem gerar lucro ao invés de serem tuteladas pelo Estado.

No interior do sistema econômico capitalista vigente restam a aqueles que a partir da força de trabalho constroem os patrimônios dos grandes setores privados,

as periferias, a exclusão do processo de tomadas de decisão pelo Estado, insegurança e vulnerabilidade alimentar, trabalhos extensivos com baixa remuneração econômica e social, e as mais diversas formas de opressões advindas do sistema excludente que o modelo capitalista edifica.

É possível observar no texto em epígrafe, que o Levante Popular da Juventude se opõe a essas questões e ainda carrega viva a bandeira da reforma agrária – pauta de extrema importância para o processo socioeconômico do Brasil, seja ela para o campo, seja ela para o meio urbano do país. A juventude no interior do movimento também problematiza e levanta discussões sobre como construir um projeto de sociedade livre de preconceitos de raça, orientação sexual, gênero, sem deixar de lado a questão de classe.

Desde o início da organização, antes mesmo dela se nacionalizar lá em 2006, o movimento se compromete e propaga a profunda transformação da realidade social brasileira. Além disso, o movimento tem como horizonte estratégico a organização das juventudes brasileiras, sejam elas dos grandes centros urbanos, sejam elas do campo, sejam elas organizadas nos movimentos estudantis, sejam elas organizadas nos diversos territórios que constituem nosso Brasil. Nesse capítulo proponho apresentar o movimento social - Levante Popular da Juventude, suas bandeiras de luta, como o movimento se organiza e a perspectiva do Projeto Popular de Sociedade encampado pelo movimento.

## **2.1- AFINAL, QUEM É ESSE LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE?**

O Levante Popular da Juventude é um movimento social de caráter popular, que organiza jovens brasileiros a partir de pautas sociais que promovam melhores condições de vida para as juventudes da cidade e do campo. Juventude(S) grafada no plural, pois esta categoria social abarca uma pluralidade de questões relacionadas à raça, gênero, sexualidade, condições sociais entre outras, que configuram este período etário da vida humana e, portanto, não há como nominá-la como uma categoria única e singular como juventude. Essa pluralidade de questões é reivindicada como pautas centrais na garantia de vida digna para as juventudes das classes populares, constantemente oprimidas pelo modelo econômico vigente e que, portanto, se organizam no movimento.

Porém, o movimento compreende e assume, assim como Paulo Freire, a unidade na diversidade, destacando em seu nome – Juventude - no singular. Segundo o autor, “nunca terá o Brasil precisado mais do que hoje de quem, radical, jamais sectário, se empenhe na luta em favor da unidade na diversidade, com vistas à mudança profunda da sociedade” (FREIRE, 2019). Ou seja, para Freire, apesar das diferenças existentes entre os diversos sujeitos oprimidos desse país, é necessária a unidade para a luta em prol de um inimigo principal, que, para nós, militantes do Levante Popular da Juventude, é o modelo econômico capitalista neoliberal que sustenta e aprofunda uma série de outras opressões como machismo, racismo, xenofobia, lgbtfobia, entre outras.

Segundo Freire (2019, p.117):

Quando digo unidade na diversidade é porque, mesmo reconhecendo que as diferenças entre pessoas, grupos, etnias etc. possam dificultar um trabalho em unidade, considerando a coincidência dos objetivos por que os diferentes lutam é possível, mais do que isto, é necessária à unidade. A igualdade nos e dos objetivos pode viabilizar a unidade na diferença. Enquanto a falta de unidade entre os diferentes conciliáveis ajuda a hegemonia do diferente antagônico. O importante é a luta contra o inimigo principal. Daí que só possa haver unidade na diversidade quando os diferentes que buscam unir-se para superar os obstáculos à criação da sociedade melhor, menos perversa, são diferentes conciliáveis e não diferentes antagônicos .

Nesse sentido, o movimento compreende que para organizar as diferentes juventudes brasileiras é preciso canalizar suas revoltas e angústias a partir da unidade na diversidade, sem deixar de angariar as diversas pautas que tocam a vida das juventudes.

A organização nasce em 2006, no Rio Grande do Sul, mas passou por um longo período gestacional, no qual contou com a participação dos movimentos sociais de esquerda, mais especificamente da Consulta Popular e a Via Campesina como seu propulsor. Segundo a própria cartilha do movimento que socializa a sua construção histórica, muitas foram as influências para a construção do Levante Popular da Juventude e muitos elementos contribuíram para a sua atual configuração.

As principais influências, em termos de direcionamento político, vieram dos movimentos camponeses que constroem a Via Campesina e a defesa do projeto democrático e popular como estratégia para a transformação social do Brasil, fundamentada pela ruptura com o modelo econômico vigente, tendo o socialismo como horizonte de sua práxis. Dessa maneira, o Levante se coloca como movimento

social organizativo vinculado ao campo do Projeto Popular com a perspectiva de auxiliar a organização das juventudes em torno da luta social comprometida para e com o povo.

Em 2005 a Consulta Popular, instrumento político de referência para grande parte dos quadros da Via Campesina, definiu em Assembleia Nacional a resolução - “organizar a juventude da classe trabalhadora e, em especial, os jovens da periferia urbana”. A leitura estratégica que a Consulta teve no momento, era de que seria indispensável para a construção de um projeto contra hegemônico no Brasil a inserção na juventude trabalhadora, principalmente nas massas das grandes periferias. Era, portanto, necessário deslocar quadros de um contexto onde havia um razoável processo de organização, para constituir força social nos centros urbanos, onde este campo político, bem como as demais organizações de esquerda, tinha uma força muito residual (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, CARTILHA NOSSA HISTÓRIA, s/d).

Assim, a Consulta Popular direcionou os militantes jovens que atuavam nos movimentos que integravam a Via Campesina, como as executivas de curso – a qual mencionei na apresentação deste texto - para mobilizar a construção de um movimento social juvenil, que intencionasse a sua atuação na cidade e no campo, sobretudo nas periferias, visto que nelas se concentram grande parte da população brasileira carente de serviços públicos, mas, também, de organização política.

Desse modo, em 2006, no Rio Grande do Sul, a Via Campesina viabilizou a construção de um acampamento que recebeu o nome Sepé Tiarajú<sup>17</sup>, na cidade de São Gabriel. Este evento contou com a participação de centenas de indígenas de várias etnias, quilombolas e camponeses organizados pelas lutas dos camponeses articulados à Via Campesina. Lá, se constituiu um grupo de trabalho, que contava com a participação da Pastoral da Juventude Rural<sup>18</sup> (PJR), com militantes, do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras por Direitos (MTD), o Movimento Sem Terra (MST) e um jovem universitário alinhado à práxis desses movimentos, para efetivar a construção de uma organização de juventude.

Desde o princípio, o movimento carrega como significação e linguagem coletiva a construção do Projeto Popular para Brasil. O movimento, assim, se referencia em grandes pensadores brasileiros como Paulo Freire, Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Celso Furtado, entre outros. Como também tem se

---

<sup>17</sup> Sepé Tiarajú foi um líder indígena que resistiu aos ataques militares espanhóis e portugueses no período colonial, foi morto na cidade de São Gabriel na luta contra a expropriação da terra.

<sup>18</sup> Pastoral da Juventude Rural é uma organização da Igreja Católica, que auxilia na organização da juventude camponesa do Brasil. Tem como pauta reivindicações para a melhoria da vida da juventude rural, de caráter progressista ou de esquerda, atuando junto com outros movimentos sociais do campo.

fundamentado em expressivos movimentos sociais que constituíram as grandes movimentações sociais no país, como os citados acima.

Abaixo, escolho uma fotografia da primeira relatoria do movimento contendo nossos propulsores e o caminho que almejamos construir enquanto juventude.

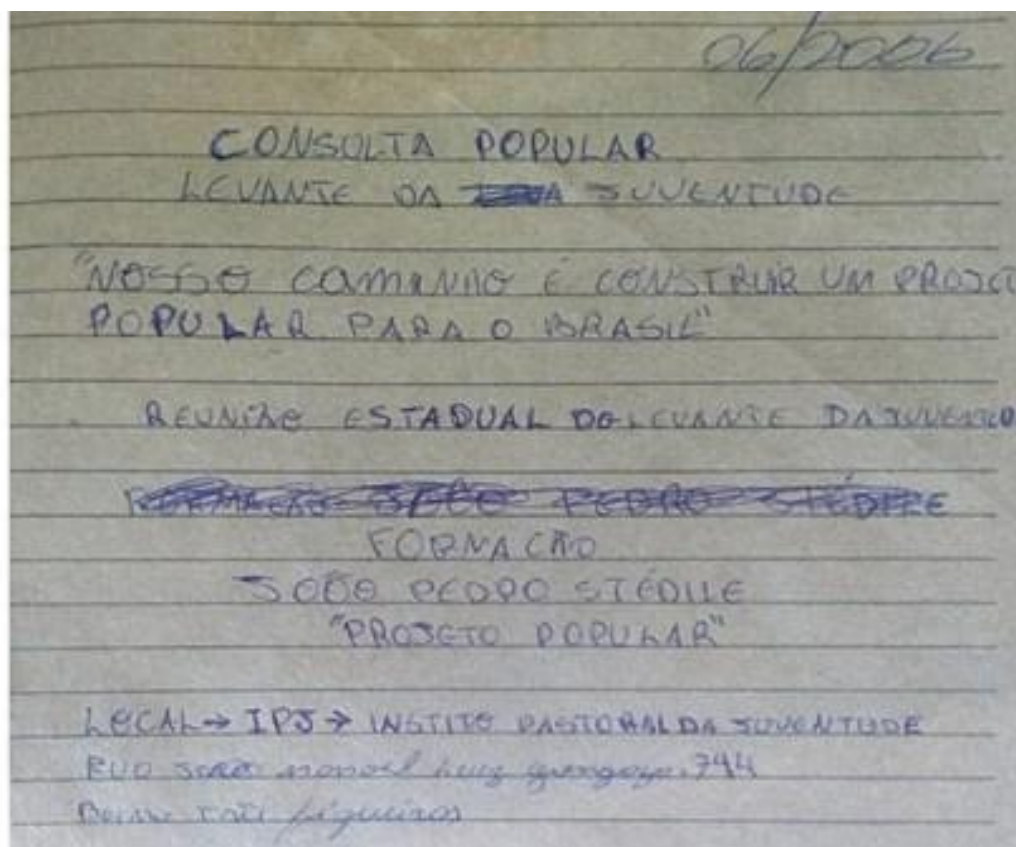


Imagem 1: Anotações dos primeiros passos do movimento

Fonte: Arquivo - Brasil de Fato RS.

Este grupo inicial começou a desenvolver as primeiras experiências de organização dos jovens, principalmente nas periferias de Porto Alegre, a partir da realização de encontros e rodas de conversa, debatendo as problemáticas sociais vivenciadas pelas juventudes no território em questão. Inspirados no acampamento de Sepé, este núcleo gestacional propôs a construção de um acampamento de jovens, motivados pelas discussões e encaminhamentos deliberativos vivenciados nos acampamentos da Via Campesina.

O acampamento reuniu aproximadamente 700 jovens de todo o estado do Rio Grande do Sul e grande parte desse coletivo era de jovens ligados aos movimentos da Via Campesina, como também contava com um número significativo do

movimento estudantil universitário. As três frentes de atuação, territorial, camponesa e estudantil, que caracterizam o movimento, já estavam presentes desde o marco inicial da organização e reverberam ainda hoje, se despontando também na organização dos estudantes secundaristas. (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, CARTILHA NOSSA HISTÓRIA, s/d).

Embora com muitos problemas organizativos e metodológicos, a construção deste acampamento foi crucial para a estruturação e conformação do Levante Popular da Juventude, uma vez que é a partir desta ferramenta que a juventude discute o Projeto Popular de sociedade que se propõe a construir até os dias atuais. Além disso, este acampamento proporcionou ao núcleo gestante do Levante maior densidade política e capacidade organizativa, fundamentais para que o movimento florescesse.

Neste primeiro acampamento, antes mesmo da nacionalização do movimento, definiu-se como bandeiras de lutas prioritárias para toda juventude da classe trabalhadora acesso à Educação, Trabalho, Cultura e Lazer. Pautas propagandeadas e encabeçadas pelo movimento até os dias de hoje como centrais e aglutinadoras de questões essenciais às juventudes. Após o encontro estabeleceu-se como meta-síntese, a democratização do acesso à universidade, como pauta reivindicatória prioritária à juventude. (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, CARTILHA NOSSA HISTÓRIA, s/d).

Ainda que o batismo do Levante tenha se dado no estado do Rio Grande do Sul, o processo de conformação de uma organização das juventudes com este determinado projeto político não se restringiu ao estado, e se capilarizou pelo Brasil. A organização se nacionaliza em 2012 mantendo como uma de suas principais bandeiras políticas a defesa e a luta por uma educação pública universal, gratuita e de qualidade para toda a juventude pobre e marginalizada, que historicamente, foi negligenciada pelas políticas sociais do Brasil.

De acordo com as propostas organizativas do campo político de esquerda, o Levante se opõe desde seu processo de nascimento às práticas capitalistas neoliberais, e tem organizado os seus militantes em diversos estados brasileiros visando à construção de perspectivas políticas emancipadoras para e com a juventude do povo, contrapondo-se à constante marginalização dos oprimidos pelo capitalismo/neoliberalismo ao longo do processo histórico do Brasil. Sem deixar de

lado pautas que também atravessam a vida das juventudes como os traços das opressões de cor, raça, gênero e sexualidade.

O neoliberalismo, que emerge com força no final da década de 1960, direcionado por dois grandes centros econômicos do capitalismo, Estados Unidos e Inglaterra, intensifica as políticas de supervalorização do mercado em detrimento do social contribuindo para o aumento da concentração da riqueza em mãos de poucos, influenciando as relações econômicas internacionais e reduzindo a interferência do Estado na economia (PALUDO, SANTOS e TARLEI, 2016). Nesse sentido, o Estado ao invés de garantir o bem estar e as condições mínimas de sobrevivência para toda a população, enxerga direitos básicos, como acesso à Educação, Saúde, Moradia, entre outros, como categorias passíveis de lucro.

Nesta significação, as bandeiras de luta do Levante perpassam pela conquista dos direitos sociais básicos que sempre foram negados às juventudes da classe trabalhadora, como educação, saúde, transporte, cultura, esporte e lazer. Além das pautas de cunho marxista, o Levante se apropria das pautas que atravessam as juventudes e que ganharam maior relevância na sociedade brasileira durante a contemporaneidade, como as demandas das pautas identitárias, estabelecendo fortes críticas ao racismo, a LGBTfobia e ao machismo. Sendo assim, a identidade do movimento se constitui através da resistência não só à exploração econômica de uma classe sobre a outra, mas também quanto às culturas e identidades que são constantemente ameaçadas no cenário da organização social.

Segundo Paludo, Santos e Tarlei (2016), o trabalho e as práticas formativas do Levante apresentam características próximas aos denominados novos movimentos sociais e, ainda assim, mantêm alguns lineamentos teóricos da perspectiva marxista, de cunho popular, como a centralidade do conceito de classe social e de projeto popular.

A leitura que a juventude do Levante faz sobre as condições exploratórias do modelo capitalista é:

Enxergamos um mundo dividido entre aqueles que exploram as trabalhadoras e os trabalhadores que têm o fruto de seu trabalho roubado. Esse é o sistema capitalista-patriarcal-racista, que mundialmente estabelece as formas de organização da sociedade na sua forma imperialista. Ele cria uma relação de dominação entre culturas e povos, destrói o meio ambiente, oprime e explora as mulheres, assassina a juventude negra, silencia gays e lésbicas e tolhe, cotidianamente, todos os nossos sonhos. (LEVANTE, I CARTA COMPROMISSO, 2012)



Nessa leitura que o movimento faz, o Levante se fundamenta a partir da ótica dos oprimidos. Assim, se compromete, desde o momento em que se torna nacional, com as pautas que atravessam a vida dos sujeitos que são constantemente oprimidos pelo sistema capitalista-patriarcal-racista. No intuito de fomentar a compreensão da atuação do movimento, explico abaixo as três dimensões que subsidiam a práxis do Levante Popular da Juventude a partir de um olhar que ressalta a dialética do pensar-agir dos militantes organizados pelo movimento.

O tripé organizativo que fundamenta a mobilização dos jovens no movimento social é construído com os militantes através das suas escolas de formação que acontecem em todo o Brasil. Estes espaços formativos recebem o nome de Emerson Pacheco em homenagem a um militante negro e periférico do Levante que foi assassinado em Fortaleza. A Escola de Formação é organizada por módulos que abordam questões como o surgimento do Levante no Rio Grande do Sul e seu processo de nacionalização; questões relacionadas ao modelo econômico vigente e trabalho para as juventudes nesta concepção; a perspectiva da educação popular como perspectiva do trabalho de base; o Projeto Popular para o Brasil e, por último, os desafios organizativos da juventude no interior do movimento.

## **2.2 - A PRÁXIS POLÍTICO PEDAGÓGICA DO LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE**

Nossa Rebeldia é o Povo no Poder!

Um dos gritos de expressão da organização se encontra nesta máxima. Constantemente atribuem à juventude a característica de rebeldia. Para a organização, a rebeldia se encontra em lutar para a construção de um mundo mais justo, mais possível de sonhar e viver, que proporcione direitos e condições mínimas ao povo para experimentar a vida ao invés de somente sobreviver. A rebeldia, traço da juventude como sujeito contestador, consiste em construir um projeto de sociedade no qual o povo se centralize e tome as decisões em prol de si mesmo. Para isso a juventude compreende que é fundamental que ocupemos os espaços de poder na sociedade brasileira, sejam eles nos poderes públicos, sejam na universidade, nas mídias, dentre outros.

Freire (2017, p.76) nos faz refletir que:

Uma das questões centrais com que temos de lidar é promoção de posturas rebeldes em posturas revolucionárias que nos engajam no processo radical de transformação do mundo. A rebeldia é ponto de partida indispensável, é deflagração da justa ira, mas não é suficiente. A rebeldia enquanto denúncia precisa se alongar até uma posição mais radical e crítica, a revolucionária, fundamentalmente anunciadora. A mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho.

Neste sentido, compreendemos que é a partir desse traço de rebeldia da juventude que encontramos o motor para canalizar esses sujeitos para a construção e anunciação de uma nova sociedade. Ainda segundo o autor, não cabe à velhice, mas à juventude a refeitura do mundo. Com seus traços de revolta e angústia sobre as problemáticas sociais que os tocam, cabe às juventudes se indignar, se revoltar e se organizar para lutar contra esse sistema socioeconômico que vulnerabiliza os sujeitos (FREIRE, 2019 b).

Para Freire não há juventude que não envelheça rapidamente na experiência de tentativa da imobilização perante a história, que é o reacionarismo (FREIRE, 2019 b). O autor nos convoca a refletir sobre o que é ser jovem e que, no sentido assumido e discutido por ele, transcende à faixa etária e se configura como um estado de ver e vivenciar o mundo, um estado de rebeldia.

Neste sentido, o Levante Popular da Juventude se fundamenta nessa concepção de jovem como sujeito contestador e se propõe a organizar as juventudes para lutar por uma vida mais digna que contemple todas as juventudes brasileiras a partir de um outro modelo de sociedade, construída a partir do Projeto Popular para o Brasil (PPB).

O movimento fundamenta e constrói as suas ações a partir da concepção de tripé organizativo, no qual a formação, a organização e a luta são indissociáveis e possuem relevância equânime para uma organização de caráter contestador e revolucionário. Para atingir a transformação social da perspectiva socialista, horizonte do movimento, o Levante compreende que é a partir deste tripé que se estrutura a práxis político-pedagógica do movimento.

Abaixo, destacamos o modo como o movimento compreende as três bases organizativas do Levante:

- **Formação** – Para compreender a conjuntura e o projeto de sociedade em curso atrelado ao modelo econômico capitalista/neoliberal faz-se necessário uma dedicação à dimensão formativa, para que a juventude possa compreender as transformações do mundo e aprender com os acertos e erros da organização rumo à construção do Projeto Popular de sociedade. A formação passa pela dimensão de avaliação e reflexão crítica sobre a própria prática, como também proporciona aos jovens planejamento dos passos seguintes. Para o Levante, os cursos de formação têm o efeito de socializar os saberes coletivos acumulados pelo movimento, é através destes espaços que a organização tem feito um esforço de síntese para que todos os militantes tenham uma compreensão comum da leitura de conjuntura, sobre os problemas que ela coloca e sobre os desafios a serem enfrentados coletivamente.
- **Organização** – Por mais legítima que sejam as ações individuais, elas não têm relevância na questão que tange a estrutura. Desta forma, é apenas no coletivo, fundamentando-se em acúmulos teóricos, que possibilitem o caminho à transformação, e articulando-se à constante luta contra o modelo econômico vigente, que se faz possível a desconstrução estrutural do capitalismo. É através da organicidade que um movimento capilariza as ideias, discussões e orientações, de maneira que elas percorram e articulem todo o corpo da organização. A organicidade eficaz do movimento popular requer a existência de uma organização capaz de fazer a escolha criteriosa da sua militância e investir na sua qualificação política, técnica e cultural, a fim de atuar em qualquer lugar ou conjuntura e sob qualquer condição. A organização popular canaliza a reação do povo para conseguir os interesses do grupo, de forma permanente (PELOSO, 2012).
- **Luta** – A luta se dá através das ações cotidianas do movimento em seus diversos territórios de atuação. Compreendemos que, sem luta, a Formação e a Organização restringem nossas ações ao movimento. É com luta que se constrói o caminho rumo à sociedade livre da opressão de classe, gênero, raça, sexualidade, e sobre culturas e identidades sobre outras. A sociedade

que interessa à juventude trabalhadora só se constrói com luta, em busca da superação da condição de opressão. Nossa rebeldia enquanto juventude é a nossa luta que visa à conquista do poder pelo povo.

Para exercer o tripé organizativo apresentado acima, o Levante se organiza através de células de atuação. As células são onde ocorre o encontro dos militantes para exercitar a reflexão e a ação através do território de atuação do movimento em que esses militantes estão inseridos. Cada célula se direciona a construir as ações político-pedagógicas encabeçadas pelo movimento a partir do seu eixo de atuação, que hoje são: as células estudantis e as células territoriais. Em confluência a Freire (1997), é a partir desse espaço que repensamos os dados concretos da realidade vivida. É ali que forjamos a construção da denúncia de como estamos vivendo e o anúncio de como poderíamos viver. Nesse espaço não apenas falamos do que pode vir a ser a sociedade brasileira, mas, falando de como está sendo a realidade, denunciando-a, anunciando um mundo melhor.

As células, nesse sentido, se assemelham às células do interior do tecido de nossos corpos que desempenham funções específicas ao atuarem em cada parte do nosso organismo. A célula como unidade estrutural fundamental dos seres vivos tem a função no nosso corpo de realizar todas as funções necessárias à vida, como, por exemplo, a obtenção de energia, a reprodução, dentre outras. Para o movimento, cada célula, no interior de seu território, vai desempenhar funções específicas naquele território de ação. As células estudantis encabeçam e organizam os militantes a partir das pautas estudantis, seja no interior das universidades, seja através dos secundaristas. Já as células territoriais, vão construir suas ações nas comunidades. As células, assim, são compreendidas não como a simples soma de indivíduos, mas sim um organismo dotado de órgãos de direção, de objetivos comuns e partes divididas com atribuições a serem cumpridas.

A célula é o menor espaço em grupo do movimento. É no interior dela onde os militantes organizam o trabalho, as reflexões e as identidades do grupo. Ela está ligada a um território, que realiza a práxis do movimento, fundamentando o tripé organizativo descrito acima. O crescimento e fortalecimento do grupo só são possíveis a partir da interação cotidiana dos militantes através das células. Nesse sentido, há centenas de núcleos, denominados células, espalhados pelos diversos estados e cidades no Brasil.

A construção dessas células é a tarefa prioritária de todo coletivo de pessoas que se coloque a serviço da construção do movimento como um corpo (GOMES, 2019).

Assim, o Levante Popular da Juventude tem a célula como espaço base para o trabalho político-pedagógico e de acompanhamento de seus novos e antigos militantes. É no interior desse espaço que os jovens realizam estudos acerca dos temas que mobilizam os sujeitos. Como também é no interior desse espaço que os militantes se encontram nas lutas gerais do movimento, que surgem na medida em que o coletivo debruça-se sobre sua realidade e entra em contato com outros sujeitos. Nesse sentido, compreendemos a célula como o espaço mais importante do processo de interação e de construção político-pedagógica do movimento. Ela aglutina os sujeitos em torno da ação comum (GOMES, 2019).

### **2.3 - O DIÁLOGO COM A JUVENTUDE**

O Levante compreende a juventude e se propõe a refletir sobre ela através da categoria sob a dimensão Social, Biológica e Histórica. Através de suas escolas e cursos de formação, o diálogo que o movimento estabelece com seus referenciais, compreende que a juventude nem sempre existiu em nossa sociedade. A juventude enquanto categoria social se constitui através da definição de um intervalo entre a infância e a vida adulta. Para Diógenes (2012), a juventude se caracteriza como uma invenção moderna, sendo reconhecida somente no final do século XIX, ganhando contornos mais perceptíveis no início do século XX. Desse modo, tecida em um terreno de constantes transformações.

Por se movimentarem no cerne de tensões mais amplas da sociedade brasileira, por ocuparem um lugar alocado entre a infância e a vida adulta, em um momento que antecede o mundo do trabalho, as determinações e transformações nas relações trabalhistas afetam sobremaneira as expectativas, projetos e possibilidades dos jovens. Por isso entendemos, enquanto movimento, que essa categoria está intimamente relacionada ao desenvolvimento do capitalismo, uma vez que, em busca da qualificação da mão de obra, o sistema dedica-se a disputar essa faixa etária de indivíduos para seu melhor desempenho e atuação no mercado de trabalho.

Neste sentido, a juventude se torna, desde os primórdios de sua configuração, uma categoria da classe trabalhadora que batalha permanentemente

para se constituir e vigorar, uma vez que com a constante perda de direitos, atrelados aos modelos econômicos de desenvolvimento capitalista, a categoria em seu tempo de existência é comprimida. Para se inserir no mercado de trabalho ainda na transição da infância para vida adulta, há a perda do tempo de vivenciar e experimentar a juventude. Sendo assim, a organização compreende que precisamos constantemente reafirmar o direito de ser jovem.

As principais contradições que atravessam a vida das juventudes das camadas populares são as de classe. Aqui, faz-se importante refletir que um número considerável desses jovens está fora da escola, com defasagem no fluxo escolar, e sequer ingressa no mercado de trabalho ou se submete ao trabalho informal e precarizado. Além de lhe ser negado o direito de outros aspectos necessários ao desenvolvimento integral como a saúde, a cultura, o esporte, o lazer entre outros, aumentando de forma considerável as situações de vulnerabilidade e de violências (FERREIRA DA COSTA, 2009).

Em síntese, a situação dos jovens, e em particular daqueles das classes populares da sociedade, entre outras demonstradas por Pereira (2006), indica a existência de formas de vida cada vez mais contrastantes entre ricos e pobres e resulta do fato de que a satisfação de necessidades sociais e a garantia de oportunidades fundamentais de significativos setores da população estão sendo progressivamente negligenciadas.

As juventudes, atuantes em movimentos sociais, oferecem, em contrapartida, ações coletivas contestatórias, como resposta ao contexto de mundo de opressões que vivem. Com capacidade de canalizar suas forças para se organizar e resistir às problemáticas ocasionadas pelo capitalismo e a sociedade dividida em classes, vêm resistindo e se organizando ao longo do tempo em diversas situações pelo movimento estudantil, através da UNE, por exemplo. Desde a sua fundação no ano de 1937, a UNE participou intensamente de vários episódios da história política do Brasil.

As bandeiras de luta encabeçadas pela União Nacional dos Estudantes, que atualmente também concentra parte dos militantes do Levante Popular da Juventude, se deram através da luta e da articulação da resistência ao golpe de 1964, por exemplo. Naquele momento, nos dias que precediam o golpe militar que assombrou e continua a assombrar o Brasil, a UNE difundiu notas em que chamava

a mobilização geral dos estudantes contra o golpe, a favor da liberdade democrática. Mesmo com os alertas da UNE e a convocatória para uma resistência, no dia 1 de abril de 1964 o golpe militar se materializou, o que contrariava a vontade popular que havia elegido, dentro das normas democráticas em vigor na época, o Presidente João Goulart.

Outro momento histórico, em que o movimento estudantil se levantou e que teve um enorme impacto nos desdobramentos de suas ações, foi o processo que levou à destituição de Fernando Collor do cargo a presidência em 1992. O movimento da UNE ficou nacionalmente conhecido como “Caras Pintadas”, uma vez que os estudantes pintavam sua cara de verde e amarelo e marchavam pelo Brasil, denunciando a corrupção e as medidas econômicas impopulares do até então presidente da república. Esse movimento contou com a adesão de milhares de jovens em todo o país.

Outro momento de um verdadeiro levante estudantil, aconteceu de forma massiva em todo o Brasil a partir da contestação dos estudantes sobre a Proposta de Emenda a Constituição, conhecida nacionalmente como a PEC do Teto de Gastos, em 2016. Esse movimento também foi articulado pela UNE e pelo Levante Popular da Juventude, o que levou a um das maiores reivindicações estudantis da história do Brasil e do mundo. Os estudantes ocuparam em todo o país mais de 1200 escolas, universidades, institutos federais, contra a proposta de congelamento econômico nos setores da saúde e educação por vinte anos.

Atualmente, o protagonismo juvenil também tem contribuído em ações contestatórias na luta para enfrentar os inúmeros desmontes e cortes na educação, crescentes desde o golpe que interrompeu o governo de Dilma Roussef para instaurar um ultraliberalismo no Brasil. Tal perspectiva de governo veio implementando reformas antipopulares de austeridade no investimento público, sobretudo, no Ensino Básico, nas políticas de Cultura e no Ensino Superior, lideradas pelo presidente Jair Bolsonaro.

Além disso, esses jovens de caráter contestador, atualmente, continuam a atuar nos territórios, sejam eles periféricos ou não, através das lutas antirracistas, das lutas antipatriarcais, das lutas ambientais, a favor da cultura, da educação, do trabalho, entre outras. Ainda que a pobreza, a exploração e a vulnerabilidade socioeconômica se mantenham, a partir do projeto político vigente, os territórios

continuam a se organizar através de lutas concretas na perspectiva de continuar explicitando e desvendando a intencionalidade dos projetos políticos neoliberais em curso e anunciando outra perspectiva de vida através do Projeto Popular para o Brasil.

A cultura, a diversidade e as lutas concretas que movimentam o cotidiano das juventudes, são pautas historicamente negligenciadas pela sociedade brasileira. Entre elas, talvez a mais importante seja a busca de acesso e permanência no processo educativo formal, seja no ensino básico, seja no ensino superior. Compreendendo essa situação o Levante Popular da Juventude oferece a possibilidade de organização coletiva, viabilizando as pessoas “o reconhecimento da sua condição de sujeitos e a construção de possibilidades para que estes recuperem a sua capacidade de intervenção política.” (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, Carta Compromisso, s/d).

Nesse sentido, o papel do Levante Popular da Juventude é canalizar e disputar as Juventudes, organizando o seu potencial revolucionário como sujeito contestador, mobilizando-o para a construção do Projeto Popular para o Brasil. Para isso se coloca contra as práticas de governo neoliberais, o individualismo, os preconceitos de gênero, raça e classe, visando a afrontar as contradições que tocam as juventudes, transformando-as. Para isso, aposta na Educação Popular, uma vez que as bases epistemológicas do pensamento freireano confluem com a perspectiva de trabalho de base, horizonte das ações político-pedagógicas do movimento.

## **2.4 – O PROJETO POPULAR E PROJETO POPULAR PARA EDUCAÇÃO**

Todo projeto educativo tem que ser um projeto de humanização. Isso implica reconhecer a desumanização, ainda que seja uma dolorosa constatação. Juntar os cacos de humanidade de tantos milhões de brasileiros triturados pela injustiça, fome, provocadas pela brutalidade do capitalismo. Buscar a viabilização da sua humanização no contexto real, concreto do Brasil. Este é o desafio pedagógico do Projeto Popular: RECUPERA A HUMANIDADE ROUBADA DO POVO.

Miguel Arroyo



Como anunciado, o campo político do qual o Levante Popular da Juventude faz parte reafirma a necessidade e o compromisso com a construção de um Projeto Popular para o Brasil. Para a construção desse projeto, faz-se necessário despertar e canalizar as angústias do povo brasileiro a fim de mobilizar a sua organização, para o reconhecimento da desumanização e da opressão ocasionadas pelo projeto de sociedade capitalista neoliberal. Para recuperar a humanidade roubada do povo, faz-se necessária luta organizada dos diversos sujeitos que compõem a sociedade brasileira. O Levante, nesse sentido, aposta nas juventudes como sujeito contestador que precisa se reconhecer neste processo de luta.

Pautadas pelo socialismo, as juventudes se apoiam na construção do Projeto Popular (PP), como proposta de ruptura com a sociedade de classes, estruturada pelo capitalismo, que coloca o povo na condição de explorados e oprimidos pelo sistema. Em consonância à leitura de Freire, o campo do projeto popular acredita que apenas com uma transformação radical e revolucionária seja possível a superação da sociedade de classes em que se encontram explorados os oprimidos (FREIRE, 1989).

O Projeto Popular abarca uma série de reivindicações para garantir uma existência digna para as juventudes e tem como horizonte reduzir o desemprego, elevar a renda, diminuir a evasão escolar, aumentar a escolaridade, diminuir os índices de homicídios e de encarceramento das juventudes brasileiras, principalmente as juventude negras e periféricas, e difundir a democracia como concepção política para nação brasileira.

A proposta das e para as juventudes é investir nos jovens, apresentando e proporcionando condições necessárias para que eles desenvolvam projetos em suas comunidades. Promovendo assim, conhecimento para resoluções de problemáticas que permeiam a vida do povo trabalhador, sua comunidade e uma cultura democrática.

Esse projeto se baseia em três pressupostos: 1) o jovem deve ser o protagonista de sua história e da transformação de sua comunidade; 2) é necessário investir na coletividade, criando grupos que trabalhem juntos por um objetivo comum; é papel do Estado brasileiro dar as condições necessárias para que nossos jovens conquistem caminhos satisfatórios às suas vidas. O caminho para a vida digna dos jovens brasileiros é o investimento na coletividade e no protagonismo

juvenil. (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, Programa Popular para Juventude, 2022)

O movimento compreende que é através do trabalho de base aglutinando formação, organização e luta, em um vínculo permanente com as massas, que o projeto popular de sociedade será edificado. A construção deste projeto revolucionário se dá através da canalização das bandeiras de luta que unificam e aglutinam os jovens do campo popular, envolvendo esses sujeitos da classe trabalhadora, da cidade e do campo, a partir de suas potencialidades individuais, em prol da organização coletiva.

Entendemos que o projeto de país traduz as aspirações das lutas populares e a disputa desse projeto na sociedade acontece quando o povo entra organizado na história da construção nacional.

#### **2.4.1 - PROJETO POPULAR DE EDUCAÇÃO**

Se a educação sozinha não  
transforma a sociedade,  
sem ela tampouco a sociedade muda.

Paulo Freire

A ausência de uma proposta para o futuro da juventude, que integre formação, trabalho e renda, prejudica direta e indiretamente a permanência de muitos jovens na escola - em especial no Ensino Médio, e até mesmo na Universidade. Tal cenário tem nos deixado distantes da promessa de democratização do acesso, permanência e da garantia da educação como direito social da classe trabalhadora, assegurado e amparado pelo Estado e pela sociedade. O Levante, nesse sentido, compreende que para que ocorra uma transformação profunda na vida das juventudes brasileiras, é indispensável que haja mudanças estruturais no sistema educacional do país.

Isso porque, ao longo da construção de nossa sociedade, as instituições de ensino, assumiram a perspectiva de ensino acrítico, extremamente fragmentado e que não estabelecem conexões aparentes com a realidade social dos estudantes, problematizando-a. Disso decorre um ensino descontextualizado da realidade sócio histórica, que inviabiliza, em muitos casos, aos estudantes imersos no processo,

chances reais de intervenção na sociedade, que caminhem para a transformação profunda da sociedade desumanizadora

Hoje em dia, ainda que o acesso à educação formal tenha se tornado bem mais amplo em comparação ao nosso passado, o sistema educacional no país permanece operando de maneira desigual. Ou seja, a educação acaba reproduzindo as diferenças sociais e econômicas que existem na sociedade brasileira (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, ano). Assim, as camadas populares que passam por este sistema dificilmente ascendem socialmente.

A perspectiva de ascensão social ligada aos estudos pouco funciona para os filhos da classe trabalhadora, uma vez que a perspectiva de ensino pautado pelas tendências tradicionais se preocupa apenas em formar profissionais para exercerem uma mão de obra tecnicista. A tendência tecnicista opera na manutenção do sistema capitalista, alinhando-se com o sistema produtivo; para isso, seu interesse é apenas produzir indivíduos aptos para o mercado de trabalho, embora falte empregos formais e trabalhos que garantam prestígio social para as juventudes das camadas populares. Para que as juventudes construam uma alternativa de futuro, que vá para além do ofertado pelo Estado capitalista neoliberal, é preciso construirmos um Projeto Popular para Educação. Ou seja, um projeto de transformações profundas na educação do país que atenda aos interesses do povo.

Os movimentos de juventudes, nesse sentido, devem pautar um novo sistema de educação para o país, que atenda as demandas das juventudes, e que possibilite a construção de um Brasil soberano e popular para toda a classe trabalhadora. (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, ano). Após a sua nacionalização, em 2012, as principais bandeiras políticas encabeçadas pelo movimento Levante Popular da Juventude são a defesa e a luta por um Projeto Popular de Educação, que almeja educação pública em todos os níveis, gratuita e de qualidade, para a totalidade da juventude pobre e marginalizada, historicamente negligenciada pelas políticas sociais do Brasil.

A defesa deste projeto se estrutura a partir da perspectiva da Educação Popular e, de um modo geral, pauta mudanças estruturais na educação brasileira, que vão desde o acesso da juventude em todos os níveis escolares como também garantir sua permanência e a conclusão dos estudos e reformulações no currículo que estimulem a consciência crítica e a valorização da cultura e do povo brasileiro.

No interior do movimento, busca-se construir uma educação que se preocupa em formar os jovens para a garantia de uma vida íntegra, que possibilite acesso a trabalhos dignos e viabilize caminhos para a conquista de direitos básicos como a cultura e lazer. Pensando de maneira dialógica, de acordo com Paulo Freire (2009), a ideia deste projeto popular para a educação baseia-se no enfrentamento como resposta à educação bancária e às políticas desumanizadoras do neoliberalismo.

Segundo Gomes (2019), há a compreensão de que apesar de o Estado ofertar educação pública e gratuita, o Levante não entende como uma perspectiva popular. Pois ao mesmo tempo em que o Estado se faz um instrumento importante a ser disputado, muitas vezes também se mostra inimigo do povo, de acordo com as forças políticas conservadoras que ocupam o poder. Praticam, em grande parte, o antidiálogo e a imposição vertical das decisões curriculares, cortes de financiamento e constantes reformas que continuam excluindo e oprimindo mais do que incluindo.

A partir de 2013, o Levante inicia diferentes experiências de Cursinhos Populares, fundamentado na pauta de democratização de acesso ao ensino superior público. Estas foram: Pará, Amapá, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Rio Grande do Sul, tendo como o território de São João Del Rei - MG uma de suas primeiras experiências concretas. Em 2016, o movimento compreende a necessidade da articulação de uma rede que orientasse e trouxesse coesão para as diversas experiências que iam se forjando nas cinco regiões do país. Sendo assim, em 2017, houve a construção da Rede de Cursinhos Populares, fruto das experiências político-pedagógicas desenvolvidas pelo Levante Popular da Juventude, a Rede Podemos +.

A Rede em um dos seus primeiros levantamentos contabilizou a atuação de 46 cursinhos populares espalhados em 15 estados do Brasil. Tendo aproximadamente 55 turmas, 1500 educandos e 700 educadores populares (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2019). Com o desdobramento da pandemia em curso, esse número em 2020 reduziu significativamente. Nossa última contagem contava com 40 cursinhos, 48 turmas, 1147 educandos e 514 educadores aproximadamente.

O movimento trabalha com “Outros Sujeitos”, aos quais Miguel Arroyo (2014) nos direciona a atenção, que se fazem presentes em ações afirmativas nos campos, nas florestas, nas cidades, questionando as políticas públicas, resistindo à

segregação, exigindo direitos. Inclusive o direito à escola e à universidade. Segundo o autor, esses sujeitos, presentes em ações e movimentos, são presenças incômodas que interrogam o Estado, suas políticas agrárias, urbana, educacional e outras. Interrogam, também, a docência, o pensamento pedagógico, as práticas de educação popular e escolar.

A perspectiva que o Levante oferece é que esses “Outros Sujeitos” tenham a possibilidade de estarem organizados coletivamente para viver e para lutar. Fora da organização, as ações isoladas de um indivíduo, por mais válidas que sejam, não têm efetividade. Sendo assim, o Levante possibilita às pessoas o reconhecimento da sua condição de sujeitos e a construção de possibilidades para que estes recuperem a sua capacidade de intervenção política, no interior de um movimento social. (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, ano,).

É nessa significação de luta e educação que proponho fazer um recorte de uma experiência político-pedagógica de um cursinho popular articulado ao Levante, desenvolvido no território de São João Del Rei – MG, território no qual atuo – o Cursinho Popular Edson Luís.

### CAPITULO 3 - O CURSINHO POPULAR EDSON LUÍS

Quem cala sobre teu corpo  
Consente na tua morte  
Talhada a ferro e fogo  
Nas profundezas do corte  
Que a bala riscou no peito  
Quem cala morre contigo  
Mais morto que estás agora  
Relógio no chão da praça  
Batendo, avisando a hora  
Que a raiva traçou no tempo  
No incêndio repetindo  
O brilho do teu cabelo  
Quem grita vive contigo

Menino –  
Milton Nascimento e Ronaldo Bastos<sup>19</sup>

A epígrafe que escolhi para iniciar este capítulo é a canção Menino, de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos, que homenageia a luta travada em vida por Edson Luís, estudante secundarista que buscava melhores condições estudantis no Rio de Janeiro durante a ditadura militar, ocasionando a sua morte.

Desde o primeiro ano de experiência, o Cursinho Popular Edson Luís carrega esse nome em referência à trajetória política desse jovem militante secundarista, Edson Luís de Lima Souto, paraense, que migrou de seu estado natal para o Rio de Janeiro, em busca de melhores condições de vida a partir do estudo e do trabalho na região Sudeste do país. Para garantir as condições mínimas para sua existência, o menino vivia faxinando restaurantes no centro do Rio de Janeiro. Edson Luís cursava o equivalente ao ciclo do Ensino Fundamental quando tinha 17 anos.

O menino foi morto com um tiro no peito, à queima roupa, pela polícia militar, durante a ditadura de Costa e Silva, em 1968. Edson Luís foi o primeiro estudante morto, que se têm notícias na ditadura, lutava contra a alta do preço da comida e por melhores condições na cozinha e nas instalações do restaurante do Calabouço. Na busca de garantir melhores condições de alimentação para os estudantes, Edson Luís dedicou a sua vida.

O corpo do menino Edson Luís foi levado pelos estudantes em passeata até a Santa Casa, a centenas de metros do Calabouço. Confirmado o óbito, carregaram-

---

<sup>19</sup> A canção Menino foi gravada no álbum – Geraes em 1976.

no nos braços até a sede da Assembleia Legislativa, na Cinelândia, onde hoje funciona a Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Sua morte marcou o início de um ano turbulento de intensas mobilizações e levantes populares, organizado pelo movimento estudantil contra o regime militar. A partir disso, o governo autoritário endureceu suas medidas até decretar o chamado Ato Institucional – 5 (AI-5) momento mais repressivo e violento da ditadura na tentativa de conter a agitação popular propiciada pelo movimento estudantil.

Assim como o anúncio de ‘quem grita vive contigo’, entendemos enquanto movimento que, ao nomearmos nossas experiências político pedagógicas a partir de um jovem lutador do povo, ressignificamos sua luta no contexto atual, travando batalhas por melhores condições de educação para as classes populares. Gritamos e nos posicionamos em consonância ao legado de Edson Luís, presente em memória nas nossas atividades político-pedagógicas.

Como anunciado, a luta pela educação é uma das bandeiras defendidas pelo Levante Popular da Juventude, pois representa uma estrutura essencial para confrontar as conformações de poder impostas pela classe dominante, que, constantemente, tenta fortalecer a lógica do mercado, retirar a autonomia dos professores, impedir o desenvolvimento da consciência crítica dos grupos populares e diminuir os investimentos na educação pública.

Como consta na Cartilha da Rede de Cursinhos Podemos +, que articulam as experiências educativas do Levante, a luta que se estabelece na construção dos cursinhos:

É uma das tantas formas assumidas de resistência popular, na qual a classe trabalhadora exerce, através da educação, uma prática libertadora, e a partir da realidade imediata das famílias e dos territórios, demonstra o potencial da organização popular e a necessidade de transformações estruturais na realidade brasileira. (LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE, 2019, p. 6):

Com base na pauta de democratização de acesso das juventudes ao ensino superior público, o Levante Popular da Juventude tem construído diversas experiências político-pedagógicas pelo Brasil a fim de contribuir com a inserção da classe trabalhadora nas universidades do país. Atentos a isso, os jovens organizados na cidade de São João Del Rei - MG, em consonância às articulações estaduais e nacionais, intencionaram a construção de uma experiência político-pedagógica de Educação Popular, tendo como prioridade a juventude em situação

de vulnerabilidade socioeconômica da cidade e da região. O que se tornou uma das primeiras experiências concretas de cursinho articulado ao Levante e à Rede.

### **3.1 – A HISTÓRIA DO CURSINHO POPULAR EDSON LUÍS**

A construção do Cursinho Popular Edson Luís se inicia a partir de um planejamento municipal de jovens militantes do Levante Popular da Juventude no território da cidade de São João del-Rei – MG, em 2013. Pensando na necessidade de estruturação de uma “célula territorial<sup>20</sup>”, os jovens do Levante começaram a se organizar e mobilizar a estruturação de uma experiência de cursinho popular em preparação para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), como forma de ingresso no Ensino Superior público.

Em 2013, os militantes dão início à construção do Cursinho Popular Edson Luís a partir de aulas de reforço e oficinas de redação, em parceria com a Escola Estadual João dos Santos, localizada no centro da cidade. Ainda sem uma equipe de professores que lecionassem todas as disciplinas, nem um material didático adequado próprio, houve a mobilização de alguns jovens alunos que estudavam na escola para dar início às atividades educativas do Cursinho Popular Edson Luís.

No ano seguinte, em 2014, os militantes se mobilizaram para unir um coletivo de educadores alinhados à perspectiva da Educação Popular, esses, em sua maioria estudantes dos cursos de Licenciatura da UFSJ. Foi quando se formou a primeira turma regular do cursinho, com a inscrição de aproximadamente 50 estudantes. Nesse primeiro ano, o Cursinho Popular Edson Luís não tinha condições estruturais de sala de aula para desenvolver suas atividades. Desse modo, os militantes buscaram parcerias com escolas públicas na cidade e a primeira turma teve lugar na Escola Municipal Pio XVII, localizada em um bairro periférico da cidade.

Como a estrutura das salas de aula da escola comporta aproximadamente 30 estudantes por turma, o coletivo de jovens que compunham a coordenação político-pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís direcionou os 20 excedentes para uma turma de grupo de estudos. Porém, durou pouco tempo devido ao alto índice de evasão, problemática que permeia a vida do cursinho até o momento atual.

---

<sup>20</sup> Método organizativo e de atuação do movimento Levante Popular da Juventude.



A estruturação inicial do cursinho teve muita influência do EducAfro, rede de cursinhos pré-vestibulares, que tem como objetivo principal inserir as populações negras, indígenas, migrantes, LGBTQIA+ e das camadas populares nas universidades públicas. No seio de suas atividades, a rede de cursinhos do EducAfro luta para que o Estado cumpra com suas obrigações, através de políticas públicas e ações afirmativas na educação, voltadas para a população negra e pobre.

Desde o princípio, a vertente educativa que fundamenta as ações político pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís é a Educação Popular. Tal concepção educativa se estrutura mediante as práticas educativas dialógicas, nas quais a relação educador-educando se constroem a partir do diálogo e de uma relação verdadeira entre ambos. Para Freire (ano) a condição verdadeira de diálogo só pode ocorrer quando ambos os sujeitos que dialogam têm o direito de dizer a sua palavra, a qual é construída a partir da sua realidade social. Ou seja, para que o diálogo aconteça ambos necessitam estarem abertos a uma escuta autêntica do que o outro diz. É nesse processo de diálogo verdadeiro que os sujeitos, mediatizados pelo mundo, podem refletir sobre o mundo que os cerca.

Em uma perspectiva de construir horizontes pedagógicos de maneira coletiva, através do diálogo, estabelecendo acordos coletivos, onde educador e educando têm o direito de dizer a sua palavra, os educadores populares do Cursinho Popular Edson Luís propõem uma série de acordos no início de cada ano, na perspectiva de estabelecer compromissos coletivos para o ano letivo. Dentre esses acordos estão o compromisso com as aulas e os horários das mesmas, o compromisso com a manutenção e limpeza do espaço físico, a viabilidade do Cursinho Popular Edson Luís conseguir passagens para os alunos que moram longe, dentre outros acordos.

Abaixo, escolhi uma fotografia da primeira turma de estudantes do Cursinho Popular Edson Luís, na qual os educadores iniciam a construção dos acordos coletivos entre educadores e educandos:



Imagem 2 – Aula da 1ª Turma Regular do Cursinho Popular Edson Luís na Escola Municipal Pio XVII, 2014

Fonte: Arquivo fotográfico do CPEL

Nessa fotografia é possível observar os educadores apresentando a proposta político-pedagógica do cursinho para a turma e construindo com os educandos os acordos coletivos. Uma série de compromissos e responsabilidades, tanto dos educadores como dos educandos, para a construção cotidiana das experiências educativas.

No ano seguinte, em 2015, as atividades político-pedagógicas aconteceram no Centro Comunitário da Comunidade do São Dimas com o atendimento a aproximadamente 30 estudantes. Com muitos problemas estruturais, sem condições adequadas para comportar os alunos nem uma estrutura de sala de aula apropriada e baixos recursos financeiros que cobrissem os gastos necessários às atividades pedagógicas, os militantes do Levante vislumbraram a potencialidade da extensão em proporcionar ao cursinho melhores condições para atender os estudantes e a comunidade de um modo geral.

Naquele ano, portanto, há a iniciativa, por parte dos militantes do Levante, de articular a proposta político-pedagógica a um projeto de extensão na UFSJ. Este pilar universitário tem como fundamento a articulação do conhecimento científico resultante do ensino e da pesquisa com as necessidades da comunidade onde a

universidade se insere, interagindo e transformando a realidade social local, fundamentação central das atividades político-pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís.

A Extensão Universitária se caracteriza sob a indissociabilidade entre a tríade: ensino, pesquisa e extensão. Constitui-se através de um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade. Contudo, na contramão desta proposta, a extensão universitária muitas vezes tem sustentado um panorama assistencial que desconsidera outros saberes que não os produzidos pela universidade (FORPROEX, 2012).

A perspectiva assumida pelas concepções assistencialistas compreende a Extensão Universitária como a transmissão vertical do conhecimento, na qual a universidade proporciona um serviço de assistência às classes populares. A universidade neste sentido estende seu conhecimento e suas técnicas à população, sem conhecer a cultura, o saber e as problemáticas sociais que permeiam a vida das classes populares e de que maneira essas comunidades gostariam de dialogar com a ciência produzida na universidade.

Essa concepção sustenta que aqueles que ‘detêm’ o conhecimento- as “elites” intelectuais o estende àqueles que não têm, no caso o povo. Em paralelo, é a mesma perspectiva educativa assumida pela educação bancária ao “depositar” o conhecimento nos estudantes que nada sabem, os quais serão preenchidos pelo conhecimento transmitido pelo educador (FREIRE, 2021).

Freire (2022), na obra *Extensão ou Comunicação*, nos faz refletir sobre a perspectiva deste caráter extensionista assistencial que, muitas vezes, as universidades assumem nomeando-a de invasão cultural, uma vez que assumem uma postura de ir à determinada comunidade, sem dialogar e de uma forma invadir aquele espaço com o conhecimento ‘salvador’ produzido na universidade, contrária ao diálogo. E propõe o termo comunicação, como posição antagônica ao caráter extensionista aqui criticado (FREIRE, 2022).

O Cursinho Popular Edson Luís, em contrapartida, se afasta desta concepção assistencialista, uma vez que constrói suas práticas formativas enquanto instrumento de transformação social. O que propomos enquanto organização é uma extensão de caráter popular por construir suas experiências político-pedagógicas

para e com as diferentes classes populares, usufruindo do espaço universitário para proporcionar o acesso de mais filhos da classe trabalhadora ao ensino superior.

Ao escolhermos denominar o que o Cursinho Popular Edson Luís tem realizado uma extensão de caráter popular, é necessário trazer à tona três aspectos estruturais para esta concepção de Extensão Universitária. O primeiro aspecto a ser considerado se refere ao que diz a origem do termo popular - o popular que se origina no povo; o segundo, à concepção metodológica - é necessário um procedimento que estimule a participação, a emancipação e a busca da cidadania; o terceiro, ao posicionamento político e filosófico - é fundamental uma dimensão propositivo-ativa voltada para o interesse das classes trabalhadoras (MELO NETO, 2014).

Em confluência com tais aspectos, nos organizamos<sup>21</sup> para que os interesses das classes populares sejam priorizados no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, nos voltamos a uma formação inicial, seja de professores seja dos diversos profissionais que constroem o cursinho e se reconhecem enquanto profissionais da Educação, ocupando um espaço distinto de outros ambientes educacionais hegemonicamente formados nos múltiplos setores das Universidades. Sendo que, grande parte dos currículos institucionais desses sujeitos corrobora para uma perspectiva tradicional de ensino, ou seja, uma educação bancária.

Nesse sentido, nos propomos à resistência reflexiva na elaboração deste projeto de extensão, na perspectiva de alinhar teoria e prática da Educação Popular como fundamentação teórico-metodológica, vivenciando assim a práxis. Buscamos construir uma perspectiva educativa fundamentada na práxis da Educação Popular, seja com os nossos educandos, seja com os nossos educadores, ambos sujeitos envolvidos no processo formativo de construção do Cursinho Popular Edson Luís. A extensão popular, na qual nos apoiamos, tem como propósito a criação de ações para a construção de uma educação mais humanizadora e crítica no ambiente universitário, que vise a possibilitar uma formação de profissionais da educação socialmente comprometidos, propiciando o diálogo verdadeiro entre os setores populares e a universidade.

Não buscamos prestar serviços pontuais, de caráter assistencial, por meio dos quais são solucionados problemas específicos, na perspectiva de não se

---

<sup>21</sup> Como anunciado anteriormente, utilizo a primeira pessoa do plural por também me incluir na construção das ações do CPEL.

envolver com suas causas estruturais (CRUZ, 2011). Pelo contrário, assumirmo-nos enquanto educadores populares significa estarmos de forma intrínseca no desvelamento sobre o porquê desses problemas acontecerem e como o conhecimento científico produzido nas universidades é fundamental na resolução e superação dos mesmos.

Cabe salientar que, com o vínculo à extensão universitária, o cursinho cresceu significativamente e as parcerias com amplos coletivos na cidade foram ganhando densidade, momento em que as ações do Cursinho Popular Edson Luís ganham ampla visibilidade na cidade e na região. Nesse momento, a oferta de vagas para estudar no cursinho popular passa a ser difundida por igrejas, associações de bairro, pelos centros acadêmicos dos cursos de licenciatura, atingindo um número cada vez maior de pessoas.

A partir de 2016 até o ano de 2018, a estruturação do cursinho ocorreu no Sindicato dos Metalúrgicos de São João del-Rei/MG, outra forte parceria de organização política estabelecida pelo Levante na cidade. No ano de 2016, houve um aumento da procura de estudantes para ingressar no Cursinho Popular Edson Luís, ocorreram 94 inscrições; já em 2017, houve mais de 60 inscritos e no ano de 2018, 69 pessoas se inscreveram no processo seletivo. O atendimento ao longo desses anos girou em torno de 30 estudantes por ano.

A partir do ano de 2017 incorporamos a partir do cronograma de nossas disciplinas um momento denominado Encontro Crítico. Esse espaço foi pensado na perspectiva de garantir discussões de modo interdisciplinar de temas sociais contemporâneos urgentes e transversais a todas as disciplinas específicas de área. Tais temas são problematizados e levantados pelos educandos nas primeiras aulas do período e surge uma pluralidade de enfoques a serem discutidos pelos estudantes, como violência, aborto, feminicídio, questões ambientais, direitos humanos, racismo, lgbtfobia, entre outros. Momento importante para explorar ainda mais a Educação Popular.

De 2019 em diante, as atividades do Cursinho Popular Edson Luís passam a acontecer no *campus* Dom Bosco da UFSJ. Nesse ano, tivemos um aumento expressivo de inscrições, atingimos o número de 261 inscritos, o que ocasionou uma seleção destes estudantes, uma vez que não tínhamos condições físicas, estruturais e nem educadores o suficiente para atender todos os alunos. Acreditamos que o

aumento significativo de estudantes procurando o cursinho ocorreu devido à projeção que o Cursinho Popular Edson Luís foi tomando nos seus últimos anos a partir da extensão, momento em que vários setores da universidade e fora dela foram tomando ciência de nossas ações, o que contribui para a divulgação de nossas atividades político-pedagógicas.

Com a chegada da pandemia de Coronavírus em 2020 foi necessário que o coletivo compreendesse a nova conjuntura em uma perspectiva de reestruturar a organização do cursinho para a continuação dos trabalhos político-pedagógicos no formato remoto, que será melhor explorado a seguir. Nessa seção, cabe salientar que mesmo em situação atípica, o cursinho permaneceu ativo, como também ampliou sua atuação. O coletivo se reinventou nas atividades virtuais, promovendo formações específicas para os educadores compreenderem as implicações educativas na prática docente vivenciadas nesse período.

Além disso, houve a compreensão coletiva sobre a necessidade de um acompanhamento mais aprofundado com os educandos, na busca de compreender quais demandas cada estudante necessita para a continuação de seus estudos no formato a distância. Nesse sentido, houve uma campanha de doação para garantir a assistência e a permanência estudantil, durante o ensino emergencial, através da distribuição de cestas básicas, produtos de higiene pessoal, computadores, acesso à internet, livros e acesso a informações sobre o auxílio emergencial <sup>22</sup>.

O Cursinho Popular Edson Luís, nesse período, manteve a média anual de seu atendimento às classes populares, durante os dois anos, chegando a um número de aproximadamente 50 estudantes por ano. Assim, o cursinho fez a manutenção do trabalho político-pedagógico, continuando a contribuir com o acesso dos filhos e filhas da classe trabalhadora no Ensino Superior.

Em 2021, com a renovação do programa de extensão na UFSJ - que ocorre a cada dois anos - e a sua aprovação<sup>23</sup>, o Cursinho Popular Edson Luís se dedicou a fortalecer novas ações para além do já consolidado pré-ENEM. Nesse sentido, o cursinho desde então tem se dedicado à construção de um material didático próprio que auxilie os educadores em sua práxis e abra novos caminhos para a construção da Educação Popular no interior do programa.

---

<sup>22</sup> Auxílio Emergencial foi um programa criado pelo Governo Federal em abril de 2020 para auxiliar trabalhadores sem carteira assinada, autônomos, microempreendedores e desempregados durante a crise econômica gerada pela pandemia do coronavírus.

<sup>23</sup> Edital 002/2020/UFSJ/PROEX, tendo sido aprovado e contemplado com três bolsas de extensão.

Com os desdobramentos da pandemia houve a necessidade de compreensão por parte dos educadores populares que constroem o cursinho em aprofundar a concepção de acompanhamento, seja dos educandos, seja dos educadores. Nesse sentido, o Cursinho Popular Edson Luís iniciou parcerias com outros setores na UFSJ. Uma dessas parcerias se estabeleceu com o departamento de Psicologia da Universidade, na busca de proporcionar aos estudantes e aos educadores melhores condições psicossociais para enfrentar esse momento atípico. Nesse sentido, foi criada outra nova frente de atuação, o Acompanhamento e Orientação Profissional para auxílio aos educandos do cursinho no processo de escolha de suas profissões.

Dessa parceria, houve um acompanhamento tanto com os educandos como com os educadores, a partir de problematizações sobre o mundo do trabalho. No trabalho desenvolvido por essa frente de atuação são construídos grupos de trabalho na perspectiva de provocar problematizações a partir do que os próprios estudantes e educadores trazem como experiência, para que possam através do discurso acessar as questões que permeiam o cotidiano das práticas profissionais. Os grupos são importantes metodologias de trabalho, uma vez os sujeitos tomam decisões através de suas reflexões e das reflexões dos colegas. Nesse sentido, esse espaço possibilita que os sujeitos possam refletir e tomar suas decisões sobre o mundo do trabalho de forma mais dialógica, crítica e refletida coletivamente.

Outra frente de atuação inaugurada a partir da vigência do novo programa de extensão é a construção de uma pesquisa de História Oral, tendo como produto final dessa frente a produção de um documentário relativo à memória do Cursinho Popular Edson Luís. Registro no qual se pretende documentar as experiências vivenciadas no interior do cursinho, com o objetivo de socializar suas práticas com outros cursinhos populares e para a formação de uma identidade própria. Nesse sentido, o cursinho tem estreitado relação com o Laboratório de Imagem e Som (LIS) vinculado ao Departamento de Ciências Sociais da UFSJ.

Além disso, o programa vem construindo, até o presente momento, uma Biblioteca Popular no Centro Comunitário São Dimas, território em que o Cursinho Popular Edson Luís já desenvolveu suas atividades político-pedagógicas em um momento anterior. A intenção do cursinho é a construção do espaço como um lugar de práticas democráticas que auxilie e fomente o debate sobre a cultura, buscando construir uma perspectiva multidisciplinar e cultural no território do Centro

Comunitário do bairro São Dimas. Um espaço que permita uma reflexão e articulação entre os saberes populares produzidos pela comunidade e os saberes produzidos no ambiente acadêmico. É de intenção do coletivo compreender quais necessidades a comunidade demanda, em uma perspectiva de ampliar a atuação do Cursinho Popular Edson Luís através da Educação Popular, fomentando o potente diálogo entre a tríade universitária: Pesquisa, Ensino e Extensão.

A proposta do cursinho é que o Centro Comunitário do São Dimas seja um Centro de Referência Cultural para a comunidade sãojoanense, e que o diálogo construído no interior desse processo viabilize suprir aos sujeitos que vivenciam esse espaço lacunas que deveriam ser ofertadas pelo Estado, como lazer, cultura, esporte, educação e socialização. Nesse sentido, o Cursinho Popular Edson Luís propõe que as reflexões político-pedagógicas construídas nesse espaço despertem e canalizem o poder de intervenção do povo sobre a própria realidade e contribuam para a superação da desigualdade em nosso país. Tal frente de atuação viabilizou um estreitamento das relações com o Grupo de Pesquisa de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico (GECDiP), vinculado ao Departamento de Ciências da Educação da UFSJ.

O principal objetivo do Cursinho Popular Edson Luís, desde o início, é contribuir com o ingresso de educandos oriundos de classes populares no ensino superior. Compreendemos que o meio acadêmico é, tradicionalmente, um espaço que privilegiou os setores mais abastados da sociedade, sendo assim, urge a necessidade de que este espaço seja ocupado pelas mais diversas classes sociais. Nesse sentido, entendemos que “Pintar a universidade de povo” é um ato que impacta positivamente a própria universidade pública, uma vez que a academia se torna ainda mais forte, quanto mais diversa ela se constituir. Compreendemos que a universidade se fortalece e cresce quando é plural e democrática.

A entrada destes jovens nas universidades impacta suas vidas em diferentes aspectos, seja a partir da criação de novas oportunidades materiais, via formação superior, seja a partir da oportunidade de construir conhecimento junto à academia. Para além do acesso à universidade, o Cursinho Popular Edson Luís ainda impacta o meio em que atua a partir do auxílio à formação de jovens e adultos que compreendem, criticam e buscam transformar a realidade. Sem deixar de valorizar a



diversidade do povo brasileiro, conhecendo nossa história, nossa arte, cultura e potência rumo à transformação da sociedade marcada pela desigualdade social.

Além disso, com as novas frentes de atuação, o Cursinho Popular Edson Luís tem ampliado suas ações na perspectiva de potencializar o diálogo entre Movimento Social, Educação Popular e Extensão. Tendo sempre como horizonte de suas ações o encontro com o povo e seus saberes, na tentativa de viabilizar que as ações político-pedagógicas construídas pelo coletivo do Cursinho Popular Edson Luís confluem para uma perspectiva de trabalho de base. Tal perspectiva visa a suprir demandas reais do povo, problematizando-as a partir do modelo econômico vigente em que estamos inseridos.

Ao longo desses nove anos de existência, o Cursinho Popular Edson Luís estreitou relações com diversos territórios em São João del-Rei, como a Escola Municipal Pio XVII, em 2014; a Associação Comunitária do São Dimas, em 2015; a Escola Estadual Ministro Gabriel Passos, em 2017; e as comunidades do São Dimas, Tijuco e Senhor dos Montes, como também estreitou relações com outros setores na universidade, através do Departamento de Psicologia, departamento de Ciências Sociais e do Departamento de Educação da UFSJ.

Além disso, auxiliou o acesso de diversos jovens da cidade de São João del-Rei e região ao ensino superior público, atrelado a uma perspectiva de educação emancipatória, além de contribuir com a formação inicial e continuada de inúmeros educadores populares<sup>24</sup>, em sua maioria, discentes da UFSJ – permitindo o enriquecimento de suas experiências, seja na licenciatura, seja nos demais cursos ofertados pela universidade.

O Cursinho Popular Edson Luís possibilita aos profissionais em formação inicial e continuada de diversas áreas entrarem em contato com um ambiente educacional e conhecerem, a partir da práxis, a realidade da educação em nosso país. Esta experiência oferece uma possibilidade bastante singular no meio acadêmico, que é a formação dos discentes a partir da vivência em práticas de Educação Popular, temática ainda muito distante dos cursos de licenciatura.

Compreendemos que esta experiência agrega muito à formação dos integrantes do programa, uma vez que a troca dialógica com outras áreas do conhecimento, assim como pensar a construção da organização do Cursinho

---

<sup>24</sup> Em sua maioria estudantes das Licenciaturas da UFSJ bem como da Administração, da Psicologia, Pedagogia, Jornalismo e da pós-graduação da UFSJ e de outras universidades.

Popular Edson Luís para além da sala de aula, são práticas também pouco exploradas nos cursos de licenciatura.

Abaixo, escolhi uma fotografia de um espaço formativo durante o período do Ensino Remoto.

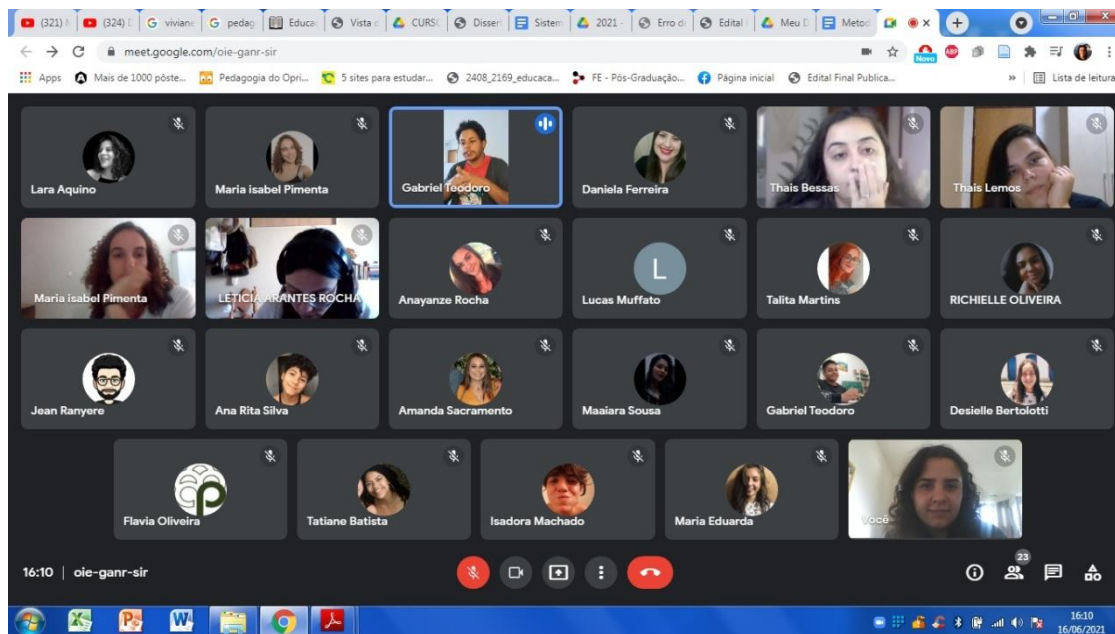


Imagem 3: Espaço Formativo desenvolvido durante o Ensino Remoto

Fonte: Arquivo fotográfico do CPEL

No caso desta fotografia, a formação em questão teve como objetivos refletir sobre: o legado dos movimentos sociais para construção do Levante Popular da Juventude; o Projeto Popular e o Projeto Popular de Educação do movimento; o histórico do Cursinho Popular Edson Luís e a relação com os movimentos sociais; possibilitar reflexões acerca do conceito de Educação Popular e os movimentos sociais.

Desde o princípio, a organização compreende que a perspectiva teórico-metodológica de construção de uma experiência alinhada à Educação Popular, deve se dar de maneira a se distanciar da maioria das atividades educativas institucionais, com práticas hierárquicas e burocratizantes, que não dialogam com os diversos sujeitos envolvidos no processo. E que corroboram em grande parte para que as decisões político-pedagógicas sejam centradas em um grupo seletivo de sujeitos.

Cabe salientar que as tendências tradicionais de ensino formam a maioria dos sujeitos que constroem as experiências político-pedagógicas do cursinho, sejam

nossos educandos ou nossos educadores, sejam elas vivenciadas no ensino básico ou no ensino superior. Este é um dos fatores que provocam enormes desafios para a construção cotidiana do Cursinho Popular Edson Luís até os dias atuais, uma vez que a perspectiva da Educação Popular ainda é uma concepção muito distante da formação inicial desses sujeitos.

A seguir aprofundarei a perspectiva organizativa do Cursinho Popular Edson Luís.

### **3.2 – A ORGANIZAÇÃO EM NÚCLEOS**

No que tange a estrutura e funcionamento do Cursinho Popular Edson Luís, ele se organiza de maneira a se distanciar das concepções tradicionais de ensino, estruturando suas atividades a partir de núcleos de atuação. Além dos educadores populares que lecionam as disciplinas específicas do cursinho como os professores responsáveis pelo Português, Matemática, Física, Química, Biologia, Filosofia, Inglês, Espanhol, Filosofia, Sociologia e Redação, há aqueles educadores que não conduzem a sala de aula especificamente, ficando por conta das questões estruturais e organizativas do Cursinho Popular Edson Luís

Os núcleos são escolhidos por afinidade de cada educador popular, tendo como base, sua área de atuação profissional. Faz parte do processo de gestão da coletividade, onde a estrutura da gestão possibilita que todos dialoguem e decidam. O núcleo é onde cada educador popular torna-se coletivo, pensa e discute coletivamente. Cada núcleo se reúne pelo menos uma vez por semana, e a reunião tem como intencionalidade: a discussão de pontos internos do núcleo, como questões de acompanhamento dos seus membros, planejamento da coordenação do dia na Coordenação Político Pedagógica (CPP), que será melhor discutida a seguir, na coletividade e socialização dos encaminhamentos e debates propostos pelo núcleo. Além disso, é um espaço destinado ao estudo de questões que permeiam o cotidiano do núcleo. Por exemplo, o núcleo de Biblioteca Popular destina parte do tempo de suas reuniões para compreender a dimensão de Biblioteca Popular para o Cursinho Popular Edson Luís.

Compreendemos que este trabalho, a partir dos núcleos de atuação, cumpre um caráter formativo aos educadores populares, uma vez que esta perspectiva de gestão democrática em muitas vezes não está presente na formação inicial dos

professores nas diversas disciplinas e estágios curriculares dos cursos de licenciatura em que se formam.

A partir da perspectiva de Educação Popular, na qual o diálogo é crucial para a construção coletiva de significados e conhecimentos que transformem a educação e a sociedade, faz-se necessário que as decisões cotidianas, que permeiam as experiências político-pedagógicas do cursinho, sejam tomadas em espaços coletivos de decisão, de forma que tanto os educadores populares, quanto os estudantes e seus familiares possam contribuir para a construção ativa das atividades que envolvem o cotidiano do Cursinho Popular Edson Luís. Para tanto, a metodologia utilizada é a organização em núcleos de atuação, que é onde as decisões são pensadas coletivamente.

Cabe salientar que a metodologia de núcleos utilizada pelo Cursinho Popular Edson Luís é uma diretriz apontada pela Rede de Cursinhos Podemos +, que organiza as experiências político-pedagógicas do Levante Popular da Juventude. Não como uma orientação estrita e inquestionável, mas como uma forma de organização e atuação que permite que as decisões cotidianas do coletivo sejam discutidas e repensadas nos diversos núcleos que compõem o Cursinho Popular Edson Luís. E que cada cursinho, em seus diversos territórios, tem a autonomia para criar os núcleos necessários para a melhor atuação do trabalho político pedagógico.

Nossa concepção de gestão e atuação recebe bastante influência da Pedagogia do Movimento Sem Terra<sup>25</sup>, onde a gestão democrática possibilita que todos participem ativamente das decisões tomadas nos núcleos. Todo o processo de participação e organização em núcleos perpassa pelo processo formativo de mediar, coordenar ou de saber manejar o conjunto das fases da gestão democrática.

Cada educador popular que compõe o núcleo perpassa pelas diversas funções de gestão presentes nos núcleos. Como, por exemplo, o planejamento para a tomada de decisões sobre as pautas referentes aos núcleos; a questão sobre distribuição e divisão de tarefas, organização do trabalho e a execução das mesmas; relatoria das reuniões e a mística, elemento cultural que inaugura nossas reuniões.

Além da construção dos núcleos, o Cursinho Popular Edson Luís conta com um espaço assemblear que é denominado Coordenação Político Pedagógica (CPP), a qual acontece quinzenalmente com a presença e participação de todos os núcleos

---

<sup>25</sup> Pedagogia do Movimento Sem Terra – Roseli Salete Caldarte (2012)

e educadores populares que constroem esta experiência e será descrito a seguir. Outro ponto importante de anunciar é que parte dessas descrições aqui colocadas serviu para a sistematização das atribuições de cada núcleo do programa de extensão que o Cursinho Popular Edson Luís submeteu no último ano, como perspectiva de ampliação de nossas ações.

- **Núcleo da Secretaria e Finanças-** É o núcleo que realiza as funções destinadas a manter os registros e arquivos de documentação dos educadores e educandos que constroem o cursinho. Sejam os documentos destinados à inscrição no Cursinho Popular Edson Luís, seja para emitir certificado de participação dos educadores, seja também para formular o processo de desligamento dos educadores quando esses precisam se desvincular do projeto de extensão. Este núcleo também é responsável pelo diálogo entre o cursinho e a UFSJ, o que viabiliza as condições estruturais e físicas para as atividades práticas cotidianas. Por exemplo, seja na questão que toca à impressão de materiais didáticos para os educandos, seja para conseguir uma sala física para a reunião dos educadores populares. O grupo é responsável, ainda, por administrar os recursos financeiros do cursinho, destinando-os para atividades a serem realizadas, que demandam despesas, e pensar em novas formas de captar recurso para o desenvolvimento de nossas atividades.
- **Núcleo de Acompanhamento dos Educandos** - É o núcleo que acompanha de forma mais próxima os educandos. Ele tem como finalidade acompanhar o processo de aprendizado dos estudantes, bem como quais demandas os estudantes necessitam para desenvolver suas atividades pedagógicas, se estão conseguindo compreender os conteúdos das disciplinas específicas, se estão tendo alguma dificuldade no processo de aprendizagem ou se precisam de algum auxílio (escolar, material e/ou psicológico entre outros). Este núcleo deve estabelecer conversas periódicas com os estudantes, identificando possíveis demandas e de quais maneiras essas demandas podem ser solucionadas. Além disso, é o núcleo responsável para propor espaços de estímulo à participação das educandas e dos educandos na construção

cotidiana do cursinho. Outra responsabilidade do mesmo é construir avaliações sobre a estrutura político-pedagógica do cursinho junto com os educandos. Nesta avaliação estão presentes questões como o formato das aulas, como as aulas são ministradas, quais as questões estruturais que devem ser fortalecidas e/ou melhoradas, dentre outras.

- **Núcleo de Acompanhamento dos Educadores** – Este núcleo tem como responsabilidade acolher as demandas e angústias dos educadores populares que constroem o cursinho a fim de propor soluções para tais demandas. Questões como o que tange à formação dos mesmos relacionado à Educação Popular, bem como o que toca às questões físicas e estruturais da sala de aula. Este núcleo estabelece conversas periódicas com os educadores, identificando possíveis demandas e pensando de que maneira auxiliá-los. Constituído majoritariamente por integrantes do curso de pedagogia e psicologia, está em constante diálogo com o núcleo de formação.
- **Núcleo de Formação** - Este núcleo é responsável por realizar as formações sobre Educação Popular com todos os educadores populares envolvidos na construção cotidiana do Cursinho Popular Edson Luís. Este núcleo deve sempre zelar pela formação dos novos e antigos educadores e tem como perspectiva compreender quais as demandas formativas do coletivo na perspectiva de auxiliá-los para que sua práxis seja cada vez mais coerente com a Educação Popular. Neste sentido, cabe ao núcleo compreender qual é o perfil formativo dos educadores que chegam ao cursinho e proporcionar espaços formativos permanentes, agregando os vivenciamentos daqueles educadores que têm proximidade com a Educação Popular, juntamente com os educadores recém chegados e que nunca tiveram esta experiência formativa.
- **Núcleo de Comunicação (Articulações Interna e Externa)** – Este núcleo é responsável por fazer a comunicação e divulgação das atividades político-pedagógicas do cursinho. Esta divulgação acontece tanto para os estudantes

que se inscrevem no cursinho, referente a prazos para inscrição do ENEM, SISU, PROUNI e FIES, como também divulga informações pertinentes a acesso de programas de extensão universitária que contemple estes educandos. Além disso, ficam a encargo do núcleo as divulgações à comunidade externa do Cursinho Popular Edson Luís, para que recebam informações relevantes sobre seu trabalho e divulguem processos seletivos de estudantes, professores e colaboradores, editais e eventos, entre outras demandas que surgirem no cursinho. É sua função organizar os materiais audiovisuais produzidos pelo coletivo, administrar as redes sociais e articular uma comunicação interna e externa efetiva.

- **Núcleo Político-Pedagógico** - É o grupo responsável pela organização político-pedagógica no território de São João del-Rei - MG. Neste espaço, são discutidas as questões conjunturais, que permeiam a educação no cenário político atual, como as questões político-pedagógicas e estruturais mais urgentes para o funcionamento cotidiano do cursinho. Além disso, cabe a este núcleo a discussão sobre os bolsistas que constroem esta experiência, bem como o planejamento das ações desenvolvidas pelos mesmos; articulação para melhor desenvolvimento estrutural do cursinho seja através de novas salas, ou recursos midiáticos para nossas ações; articulação com parcerias e coletivos que desenvolvem ações populares no território de São João del-Rei e região; bem como estruturar a avaliação das atividades político-pedagógicas desenvolvidas pelo cursinho. Este núcleo é composto por um ou mais integrantes de cada núcleo do cursinho, sendo assim, um núcleo de articulação de todos os núcleos bem como das atividades desenvolvidas pelo Cursinho Popular Edson Luís. Este espaço é acompanhado pela professora coordenadora do programa de extensão.
- **Coordenação Político-Pedagógica (CPP)** – A coordenação político-pedagógica é o espaço assemblear onde ocorrem as discussões sobre as pautas que permeiam as atividades político-pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís. Elas acontecem de 15 em 15 dias e há uma rotatividade entre os núcleos na mediação e organização das pautas a serem discutidas. Além disso, o núcleo responsável por mediar a CPP tem a responsabilidade de

relatar o que for decidido e encaminhar determinadas pautas pertinentes aos núcleos responsáveis. É o espaço dialógico que envolve toda construção do cursinho, nele ocorrem os direcionamentos e diálogo de todas as atividades que permeiam os estudantes, os educadores e a comunidade que circunda o cursinho. Este espaço deve ser composto por todos os educadores e educadores, representação das/os educandas/os, a comunidade e o núcleo político-pedagógico.

A seguir, desenvolvi um modelo representativo da composição dos núcleos que compõem o Cursinho Popular Edson Luís. Eles devem estar em constante diálogo para o desenvolvimento das atividades político-pedagógicas acontecerem de maneira dialógica. A CPP está representada ao meio, por não se conceber como um núcleo propriamente dito, e sim um espaço de discussão e integração entre todos os núcleos do cursinho.



Imagem 4 – Representação dos núcleos de atuação do CPEL.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Além dos núcleos apresentados anteriormente, há também núcleos que estão se estruturando, devido à necessidade observada pelo coletivo, como essenciais à nossa prática político-pedagógica. Estes, em especial, foram pensados a partir da renovação do programa de extensão da UFSJ, com a perspectiva de auxiliar a



ampliação de nossas atividades, aproximando-nos, cada vez mais, da Educação Popular, e de cursos acadêmicos que estejam dispostos a construí-la. Estes são:

- **Biblioteca Popular** – Este núcleo tem como perspectiva a construção e manutenção da Biblioteca Popular, iniciativa do Cursinho Popular Edson Luís. A partir da definição do espaço físico, que se estabeleceu a partir de um território onde já desenvolvemos nossas atividades político-pedagógicas – o Centro Comunitário do São Dimas – o núcleo tem como atuação a organização do acervo, que conta com a doação de parceiros da cidade e região como também da editora Expressão Popular. Cabe ao núcleo a organização sobre a logística de funcionamento, a proposição de vivências educativas, artísticas e culturais no centro comunitário. A Biblioteca Popular, assim como as experiências propositivas de Freire, tem como perspectiva a construção de múltiplas experiências culturais e não segue a perspectiva tradicional de biblioteca como um “depósito silencioso de livros” (FREIRE, 2001, p.33). Mas um espaço que permita à comunidade se engajar nas múltiplas perspectivas de leitura para ler, assim, a realidade em que vivem. Há como perspectiva, possibilitar a criação de um espaço de múltiplas vivências em Educação Popular. Atualmente tem desenvolvido um projeto de extensão<sup>26</sup> - Ler o Território, Compreender a Realidade: fomento à construção de uma Biblioteca Popular na comunidade do São Dimas - que tem como objetivo: contribuir para a implementação da Biblioteca do Cursinho Popular Edson Luís, por meio da realização de círculos de Leitura Crítica com os moradores da comunidade do bairro São Dimas, em São João Del-Rei, realizado em parceria com o Grupo de Estudos (GECDiP) vinculado ao Departamento de Ciências da Educação (DECED) da UFSJ, aprovado com bolsa pelo edital PIBEX edital nº 006/2021/UFSJ/PROEX.
- **Núcleo de Memória Viva** – Este núcleo tem como responsabilidade manter a memória viva do Cursinho Popular Edson Luís. Cabe ao núcleo produzir a pesquisa com os militantes que iniciaram esta construção juntamente com aqueles que foram dando continuidade e sistematizar a história oral sobre a

---

<sup>26</sup> Na UFSJ há distinção entre programa e projeto de extensão. O CPEL desde 2017 é um programa um programa de extensão, que tem duração maior e contempla um número maior de bolsistas.

memória do Cursinho Popular Edson Luís. Uma das dificuldades de manter a história do cursinho viva é que, ao longo do processo, vários estudantes vão se formando e indo embora da cidade e finalizando esta experiência, algumas dessas histórias acabam não sendo relatadas ou se perdem no processo. Cabe ao núcleo registrar essas histórias e produzir um documentário sobre a construção do cursinho, as parcerias desenvolvidas nesta trajetória, o impacto na vida dos educadores e dos educandos, bem com seus impactos na cidade de São João del-Rei e região.

- **Núcleo de Material Didático** – Este núcleo tem como objetivo pensar a estruturação do material didático do cursinho alinhada às perspectivas teórico-metodológicas da Educação Popular. Cabe ao núcleo viabilizar a estruturação com os diversos educadores populares que lecionam as áreas específicas do ENEM. É o núcleo que ainda apresenta bastante dificuldade no desenvolvimento de suas ações, o que nos faz, constantemente, pensar nas reuniões do Núcleo Político Pedagógico, em como viabilizar o andamento deste núcleo em específico. No final do ano de 2019, desenvolvemos um protótipo deste material com todos os educadores que atuavam naquele ano. Porém, em 2020 com o início da pandemia, não foi possível fazer a distribuição e utilização deste material. O núcleo deixou de existir por aproximadamente um ano, para voltar suas atividades no segundo semestre de 2021 e, desde então, permanece ativo.
- **Núcleo de acompanhamento e orientação profissional** – Este núcleo acontece de maneira distinta dos demais. Ele iniciou suas atividades a partir de uma demanda observada pelo coletivo, durante o período remoto. Com o aumento significativo de estudantes de Psicologia da UFSJ no Cursinho, o núcleo de acompanhamento dos educadores viu a possibilidade e potencialidade de criarmos um processo de acompanhamento e orientação profissional mais especializado. Sendo assim, este núcleo foi estruturado a partir da relação com uma professora colaboradora, que orienta estudantes da psicologia a fazerem seus estágios no Cursinho Popular Edson Luís. Cabe ao núcleo dialogar e apoiar os educandos no processo de escolha de suas

profissões, bem como auxiliar no acompanhamento de seu bem-estar psicossocial, por meio do desenvolvimento de um projeto de Orientação Profissional.

A atuação em núcleos possibilita a organização de espaços que visam a romper com a lógica dominante nos sistemas formais e tradicionais de educação, onde as práticas organizativas burocratizam a experiência escolar, e normalmente acontecem de maneira verticalizada e impositiva, na qual a coordenação pedagógica junto com a direção pensa e diz os passos e decisões que a instituição irá assumir.

Cabe ressaltar que nem sempre a organicidade se deu através da constituição destes núcleos. A conformação e organização de nossas ações não são descoladas da realidade e a nossa caminhada está em permanente construção, o que nos leva a sempre repensar e reestruturar nossos passos, planos de ação e nossa conformação frente à conjuntura atual e local.

Na concepção coletiva que assumimos enquanto organização, a participação de todos os educadores e colaboradores só acontece por meio do diálogo entre os sujeitos envolvidos na construção ativa cotidiana do cursinho. Diálogo que se expressa tanto no que -diz respeito à relação ensino-aprendizagem no interior das aulas, como às questões que envolvem as decisões organizativas estruturais do Cursinho Popular Edson Luís. Desta maneira nos lançamos à construção de uma gestão dialógica e democrática a partir dos núcleos de atuação.

Um projeto popular de sociedade, o qual, constantemente o Levante Popular da Juventude vem reafirmando, é fundamentado e pautado em princípios democráticos, em que a participação, a tomada de decisão deve ser compartilhada e o compromisso de executar essas decisões seja de responsabilidade coletiva. Sendo assim, o projeto educativo no interior do cursinho é construído a partir dos princípios que correspondem ao projeto de sociedade que almejamos construir.

Freire (1997) nos provoca a refletir que:

Não se constrói nenhuma democracia séria, que implica mudar radicalmente as estruturas da sociedade, reorientar a política da produção e do desenvolvimento, reinventar o poder, fazer justiça aos espoliados, abolir os ganhos indevidos e imorais dos todo-poderosos sem prévia e simultaneamente trabalhar esses gostos democráticos e essas exigências éticas. (FREIRE, 1997, p.61).

E para isso, no processo da construção do cursinho, onde a participação de todos se faz de forma contínua e respeitosa, provocamos nossos educadores populares atuantes ou não em sala de aula, para a construção de uma sociedade mais democrática, menos desigual, mais justa, menos desumanizadora. Nesse sentido, buscamos fortalecer as práticas educativas a favor do projeto popular para a educação e para a construção desse projeto político democrático e inclusivo de sociedade, apoiando-nos na Educação Popular e na gestão democrática. Com a perspectiva de propiciar, assim, esses valores e vivenciamentos educativos aos nossos educadores.

Segundo Freire (1997), ninguém vive plenamente a democracia nem tampouco a ajuda a crescer, se é interdito no seu direito de falar, de fazer o seu discurso crítico, se não se engaja, de uma ou de outra forma, na briga em defesa deste direito. Para ele, sem intervenção democrática do educador ou da educadora, não há educação progressista (FREIRE, 1997).

Sendo assim, nos desafiamos a organizar nosso trabalho político-pedagógico compreendendo que a democracia é um valor ético que também deve ser estimulado nos processos de gestão e formação docente. Assim, construímos nossas ações, proporcionando aos educadores populares envolvidos no processo que se desafiem a discursar e praticar a democracia, já que sem ela o projeto político democrático e inclusivo de sociedade não é possível.

Sabemos que o exercício da democracia nos provoca vários desafios e que não é simples. Requer teoria, mas, sobretudo que esta teoria esteja correlacionada a uma prática em um movimento constante de ação-reflexão-ação, para que ela se torne práxis. Para isso, nos comprometemos anualmente em fazer uma avaliação crítica sobre a nossa própria prática, para avançarmos com coerência sobre a perspectiva formativa que envolve esses diversos sujeitos que constroem esta experiência pedagógica.

### **3.3 - AVALIAÇÃO E PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES POLÍTICO PEDAGÓGICAS**

Ao final de cada ano, é desenvolvido um processo avaliativo referente às atividades político-pedagógicas desenvolvidas pelo cursinho, assim como um planejamento para as ações do ano seguinte. Tendo como base as reflexões de Freire para a estruturação deste processo, entendemos que é através da reflexão

crítica sobre a própria prática que nos aproximamos de uma práxis coerente, a qual as nossas ações almejam alcançar.

Segundo Freire (2017) é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. Concordamos com o autor, ao apontar “que o próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática” (FREIRE, 2017, p. 40), em busca de uma atuação comprometida e responsiva com os sujeitos nela envolvidos.

Nesse sentido, ao longo destes anos, foi desenvolvida uma série de avaliações sobre as diversas questões que estruturam as ações cotidianas do Cursinho Popular Edson Luís. Estas avaliações foram se transformando teórico-metodologicamente durante os anos, uma vez que o pensar sobre o caráter avaliativo e, portanto, formativo alinhado à Educação Popular, também é uma construção que precisa ser constantemente repensada, alinhando teoria e prática.

As práticas educativas de um modo geral utilizam a avaliação como etapa do processo formativo, seja na formação básica, seja na formação superior para avaliar o desempenho dos estudantes envolvidos no processo, na perspectiva de dimensionar quanto conhecimento o estudante apreendeu no processo educativo. Na atuação do educador, esses mecanismos avaliativos se constroem a partir de uma lógica hierárquica, na qual os órgãos superiores à atuação do professor avaliam a “eficiência” de seu trabalho, muitas vezes baseadas em uma perspectiva quantitativa. A avaliação aqui discutida, apoiada na Educação Popular, tem como perspectiva a construção de uma formação permanente de educadores, propiciando reflexões desses e com esses sujeitos, a partir da sua própria atuação pedagógica.

Durante esses anos, desenvolvemos avaliações através de questionários, rodas de conversa e grupos focais. Cabe anunciar às leitoras e aos leitores, que o recorte temporal estabelecido nesta discussão sobre o instrumento avaliativo das atividades político-pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís corresponde ao período de 2019, ano que iniciei minhas atividades como Educadora Popular até o momento atual.

Para a avaliação do ano de 2019, um questionário foi estruturado em quatro blocos de perguntas que continham os seguintes pontos: 1 – estrutura e organização; 2 – relevâncias sobre a contribuição na vida acadêmica e profissional; 3 – autoavaliação; e 4 – Educação Popular e os diálogos possíveis com o Cursinho

Popular Edson Luís. A partir desses blocos, uma série de perguntas foi estruturada para que os educadores as respondessem. Com base nas respostas, um grupo de educadores apontavam os direcionamentos propositivos ao planejamento de nossas ações para o ano seguinte.

Nesse ano de 2019, apontamos enquanto coletivo, a necessidade de garantir uma melhor condição estrutural para o desenvolvimento das atividades cotidianas do Cursinho Popular Edson Luís. Sendo assim, compreendemos a importância de conquistarmos uma sala para a secretaria do cursinho, onde organizaríamos todos os documentos referentes às nossas ações. Lá armazenaríamos os livros que constantemente recebemos de doação, como as fichas cadastrais de nossos estudantes e educadores, dentre outros documentos. Além disso, já tínhamos como horizonte de ampliação de nossas atividades político-pedagógicas a construção de uma Biblioteca Popular.

Apareceram questões como a dificuldade de diálogo entre os educadores que foram apontados com frequência pelas avaliações. Problemática que reverbera desafios para as nossas ações até o momento atual. Surgiram apontamentos sobre a importância das nossas atividades confluírem ainda mais com a perspectiva da interdisciplinaridade, uma vez que ela ocorre em momentos específicos como aulões e encontros críticos, mas que deve ser potencializada também durante as aulas regulares.

Após o momento avaliativo, houve uma sistematização do planejamento das atividades que iriam ocorrer no ano de 2020, tendo como base as problemáticas levantadas pelos educadores no momento avaliativo das experiências anteriores. Posteriormente, foi feita a elaboração dos objetivos de nossas ações para o ano, o calendário com as atividades propostas e a divisão de tarefas entre os núcleos de atuação do cursinho.

Nesse momento, foram repensadas a atuação e a criação de novos núcleos, para uma melhor continuidade das atividades político-pedagógicas. Nesse sentido, foi proposta a criação de novos núcleos para atender alguns desafios levantados em coletivo. Assim foi criado o núcleo de finanças que posteriormente se fundiu ao da secretaria, e o núcleo de formação, que até então era construído em momentos específicos ao longo do ano através de parcerias com professores da Educação da UFSJ.

Outro núcleo que foi idealizado pelos educadores foi o núcleo Territorial, que ficaria responsável por pensar as aproximações com quais territórios da cidade e/ou da região de São João del-Rei o cursinho estabeleceria vínculos, bem como pensar as estratégias necessárias para organizar melhor esse quesito, porém ele acabou deixando de existir pela compreensão de que o núcleo político pedagógico cumpre esta função. Além destes, foi criado o núcleo do Material Didático que foi descrito anteriormente

Outro ponto significativo pensado no planejamento para o ano seguinte foi a articulação de um momento coletivo de café para nossos estudantes e professores durante as aulas, uma vez que lidamos com a realidade de jovens que estudam e trabalham, e que, muitas vezes, saem direto de seus trabalhos para as aulas do cursinho. Aliado a isso, o café é um importante momento de troca de diálogo, o qual permite estreitar relações entre professores e estudantes para além do processo pedagógico.

Ainda nesse espaço, foi estruturado um núcleo responsável por organizar e estruturar o processo de seleção dos novos educadores populares do cursinho, tarefa que apresentava vários entraves, uma vez que, até o ano anterior, acontecia de maneira muito informal. Nesse aspecto, foi estruturado um processo de seleção, no qual foram apresentadas a história e a proposta político-pedagógica do cursinho, o que possibilitou que os novos educadores se inteirassem de maneira mais significativa do processo.

Outra inquietação que surgiu com o planejamento foi a necessidade de articular o programa de extensão a outras atividades acadêmicas possíveis com a UFSJ. Nesse contexto, surgiu a proposta de aproximação de estudantes e professores do Departamento de Psicologia para estruturar e viabilizar orientação profissional aos estudantes.

Entendemos em coletivo que a perspectiva avaliativa do questionário aliada às rodas de conversa em um momento posterior sobre as respostas deste questionário divergia de certo modo com os horizontes dialógicos que nos desafiamos construir e assim, neste sentido repensamos tal perspectiva avaliativa. Com a chegada da nova coordenadora do programa de extensão em 2019, em um momento de estudo coletivo, compreendemos que o grupo focal reflexivo

(BELLOTTI, 2010) dialogava de maneira mais coerente com nossas propostas político-pedagógicas.

O grupo focal reflexivo permite que os educadores populares dialoguem e pensem coletivamente sobre uma série de eixos de discussão. Segundo Gatti (2012), o grupo focal é um instrumento metodológico de levantamento de dados para investigações em ciências sociais e humanas, seu uso deve ser pensado aos propósitos de um procedimento analítico. Segundo a autora, devemos ser criteriosos com a escolha do grupo focal como instrumento de análise, uma vez que este recurso metodológico deve estar alinhado às problematizações iniciais e seus objetivos, com foco no que já está estabelecido pelo grupo social analisado e no que se busca a partir deste procedimento analítico (GATTI, 2012).

Ainda segundo a autora, a concepção metodológica com grupos focais auxilia no entendimento dos modos diferentes de se ver um mesmo problema, permite entendimento de ideias divididas por sujeitos no seu cotidiano e também como os indivíduos são instigados uns pelos outros (GATTI, 2012). Cabe salientar que este recurso metodológico é discutido por Bernadete Gatti nas pesquisas acadêmicas, de caráter qualitativo. Sendo assim, o repensamos a partir da perspectiva reflexiva, uma vez que Cursinho Popular Edson Luís assume tal concepção metodológica como processo avaliativo sobre a própria prática, articulando-a assim, aos três pilares que sustentam as nossas ações no cursinho que é a extensão, o movimento social e a Educação Popular. O que possibilita um olhar científico que dialogue com as demandas que perpassam estes três eixos.

Faz-se importante destacar que este instrumento é proposto pelo Cursinho Popular Edson Luís como método avaliativo de nossas ações político pedagógicas desde o final de 2020. Entendemos enquanto coletivo que tal instrumento não deve ser estático e permanente, portanto, antes dos processos avaliativos, voltamos a este recurso, problematizando-o na busca de compreender sobre quais horizontes devemos nos ater para avançarmos e potencializarmos nossas ações.

Os eixos disparadores desse instrumento são levantados e discutidos à priori com o núcleo político pedagógico. Cada grupo focal conta com um mediador, um assessor que faz a relatoria do que foi discutido e de 6 a 8 educadores populares. Cabe salientar que o mediador, participante do núcleo político-pedagógico, além de



mediar as discussões, participa como educador popular avaliando criticamente a própria prática em outro grupo focal.

Os eixos avaliativos perpassam questões como: a relação entre educadores e cursinho, formação, comunicação, construção e atuação dos núcleos, a CPP, estrutura material, acolhimento e a relação com os educados. Cada eixo desses se desdobra em uma série de questões problematizadoras. Cabe a cada mediador a escolha da ordem a seguir sobre a discussão dos eixos.

Cabe uma observação importante para situar as leitoras e leitores. Parte do que foi levantado nestes grupos focais foi transcrito e utilizado como recurso material de análise desta pesquisa, o que será melhor aprofundado adiante. Cabe ainda ressaltar, que aconteceram 5 grupos focais no ano de 2020, participei como mediadora de um deles e como assessora para relatoria em outro, nos demais participei como pesquisadora-participante. Todos os educadores presentes acordaram sobre a participação nesta pesquisa, através do Termo Livre e Esclarecido (TCLE).

No ano seguinte, em 2021 também participei da construção dos grupos focais reflexivos de caráter avaliativo do Cursinho Popular Edson Luís. O que foi incorporado neste ano foi o momento da mística, elemento cultural disparador que inicia nossas atividades político-pedagógicas. Como anunciado, a mística é o elemento cultural que tem como característica trazer provocações que sensibilizam coletivamente para a construção da nova sociedade que almejamos construir. Neste ano, o NPP escolheu a poesia – Os Estatutos do Homem, de autoria de Thiago de Mello, que traz reflexões sobre os horizontes dessa nova sociedade.

No ano de 2021, novas problematizações surgiram devido às mudanças ocasionadas pela pandemia – que serão melhor descritas a seguir – e que nos provocaram inquietações sobre o retorno de nossas atividades presenciais, após este período. O que cabe apresentar nessa seção são as novas problematizações que vieram à tona devido a nova conjuntura que a pandemia provocou. Os eixos avaliativos daquele ano se orientavam através dos eixos do ano anterior com o acréscimo de dois novos pontos.

Estes foram: expectativas para o próximo ano, isso envolvida a discussão sobre como voltaríamos ao ensino presencial após dois anos de ensino remoto. E a questão do encontro crítico, que envolvia questões de como os educadores

avaliavam o papel desse espaço como propulsor da Educação Popular e como elas previam uma potencialização desses encontros. Devido ao fato de ser um desafio que passasse a construção do cursinho e que já foi observada pelo coletivo.

Abaixo, escolhi uma fotografia de um dos grupos focais que aconteceram durante a semana de avaliação das experiências do e pelo cursinho. Devido à pandemia, estas atividades aconteceram de maneira remota.

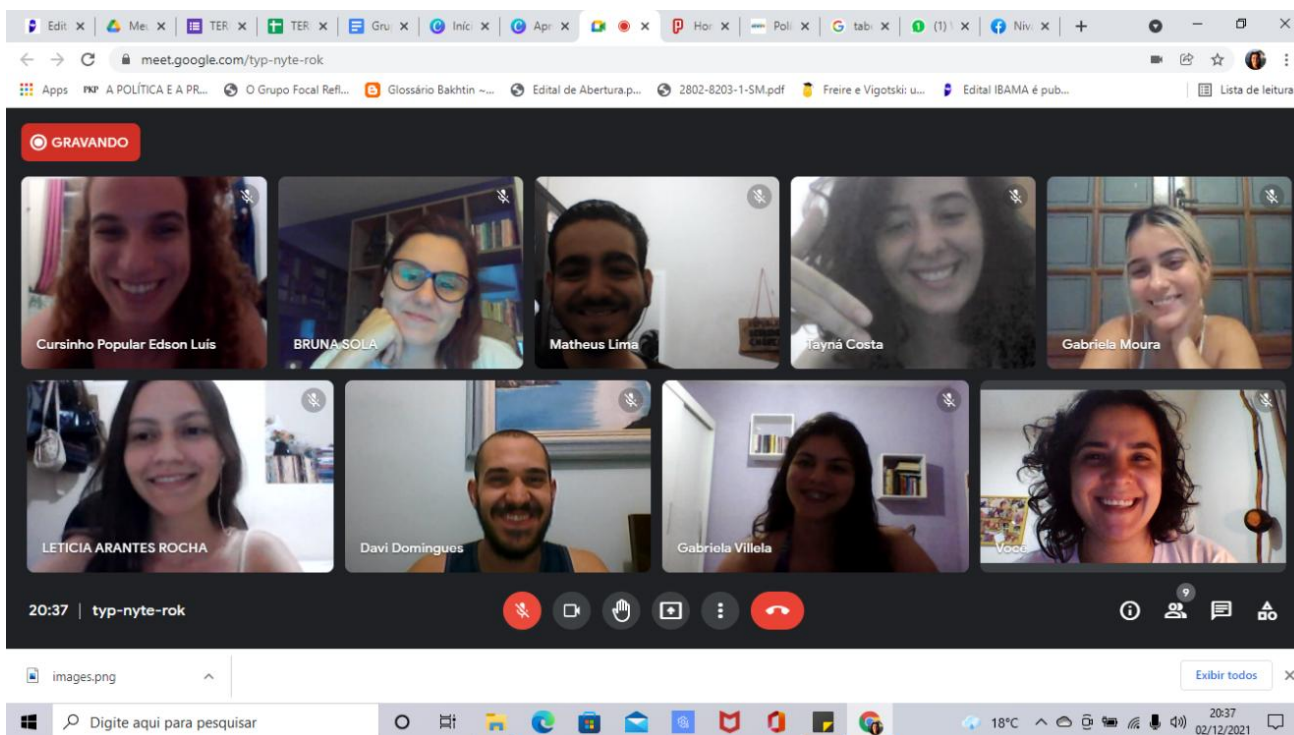


Imagem 5 – Fotografia retirada através da plataforma Google Meet que representa o Grupo Focal número 4

Fonte: Acervo Fotográfico do CPEL.

Como passo seguinte deste percurso teórico-metodológico, apresento como o cursinho fez a manutenção do trabalho político pedagógico durante a pandemia do coronavírus.

### **3.4 - REINVENTANDO O TRABALHO POLÍTICO-PEDAGÓGICO DURANTE A PANDEMIA**

A pandemia provocada pelo coronavírus, Covid-19, modificou a conjuntura política e pedagógica proposta para o ano de 2020, evidenciando desafios ainda maiores para atuação e construção do Cursinho Popular Edson Luís. O distanciamento social, recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) provocou mudanças significativas em relação a nossa atuação. Dessa forma, a

realidade exigiu várias modificações metodológicas em relação às propostas de planejamento levantadas no ano anterior, para a continuação das atividades de maneira remota, que serão apresentadas a seguir.

A primeira iniciativa dos professores foi a criação de vídeo-aulas divulgadas pelo canal do Cursinho no *YouTube*. Os educadores, em suas disciplinas específicas, se organizaram e elaboraram uma sequência de aulas contemplando o plano do semestre desenvolvido por eles. Porém, com as baixas participação e interação dos alunos, além da compreensão de que o uso dessa ferramenta se centrava de forma significativa ao ensino bancário, conteudista, expositivo e que muitas vezes inviabiliza o diálogo, os Educadores Populares repensaram sua prática e decidiram não dar continuidade a essa proposta. Nessa perspectiva, em CPP, foi decidido que nossos educadores passariam por uma sequência de formações para repensar a melhor maneira de voltar com as aulas do Cursinho Popular Edson Luís, de maneira remota.

Tratando-se de uma nova conjuntura, houve o entendimento, pelo grupo de educadores, de que se fazia essencial acompanhar a realidade dos educandos de forma, ainda, mais próxima, uma vez que a realidade de vulnerabilidade socioeconômica deles se tornou, também, mais delicada com o progresso da pandemia em curso. Desse modo, foi criado o Núcleo de Acompanhamento dos Educandos. O núcleo viabilizou um levantamento sobre as emergências básicas dos estudantes, como a necessidade do acesso ao auxílio emergencial, cestas básicas, produtos de higiene e máscaras e, também, as disponibilidades de equipamentos como computador e acesso à *internet* para a manutenção do trabalho pedagógico.

Para isso, o núcleo estabeleceu conversas periódicas com os educandos de forma individual, buscando dar apoio e escuta para as questões enfrentadas pelos estudantes. Tais questões perpassaram aquelas relacionadas aos estudos, como seria o estudo remoto, dúvidas relacionadas ao ENEM e demais questões como a disponibilidade de um ambiente adequado para estudar e a questão socioeconômica da família durante aquele momento, entre outras questões.

A proposta de assistência e acompanhamento das famílias do Cursinho surgiu em consonância ao movimento denominado Campanha Periferia Viva<sup>27</sup> de solidariedade em enfrentamento ao coronavírus, encabeçada por movimentos

---

<sup>27</sup> Campanha promovida pelo MST, Consulta Popular, Levante Popular da Juventude, MTD, MAB, MAM e MPA.

sociais em todo o Brasil. Devido ao fato de que as condições socioeconômicas da classe trabalhadora vêm se deteriorando nos últimos anos em decorrência das políticas neoliberais adotadas pelos últimos governos, a partir do golpe contra a democracia ocorrido em 2016, fato potencializado em decorrência da pandemia.

Os movimentos do campo popular compreendem a solidariedade de classe como um movimento de reforçar nossos vínculos com o povo, proporcionando comida a quem tem fome, fortalecendo o companheirismo e a camaradagem como princípio ético, cercando de solidariedade os esfarrapados do mundo, setores sociais mais fragilizados durante a pandemia. Sem se furtar do compromisso ético educativo, que nós, educadores comprometidos com uma educação como prática da liberdade deve se posicionar, ou seja, refletindo com esses sujeitos os motivos “velados” que se encontram nessas questões.

Nesse sentido, o Cursinho Popular Edson Luís, em ação conjunta com a célula estudantil do Levante, viabilizou cestas básicas, produtos de higiene pessoal, livros, informações sobre o acesso ao auxílio emergencial, como também o cadastro no programa de algumas famílias dos estudantes. Além disso, também proporcionou, em parceria com campanhas nacionais, o acesso gratuito de internet para aqueles estudantes que não tinham acesso adequado em suas casas para acompanhar as aulas de maneira remota. Através de campanhas locais, divulgadas pela UFSJ, conseguimos doação de alguns computadores e notebooks, que também foram distribuídos aos estudantes para melhorar o acompanhamento das atividades do cursinho.

Durante a realização do planejamento, foi criado um núcleo que ficaria responsável por pensar as aproximações territoriais bem como pensar as estratégias necessárias para a organização se estruturar melhor nesse quesito. Entretanto, com a mudança conjuntural ocasionada pela pandemia, o Núcleo Territorial não conseguiu se reunir e ter efetividade devido às novas demandas causadas pela pandemia.

Outra pauta que ganhou relevância entre educadores e educandos durante o primeiro ano de pandemia foi a participação na campanha *#Adia Enem*. O movimento de reivindicação estudantil ganhou adesão nacional, com o intuito de mobilizar o adiamento da prova do ENEM, uma vez que o governo federal, por intermédio do até então ministro da Educação, Abraham Weintraub, insistiu para que

a prova ocorresse normalmente mesmo com as aulas suspensas em decorrência da pandemia. Para que nenhum estudante tivesse seu ingresso na universidade prejudicado, houve uma mobilização em conjunto com a União Nacional dos Estudantes (UNE) para garantir que a prova fosse suspensa. A luta travada pelos estudantes conseguiu adiar a prova, porém, por pouco tempo.

Não só a realidade dos estudantes se alterou com a conjuntura, como inquietações sobre a continuidade das atividades foram problematizadas constantemente entre os educadores populares durante as reuniões de CPP. Ninguém, naquele momento, estava preparado para a atuação pedagógica em tempos de distanciamento social, através das plataformas que foram amplamente divulgadas em um momento posterior. Nessa ótica, o núcleo de Formação organizou espaços formativos para pensar a manutenção dos trabalhos político-pedagógicos durante este período. Sendo assim, foi proposto um questionário para todos os educadores populares, a fim de levantar as principais demandas formativas para o momento.

O tema proposto com maior frequência a partir das inquietações levantadas pelos professores do Cursinho Popular Edson Luís foi em relação à necessidade de se pensar a Educação Popular nesse novo formato educativo ocasionado pela pandemia. Nesse sentido, o núcleo de Formação elaborou um espaço formativo, onde se promoveram diálogos, problematizações, inquietações sobre a reorganização e manutenção do trabalho político-pedagógico do Cursinho, focando em como alinhar as perspectivas de Educação Popular às plataformas virtuais utilizadas por conta do distanciamento social.

Após as discussões acerca das concepções metodológicas de Educação Popular, os educadores se reuniram através das áreas de conhecimento do ENEM propondo metodologias de ensino nesse formato a distância. Três pontos básicos foram levantados pelos professores como essenciais para a manutenção das atividades pedagógicas: 1) Garantir a interação síncrona com os alunos; 2) Garantir infraestrutura material; e 3) Auxiliar os educandos a conseguirem se organizar pessoalmente em suas casas para acompanharem as aulas. A partir dessas definições, procedeu-se à estruturação de um novo cronograma para retomada das aulas no início de setembro.

Além disso, o grupo de formação desenvolveu um espaço formativo sobre Ensino a Distância (EAD) e Ensino Remoto: conceitos, trajetória e possíveis abordagens para o Cursinho Popular Edson Luís. Nele, foram discutidas quais são as modalidades de ensino possíveis para a manutenção de nossas atividades pedagógicas no momento da pandemia e quais as possibilidades de diálogo entre essas modalidades e a Educação Popular.

A práxis que buscamos pela Educação Popular não é desvinculada da realidade, o que pressupõe que nossas ações serão sempre repensadas conforme novos desafios vão surgindo com a conjuntura. É a partir da materialidade do tempo histórico que vivemos que nos organizamos e nos formamos para responder aos desafios que a conjuntura nos impõe. A partir desta contradição que a realidade nos provocou, que os núcleos foram se reorganizando e se reestruturando.

Nesse aspecto, concordamos com Ranulfo Peloso (2012) ao afirmar que, em tempos de certa angústia, a missão principal é procurar caminhos que respondam às inquietações do novo tempo. Em consonância a isso, reestruturamo-nos a partir de diversas formações, a fim de fazer a manutenção do trabalho político-pedagógico, restabelecendo nossos compromissos com a Educação Popular neste novo cenário educacional.

O Núcleo Político Pedagógico também passou por uma série de mudanças com a imposição da conjuntura, para isso realizou um momento de avaliação interna. Nesse contexto, os integrantes do núcleo elaboraram uma proposta avaliativa, na qual responderam a uma série de questões relativas à organização, estruturação e práxis do Cursinho Popular Edson Luís. Para um melhor arranjo de tal processo, foi elaborada uma série de perguntas baseadas nos textos “Trabalho de Base” e “Como Fazer o Trabalho de Base” do educador popular Ranulfo Peloso (2012).

Como anunciado, a perspectiva de Trabalho de Base conflui com as concepções da Educação Popular, por isso nos apoiamos neste trabalho para refletirmos sobre nossas ações. As respostas para as perguntas levantadas serviram para a elaboração de alguns documentos que o Cursinho Popular Edson Luís estruturou durante este tempo. Um deles foi uma cartilha própria contando sobre qual a concepção compreendemos por cursinho popular; Paulo Freire e a Educação Popular; Levante Popular da Juventude; Breve Histórico do cursinho; A nossa

organização através dos núcleos; Quem foi Edson Luís; Compromissos dos Educadores; Compromissos dos extensionistas voluntários; Nossos Parceiros e por último sobre a Rede de Cursinhos Populares - Podemos +.

Este documento nos ajuda a apresentar as concepções teórico-metodológicas que nos orientam, apresentando-as para os novos educadores, quando querem se somar na construção desta experiência.

A seguir, uma foto que ilustra este documento.

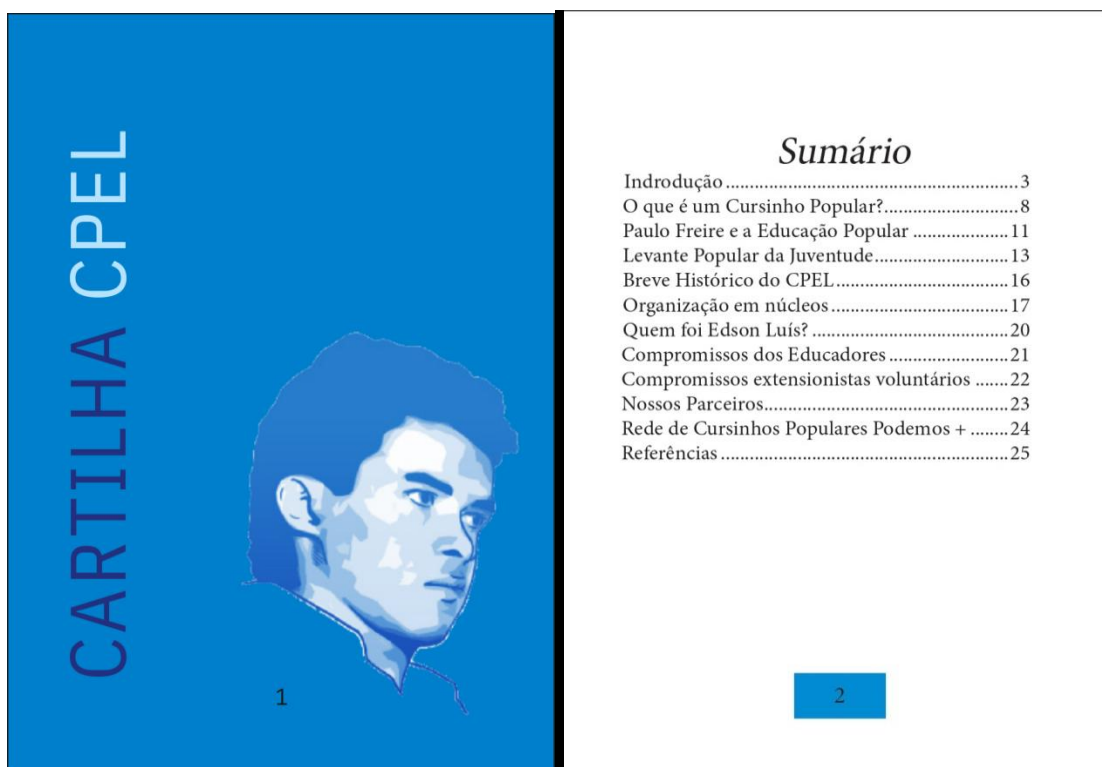


Imagem 6 – Fotografia do material desenvolvido pelo núcleo político pedagógico

Uma discussão importante que aconteceu durante este momento foi relativa ao termo extensionistas voluntários, utilizado na cartilha como também no cotidiano dos sujeitos que constroem esta experiência. Em um momento antecedente, os educadores populares que não lecionavam as disciplinas específicas em aula, e, portanto, só construía os núcleos, eram chamados de colaboradores, extensionistas, voluntários. Porém, fomos avançando na discussão e compreensão sobre esta perspectiva, uma vez que todos que constroem esta experiência são profissionais da educação, comprometidos com a Educação Popular. Portanto, todos educadores populares. Esta discussão viabilizou a reflexão e organização para a conquista da vacinação de todos os educadores populares que constroem esta

experiência, uma vez que a estratégia inicial do município previa a categoria de profissionais da educação como prioritário na distribuição da vacina.

Com a necessidade de selecionar novos educadores populares para a retomada das aulas marcadas para o início de setembro, foi desenvolvido um novo processo seletivo para as áreas de Biologia, Geografia, Inglês, Física, Química, Gramática e Psicologia. Nessa tarefa, foi criado um núcleo temporário com integrantes do NPP e do Acompanhamento dos Educandos para realizar a seleção destes novos integrantes, uma vez que há uma série de dificuldades envolvidas neste processo que permeiam a atuação do cursinho desde o início desta construção até o momento atual.

Devido à rotatividade de educadores populares que chegam para construir esta experiência, há enormes desafios que tangem o seu envolvimento nas atividades político pedagógicas que perpassam o âmbito formativo. Como iremos ver adiante, o perfil socioeconômico proporciona grandes desafios na continuidade de uma formação mais ampla com esses educadores, uma vez que o trabalho no cursinho, a partir do voluntariado, não consegue proporcionar condições financeiras, como bolsas de estudo, garantindo que estes estudantes se dediquem de maneira mais profunda a esta experiência.

A não garantia de bolsas para todos estes sujeitos é uma das diversas questões que tocam a questão de permanência desses educadores nesta construção e que provocam enormes desafios na questão formativa. Nesse sentido, há uma grande dificuldade no que se refere à continuidade e ao aprofundamento das concepções epistemológicas da Educação Popular com esses sujeitos. Sem contar que grande parte desses educadores teve pouco ou nenhum espaço teórico-metodológico voltado à formação desta concepção durante a formação inicial, tendo no cursinho o primeiro contato de maneira mais profunda.

Sendo assim, esse coletivo que assume o processo de seleção dos novos educadores fica responsável por encaminhar documentos que nos auxiliem a discutir a priori com os educadores que almejam construir o Cursinho Popular Edson Luís, as bases que fundamentam esta experiência, além de uma série de acordos coletivos que são necessários ao nosso comprometimento para realização da mesma. Além desses documentos, há uma conversa, para conhecer melhor estes



sujeitos, onde contamos nossa história, sobre o movimento social que a constrói e a dinâmica de funcionamento para realização de nossas atividades.

A atuação do núcleo de Comunicação, durante a pandemia, proporcionou a confecção de um material que recebeu o nome de Boletim Popular Edson Luís, o qual tem a proposta de comunicar à comunidade as ações desenvolvidas pelos núcleos do Cursinho Popular Edson Luís além de se propor a propagandear uma série de métodos de estudo, *podcasts* com conteúdo relevantes às disciplinas específicas, dicas de canais do *YouTube*, filmes, curtas e jogos educativos.

Outro núcleo que se estruturou com a manutenção dos trabalhos pedagógicos durante a pandemia foi o de Acompanhamento dos Educadores, decidido em CPP, principalmente pela constante exposição de angústia por parte dos educadores frente às dificuldades apresentadas pela pandemia. Inquietações com a baixa participação e com a baixa presença dos alunos nas aulas foram debates constantemente trazidos pelos professores por meio do núcleo de Acompanhamento dos Educadores. Isso provocou constantes debates entre os educadores populares, a fim de se pensar em soluções para a questão.

O grupo se estruturou após a chegada dos novos colaboradores da Psicologia e tem atuado na perspectiva de ouvir os educadores, suas inquietações, suas dificuldades em relação ao novo cenário educacional além de levantar demandas formativas e repassá-las ao Núcleo de Formação. Por conta do isolamento social, a pandemia fez com que as aulas ocorressem em formatos muito diferentes dos habituais, ocasionando baixa adesão dos educandos, um dos fatores que geraram uma grande angústia nos educadores. Por se tratar de um núcleo central nas observações de caráter metodológico deste trabalho, buscarei elucidar de maneira mais aprofundada como se deu a atuação do núcleo neste contexto. Portanto, a seguir situo a atuação do núcleo de acompanhamento de educadores na construção do Cursinho Popular Edson Luís.

### **3.5 - ATUAÇÃO DO NÚCLEO DE ACOMPANHAMENTO DE EDUCADORES**

A primeira atividade desenvolvida pelo núcleo foi de criar um formulário para levantamento de demandas dos educadores, que, uma vez caracterizadas, poderia auxiliar o núcleo a pensar coletivamente estratégias de enfrentamento. O formulário continha questões sobre três aspectos: os educacionais, os motivacionais e os de

saúde mental e todos os 22 educadores que compunham o Cursinho Popular Edson Luís nesse momento responderam.

Como resultado do formulário, foi observado como principal queixa a falta de participação e feedback dos educandos. Esta queixa interferia tanto nos aspectos educacionais quanto no aspecto motivacional dos educadores. Grande parte dos educadores não conseguia diagnosticar a raiz das dificuldades, porém, constantes eram os relatos referentes à angústia por não conseguir dimensionar a efetividade de seu trabalho. Destacaram, ainda, que, com o baixo engajamento dos educandos, não havia o estabelecimento de um vínculo e a construção de diálogo, fatores essenciais à prática educativa construída pela perspectiva da Educação Popular, ocasionando certa desmotivação por parte dos mesmos.

OS educadores mencionaram ter dificuldades com a forma de dar aulas por vídeos curtos no YouTube, primeira medida tomada pelo coletivo como proposta de manutenção do trabalho político pedagógico. Principalmente pela falta de formação para tal, mas grande parte pela falta de interação com os estudantes. A timidez, a dificuldade com tecnologia, a insegurança, a dificuldade de se pensar estratégias de se abordar o conteúdo de forma remota e a dificuldade de organização do tempo e tarefas, também foram mencionados enquanto problemática.

Questões como essa foram levadas à CPP, e foram fundamentais para a compreensão coletiva que, embora a decisão de retornar as aulas através das vídeo aulas pelo Youtube, por melhor intenção que se propusesse, se distanciava significativamente do nosso aporte teórico metodológico assentado nos trabalhos de Freire sobre Educação Popular. Alguns educadores, inclusive, já tinham relatado ao núcleo que não estavam dando aulas por não concordarem com o modelo, argumentando que o formato impossibilitaria o diálogo necessário para a nossa construção educativa.

Cabe destacar que, assim como nas discussões referentes à tomada de decisões políticas para dentro da organização, há divergências no tocante à estratégia adotada no processo, assim também se dão as discussões sobre estratégias adotadas ao processo pedagógico. E são essenciais de se discutirem coletivamente, na busca de compreensão de todo o coletivo, quais tomadas de decisões são mais coerentes com as bases epistemológicas nas quais nos assentamos.

Algo levantado através do formulário importante de ser elucidado é o apontamento de todos os educadores em relação à confiança estabelecida no coletivo. Todos sentem que podem contar com a equipe do cursinho de um modo geral, como nos aspectos referentes à coletividade, a saúde mental, a formação teórico-prática, entre outras. Além disso, os educadores consideram que o Cursinho Popular Edson Luís pode auxiliar de maneira significativa os estudantes a ingressarem no ensino superior, apesar da situação ocasionada pela pandemia. A grande maioria se sentia frustrada com a chegada da pandemia e o isolamento social, já que tinham grandes planos e expectativas de atuação no Cursinho, e estes foram por parte inviabilizados.

Uma das demandas levantadas que também merece destaque é a dificuldade na participação dos educadores ligados às áreas exatas nos debates promovidos nas reuniões de CPP, principalmente nos momentos de formação. Assim, não tinham uma base em temas educacionais, e estavam tendo dificuldade em compreender os assuntos abordados na formação. Por medo de falar algo “errado”, não se manifestavam nas reuniões, apenas ouviam e concordavam. Disseram também da dificuldade de transpor para as aulas uma abordagem política e social, já que entendiam que a matemática seria uma disciplina não tão propícia para tal.

Sobre a perspectiva emocional dos educadores, cabe ressaltar que apesar das queixas levantadas, os mesmos possuíam diversas estratégias de enfrentamento às adversidades relacionadas à angústia e ansiedade ocasionados pela pandemia. Entre as estratégias levantadas, a prática de exercícios físicos, a manutenção de uma rotina e o cuidado com a casa, realizar leituras e assistir a séries, estavam entre as atividades mais exercidas como mecanismo de enfrentamento. Um número reduzido de educadores relatou não estar conseguindo se manter ativo, e como este é um dos principais fatores de proteção da saúde mental neste momento de distanciamento social, o coletivo da psicologia que se somou às construções do Cursinho Popular Edson Luís ficou mais atento a tais educadores, acompanhando-os e sugerindo atendimento psicológico a aqueles que precisassem.

Durante o acompanhamento dos educadores, dois solicitaram auxílio com relação às estratégias de enfrentamento à situação de isolamento social e com a saúde mental. Três solicitaram auxílio com relação às demais atividades realizadas

no Cursinho Popular Edson Luís, no tocante à estrutura e organização do mesmo, uma vez que haviam chegado recentemente. Cinco solicitaram ajuda com questões didáticas, seis com o planejamento das aulas. Oito pediram ajuda com a relação entre educador-educando. Dez pediram auxílio com relação aos métodos e materiais alternativos às aulas tradicionais, e em relação ao Ensino Remoto de mídias.

Após este levantamento inicial, o núcleo marcou reuniões individuais com cada um dos educadores para dar um feedback sobre as respostas ao formulário, para explorar melhor as demandas levantadas, dar orientações sobre fatores protetivos da saúde mental no enfrentamento à pandemia, e até mesmo pensar conjuntamente estratégias para sanar estas demandas. Assim como feito com os educandos, buscamos resgatar a dimensão coletiva deste enfrentamento de modo que o peso de se enfrentar a situação vigente não recaísse sobre os indivíduos, mas fosse sustentado pelo coletivo do cursinho. Todas estas intervenções foram realizadas pelos profissionais em formação inicial da psicologia no Cursinho Popular Edson Luís, acompanhados pelo professor responsável pelo estágio destes graduandos.

Com estas reuniões foi possível, além de executar as atividades propostas acima, conhecer mais profundamente cada educador, acolher suas angústias e, principalmente estabelecer um vínculo mais aprofundado com eles, uma vez que com a pandemia, muitos educadores não se conheciam presencialmente. Muitas das demandas levantadas através do formulário foram melhores esclarecidas nestas reuniões.

Aconteceram outras reuniões com os educadores para explorar melhor suas queixas e pensar de que forma o núcleo poderia se articular ao núcleo de formação e criar espaços formativos que lhes dessem base para conseguirem acompanhar os estudos mais avançados que o coletivo estava realizando em relação à Educação Popular. Nesta reunião, as discussões giraram em torno da concepção crítica da educação e sobre a construção do conhecimento científico em diálogo com a realidade concreta dos educandos.

Posteriormente foram feitas reuniões com o núcleo de Formação para que pensássemos de forma conjunta como esses espaços formativos seriam construídos, levando em conta a amplitude de demandas apresentadas pelos educadores. Nesse sentido, o núcleo de formação também elaborou um formulário

levantando demandas específicas que tangem a formação de professores, as quais serão descritas e discutidas posteriormente.

Para um acompanhamento longitudinal dos educadores, os componentes deste núcleo pensaram a promoção de um trabalho denominado - “Plantão de Acolhimento de Demandas”. O objetivo do plantão, com datas e horários fixos, conduzidos pelos profissionais em formação inicial da psicologia, visa a proporcionar um lugar de desabafo, acolhimento e legitimação das angústias, dúvidas e anseios dos educadores, sejam elas originadas por questões educacionais, pelo enfrentamento à pandemia e o distanciamento social, ou qualquer outro aspecto não previsto.

Uma das preocupações do núcleo inicialmente composto por estudantes egressos do curso de psicologia, era de não ‘psicologizar’ esse espaço, entendendo que as possíveis demandas a serem trazidas poderiam ter dimensões sociais, pedagógicas, financeiras, entre outras. E que sanar tais demandas nem sempre estaria ao alcance de resolução do próprio núcleo, possibilitando a construção de parcerias com outros serviços ofertados pela própria UFSJ, como o diálogo com o atendimento psicológico social ofertado pelo departamento de Psicologia da universidade.

O núcleo também desenvolveu ações como formular o calendário de aulas, levantando a disponibilidade dos educadores e o melhor horário para se realizar a reunião de CPP. O núcleo tem uma dimensão central no que se refere à comunicação entre os professores e os demais que constroem o cursinho. Teve um papel fundamental na estruturação do processo seletivo de novos educadores juntamente com a coordenação pedagógica, pensando o processo em si e realizando entrevistas com os candidatos, uma vez que a seleção se desdobrava de maneira muito informal.

No início da formação do núcleo algumas questões com relação à dinâmica coletiva foram apresentadas. A falta de assiduidade de alguns membros seria a causa e consequência disto, uma vez que atividades não estavam sendo entregues nas datas combinadas e algumas tarefas também não estavam sendo executados, além da falta de comunicação. Houve constantes diálogos para resolução destas questões enquanto núcleo. Com isso, houve significativa melhoria na participação

dos membros e aqueles que não estavam conseguindo se dedicar às tarefas devido a outras obrigações que desempenhavam, optaram por sair deste núcleo.

Tais questões foram levadas para o conjunto da CPP o que foi possível constatar que a questão da assiduidade é ponto comum entre vários núcleos do Cursinho Popular Edson Luís e não somente do Acompanhamento dos Educadores. Questão observada como um desafio até o momento atual. Nesse sentido, periodicamente, o cursinho tem se movimentado em relação a essa pauta, na perspectiva de fortalecer o compromisso dos educadores populares que constroem essa experiência com o coletivo.

## CAPÍTULO 4 - A PESQUISA PARTICIPANTE E A SISTEMATIZAÇÃO DO SABER COLETIVO

Povoada  
Quem falou que eu ando só?  
Nessa terra, nesse chão de meu Deus  
Sou uma, mas não sou só.  
Povoada  
Quem falou que eu ando só?  
Tenho em mim mais de muitos  
Sou uma, mas não sou só.

Sued Nunes<sup>28</sup>

Como anunciado na apresentação deste texto, essa pesquisa possibilita o encontro dialógico de muitas vozes. Nela há mais de cem Educadores Populares que encontrei nessa caminhada coletiva do Cursinho Popular Edson Luís, que encontrei em 2019, antes mesmo desta minha experiência como aluna do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSJ. Esses Educadores Populares que são os sujeitos participantes desta pesquisa foram contribuindo com a construção de minha formação e subsidiando um pensar-agir coletivo que se desdobram na sistematização desta escrita.<sup>29</sup>

Há, portanto, um intercruzar de muitas vozes. Há a voz da jovem militante que anseia trazer acúmulos organizativos para o movimento social que constrói coletivamente, há o diálogo com tantos autores que perpassaram o meu caminho formativo e de uma forma mais profunda ou mais distante referenciam e contribuíram teórico-metodologicamente para a construção desta pesquisa. Há as várias vozes dos Educadores Populares que constroem a experiência político-pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís, há também a voz da pesquisadora que inicia sua trajetória na pesquisa militante-participante comprometida com uma ciência de caráter popular socialmente referenciada nas causas do povo brasileiro.

---

<sup>28</sup> A música Povoada de Sued Nunes foi lançada em 2021 no álbum Travessia.

<sup>29</sup> Partes deste texto também já derivaram alguns trabalhos publicados em periódicos como o artigo intitulado – A Experiência Político-Pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís Durante a Pandemia do SARS-Cov-2 (GRAMMONT e FERREIRA, 2021) publicado na Revista Expressa Extensão e o artigo – O Futuro Como Tempo de Possibilidades: Uma Experiência Formativa de Educação Popular – O Cursinho Popular Edson Luís (SACRAMENTO et al, 2021), apresentado na XVIII Semana de Extensão Universitária da UFSJ. E também contribuíram em parte com a estruturação do programa atual de extensão ao qual o cursinho é vinculado.

A comunhão com esses outros me possibilitou vivenciamentos formativos para que eu enquanto pesquisadora redigisse este texto, mas não o elaborasse de maneira só. A partir da linguagem, fio que tece a trama constitutiva analítica dessa abordagem teórica, compreende-se que, para além de sua atribuição comunicativa, a linguagem também é fundante para a construção do pensamento e da própria consciência humana. A partir da linguagem polifônica, construímos o pensar-agir coletivo no interior do Cursinho Popular Edson Luís, e é a partir dessa polifonia de vozes que se dá o fio condutor dessa escrita.

Nesse sentido, um dos grandes desafios que se apresentaram nessa caminhada é de compreender a multiplicidade de todas essas vozes e sistematizar uma escrita alteritária, ora com questões e percepções muito próximas a minha vivência de Educadora Popular em constante formação, ora com questões muito distantes do meu pensar-agir sobre a docência.

Ao pensar o percurso teórico-metodológico, é importante a pesquisadora construir caminhos onde a técnica e as estratégias assumidas durante a condução da pesquisa estejam em consonância com as bases epistemológicas que subsidiam a construção da mesma. Dessa forma, não poderia deixar de anunciar que o compromisso ético com que penso e escrevo me conduziram por caminhos metodológicos fundamentados em concepções científicas que tratam os indivíduos envolvidos no fenômeno social estudado como sujeitos, que tratam os investigados como seres humanos e não como objetos, números, dados ou coisas. Distanciando-me assim das construções científicas positivistas.

As concepções positivistas, tradição dominante das pesquisas produzidas no cenário científico, se fundamentam por dados de pesquisa pautados na quantificação estatística, do rigor matemático e da objetividade, na sua pretensão de tratar os fenômenos sociais e humanos como se fossem objetos de pesquisa (GAMBOA, 2003). Além disso, elas se constroem por uma descrição analítica fundamentada na "imparcialidade" e "neutralidade" dos fatos. A construção analítica se dá a partir de objetos de estudo e entende-se a ciência como único meio de construção de conhecimento fidedigno.

Ou seja, grande parte da ciência produzida na academia se estabelece com um caráter de superioridade em detrimento a outras formas do conhecimento humano, como por exemplo, os conhecimentos produzidos pela cultura popular.



Outra característica desse paradigma positivista é a não validação de qualquer tipo de experiências pessoais, valores axiológicos, sentimentos, vivências ou emoções dos sujeitos que constroem um cenário a ser pesquisado. O “rigor” da ciência, nesta perspectiva, implica que ela deva ser “neutra”, objetiva, exata e livre de julgamentos de valor.

Em contrapartida, as metodologias de investigação das pesquisas qualitativas ganharam relevância no cenário das pesquisas científicas recentemente. As ditas Ciências Sociais e Humanas que adensam as pesquisas qualitativas são as áreas do conhecimento que se preocupam em imprimir um olhar científico às relações de caráter humano e social. Sejam elas de qualidade econômica, social, cultural, política, educacional, entre outras. Além disso, estas áreas, por se tratarem de complexos fenômenos sociais, exigem dos pesquisadores propiciarem um diálogo com diversas áreas do conhecimento para compreender o fenômeno de maneira abrangente, coerente e de maneira multidisciplinar.

Ainda que, dentro do ambiente acadêmico, haja fortes influências do positivismo, corrente filosófica que estrutura de um modo geral a concepção de ciência e educação difundidas na academia, há também vertentes entre as pesquisas de caráter qualitativo, mais especificamente na área da Educação, que se distanciam das epistemologias positivistas.

Essas abordagens científicas, sejam elas ancoradas no positivismo ou não, desenvolvem procedimentos, oferecem técnicas e instrumentalizam a pesquisa, elaboram explicações e interpretações pautadas por uma lógica implícita que se articula com pressupostos epistemológicos e formas de ver mundo. A escolha de um determinado método ou técnica de pesquisa esconde opções teóricas, epistemológicas e filosóficas que precisam ser explicitadas no desenvolver das mesmas (GAMBOA, 2003).

Aqui, cabe destacar um importante vivenciamento formativo, para que eu enquanto Educadora Popular em constante formação construísse esse percurso teórico-metodológico. No primeiro ano dessa empreitada, a partir das disciplinas do mestrado, o contato com outras perspectivas teóricas, distantes das que eu conhecia no período da graduação foi de grande relevância para a construção desse processo, uma vez que é nesse momento que sou apresentada à pesquisa participante, o que me auxiliou na escolha desse percurso teórico-metodológico.

Esse processo foi muito importante para um amadurecimento enquanto pesquisadora por me proporcionar a percepção de como se dá a produção do conhecimento, em uma perspectiva ética, estética, política e coletiva e que gostaria de aqui anunciar.

Ao me debruçar sobre a pesquisa participante, compreendi que essa concepção teórico-metodológica ocupou espaços no cenário acadêmico da América Latina entre os anos 1960 e 1980, através de grupos e movimentos populares, entrelaçando-se à construção sócio-histórica da Educação Popular. Essa corrente teórico-metodológica desponta no interior dos movimentos sociais e está a serviço de compreensão, reflexão e ação para dentro dos mesmos. Seu arranjo está baseado em experiências, métodos e pedagogias de resistência que se caracterizam por compreender e valorizar o conhecimento, dando ênfase às metodologias de pesquisa e a uma ciência politicamente comprometida com a transformação da sociedade, em diálogo com ela (MORETTI; ADAMS, 2011).

Muitos são os autores que se propõem a discutir sobre as contribuições da pesquisa participante, e diversos são os nomes atribuídos a ela, tal como pesquisa-ação, pesquisa participativa, investigação ação participativa, pesquisa popular, pesquisa militante dentre outros. A que tomamos como base para a compreensão e articulação sobre a condução teórico-metodológico desta pesquisa é a vertente compreendida no seio da América Latina, imersa nos movimentos populares de vocação transformadora e emancipatória, comprometida com a investigação da realidade local (BRANDÃO; STRECK, 2006).

Sob essa ótica, a pesquisa participante propõe um olhar sobre uma determinada realidade local a partir daqueles que observam e vivenciam as comunidades populares como algo muito maior do que um instrumento de coleta de dados. Ela tem a preocupação em tornar o trabalho científico de pesquisa e análise de dados uma atividade pedagógica e assumidamente política (BRANDÃO; STRECK, 2006, ) em prol da resolução de questões propositivas ao coletivo e à comunidade, como também do compromisso com a transformação social.

A pesquisa participante, nesse contexto, se caracteriza por integrar um campo de investigação e participação social preocupado em construir uma aprendizagem partilhada, com base na ótica dos oprimidos, daqueles que usualmente são investigados a partir de análises, cuja base epistemológica

ancorada no positivismo, os leva a serem tratados como ‘objetos’ de pesquisa. Ao encontro disso, oportunizam aos sujeitos envolvidos no processo a compreensão e a interpretação sobre as lógicas do funcionamento do sistema capitalista de dominação social. Além de possibilitar a construção de conhecimentos apropriados e propositivos à mobilização social em torno da luta para mudar a própria realidade, incidindo em processos mais amplos da sociedade (MORETTI; ADAMS, 2011). O que tem uma profunda ligação com os horizontes da Educação Popular, e por isso, também fundamentou a escolha por essa abordagem de pesquisa.

Em consonância, a Educação Popular e sua interpretação da realidade assumem a concepção de uma educação que seja emancipadora, que promova a conscientização e libertação dos oprimidos, construindo com todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem uma consciência crítica rumo à transformação da sociedade. *‘Onde homens e mulheres se libertam em comunhão’*<sup>30</sup>. Ou seja, para ambas, Pesquisa Participante e Educação Popular, o tecido que envolve o cenário sócio-histórico se articula aos conhecimentos científicos nos processos socioeducativos, tendo como horizonte a transformação da situação de opressão a partir da conscientização dos oprimidos, o que viabiliza possíveis transformações sociais.

A pesquisa participante tende a ser concebida como um ‘instrumento’ – científico, político e pedagógico - quase sempre mais amplo e de maior continuidade do que a própria pesquisa. Nesse sentido, esta pesquisa está inserida em um contexto de propor apontamentos, questionamentos, contradições, respostas em prol de uma organização, que aqui se expressa pelo movimento social Levante Popular da Juventude e sua rede de Cursinhos Populares Podemos +.

Embora o Cursinho Popular Edson Luís seja uma experiência político-pedagógica desenvolvida em um território específico, com uma bagagem histórica própria, com relações e parcerias políticas, institucionais ou não, que se expressam a partir de contradições intrínsecas à realidade sócio histórica do território são-joanense, a socialização deste olhar científico para essa experiência visa a contribuir com o próprio Cursinho Popular Edson Luís, como também almeja subsidiar o Levante Popular da Juventude a compreender a dimensão estratégica das experiências educativas de cursinhos populares, articulados à Rede Podemos +.

---

<sup>30</sup> Pedagogia do Oprimido – Paulo Freire (2021)

Dessa forma, o caráter crítico que essa pesquisa almeja alcançar tem como horizonte a problematização e a resolução de questões com uma amplitude muito maior do que a própria pesquisa se propõe a alcançar.

Nessa metodologia de pesquisa, homens e mulheres, sejam das comunidades populares, sejam dos fenômenos sociais que envolvem as comunidades populares – neste caso os Educadores Populares do Cursinho Popular Edson Luís - são vistos como sujeitos cuja presença ativa e crítica atribui sentido à pesquisa participante. Ou seja, uma pesquisa é participante não porque atores sociais populares participam como coadjuvantes dela, mas porque ela se objetiva e se realiza através da participação ativa de tais sujeitos (BRANDÃO E STRECK, 2006).

Uma das dificuldades fundamentais em uma atividade científica cujo “outro lado” é constituído também por pessoas, sujeitos sociais, é a de como tratar, pessoal e metodologicamente, uma relação antecedente de alteridade que se estabelece e que, na maioria dos casos, é a própria condição de pesquisa (BRANDÃO, 1984). Como é o caso desta, que envolve relações de afeto, trabalho e de compromisso mútuo, entre nós educadores populares que construímos o Cursinho Popular Edson Luís, com o acesso das classes populares ao ensino superior público, antes mesmo do início do processo de sistematização da mesma.

Desse modo, cabe salientar que um dos grandes desafios que perpassaram todo processo de elaboração e sistematização desta pesquisa foi compreender como construir um caminho teórico-metodológico coerente, fidedigno, ético com as relações de alteridade que me formam, sem me deixar coincidir com esse lugar que me é muito afetivo. O maior desses desafios foi compreender e exercer uma posição extralocalizada do lugar que ocupo em uma busca de estranhar aquilo em que me engajo, milito e construo cotidianamente há pelo menos quatro anos. E assim assumir uma postura e um olhar crítico reflexivo sobre o trabalho que meus companheiros e eu, em relação, construímos.

Ressalto ser este um exercício difícilimo, pois há a necessidade de, como pesquisadora, colocar-me em uma posição empática e ao mesmo tempo exotópica a esses sujeitos, para assim exercitar o excedente de visão, categoria estruturante dos

trabalhos de Mikhail Bakhtin<sup>31</sup>, importante pensador que encontrei neste caminho da Pós Graduação em Educação, a partir do Grupo de Estudos Críticos do Discurso Pedagógico (GECDiP/UFSJ) e que me acompanhou na elaboração deste texto.

Para o autor, no exercício da posição extralocalizada, faz-se necessário um movimento de nos colocar de maneira empática com o outro, para ver o mundo pelo ponto de vista dele, ou seja, tal qual ele vê, buscando seus valores axiológicos. Mas devo então retornar ao meu lugar, contemplar e completar o horizonte dele com o excedente de visão que desse meu lugar se evidencia fora dele (BAKHTIN, 2011). Sendo possível, assim, dar forma e conteúdo às vozes do contexto investigativo, imprimindo-lhes um olhar e uma linguagem científica.

Tal exercício me remete ao “cerco epistemológico” elucidado por Freire (2019) em *À Sombra Desta Mangueira*, onde o autor nos provoca à reflexão que:

‘tomando distância epistemológica’ do objeto de que resulta minha ‘aproximação’ a ele, o faço “cercando” o objeto. Tomar “distância epistemológica” do objeto significa objetivá-lo, ‘tomá-lo’ em nossas mãos para conhecê-lo enquanto o ‘cerco epistemológico’ é a operação na qual, para melhor me apropriar da substantividade do objeto, procuro decifrar algumas de suas razões de ser. O ‘cerco epistemológico’ não é uma tentativa de isolar o objeto e apreendê-lo em si. No ‘cerco epistemológico’ procuro compreendê-lo nas suas relações com outros objetos, sobretudo, como já disse, procuro suas razões de ser (FREIRE, 2019, p.129, grifos meus).

Aqui, o “objeto” ao qual se refere Freire são, na verdade, os discursos dos sujeitos de pesquisa. Dessa forma, “o cerco epistemológico” ao qual o autor se remete, nesta pesquisa se debruça sobre as diversas vozes que emergem no contexto investigativo e nas relações que esses estabelecem com outras vozes. O ato de ora tomar distância e ora me aproximar desses discursos, demonstra o caminho que percorri para compreender os mesmos e encontrar os valores axiológicos expressos neles. O “cerco epistemológico” me permite ir ao encontro do que esses sujeitos dizem, na mesma medida em que me permite um distanciamento, para que eu, enquanto pesquisadora pudesse refletir teoricamente sobre as significações que compõem e se expressam por esses discursos.

Ressalto ser um grande desafio, uma vez que em muitos momentos da elaboração deste texto houve a necessidade de compreender a postura afetiva que

---

<sup>31</sup> Mikhail Bakhtin foi um filósofo, filólogo, teórico da literatura e historiador da cultura russa. Viveu entre os anos de 1885 a 1975 e dedicou a sua vida a compreender a linguagem como constituição da consciência humana e da identidade ideológica do sujeito a partir da interação verbal.

minha mente assumia em pensar os desafios, as questões, as dificuldades, os percalços que o cotidiano do Cursinho Popular Edson Luís apresenta. E sem deixar de lado o eu-militante, o eu-pesquisadora, o eu-Educadora Popular, tomar distância epistemológica daquilo que assumi como o compromisso social da minha vida pessoal e profissional, para compreender as questões intrínsecas do cursinho e imprimir um olhar científico a elas.

O exercício da curiosidade epistemológica me levou a compreender, a partir da pesquisa participante, que só se conhece em profundidade alguma coisa da vida da sociedade ou da cultura, quando através de um envolvimento – em alguns casos um comprometimento – pessoal entre o pesquisador e aquilo, ou aquele, que investiga (BRANDÃO, 1984). Sendo assim, fundamentada no meu envolvimento pessoal e profissional com o cursinho, me apoiei nesta concepção para condução teórico-metodológica dessa pesquisa.

Tanto a Educação Popular como a metodologia de pesquisa que fundamenta esse trabalho – a pesquisa participante – confluem em seus horizontes tendo sido em suas práticas libertadoras e democráticas um instrumento fundamental na construção de autonomias e sentidos, sem abrir mão da rigorosidade metodológica (MORETTI E ADAMS, 2011), em busca do compromisso ético e estético na construção da pesquisa acadêmica. Sobre o rigor desta concepção científica, Brandão e Streck (2006, p.21) afirmam:

A confiabilidade para a pesquisa participante, neste sentido, não está garantida no rigor positivo de seu pensamento, mas na contribuição de sua prática na procura coletiva de conhecimentos que tornem o ser humano não apenas mais instruído e mais sábio, mas igualmente mais justo, livre, crítico, criativo, participativo, co-responsável e solidário.

Em consonância, Freire (2014; 2020; 2021) nos mostra que a concepção pedagógica sistematizada por ele se baseia na construção de sujeitos conscientes sobre as diversas formas de opressão ocasionadas pelo modelo econômico que nos rege, convidando-nos para a construção de uma sociedade mais justa, livre, crítica, solidária e responsável com e para a vida humana. Na construção dessa crítica, Freire nos mostra alguns caminhos sobre como nós enquanto professores-pesquisadores nos posicionamos perante nossa curiosidade epistemológica.

Freire nos aponta que é necessária uma posição crítico-reflexiva em relação ao conhecimento sobre o qual iremos nos debruçar, onde a curiosidade, de superficial, espontânea, ingênua, se torne epistemológica. Ou seja, para refletir

teoricamente sobre a prática que também construo, não me é necessário mudar de contexto fisicamente, é preciso que minha curiosidade se faça epistemológica (FREIRE, 2019).

O autor continua dizendo que não é o conhecimento científico que é rigoroso, a rigorosidade se acha no método de aproximação ao “objeto”. É esta rigorosidade que nos possibilita maior ou menor exatidão no conhecimento produzido (FREIRE, 2019). Sendo assim, não é o distanciamento do contexto que vivencio concretamente e cotidianamente que me possibilita um olhar científico aprofundado sobre a realidade que estudo e sim a conversão do momento do contexto concreto em momento teórico. E é esse exercício que me acompanhou durante a sistematização desta escrita.

Ancorada na pesquisa participante e seu diálogo com a Educação Popular, esta pesquisa se desenvolve através da relação direta da pesquisadora como observadora e participante no processo do caso investigado, como, também, os sujeitos que constroem as ações investigadas são co-participantes da pesquisa, interativos e atuantes nos processos de levantamento de dados, como de demandas coletivas a serem superadas para construção cotidiana do Cursinho Popular Edson Luís.

A metodologia de pesquisa adotada neste trabalho, portanto, se caracteriza por uma abordagem qualitativa, a partir de dados coletados no ambiente natural em que o fenômeno se desenvolve. É importante anunciar que não existe uma prescrição para a pesquisa participante, mas sim alguns indícios para essa construção. A participação é o fio condutor desse tipo de pesquisa, a qual deve partir “da realidade concreta dos próprios participantes individuais e coletivos do processo” (BRANDÃO, 2007, p. 54).

A pesquisa participante dá a possibilidade de colocar a ciência a serviço da sociedade, comprometida com as causas do povo, fundamentando-se em uma concepção de ciência popular, sem que se perca a rigorosidade científica. Os mecanismos que estruturam esse tipo de pesquisa combinam diferentes técnicas como a leitura de documentos, a aplicação de questionários, entrevistas, grupos focais, entre outros procedimentos que partem do diálogo entre práxis e a visão dos sujeitos envolvidos no processo, materializadas pela linguagem. (BRANDÃO, 1984).

Portanto, me envolvi com essas diferentes técnicas para a construção analítica desta pesquisa.

Outro autor que me subsidia nesse percurso é Bakhtin, em razão de que o autor nos auxilia a pensar sobre a relação entre sujeito, linguagem e as relações sociais para a formação ideológica dos indivíduos. Bakhtin, embora não fosse um pensador da Educação Popular e nem do campo da pesquisa participante, ofereceu-nos uma reflexão sobre o diálogo e, nesse sentido, possibilita refletirmos sobre o “falar junto” a outras vozes. E, também, sobre como essa polifonia de vozes constrói significados coletivos, assim como ocorre no interior das ações político-pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís.

O autor dedica parte da sua vida a compreender e discutir as relações humanas a partir da Interação Verbal. Em seu livro, *Estética da Criação Verbal* (BAKHTIN, 2011), o autor vai ao encontro das relações que se estabelecem a partir do diálogo entre o eu e o outro. É a partir dessa relação eu-outro que se dá a construção e a partilha de sentidos e reflexões sobre a vida, construídos por meio da interação verbal, que se expressa também pelo diálogo. A partir do entrecruzamento de vozes é que acontece o diálogo verdadeiramente responsivo, categoria que nos provoca relações com a base epistemológica de diálogo em Freire, e, portanto, trago para o bojo dessa construção teórico-metodológica.

O encontro com Bakhtin me fez ampliar a discussão e compreensão sobre o diálogo, a partir de duas categorias centrais de sua obra, que são **alteridade** e **dialogicidade**. Tais categorias possibilitam um íntimo diálogo com a concepção freireana, para constituição e reconhecimento do sujeito perante o mundo, aqui relacionadas na tentativa de compreender o sujeito. Para ambos, Bakhtin (2011) e Freire (2021), o sujeito só existe na medida em que experimenta a relação com seu outro, materializada pela palavra, e que são estabelecidas e fundamentadas no tempo e na conjuntura social e histórica. Alteridade e dialogicidade se distinguem teoricamente, mas ambas se entrelaçam e se alimentam a partir da relação entre essas duas categorias. A dialogicidade é fundamental para que a alteridade ocorra, já que é pela palavra do outro que eu “me encontro” e me reconheço no mundo.

O outro é a condição para que a linguagem se torne efetiva. Dessa forma, a minha palavra, o meu discurso está impregnado dos discursos dos outros. Os meus vivenciamentos estão vinculados à experiência da alteridade que estabeleço com os



outros. Estes outros, como apontado por Bakhtin (2011), possuem um papel essencial na construção de todo enunciado, pois é nesse encontro, de no mínimo dois sujeitos, duas consciências, que se constrói toda resposta a um enunciado. O sujeito que fala aguarda uma resposta, desse modo, o autor também evidencia a natureza responsiva do sujeito.

Bakhtin (2006), em suas reflexões, aponta que a alteridade é sempre uma interação contínua com os enunciados individuais dos outros e é a partir dela que se vai constituindo a experiência individual de cada sujeito. Sendo assim, a alteridade constitui-se a partir da relação do eu com o outro, que se materializa pela palavra em ato dialógico com o não eu. Com base em Martin Buber, Freire (2021) estabelece a distinção entre o eu antidialógico, que subsidia a educação bancária, e o eu dialógico da educação libertadora, a qual os sujeitos dessa pesquisa se propõem a construir no interior das ações cotidianas do Cursinho Popular Edson Luís.

Como ressalta Freire (2021, p.227):

O eu antidialógico, dominador, transforma o tu dominado, conquistado num mero 'isto'. O eu dialógico, pelo contrário, sabe que exatamente o tu que o constitui. Sabe, também, que, constituído por um tu – um não-eu – esse tu que o constitui se constitui, por sua vez, como eu, ao ter no seu eu um tu. Desta forma, o eu e o tu passam a ser, na dialética destas relações constitutivas, dois tu que se fazem dois eu.

Nesse sentido, para a ação dialógica, os sujeitos se encontram para refletirem e transformarem o mundo a partir da interação das palavras, sentidos e significados que ambos interlocutores constroem juntos. O eu e o tu se encontram verdadeiramente através do diálogo e a partir dele, fundamentados na concepção de alteridade e dialogicidade, compreendem o mundo para transformá-lo. Categorias igualmente importantes que também nos ajudam a pensar a construção dos discursos destes sujeitos e os modos com que suas subjetividades se constituem na relação com o outro.

O sujeito, aqui nessa pesquisa, mais especificamente, os Educadores Populares, são sujeitos que falam, sujeitos que refletem coletivamente, portanto, sujeitos que trazem em seus enunciados as alteridades internalizadas e os discursos construídos pelos outros e com eles, no interior do Cursinho Popular Edson Luís. Nesse sentido, ambas as categorias – dialogicidade e alteridade - nos subsidiam para compreender a multiplicidade de vozes que surgem do contexto investigativo,

assim como é a partir delas que as ações do Cursinho Popular Edson Luís têm sido construídas.

Como Freire nos mostra no trecho citado anteriormente, a ação antidialógica transforma o outro em “isto”. Dessa forma, a concepção de ensino bancário que majoritariamente forma os sujeitos que chegam para construir o Cursinho Popular Edson Luís, constitui-se sob uma perspectiva que nega o diálogo, sendo, dessa forma, antidialógica. O que traz enormes desafios no âmbito da formação para esses sujeitos ao iniciarem seus vivenciamentos no interior do Cursinho Popular Edson Luís. Nessa perspectiva, há um choque por parte desses sujeitos ao se defrontarem com a compreensão de que o caminho formativo sob a perspectiva da Educação Popular, no interior do Cursinho Popular Edson Luís, é construído a partir da dialogicidade.

Por meio da concepção antidialógica também são construídas as perspectivas metodológicas de pesquisa que, muitas vezes, tratam os sujeitos de pesquisa como números ou meros objetos. Ou seja, o ato de roubar a palavra desses sujeitos também se faz presente em diversas pesquisas acadêmicas, uma vez que as vozes e os saberes desses sujeitos não têm ressonância nessas construções científicas, muitas delas fundamentadas sob uma perspectiva positivista.

Ao contrário dessa visão, o sujeito envolvido na pesquisa em ciências humanas não pode ser visto nem interpretado como “isto”, pois este possui voz, é um sujeito de natureza falante, com consciência e subjetividade próprias – constituídas dialética e socialmente, que fala do próprio horizonte social a que pertence e que orienta a sua compreensão e construção do diálogo (REIS NETO, 2019).

Em consonância, a pesquisa participante compreende que a relação tradicional de sujeito-objeto entre investigador-educador e os grupos populares deve ser progressivamente convertida em uma relação do tipo sujeito-sujeito, a partir do suposto de que todas as pessoas e todas as culturas são fontes originais de saber e que é da interação entre os diferentes conhecimentos que uma forma partilhável de compreensão da realidade social pode ser construída através do exercício da pesquisa. O conhecimento científico e o popular articulam-se criticamente em um terceiro conhecimento novo e transformador (BRANDÃO e STECK, 2006,). Um

conhecimento comprometido com as causas da vida do povo, fundamentado em uma concepção de ciência popular.

A pesquisa participante, em seus fundamentos, compreende que, como um meio de realização da Educação Popular, a pesquisa participa da ação social também como uma prática pessoal e coletiva de valor pedagógico, na medida em que sempre algo novo e essencial se aprende através de experiências práticas de diálogo e de reciprocidade na construção coletiva do conhecimento com os sujeitos igualmente participantes da pesquisa (BRANDÃO e STRECK, 2006). Portanto, a pesquisa participante se fundamenta na concepção de dialogicidade e na alteridade para construção da pesquisa e para partilha de sentidos pedagógicos que se fortalecem no interior desse processo.

Para Bakhtin (2011), o discurso é materializado nas enunciações que se constituem como produto da interação verbal, em que a palavra se insere nas relações estabelecidas entre os sujeitos. No entrelaçamento plural de discursos, percepções e ideologias é que se confere a construção de sentidos, uma vez que é nesse movimento que a palavra toma forma, concretizando-se em um processo que desencadeará na constituição da consciência. Assim, a produção de saberes e conhecimentos construídos com os sujeitos, no interior desta pesquisa, só podem ser de natureza dialógica, não sobre eles, mas de partilha, em construção coletiva com esses sujeitos.

A construção teórica de Bakhtin e Paulo Freire apresenta uma relação conceitual, uma vez que para ambos há a compreensão que o diálogo se configura como arena de embates, lutas, e contradições que se estabelecem na sociedade de classes. E é através do diálogo que ocorre o encontro no qual os sujeitos pronunciam e refletem sobre o mundo, onde os embates podem ser acolhidos e repensados, dialogicamente em uma perspectiva de melhor compreensão sobre a realidade social.

Dessa forma, Bakhtin e Paulo Freire me conduzem nessa empreitada, auxiliando-me nesta tarefa de pensar a formação ética, estética e política dos educadores, bem como problematizar como essas questões reverberam em seus discursos. Conduzem-me também a pensar como o próprio processo educativo vivenciado no interior do cursinho contribui com a formação dos Educadores

Populares que vivenciam a experiência político-pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís.

Como anunciado na apresentação deste texto, a pesquisa objetiva compreender **de que maneira os vivenciamentos formativos em Educação Popular experimentados pelos educadores do Cursinho Popular Edson Luís contribuem para a construção de uma práxis político-pedagógica transformadora**. Em busca de responder a esse desafio, visualizo o encontro cotidiano com os Educadores Populares que constroem essa experiência comigo, como uma forma de refletir, dialogar e escrever com esses educadores estas significações, portanto, fundamentada na perspectiva da pesquisa participante.

As categorias do campo da Educação que atravessam toda construção dessa pesquisa são **Educação Popular, Movimentos Sociais, Formação Docente e Discurso**. Na articulação entre essas categorias, me apoio nos conceitos dialogicidade e alteridade, para pensar o discurso como processo de construção de sentidos e significados sobre a docência vivenciada através da Educação Popular no interior do Cursinho Popular Edson Luís.

Uma pesquisa depende tanto de pressupostos teóricos quanto da maneira como a pesquisadora se coloca na pesquisa e é atravessada por ela e, como constitui e constrói representativamente e responsivamente os outros que investiga e a partir daí sistematiza sua escrita.

Nesse sentido, algumas perguntas latejam no meu pensamento ao encontro do outro: Como anunciar o outro? Como ser responsiva nesta relação de anúncio e reflexão sobre o que o outro diz? Como enxergar as lacunas existentes na construção que estrutura as ações cotidianas coletivas nas quais eu me insiro? Como me distanciar e estranhar aquilo em que estou submersa? Como construir pesquisa participante sendo uma metodologia tão distante de todos os espaços acadêmicos que pude experimentar? Como me aproximar e me distanciar dos discursos produzidos no interior do Cursinho Popular Edson Luís?

Não pretendo, ao longo da pesquisa, responder todas essas perguntas, mas gostaria de apresentá-las às leitoras e aos leitores destas páginas, uma vez que elas reverberam em mim tanto quanto as denúncias e anúncios que proponho fazer ao longo dela. E no pensar sobre essas questões também se dá o fio condutor desta escrita.

Ao propor um diálogo reflexivo com as vozes suscitadas no corpus analítico dessa pesquisa, proponho, em um primeiro momento, me debruçar sobre alguns documentos e alguns instrumentos de avaliação elaborados pelo próprio Cursinho Popular Edson Luís. Os instrumentos que foram escolhidos para subsidiar esse trabalho foram elaborados entre os anos de 2020 e 2022. Em um segundo momento, proponho a construção de um instrumento de análise específico para essa pesquisa, tendo sido desenvolvido com base em instrumentos de pesquisa já conhecidos pelo Cursinho Popular Edson Luís, no caso, o Grupo Focal, como veremos melhor a seguir.

#### **4.1 – OS INSTRUMENTOS DE PESQUISA**

A literatura que vem me subsidiando no interior desse processo parte da compreensão de que a pesquisa participante se apresenta em duas dimensões; uma educativa, dos envolvidos diretamente no processo de construção do conhecimento e uma coletiva e formativa, quando referencia ou fundamenta outros sujeitos que se beneficiam do conhecimento construído (BRANDÃO e STRECK 2006). Baseados nessa perspectiva, os instrumentos de pesquisa que constroem o seu corpus analítico confluem com a concepção de partilha do saber, onde os conhecimentos construídos coletivamente no interior desse processo, ao serem sistematizados, são compartilhados.

Dessa maneira, propusemos ao Cursinho Popular Edson Luís, no início do processo da elaboração dessa pesquisa, que a minha presença cotidiana no interior das atividades do Cursinho Popular Edson Luís aconteceria normalmente, sendo que sou também Educadora Popular dessa e nessa experiência. Mas que, ao me colocar como pesquisadora nesse processo, os documentos e momentos formativos destacados para subsidiar o corpus analítico desse trabalho foram anunciados e problematizados com o coletivo.

Segundo Maria Ozanira da Silva e Silva (2006), no livro “Pesquisa Participante – A Partilha do Saber”, essa modalidade de pesquisa apresenta duas particularidades básicas: uma é a relação de alteridade entre sujeito-sujeito e a relação dialética entre teoria e prática que se estabelecem no interior da pesquisa. No interior desse processo, a realidade concreta é tomada como “objeto” da

investigação, em uma perspectiva crítica na busca de compreender essa realidade enquanto totalidade.

Nessa perspectiva, o olhar científico construído se estabelece sobre a própria realidade do fenômeno social pesquisado, como também se debruça a partir de um corpus analítico produzido pelo próprio coletivo assentado neste fenômeno social. Assim, compõe-se um caminho teórico-metodológico no qual os sujeitos pesquisados são produtores dos documentos e instrumentos de pesquisa aqui observados e discutidos.

Outro ponto importante é que esses instrumentos corroboram para a reflexão que o coletivo desenvolve à luz da Educação Popular, refletindo e problematizando sobre a práxis freireana, visto que a relação entre teoria e prática é problematizada coletivamente e dialogicamente a partir dos resultados obtidos pelos instrumentos desenvolvidos pelo coletivo.

Cabe ressaltar que a figura do pesquisador não desaparece nem se dilui nesse processo, mas entra em articulação com outros sujeitos que também passam a contribuir com o processo de construção do conhecimento. O pesquisador e os demais envolvidos com essa realidade passam a construir uma unidade em ação que busca desvendar aspectos da realidade, apropriando-se criticamente desta (SILVA e SILVA, p.128, 2006).

Nesse sentido, lançamo-nos sobre alguns documentos e instrumentos de avaliação produzidos pelo Cursinho Popular Edson Luís para imprimir um olhar analítico na busca de responder as perguntas suscitadas nesta pesquisa. Os documentos elaborados pelo cursinho que compõem o corpus analítico desse trabalho são: 1 - levantamento do perfil socioeconômico dos Educadores Populares que constroem esta experiência; 2- o levantamento do perfil formativo e expectativa formativa dos Educadores Populares que constroem esta experiência; 3 - avaliação da atuação do Núcleo Político Pedagógico e 4- os relatos de experiência elaborados pelos educadores que estão se desligando das atividades do cursinho. Por sua vez, o instrumento avaliativo do cursinho que compõe o nosso corpus analítico são os grupos focais <sup>32</sup> destinados a subsidiar a avaliação político-pedagógica do ano letivo do cursinho.

---

<sup>32</sup> Faz-se importante anunciar que os grupos focais desenvolvidos pelo cursinho como instrumento avaliativo acontecem no final de cada ano e contam com a presença de todos os educadores populares envolvidos na construção cotidiana do Cursinho Popular Edson Luís. Os educadores

Após a etapa da qualificação do mestrado, com as problematizações e diálogo estabelecido com a banca, compreendi a necessidade de construir um grupo focal específico para pesquisa, a fim de fortalecer a compreensão sobre os sentidos que os Educadores Populares atribuem à formação vivenciada no cursinho. Esse movimento direcionado para e pela própria pesquisa possibilitou uma análise ainda mais robusta sobre os discursos suscitados pelos Educadores Populares que vivenciam o Cursinho Popular Edson Luís e a pesquisa.

Segundo Mogane Krueger (1993), a pesquisa com grupo focal objetiva obter a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de um modo que não seria possível com outros métodos, como, por exemplo, a observação, a entrevista ou questionário. O grupo focal viabiliza aflorar uma multiplicidade de pontos de vista e processos emocionais, pelo próprio contexto de interação criado, permitindo a apreensão de significados que, com outros meios, poderiam ser difíceis de manifestar e acessar.

Bernadete Gatti dedica-se a compreender e discutir o grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas. Segundo a autora, a utilização do grupo focal, como meio de pesquisa, tem de estar integrada ao corpo geral da pesquisa e a seus objetivos, com atenção às teorizações já existentes e às pretendidas (GATTI, 2005). Nesse sentido, a escolha pelo grupo focal como instrumento de pesquisa aconteceu baseada na familiaridade dessa ferramenta por parte do coletivo que se fundamenta nesse método como construção do momento avaliativo das atividades desenvolvidas pelo Cursinho Popular Edson Luís

Ainda segundo Gatti (2005, p.11):

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. A pesquisa com grupos focais, além de ajudar na obtenção de perspectivas diferentes sobre uma mesma questão, permite também a compreensão de ideias partilhadas por pessoas no dia-a-dia e dos modos pelos quais os indivíduos são influenciados pelos outros.

Dessa forma, a escolha pelo grupo focal também se deu devido à potencialidade que esse instrumento tem de trazer à tona as relações de alteridade e dialogicidade expressas no interior desse processo, exteriorizado pelas vozes dos Educadores Populares.

Cabe destacar que outros instrumentos de pesquisa também me auxiliaram nessa empreitada como as observações cotidianas em campo; análise documental das atividades desenvolvidas pelo coletivo, as relatorias sistematizadas pelo cursinho no interior de suas atividades; as metodologias didáticas propostas pelos Educadores Populares no desenvolver de suas atividades cotidianas; relatorias e discussões feitas pela Coordenação Político Pedagógico (CPP). Esses instrumentos embora não sejam documentos que foram destacados especificamente para compor os dados de análise, me auxiliaram para refletir sobre o todo do cursinho. A partir deles, também é possível observar como o Cursinho Popular Edson Luís organiza os conhecimentos e as práticas pedagógicas construídas em seu interior e nos subsidiam para pensar o cotidiano onde esses vivenciamentos formativos acontecem.

Como forma de síntese, apresento a seguir os instrumentos que subsidiaram o trabalho de campo desenvolvido nesta pesquisa:

Quadro 1: Documentos que compõem a construção analítica desta pesquisa

DOCUMENTOS OBSERVADOS	NÚCLEO RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO	MEIO DE OBTENÇÃO	FINALIDADE	QUANTITATIVO DE RESPOSTAS
Perfil Sócio Econômico	Acompanhamento dos Educadores	Google Forms	Compreender qual o perfil dos educadores populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís, como questões referentes à raça, sexualidade, gênero, renda familiar, entre outros.	22 Educadores Populares responderam esse questionário.
Perfil e expectativas formativas dos educadores	Formação	Google Forms	Compreender as necessidades formativas dos educadores,	40 Educadores Populares responderam esse questionário



<p><b>Avaliação do ano letivo</b></p> <p><b>Avaliação da atuação do Núcleo Político Pedagógico</b></p> <p><b>Grupo Focal específico da Pesquisa</b></p> <p><b>Documento de desligamento</b></p>			angariar sugestões de temas e opções de encontros, bem como qual proximidade dos mesmos com movimentos sociais e a Educação Popular	
	Político Pedagógico	Grupo Focal	Avaliar crítico-reflexivamente as ações, pedagógicas do ano letivo do cursinho.	38 Educadores Populares participaram deste instrumento avaliativo, divididos em 5 grupos focais
	Político Pedagógico	Questionário	Avaliar crítico-reflexivamente as ações do núcleo	6 Educadores Populares responderam esse questionário
	Pesquisadora	Grupo Focal	Compreender quais os vivenciamentos formativos o Cursinho Popular Edson Luís viabiliza aos educadores populares	7 Educadores Populares participaram desse grupo focal
	Secretaria	Relato de Experiência	Ao se desligar do Cursinho Popular Edson Luís, os educadores escrevem um relato de experiência contando sobre sua trajetória formativa durante o período em que atuaram como educadores em um movimento popular.	18 Relatos de Experiência desenvolvidos pelos Educadores em processo de desligamento

**Fonte: elaborada pela pesquisadora**

Nesse sentido a coleta de dados “parte da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações” (BRANDÃO E STRECK, 2006, p. 40). Sendo assim, os dados observados se estruturam através de dados elaborados pelo próprio coletivo como demandas coletivas a serem observadas e problematizadas e que trago para o interior desse processo, a fim de imprimir um olhar científico, político-pedagógico, mais aprofundado.

Na tentativa de compreender a pluralidade de vozes e discursos que emergem no/do contexto investigativo, proponho uma tríade analítica, momento em que a pesquisa se torna palco de uma interlocução de vozes. Nesse momento proponho um diálogo entre os Educadores Populares, a teoria que me subsidia para compreender a Educação Popular e o eu-pesquisadora.

Proponho utilizar os trabalhos de Paulo Freire, como principal fundamentação teórico-metodológica. Pretendo relacioná-los aos estudos sobre a ação político-pedagógica dos movimentos sociais que propõem um enfrentamento à estrutura pedagógica fomentada pelas políticas neoliberais que estiveram e estão em curso no país. Cabe destacar que o estudo bibliográfico aconteceu de maneira transversal durante toda a pesquisa e avançou concomitantemente ao processo de coleta e análise de dados.

A alteridade, embora não seja um conceito teórico central de discussão neste trabalho, é indispensável para a construção deste percurso teórico metodológico. Por mais que a alteridade se expresse por linguagens nem sempre perceptíveis, exigem da pesquisadora um olhar atento e aprofundado para que estas vozes que emergem do contexto investigativo não sejam abafadas em meio às muitas realidades do campo social estudado.

Pensar sobre o percurso teórico metodológico é, em parte, pensar como a pesquisadora estrutura e edifica a arena, o palco pra que as tantas vozes que emergem do contexto investigativo sejam analisadas. Pensar sobre isso, em um contexto científico que ainda carrega fortes traços positivistas, é um exercício difícil que também me atravessa, principalmente pelo compromisso ético e responsivo que se estabelece com os referenciais que sustentam esta pesquisa. Nesse sentido, no que tange a estrutura metodológica, me apoio na pesquisa participante como palco

de encontro dessas várias vozes que se entrecruzam nesta dissertação, compreendendo que ela tem íntima relação com os trabalhos de Educação Popular, elaborados por Freire.

Levando em conta o caráter participativo desta pesquisa, faz-se importante anunciar, para não estranhamento da leitora, que esse texto será escrito, em alguns momentos, na primeira pessoa do singular e, em outros, na primeira pessoa do plural, uma vez que o “nós” também é sujeito desta pesquisa. É estranho e difícil, em um primeiro momento, que eu, enquanto pesquisadora faça uma análise desse processo em que eu mesma também fui sujeito, uma vez que também sou Educadora Popular do Cursinho Popular Edson Luís e participei em parte na construção dos questionários e das respostas dos documentos de análise que serão aqui observados.

## **4.2 – SOBRE O SUJEITO-COLETIVO E ALGUMAS QUESTÕES ÉTICAS QUE PERMEIAM A PESQUISA**

No início da construção desse caminho de pesquisa, esse trabalho foi submetido ao comitê de ética<sup>33</sup>, uma vez que propõe a realização de estudos que envolvem seres humanos no corpus analítico do mesmo. Com o propósito de resguardar os interesses, a integridade, a dignidade e a identificação dos sujeitos da pesquisa, os Educadores e Educadoras Populares do Cursinho Popular Edson Luís, participantes ativos dessa pesquisa, serão resguardados de sua identificação pessoal e dessa forma estarão identificados por pseudônimos.

A escolha desses nomes foi inspirada em lutadoras e lutadores do povo brasileiro e de outras nacionalidades, alguns deles artistas, teóricos, militantes. Alguns foram escolhidos a pedido do próprio educador, outros foram referenciados por mim com base em semelhanças físicas ou em relação à luta que esses sujeitos travaram em vida.

Os pseudônimos tratam-se de nomes que marcam e ocupam diversos espaços no leito histórico das lutas sociais travadas a favor do povo oprimido e a escolha desses nomes significa homenageá-los por aqueles que ressignificam suas lutas, muitas vezes no anonimato, no contexto atual, a partir da Educação Popular. Cabe destacar que o exercício de homenagear os coletivos, núcleos de base,

---

<sup>33</sup> Trabalho submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Federal de São João del-Rei. Registrado a partir do Certificado de Apresentação e Apreciação Ética nº 47957321.4.0000.5151.

acampamentos, dentre outras experiências de resistência com nomes de lutadores do povo oprimido, faz parte das práticas desenvolvidas pelos movimentos sociais do campo popular e conseqüentemente do Levante Popular da Juventude, portanto, trago para essa construção.

Esses nomes são:

Maria da Penha, cearense que lutou pela condenação de seu marido, quem a agrediu fisicamente durante todo seu casamento. Em 1983, ela sofreu duas tentativas de homicídio, uma por arma de fogo, que a deixou paraplégica, e outra, em que foi eletrocutada durante o banho. Dezenove anos depois, no mês de outubro de 2002, quando faltavam apenas seis meses para a prescrição do crime, seu agressor foi condenado. Em 2006, o Governo brasileiro decretou a Lei nº 11.340, para coibir a violência contra a mulher, simbolicamente a lei leva seu nome: “Lei Maria da Penha”.

Milton Santos, geógrafo baiano, escritor, cientista, jornalista, advogado, professor e teórico que contribuiu com a construção de uma epistemologia atrelada às condições e aos interesses dos povos colonizados. Milton Santos foi preso durante a ditadura militar no Brasil, instaurada no país em 1964, devido ao seu posicionamento alinhado com o pensamento de esquerda. Foi à sua época um dos únicos teóricos negros reconhecidos amplamente no Brasil e integrou o governo como sub-chefe da Casa Civil e representante estadual da Bahia.

Chico Mendes, foi um seringueiro, sindicalista, conhecido por lutar pelo fim da exploração dos seringueiros, pelo direito à terra dos povos extrativistas e pela preservação e manutenção da Floresta Amazônica. O que ocasionou conflitos com ruralistas e políticos do Acre, estado em que nasceu e viveu, levando-o à morte. Chico Mendes é reconhecido internacionalmente pela luta da preservação ambiental.

Rosa Luxemburgo, filósofa e economista marxista, participou da fundação do grupo de tendência marxista do Partido Social Democrata da Alemanha, que viria a se tornar mais tarde o Partido Comunista da Alemanha. Rosa foi símbolo da luta por uma esquerda democrática e altamente conectada com as revoltas cotidianas da massa de trabalhadores oprimidos, além disso, se consagrou como lutadora por uma sociedade anticapitalista.

Carlos Mariguella, político, escritor e guerrilheiro comunista marxista-leninista brasileiro, um dos principais organizadores da luta armada contra a ditadura militar

brasileira, instaurada no país em 1964, perseguido e assassinado. Hoje é um dos símbolos de resistência revolucionária da esquerda no Brasil.

Marielle Franco, mulher, negra, mãe, lésbica, militante e socióloga com mestrado em Administração Pública, moradora favela da Maré. Foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro, com um número expressivo de votos e foi Presidente da Comissão da Mulher da Câmara. Marielle Franco dedicou sua vida à construção de coletivos feministas, negros e de favela, criticava a intervenção federal no Rio de Janeiro e a Polícia Militar, tendo denunciado vários casos de abuso de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Foi assassinada junto ao motorista em um atentado ao carro onde estava.

Elza Freire, brasileira, pernambucana, normalista de formação e educadora popular. Tornou-se professora em 1935 e despertou no marido Paulo Freire a vocação para o trabalho com educação e marcou a trajetória de Freire ao possibilitar a sua aproximação crítico-reflexiva com as questões educacionais. Colaborou de forma decisiva para o desenvolvimento da teoria do conhecimento formulada por Paulo Freire. Em muitos momentos, as reflexões compartilhadas no interior da relação o ajudaram, pelas próprias palavras do Paulo Freire, a amadurecer as posições pedagógicas que, mais adiante, ganharam corpo nos movimentos educacionais dos anos 1960, no nordeste brasileiro, a partir da Pedagogia do Oprimido.

Lélia Gonzáles, foi uma intelectual, autora, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira, militou em diversas organizações, como o Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e o Coletivo de Mulheres Negras N'Zinga, do qual foi uma das fundadoras. Foi pioneira nos estudos sobre Cultura Negra no Brasil e co-fundadora do Instituto de Pesquisas das Culturas Negras do Rio de Janeiro, do Movimento Negro Unificado e do Olodum. Sua importante atuação em defesa da mulher negra rendeu a Lélia à indicação para membro do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher.

Maria Lacerda de Moura foi uma pensadora anarquista brasileira, feminista, educadora libertária e militante. Coursou a Escola Normal em Barbacena, em Minas Gerais, tornando-se professora primária. Em Barbacena, enquanto professora, desenvolveu um trabalho junto às mulheres da região, organizando mutirões para a

construção de casas populares. Também nesta época fundou a Liga contra o Analfabetismo, onde dava aulas de alfabetização gratuitas para jovens e adultos. Chegou a participar do movimento sufragista, que abandonou rapidamente, por considerar a pauta pelo direito ao voto como uma pauta burguesa e menos importante diante de outras questões mais urgentes que as mulheres enfrentavam na sociedade naquele momento. Assim, ela se torna uma crítica do feminismo liberal e é considerada também uma precursora do chamado anarco-feminismo.

Carolina Maria de Jesus foi moradora da favela do Canindé, zona norte de São Paulo. Ela trabalhava como catadora e registrava o cotidiano da comunidade em cadernos que encontrava no lixo. Ela é considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras negras do Brasil, precursora da literatura marginal.

Olga Benário, uma militante comunista alemã, que foi extraditada pelo governo Vargas e morta em um Campo de Extermínio, na Alemanha. Olga foi uma figura feminina importante em um tempo em que as mulheres ainda não tinham garantidos os seus direitos políticos, no Brasil.

Mercedes Sosa, também chamada de “La Negra”, foi uma artista que cantou música folclórica Argentina e ao mesmo tempo denunciou a desigualdade social e as injustiças da América Latina. Durante a ditadura militar no país ela foi presa e se exilou na Europa, porém, continuou usando sua música como protesto político.

Maria Beatriz do Nascimento, foi uma professora sergipana que atuava ativamente no movimento negro brasileiro. Lecionava História na Universidade Federal Fluminense e lutou contra discriminação e respeito aos africanos e seus descendentes no Brasil. Estudou sobre quilombos, o candomblé e blocos afro na Bahia.

Ao trazer os sujeitos participantes no corpus analítico deste trabalho, proponho, em um primeiro momento, caracterizá-los de maneira mais abrangente, abordando-os como sujeitos-coletivos. Nesse momento, a análise desses sujeitos é construída de maneira mais global. Dessa forma, proponho apresentar e discutir a caracterização socioeconômica, trazendo elementos como renda, orientação sexual, identidade de gênero entre outros, uma vez que essas caracterizações representam um conjunto de signos e elementos próprios que dão indícios de quem são os Educadores Populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís.

A perspectiva de sujeito-coletivo é assumida na medida em que os Educadores Populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís são produtos e produtores de uma práxis que representa o coletivo, a partir da organização, formação e luta para a transformação da sociedade a partir da Educação. Este sujeito-coletivo é a arena de construção dos sentidos coletivos na busca pela práxis fundamentada na Educação Popular e que se materializa pela linguagem desses sujeitos. A partir dessa concepção, reunimos os sentidos da educação, da organização, da formação e da luta específica e coletiva bem como da união entre teoria e prática em seu exercício para docência.

Um coletivo fala por documentos, por suas ações, fala por suas cores, pela sua diversidade e fala também por meio de seus participantes. Estas vozes trazem conjuntos de signos que representam valores axiológicos, ou seja, a “realidade da língua como estrutura sociológica” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p.131). Bakhtin (2000) nos remete à ideia de um sujeito cuja subjetividade se constitui na e pela interação, por meio da linguagem. Neste sentido, os signos atribuídos pelos sujeitos e a enunciação dos mesmos têm natureza social e não individual, e relacionam-se à consciência, à ideologia e à linguagem.

Dessa maneira, na análise discursiva deste trabalho nos lançamos ao encontro de diversos documentos que o coletivo elaborou como também, em determinado momento, vamos a esses sujeitos, dialogar e refletir com eles na perspectiva de compreender os sentidos, os signos da linguagem impressa pelo coletivo. Nesse momento, um de nossos objetivos é de adentrar junto com os leitores à realidade viva do universo do Cursinho Popular Edson Luís, palco dessa pesquisa e de exercício da docência desses Educadores Populares. No momento em que vamos a esses sujeitos, dialogar e refletir com eles, os mesmos serão identificados por seus respectivos pseudônimos.

Faz-se importante reforçar que este texto apresenta trechos que foram desenvolvidos de maneira coletiva para ações específicas propostas pelo Cursinho Popular Edson Luís. Entre esses, há os dados observados nesta pesquisa, que foram elaborados pelos diversos núcleos que compõem o cursinho para a superação de demandas para manutenção político-pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís.

## **CAPÍTULO 5 – OS EDUCADORES POPULARES, SUAS VOZES E A FORMAÇÃO PARA A DOCÊNCIA**

Afinal, que outra é a matéria do educador senão a palavra? Afinal, que outro é o desafio da educação popular senão o de reverter, no mistério do saber coletivo, o sentido da palavra e o seu poder? Deixemo-la ser aqui, portanto, o começo e o fim do pensar.

*Carlos Rodrigues Brandão*

Celebrar a palavra, que tem poder, que ensina, que engana, que acolhe, que oprime, que liberta, que traduz sentimentos, que dialoga, que vocifera ódio, que conecta, que desconecta, que fortalece, que constrói e nos conduz para outro mundo possível. Celebrar porque é através da palavra que construímos outra forma de se viver em sociedade e é através dela, também, que aprofundamos o nosso encontro com a humanidade que há, nos outros e em nós, e em diálogo construímos outro mundo possível.

Carlos Rodrigues Brandão, em seu livro, “O que é Educação Popular?”, faz uma introdução relacionando a dimensão da palavra e seu poder, epígrafe deste capítulo. O autor nos provoca a refletir sobre o desafio da Educação Popular em desvelar com os sujeitos envolvidos no processo pedagógico os significados que estruturam e envolvem os sentidos e potencialidades da palavra.

Continuando sua reflexão, Brandão nos coloca: “Os súditos calam ou repetem a palavra que ouvem, fazendo seu o mundo do outro. Porque a diferença entre um e outros está em que o primeiro detém a posse do direito de pronunciar o sentido do mundo” (BRANDÃO 1983, p.8). Essa significação entre palavra e poder representa em partes a ordem vigente do mundo e do modelo de opressão pelo qual ele é regido, no qual os opressores têm o direito e o poder de dizer as suas palavras e os oprimidos, mesmo dizendo-as, não ganham devida ressonância, pois o poder está nas mãos e vozes dos opressores.

Em consonância, Paulo Freire (2021), em “Pedagogia do Oprimido”, nos provoca a refletir que os oprimidos são sempre roubados de sua palavra. Os opressores que roubam as palavras se fundamentam em uma profunda descrença



nos oprimidos, considerando-os como incapazes. Quanto mais dizem a palavra sem considerar a palavra daqueles que estão proibidos de dizê-la, tanto mais exercitam o poder e o gosto de mandar, de dirigir, de comandar. Já não podem viver se não tem alguém a quem dirija sua palavra de ordem. Ao encontro disso, Freire nos mostra a urgência do povo oprimido em dizer sua palavra e, com ela, pronunciar-se a si e ao mundo (FREIRE, 2021).

No prefácio de *Pedagogia do Oprimido* (2021), com o título – “Aprender a dizer a sua palavra”, Ernani Maria Fiori<sup>34</sup> destaca que para assumirmos responsabilmente a nossa missão de sujeito, de ser humano, há necessidade de aprendermos a dizer a nossa própria palavra, pois, com ela, constituímos a nós mesmos e a comunhão entre os homens e mulheres. O autor continua: “com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana” (in FREIRE, 2021, p.17).

Contemporâneos, Fiori e Freire se conheceram no início dos anos de 1960 e em meados dessa década, o filósofo gaúcho colaborou com Freire em seus trabalhos relacionados à Educação Popular no Chile, onde passaram tempo do exílio. Ambos partem da compreensão filosófica de que o ser humano se reconhece enquanto sujeito a partir do momento em que assume a responsabilidade de seu próprio destino, quando os sujeitos se tornam protagonistas da sua própria história (FREIRE, 2021). E para se constituir enquanto sujeito protagonista da própria história é necessário aprendermos a pronunciar a nossa existência, a partir das reflexões que estabelecemos sobre e com o mundo em que vivemos. Do contrário, sempre seremos meros reprodutores do eu e do mundo de outros sujeitos. Um objeto das consciências dominadoras e, portanto, oprimidos.

Sendo assim, a palavra e o direito de pronunciar o mundo e a nós mesmos são dimensões estruturantes da concepção humana e, conseqüentemente, do processo político-pedagógico que Paulo Freire se dedicou a construir. Na concepção freireana, a práxis político-pedagógica dos Educadores Populares deve se fundamentar em uma dimensão dialógica, a qual viabiliza a construção verdadeira do diálogo, importante base epistemológica da Educação Popular.

Como vimos no capítulo sobre Educação Popular, Paulo Freire não se fundamenta em qualquer concepção de diálogo, para o autor, o diálogo verdadeiro

---

<sup>34</sup> Ernani Fiori foi um filósofo brasileiro que na década de 1950, se dedicou a refletir sobre as bases de uma pedagogia da libertação, com foco na autonomia do saber popular.

ocorre quando ambos os sujeitos que dialogam tenham o direito de dizer a sua palavra e, para, além disso, ao dizerem sua palavra, cabe ao interlocutor ouvir, compreender e se deixar atravessar pelo diálogo do outro. Há, portanto, a necessidade de ambos interlocutores se permitirem interrogar pela reflexão e anúncio do outro, para assim dialogarem verdadeiramente, dialogicamente.

Como anunciado, esta pesquisa visa a compreender **de que maneira os vivenciamentos formativos em Educação Popular experimentados pelos educadores do Cursinho Popular Edson Luís contribuem para a construção de uma práxis político-pedagógica transformadora**. Para isso, nesse capítulo, me dedicarei a ouvir e dialogar com as tantas vozes e palavras que latejam no contexto investigativo a partir dos Educadores Populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís. Proponho a construção de uma concepção de diálogo que se fundamenta na alteridade e na dialogicidade, uma vez que essas concepções fundamentam a construção cotidiana do cursinho e é a partir delas que construímos o nosso pensar-agir coletivo.

Em um primeiro momento apresentarei quem são os sujeitos, educadores que constroem as ações político-pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís. Quais são as suas idades, em que contexto socioeconômico vieram e vivem, quais são as perspectivas de raça, gênero e orientação sexual que atravessam os educadores deste contexto, bem como quais experiências formativas vivenciaram, como se deu a sua aproximação com movimentos sociais organizativos, dentre outras. Busco observar a caracterização socioeconômica dos educadores na tentativa de compreender como elas reverberam na constituição do ser educador.

Em um segundo momento, proponho trazer as vozes destes sujeitos ao palco desta pesquisa. Vozes estas que foram suscitadas no próprio ambiente de trabalho em que acontecem as ações coletivas do cursinho. Essas vozes compõem o universo discursivo-ideológico dos Educadores Populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís.

A fim de construir com panorama de quem são os Educadores Populares que constroem as experiências político-pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís, os sujeitos e meus companheiros de pesquisa, que caminharam comigo por este percurso, traço um perfil dos mesmos. Após uma leitura atenta dos dados levantados nesse conjunto de ações desenvolvidas pelo coletivo e das transcrições

dos enunciados dos participantes, tive uma visão global de todo o processo, retomando inclusive questões elaboradas no início e no desenvolver da pesquisa. Esse movimento me permitiu compreender o processo de pesquisa, do campo e também identificar as categorias que emergiram dos enunciados dos Educadores Populares.

Nesse movimento elejo alguns pontos para a análise, discutindo os dados que emergiram dos questionários, avaliações críticas sobre a própria prática, grupos focais propostos aos sujeitos de pesquisa. As categorias levantadas para o interior dessa discussão são: **Sujeito, Formação, Organização e Luta**. Para tal, no primeiro momento desse capítulo analítico me dedico a trabalhar em conjunto as categorias **Sujeito e Formação**; e em um segundo momento, as concepções da **Organização do trabalho** e da **Luta** travada por esses Educadores Populares.

É preciso destacar o lugar do sujeito, também, aqui, nas análises feitas. Os sujeitos e seus enunciados constituem parte central desta pesquisa, portanto, eles ganham uma centralidade também nesta etapa do processo. O conjunto de enunciados produzidos por eles é aquilo que constitui o conjunto de dados que foram analisados. Os dados foram construídos a partir de diversos instrumentos, mas o texto, o conjunto de enunciados, é a parte central desta análise.

Para construir esta análise, elegi grupos temáticos que, com um exercício de apuração dos dados, resultaram em categorias analíticas que pudessem circunscrever a multiplicidade de sentidos expressos pelos sujeitos de pesquisa. Os documentos e avaliações elaboradas pelo Cursinho Popular Edson Luís trouxeram robustez para a reflexão sobre o cotidiano do cursinho. O grupo focal desenvolvido especificamente para esta pesquisa, as anotações de campo e as mais diversas vivências formativas que atravessaram o meu cotidiano enquanto militante, participante e pesquisadora, foram fundamentais para que eu, enquanto pesquisadora, amadurecesse esse olhar científico para refletir sobre a práxis político-pedagógica construída pelo Cursinho Popular Edson Luís.

Essa multiplicidade de dados levantados a partir das vozes dos Educadores Populares do cursinho nos auxiliou a traçar discursos que convergiam para assuntos como: reflexões sobre a formação humana, a formação como Educadores Populares, sobre a organização do trabalho no interior do cursinho, sobre a sua atuação como educadores, sobre a avaliação sobre a própria prática docente e

também sobre as impressões pessoais de cada educador a partir de suas subjetividades.

Os sentidos mais específicos, ligados às emoções, sentimentos, às trajetórias individuais e coletivas, à potência da conscientização destes Educadores Populares acerca de sua formação para docência, só puderam emergir do contexto investigativo a partir destas tantas informações. Fomos, então, ao encontro do que diziam os Educadores Populares do Cursinho Popular Edson Luís, os sujeitos que materializaram a formulação das categorias analíticas desta pesquisa.

## **5.1 – OS EDUCADORES POPULARES QUE CONSTROEM O CURSINHO POPULAR EDSON LUÍS**

A Educação ela é a base da minha vida. Eu tenho muita dificuldade com as coisas que eu não consigo propor em ideias. É a vontade de viver que me fez virar educador dentro do CPEL.

*Chico Mendes, 2022*

Grupo Focal próprio da pesquisa

Propomos o potente trecho do educador Chico Mendes, atuante no cursinho desde 2020, como forma de iniciarmos a discussão sobre quem são os sujeitos que constroem o Cursinho Popular Edson Luís e qual significação esse espaço representa para esses sujeitos. Nele é possível observar a potencialidade que essa vivência formativa proporciona aos Educadores Populares que nele atuam. Esse foi um dos trechos das tantas vozes que emergiram no cotidiano do cursinho e que substanciaram o meu olhar analítico na busca por compreender quem são os sujeitos que constroem essa experiência político-pedagógica.

O que proponho nesse momento é apresentar os Educadores e Educadoras Populares, a sua potência, a sua forma de ver e compreender o mundo, transitando entre as suas concepções subjetivas e concretas, passando por suas elaborações individuais às coletivas. Para nós, construtores do movimento social Levante Popular da Juventude, o sujeito é uma categoria fundamental de análise, uma vez que constitui e posiciona indivíduos na história dos processos sociais, culturais e

políticos de uma sociedade e estes são a corporificação fundamental na mudança e transformação social do país.

Diversos são os sujeitos que construíram e constroem as experiências do Cursinho Popular Edson Luís nesses nove anos de existência. Atualmente, o cursinho conta com a construção cotidiana de 40 Educadores Populares. Esses estão organizados entre as áreas de Ciências Humanas, Ciências da Natureza, Matemática e Linguagens, como também atuam nos diversos núcleos que compõem o cursinho, para além da sala de aula. Os sujeitos que constroem esta experiência possuem uma pluralidade de características que permitem agrupá-los ou distingui-los em uma série de particularidades socioeconômicas e/ou formativas. No entanto, o que une todos os sujeitos que constroem as ações político-pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís é o vivenciamento da formação docente, no contexto da Educação Popular, em articulação com um movimento social e a Extensão Universitária, no interior das ações do cursinho.

Dessa forma, proponho apresentar quem são esses sujeitos e como eles se corporificam como sujeito de pesquisa. Não a partir de uma concepção individualizada do sujeito, mas sim como uma concepção de sujeito coletivo, uma vez que a experiência político-pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís é a unidade representativa do movimento Levante Popular da Juventude e o movimento a partir da Educação Popular é o sujeito-coletivo que nos ensina, que nos mobiliza, nos organiza e nos projeta na luta a partir da educação. Nesse sentido, a multiplicidade e entrecruzar de vozes que emergem nesse contexto, a partir dos Educadores Populares que vivenciam essa experiência, configuram um pensar-agir oportunizados por um sujeito coletivo.

Bakhtin (2011) nos apresenta e nos faz refletir sobre um sujeito-coletivo, produtor e recriador de discursos. A linguagem, nesse sentido, pode ser definida como uma construção conjunta, polifônica, em que os sujeitos são figuras ativas das relações históricas e culturais estabelecidas. O que torna a língua viva no processo de produção cultural de mulheres e homens que dialogam entre si em busca da sua conscientização. E é através desse diálogo de no mínimo duas consciências, por meio da compreensão e da resignificação de seus valores morais, ético-culturais que corroboram com a transformação social.

Cabe salientar que o recorte temporal de análise desta pesquisa compreende os anos de 2020 a 2022. Nesse sentido, é importante afirmar que os sujeitos de pesquisa aqui ilustrados não participaram efetivamente na resposta e interação de todos os documentos levantados como corpus analítico. Uma vez que durante esse período de tempo, educadores vêm e vão rumo aos seus caminhos formativos para a docência.

O número de respostas às quais tivemos acesso não diz sobre a quantidade precisa de Educadores Populares orgânicos participantes do Cursinho Popular Edson Luís durante este período, mas nos diz algo sobre o engajamento de uma parcela significativa e nos oferece elementos suficientes para uma compreensão aprofundada na construção de nossa análise. Sabemos que as informações em relação a este perfil dos sujeitos não nos dão a dimensão global dos Educadores Populares que constroem o cursinho, mas contribuem com sua representação.

A escolha dessa categoria **Sujeito** em diálogo com a categoria **Formação** se fundamenta a partir de que a categoria sujeito confere protagonismo e engajamento aos indivíduos e grupos sociais, uma vez que são agentes conscientes de seu tempo, de sua história, de sua identidade, de seu papel como ser humano, político-social. O sujeito é reconhecido objetivamente, e reconhece-se subjetivamente, como membro de uma classe, de uma etnia, parte de um gênero, uma nacionalidade, de um grupo. Os sujeitos se constituem no processo de interação com outros sujeitos (GOHN, 2004). Nesse sentido, os sujeitos, reconhecendo-se a partir de suas condições socioeconômicas e formativas, incorporam uma linguagem que é construída no interior dessas relações entre os ou aqueles que se reconhecem coletivamente.

O sujeito, no interior dessa pesquisa, é visto em sua totalidade como uma construção sócio-histórica, inacabada, constituindo-se no processo de interação com o outro. Esse sujeito é um ser que fala e que só pode ser conhecido pelo outro, a partir de seus enunciados (REIS NETO, 2019). E é nessa construção dialética do individual e do social, na relação com os outros, que se constitui o sujeito como também os processos formativos do Cursinho Popular Edson Luís. Assim não podemos deixar de destacar a alteridade como constituinte do sujeito e da formação humana.

A partir de uma leitura freireana, enxergamos a experiência político-pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís como espaço de formação humana e docente que viabiliza a resignificação do pensar-agir dos sujeitos que vivenciam e constroem essa experiência, e conseqüentemente da reflexão que esses sujeitos têm sobre o sujeito, a docência e a organização social. A hipótese que assumi anteriormente à pergunta orientadora da pesquisa foi de que esse espaço possibilita vivenciamentos formativos que interrogam a docência dos sujeitos que experenciam esse espaço. Portanto, aqui, o lócus analítico concentra-se em compreender as dimensões sobre Sujeito e a Formação Docente.

Trago também características como as expectativas formativas que esses sujeitos apresentam, a motivação e impacto na formação e atuação profissional que o Cursinho Popular Edson Luís lhes oferece e como avaliam a sua participação nesse espaço coletivo, no intuito de aprofundar a compreensão sobre quem são esses sujeitos e quais as perspectivas de formação que trazem à tona a partir de seus discursos. Faz-se importante lembrar que para resguardar eticamente os sujeitos participantes dessa pesquisa optamos por identificar os Educadores Populares através de nomes fictícios, garantindo assim a não identificação das mesmas.

Freire e Bakhtin me subsidiam neste momento, visto que ambos consideram a vocação dos sujeitos de experenciar a vida em comunidade da partilha, nem sempre harmônica, da palavra. A palavra é o ponto de partida para pensarmos essa pesquisa. Portanto, não há como compreender nenhuma relação humana senão pela linguagem uma vez que ela é ao mesmo tempo construída e constituidora da realidade concreta (BAKHTIN, 2011). Portanto, “deixemo-la ser aqui, o começo e o fim do pensar”, como afirmado por Brandão (2017, p.4).

Cabe salientar que as palavras dos educadores foram levantadas em um ambiente natural de sociabilidade entre os integrantes, isso viabiliza que eles se expressem a partir de um linguajar próprio, calcado em uma linguagem juvenil. Essas linguagens, ditas informais representam uma linguagem polifônica, construída entre e pelos diversos integrantes do coletivo. Nesse sentido, escolhi manter os vícios de linguagens, os palavrões, gírias, uma vez que esse arcaibouço de recursos linguísticos representa o universo vocabular dos sujeitos, portanto, esta linguagem

expressa as particularidades e subjetividades dos sujeitos falantes dessa pesquisa, sendo assim, optamos por ser fiel a elas.

### **5.1.1 – O PERFIL SOCIOECONÔMICO DA JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR**

Para compreendermos quem são os sujeitos que constroem as ações educativas do Cursinho Popular Edson Luís, nos apropriaremos de um documento elaborado pelo núcleo de Acompanhamento dos Educadores, que tinha como objetivo traçar o perfil socioeconômico dos Educadores Populares, através de formulários online, na plataforma “Google Forms”. O documento desenvolvido no ano de 2021 foi construído a partir da observação do núcleo sobre as demandas e necessidades de compreender quem são as educadoras e educadores, quais suas necessidades práticas e concretas em relação à manutenção do trabalho político-pedagógico durante a pandemia do coronavírus. Nesse sentido, o núcleo composto majoritariamente por estudantes do curso de Psicologia compreendeu a necessidade de entender como coletivo quem são os sujeitos que constroem as ações cotidianas do Cursinho Popular Edson Luís.

O questionário contou com a resposta de 22 Educadores Populares. O documento foi estruturado a fim de identificar características individuais e coletivas a partir de questões referentes à raça, identidade de gênero, orientação sexual, composição de renda familiar, religião, estado civil, se têm filhos ou não, se recebem algum auxílio do governo ou não, se trabalham além dos estudos ou não, dentre outras questões. Tais características nos mostram a diversidade e pluralidade de sujeitos que compõem essa construção. Analisando as respostas através do Google Forms, é possível observar que o Cursinho Popular Edson Luís é construído majoritariamente por jovens. Dentre eles, há uma variação etária de 20 a 44 anos, em sua maioria autodeclarados brancos, dos quais 18 se reconhecem como brancos, três como pretos e um como pardo, o que é possível observar no gráfico abaixo.



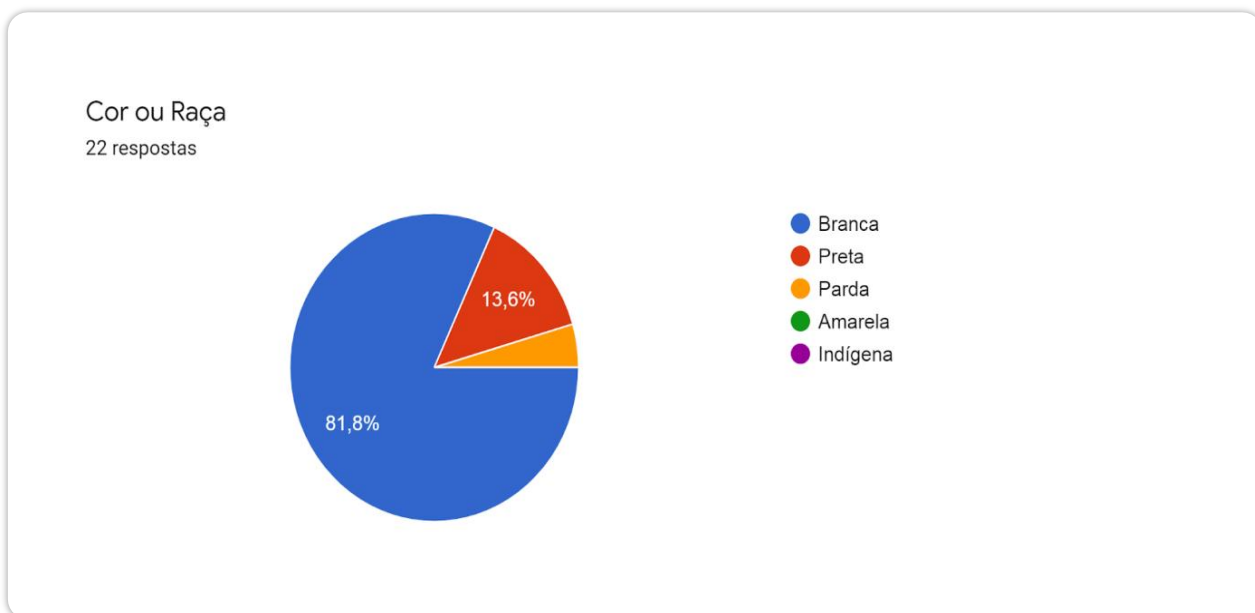


Imagem 4: Gráfico referente a orientação racial dos educadores do CPEL.

Fonte: Elaborado pela plataforma do google forms.

A juventude engajada na luta pela ruptura da educação tradicional, atuantes na construção cotidiana do Cursinho Popular Edson Luís, são filhos e filhas da classe trabalhadora. 15 desses educadores exercem alguma atividade remunerada, seja ela de carteira assinada, seja de freelancer, categoria de subemprego muito presente na vida dos jovens brasileiros. O que acaba dificultando a dinâmica do educador no contexto de engajamento político e organização para dentro do movimento juvenil - Levante Popular da Juventude, uma vez que, o Educador Popular se divide entre o tempo de trabalho remunerado, o tempo do trabalho no cursinho, além do tempo como estudante em formação inicial, sem se esquecer das questões que concernem à própria vida pessoal.

Dentre esses educadores, cinco receberam auxílio emergencial disponibilizado pelo governo federal durante a pandemia e 13 educadores recebem bolsa de estudos a partir de algum trabalho realizado na universidade. Ao serem questionados sobre suas condições socioeconômicas é possível observar a partir de seus relatos que o acesso à bolsa e ao auxílio emergencial são políticas que garantiram acessos aos filhos da classe trabalhadora a questões como educação, saúde, alimentação, habitação, ou seja, questões concretas de existência para esses sujeitos. Tais características dão indícios e sinalizam suas condições socioeconômicas e expressam os modos de vida da sua condição como jovens da classe trabalhadora.

Abaixo apresento o gráfico referente à renda familiar dos Educadores Populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís:

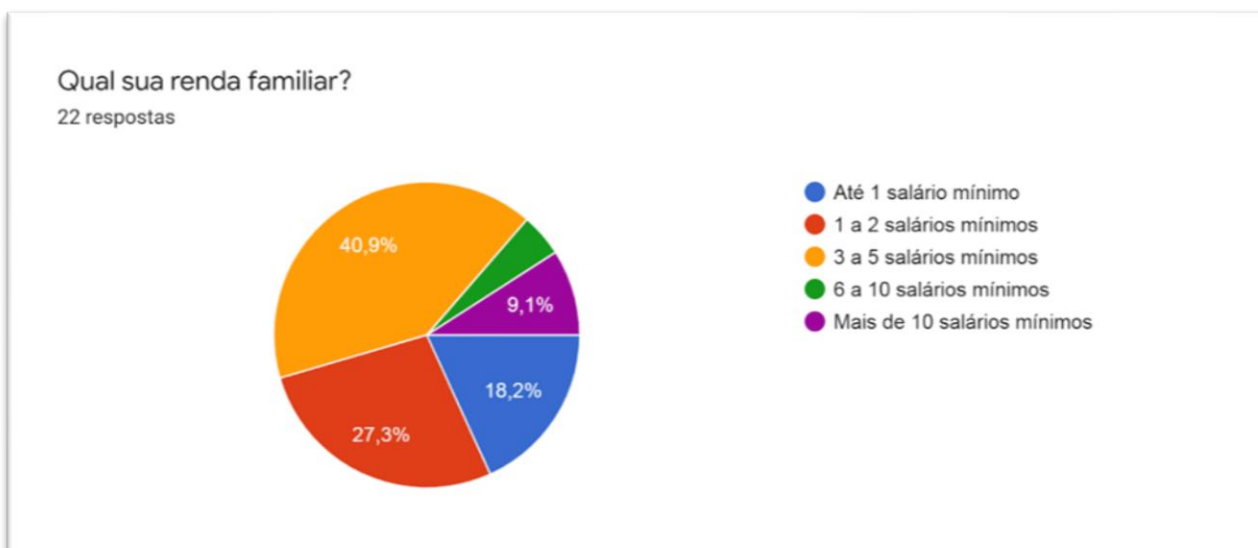


Imagem 5 – Gráfico referente à composição da renda familiar dos educadores do CPEL.

Fonte: Elaborado pela plataforma do google forms.

Como é possível observar através do gráfico, dez educadores que responderam o questionário possuem uma renda de um a dois salários mínimos, nove possuem renda de três a cinco salários mínimos, um possui renda de seis a dez salários mínimos e dois possuem renda com mais de dez salários mínimos. Para 15 desses educadores parte da renda advém do próprio trabalho, porém ainda necessitam de ajuda familiar para a composição desta renda. Esses valores relacionados ao salário mínimo compõe a renda referente a quatro pessoas, em média, por família. Ou seja, a renda para as despesas básicas, como alimentação, moradia, saúde, transporte, entre outros, são divididas entre quatro pessoas que integram o núcleo familiar. Somente dois educadores relataram que são totalmente independentes financeiramente de seus familiares e correspondem aos que ganham mais de dez salários mínimos.

Ao afirmarmos que esses sujeitos são filhos e filhas da classe trabalhadora, compreendemos que os mesmos vivem e sobrevivem a partir do esforço do próprio trabalho ou do trabalho de seus familiares. No modelo de sociedade de produção capitalista, baseado na exploração da classe dominante sobre o trabalho da classe trabalhadora, esses sujeitos utilizam o recurso advindo do esforço de seu trabalho para suprir necessidades básicas, como moradia, saúde, educação, entre outros. E

que para nós que construímos a Educação Popular em busca da transformação radical da sociedade, nos orientamos na superação desse modelo de produção, no qual as necessidades básicas deverão ser ofertadas pelo Estado e não um bem adquirido pelo capital como uma mercadoria vendável.

A superação dessa condição é uma necessidade histórica fomentada pela contradição da sociedade dividida em classes, que poderá ser superada concretamente a partir da transformação radical da sociedade capitalista, com a emancipação humana, horizonte dos trabalhos dos movimentos sociais do campo popular e da Educação Popular. Freire (2021), em Cartas à Guiné Bissau, nos ajuda refletir sobre o modelo de sociedade capitalista no qual o salário que o trabalhador recebe pelo esforço de seu trabalho corresponde a um mínimo apenas deste esforço e se destina a seus “meios de vida” e à sua reprodução como classe assalariada. Nessa perspectiva, o modelo capitalista objetiva produzir valores de troca, em mercadorias vendáveis.

Numa perspectiva capitalista, os fatores de produção – meios de produção de um lado, trabalhadores de outro – se combinam em função do capital. Parte da acumulação, que resulta da “mais-valia” – o que deixa de ser pago ao trabalhador que vende sua força de trabalho ao capitalista – é usada no bem-estar deste e outra parte na compra de mais força de trabalho e de mais meios de produção que, combinados, produzem mais mercadorias necessariamente vendáveis. Do ponto de vista capitalista, o que interessa não é a produção de um valor de uso, mas a de um valor de uso que tenha um valor de troca, isto é, que seja uma mercadoria vendável (FREIRE, , 2021, p.190).

Ao refletir sobre o processo de consciência que a classe trabalhadora deve assumir no processo político-pedagógico, Freire (1995) reflete que as classes populares precisam – ao mesmo tempo em que se engajam no processo de formação de uma disciplina intelectual – ir criando uma disciplina social, cívica, política, absolutamente indispensável à democracia que vá além da democracia burguesa e liberal, ou seja, que supere o capitalismo. Nesse sentido, Freire convoca a construção de uma sociedade fundamentada em uma democracia que persiga a superação dos níveis de injustiça e de irresponsabilidade do capitalismo, que transformam as condições básicas de existência em mercadorias. É papel dos Educadores Populares assumirem, em sua práxis, a construção de uma concepção político-pedagógica que viabilize a construção do conhecimento científico específico de sua área acrescido do processo de conscientização sobre as mazelas do

capitalismo, proporcionando aos sujeitos do processo cognitivo um despertar sobre essas questões.

Dentre os educadores que responderam o questionário, sete afirmaram que não trabalham, tendo a oportunidade de oferecerem um tempo de dedicação maior para as atividades político-pedagógicas desenvolvidas pelo Cursinho Popular Edson Luís. Também é possível observar a partir do levantamento do perfil socioeconômico dos educadores, que dentre os sujeitos que trabalham, seja pelo trabalho formal ou freelancer, seis exercem alguma atividade relacionada à docência, seja através do Ensino Básico, aulas particulares, assessoria acadêmica e uma delas é professor universitário.

No que diz respeito à identidade de gênero e à orientação sexual dos Educadores Populares construtores das atividades político-pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís, as respostas marcam a diversidade e pluralidade presente dentro do cursinho. Como veremos no gráfico abaixo:

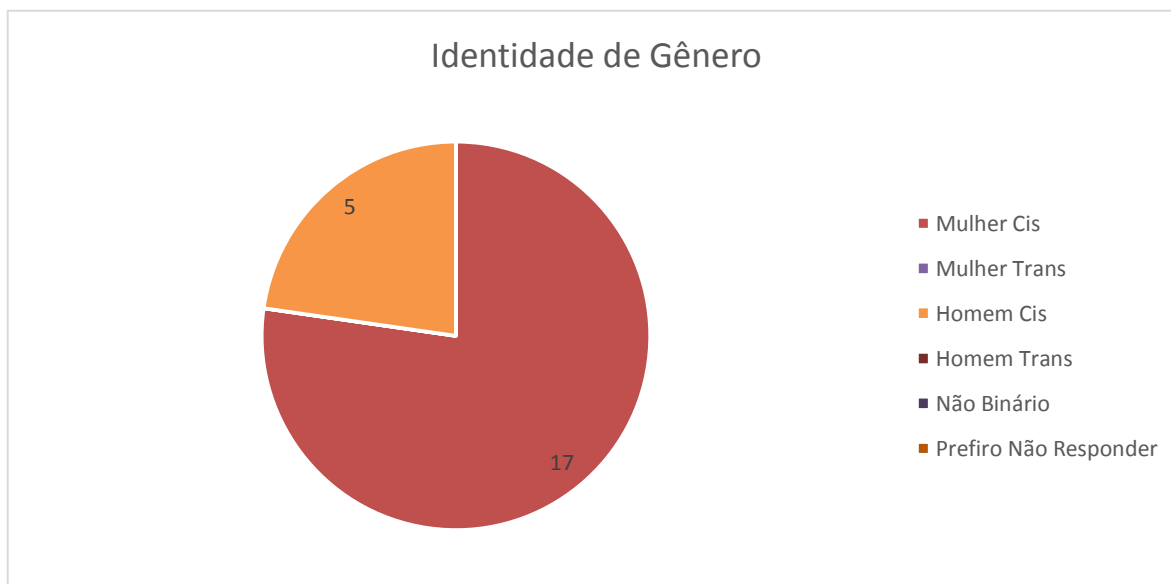


Imagem 6 – Gráfico referente à identidade de gênero dos educadores do CPEL.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

As mulheres cis<sup>35</sup> são maioria, representadas por 17 educadores populares, enquanto os homens cis são representados por cinco integrantes. Nesse sentido, cabe ressaltar a importância da ocupação das mulheres nesse contexto de reflexão

<sup>35</sup> Cisgênero é a identidade de gênero que se refere àqueles sujeitos que se identificam com o gênero que lhe foi conferido ao nascer.

crítica sobre a própria prática docente que a Educação Popular nos provoca. Uma vez que, refletir sobre as condições da própria prática de atuação profissional, em um contexto de organização popular, possibilita a estas mulheres uma ocupação de espaços de poder e decisão que, historicamente, foram-lhes negados.

É possível observar no interior das ações do Cursinho Popular Edson Luís o papel de destaque que as mulheres ocupam, seja mobilizando e conduzindo as discussões e as pautas no interior da CPP, seja referente à atuação desses educadores em sala de aula, construindo reflexões referentes ao machismo institucionalmente construído em nossa sociedade e que atravessa a vida dessas mulheres. No interior desse processo, seja nos espaços de formação, seja no interior dos núcleos, a reflexão que as mulheres vêm acumulando no Cursinho Popular Edson Luís vai ao encontro das proposições levantadas por Freire em seu livro Professora sim, tia não: cartas a quem gosta de ensinar (FREIRE, 1997).

Paulo Freire, em vários momentos do livro, chama a atenção para a ideologia que pode estar presente nessa linguagem amorosa, de tratar a professora por um título parental ou familiar, chamando-a de tia, cultura vívida ainda em alguns setores educacionais de nossa sociedade, principalmente para aquelas profissionais do campo da Pedagogia. O autor observa que quando chamam a professora de tia, está implícito neste tratamento que há uma distorção do exercício profissional, quase como proclamar que professoras, “como boas tias, não devem brigar, não devem rebelar-se” (FREIRE, 1997, p.9), não devem se organizar, não devem discutir as pautas que tocam o cotidiano de sua atividade docente, não devem fazer greve. Quanto mais se reduz a profissionalização a uma amorosidade parental, tanto menos são as condições que terá a professora para se organizar e lutar.

Ainda segundo o autor:

Quanto mais aceitamos ser tias e tios, tanto mais a sociedade estranha que fazemos greve e exige que sejamos bem comportados. Tanto mais, pelo contrário, a sociedade reconhece a relevância de nosso que-fazer quanto mais nos dará apoio (FREIRE, 1997, p. 9).

Isso é possível notar de maneira mais evidente a partir do trecho do enunciado de uma Educadora Popular, integrante do Grupo Focal desenvolvido para esta pesquisa. Ao ser questionada sobre quais espaços de formação, durante a sua graduação e a sua pós-graduação se colocaram em uma perspectiva de ‘enformar’, padronizar os sujeitos e quais espaços vivenciou se libertaram dessa

perspectiva engessada da formação, a reflexão que a Educadora trouxe para o interior do grupo focal foi:

No sentido dessa formação “pejorativa”, que enforma, eu acho que o curso de Pedagogia inteiro, quando eu fiz. Eu acho que isso seja uma coisa muito específica da UFSJ. Talvez seja uma coisa institucional, que é enraizada. A gente sabe que o currículo muda ao longo do tempo, o corpo docente vai mudando ao longo do tempo. Mas acho que tem certos caracteres que as pessoas atribuem a determinado curso, por exemplo, o de Pedagogia. Eu acredito que tenha um caráter gigante de ser um curso mais maternal, não sei... É uma coisa que eu tentei correr disso até não poder mais nesse primeiro momento de formação no Ensino Superior, desse caráter de cuidado, de afeto, acho que ia em uma direção que eu não queria seguir. (...) E quanto a espaços que me ajudaram a quebrar essa formação que eu não queria seguir, eu acho que foi encontrar realmente professores e encontrar outras pessoas como aqui no CPEL que me ajudaram a ver que o ‘leque’ (para docência) era muito maior. Que eu não precisava ser a professora que ia chegar na sala e ia ter que colocar todos os alunos para dentro de casa, de ter que agir meio como “mãe”, babá de todos eles, ou qualquer coisa assim. Eu não sou tia de ninguém, eu sou uma profissional, eu sou uma educadora, eu sou uma professora.

Maria da Penha, 2022  
Grupo Focal próprio da pesquisa

Apoiada nesse discurso é possível inferir que o Cursinho Popular Edson Luís é um espaço onde esses sujeitos interrogam a própria formação para a docência. Muitas vezes a formação docente que esses sujeitos vivenciam é construída e/ou endossada a partir de currículos, que em alguns casos acaba reforçando estereótipos sobre a figura da mulher e da docência, relacionando-o ao cuidado. Ao contrário disso, o Cursinho Popular Edson Luís possibilita a essas educadoras uma formação que provoca reflexões acerca das questões político-pedagógicas que envolvem esta afirmação de se reconhecerem enquanto Educadoras. A partir dessas reflexões as Educadoras Populares do Cursinho Popular Edson Luís vêm se forjando enquanto sujeito-educadoras conscientes de seus processos formativos e do exercício da atuação profissional do campo da Educação.

Abaixo, abordaremos sobre a questão da orientação sexual dos Educadores Populares que constroem o cursinho.

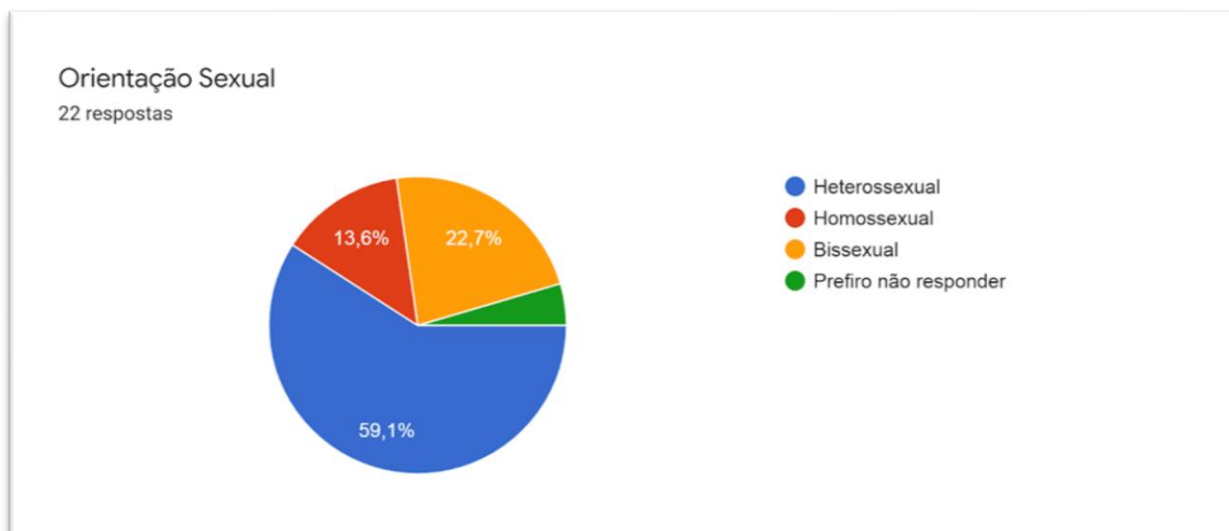


Imagem 7 – Gráfico referente à orientação sexual dos educadores do CPEL.

Fonte: Elaborado pelo Google Forms.

Em relação à orientação sexual desses Educadores Populares, 13 deles se identificam com a heterossexualidade, três com a homossexualidade, cinco com a bissexualidade e um preferiu não responder. É importante ressaltar a relevância dos movimentos organizativos de juventude do campo progressista em propor as discussões que envolvem as temáticas de inclusão das pautas identitárias ao traçar o perfil, seja do educador, seja do educando, no contexto educativo. Uma vez que, ao serem problematizadas, essas pautas viabilizam a construção de práticas pedagógicas que abarquem essas discussões.

A inclusão dessas pautas no processo político-pedagógico parte da compreensão da unidade na diversidade em que Freire (2019) estabelece, na qual o autor nos provoca a refletir sobre os diferentes que buscam unir-se para superar os obstáculos à criação da sociedade melhor, menos perversa, são diferentes conciliáveis e não diferentes antagônicos. O autor ao continuar suas reflexões nos provoca: “é preciso que os antirracistas ultrapassem o limite de seu núcleo racial por que lutam e se batam na verdade pela transformação radical do sistema socioeconômico que causa ou intensifica o racismo” (FREIRE, 2019, p.118). Da mesma forma, devem ocorrer com as lutas LGBTQI+, as lutas contra o machismo, e as tantas outras lutas contra a discriminação de qualquer forma.

Diversos, em raça, etnia, gênero, orientação sexual, advindos do campo e da periferia, os coletivos de juventude articulados ao Levante Popular da Juventude, assim como as experiências político-pedagógicas desenvolvidas através dos Cursinhos Populares, levam essas pautas identitárias para o interior dos embates,

contestando as formas superficiais de pensar a multiplicidade de sujeitos em que se legitimam as formas históricas de classificá-los e as políticas e as pedagogias de tratá-los e educá-los. No interior desse movimento, apontam outras formas de pensar a diversidade dos sujeitos. Se sua diversidade social, étnica, de gênero está na base de sua desigualdade nas condições sociais de vida, como membros desses coletivos reagem a políticas e pedagogias compensatórias, distributivas, moralizantes e apontam políticas e pedagogias das diferenças, afirmativas (ARROYO, 2014), para emancipação humana.

A forte presença da juventude contribui não só em sua trajetória como graduandos, mas como agentes transformadores da sociedade que têm a oportunidade de engajamento em um espaço de formação político-social, o que outros indivíduos acabam não possuindo, muitas vezes, pela necessidade de dedicarem seu tempo quase que exclusivamente ao mercado de trabalho, e sua integração ao modelo econômico. No entanto, cabe destacar que os jovens educadores inseridos no contexto do Cursinho Popular Edson Luís, em sua maioria, conseguem se dedicar à extensão universitária contribuindo ativamente nas ações cotidianas do cursinho popular, que conta com um movimento organizativo de jovens engajados na intervenção e na transformação social.

No que concerne aos aspectos individuais e subjetivos do sujeito, o cursinho tem viabilizado que o educador repense até mesmo o seu curso de graduação e os rumos de sua atuação profissional. Ao ser interrogado sobre quais foram os motivos que levaram um aluno de graduação de um curso bacharelado a querer dar aula no Cursinho Popular Edson Luís, é possível observar a dimensão e a potencialidade desse espaço em interrogar e problematizar a própria formação.

A Educação ela é a base da minha vida. Eu tenho muita dificuldade com as coisas que eu não consigo propor em ideias. É a vontade de viver que me fez virar educador dentro do CPEL. Na época eu não sabia que ia tomar essa proporção, na época eu prestei para vaga de professor de matemática para um cursinho. Fiz a entrevista com a “fulana” que na época era educadora de Filosofia, fazia parte da Secretaria. Depois eu fui em uma reunião aqui no campo Dom Bosco, tinha bolo, tinha gente discutindo numa lousa e eu não entendendo nada do que estava acontecendo. E depois dali houve um momento que a gente fez uma festa com salgadinhos para inaugurar o ano letivo do cursinho, lá em 2020, numa segunda-feira e na terça a gente entrou em pandemia. Não sei como eu falo isso... eu vou dar aula, eu vou terminar a minha vida como professor, isso eu tenho certeza. Eu não sei se vou continuar seguindo esse caminho de Zootecnia porque é um caminho que não parece ser muito claro, sabe? A Formação em Zootecnia e a sala de aula não são coisas tão claras, como seria se eu fizesse um curso de



Licenciatura. É um caminho muito mais óbvio. É uma decisão pessoal, eu compartilho muito com os meus familiares e penso muito se eu realmente termino o curso de Zootecnia ou se eu vou para Licenciatura. Então, pra mim a educação é o que me dá alegria. Eu fico muito empolgado em qualquer possibilidade de estar em sala de aula eu tô. Quando algum educador não pode ir eu estou sempre à disposição, se tem alguma aula para trocar eu também tô lá. É um dos melhores ambientes que eu tenho. Acredito que a sala de aula enquanto professor, a sala de aula como aluno e depois o tatame, também como aprendiz, são os três ambientes que eu me sinto mais confortável no meu dia a dia. A minha primeira experiência como professor foi no cursinho mesmo. Primeiro gravando vídeos para o Youtube, depois no ambiente de sala online e depois efetivamente com giz, lousa e muita alegria no rosto.

Chico Mendes, 2022  
Grupo Focal próprio da pesquisa

Com esse trecho é possível observar como a docência atravessou sua formação inicial e como o Cursinho Popular Edson Luís propiciou um vivenciamento em sala de aula que até então esse graduando não tinha vivenciado, provocando reflexões ao sujeito a respeito da sua atuação profissional. Com isso, é possível indagar sobre o papel da Extensão Universitária ao proporcionar aos sujeitos em formação inicial experimentar outras possibilidades de atuação profissional. Outro ponto importante de trazer para essa discussão é o papel que o Cursinho Popular Edson Luís assume em ser o primeiro momento de encontro daqueles que vivenciam a formação inicial com o lecionar, o “dar aula”, seja através de ferramentas expositivas como as disponibilizadas pelo Youtube, sejam as dialogadas e fundamentadas em uma perspectiva crítica, seja no ambiente online e/ou no presencial.

Para a educadora Maria da Penha, ao ser questionada sobre os aspectos formativos que o Cursinho Popular Edson Luís viabilizou para sua práxis enquanto educadora, refletiu sobre como essa experiência político-pedagógica viabiliza alguns conflitos internos que reverberam na sua individualidade e subjetividade. No enunciado abaixo é possível observar a perspectiva do conflito explorado pela educadora.

Eu acho que enquanto experiência formativa, dentro do cursinho o que me colocou em conflito, eu acho que veio pra me colocar muito pra pensar, sabe? Pra pensar de verdade, porque tem certas coisas que eu não via, por exemplo, eu sou uma menina branca, eu tenho certos privilégios e que no dia-a-dia são privilégios que eu não enxergo. E eu não enxergaria se eu não tivesse saído da minha caixinha e começasse a estudar a teoria. Porque os privilégios não iriam se escancarar pra mim porque eles são privilégios né?! Eles não iriam me incomodar. Na medida que eu fui lendo mais, eu fui

conversando com outras pessoas e tal que eu entrei em conflito. Eu falei: “Nossa...” De ver a realidade de uma outra forma. E eu acho que o cursinho me proporcionou isso. Eu gosto muito de pensar o cursinho como essa instituição de ensino, como uma escola mesmo. Eu acho que às vezes a gente não pensa muito nisso e pra mim ele é demais. Então pensar essa realidade da escola, desse espaço formativo, eu acho que o conflito ajuda a gente a estar pensando sempre mais. A não ficar ali só parado e engessado, mas pra gente seguir em frente. Porque se a gente não começar a pensar, a perguntar, a indagar, se sentir incomodado a gente tem dificuldade de caminhar, pra frente, pra trás ou para os lados... O conflito pra mim tem muito esse caráter de ser uma força geradora que vai me impulsionar a andar, que vai me fazer querer ir mais, a pensar, a refletir.

Maria da Penha, 2022  
Grupo Focal próprio da pesquisa

Em consonância, Freire problematiza que não há vida humana sem briga e sem conflito. O conflito elabora a nossa consciência. Negá-lo é desconhecer os mais mínimos detalhes da experiência vital e social. Fugir do conflito é ajudar a preservação do status quo (FREIRE, 1997). O conflito, nesse sentido viabiliza aos sujeitos a construção da conscientização, princípio estruturante do pensamento freireano. Dessa forma, é possível observar que o Cursinho Popular Edson Luís interroga esses sujeitos e as suas formas de pensar, colocando-os em uma posição de conflito em relação aos privilégios que determinados sujeitos têm em relação a outros, por exemplo.

Além disso, com o enunciado de Maria da Penha é possível observar que para a educadora, conflito é o que movimenta a busca pelo conhecimento e que o cursinho provoca isso em relação a sua formação humana e para sua formação enquanto educadora. Nesse sentido, é possível inferir que a articulação entre extensão, movimento social e Educação Popular, a partir do Cursinho Popular Edson Luís, contribui para que esses sujeitos repensem e questionem a própria realidade, como também possibilita que esses sujeitos comecem a enxergar a realidade sob outra ótica.

Em harmonia com Freire (1985), a educadora popular Maria da Penha reflete sobre o quanto as leituras que foi fazendo ao longo de seu processo formativo no interior do Cursinho Popular Edson Luís proporcionaram a ela enxergar a realidade de outra maneira. Convergindo com Paulo Freire (1985), em “A Importância do Ato de Ler”, onde o autor nos provoca reflexões sobre reler o mundo a partir de outras

ólicas, cada vez mais críticas, viabilizando uma “leitura” da “leitura” anterior do mundo.

Segundo o autor “essa ‘leitura’ mais crítica da ‘leitura’ anterior menos crítica do mundo possibilita aos grupos populares, às vezes em posição fatalista em face das injustiças, uma compreensão diferente de sua indignação (FREIRE, 1985, p.14)”. Cabe destacar que a leitura cada vez mais crítica que assumimos, ao referenciarmo-nos a partir dos trabalhos freireanos, nos permite compreender as nuances que atravessamos enquanto oprimidos, mesmo àqueles que em um determinado momento ocupam um lugar de privilégios em relação a outros sujeitos. O que não nos desloca do papel de oprimidos.

No tópico a seguir nos dedicaremos a compreender e discutir sobre como a busca pela vivência formativa em Educação Popular no interior do Cursinho Popular Edson Luís contribui para o caminhar desses sujeitos ao se reconhecerem enquanto Educadores Populares.

### **5.1.2 – A BUSCA DA VIVÊNCIA FORMATIVA EM EDUCAÇÃO POPULAR DA JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR**

Para compreendermos o que motivou os educadores a construir o projeto de extensão - Cursinho Popular Edson Luís - buscamos, através de um formulário desenvolvido pelo Núcleo de Formação, quais as motivações e impactos na formação desses jovens educadores que vivenciam o Cursinho Popular Edson Luís. Em relação à expectativa desses educadores em formação inicial e continuada, trouxemos para a discussão o questionamento sobre “o que te motivou a construir o Cursinho Popular Edson Luís?”.

Nessa pergunta, é possível observar que os maiores estímulos para participar do Cursinho Popular Edson Luís são a vontade desses educadores em lutar por um ensino mais democrático e por esse espaço possibilitar o acesso dos filhos das classes trabalhadoras ao ensino superior público, espaço este que historicamente foi a eles negado. Além disso, outro ponto fortemente destacado foi sobre a vontade desses professores em formação de aprender mais sobre Educação Popular e fundamentar a sua práxis a partir da mesma.

Ao todo, 40 Educadores Populares responderam o questionário desenvolvido pelo núcleo de Formação com a perspectiva de compreender quais demandas formativas esses Educadores Populares apresentam. 21 desses educadores se

reconhecem enquanto empáticos ao tema e buscam vivenciar e aprender sobre Educação Popular a partir dos vivenciamentos no Cursinho Popular Edson Luís e 18 educadores assumem e compreendem as dimensões político-pedagógicas da Educação Popular. Desses 18, nove se reconhecem enquanto militantes organizados pela Educação Popular e os outros dez reconhecem o papel social enquanto educadores.

Esses números nos mostram quais são as motivações e as aproximações que esses sujeitos fazem no processo de se reconhecerem como Educadores Populares. É possível perceber que todos os que responderam esse questionário buscam um vivenciamento, um comprometimento a partir da Educação Popular, seja para aprender sobre o tema, seja para vivenciar a práxis dessa concepção educativa. Ao se afirmarem empáticos, militantes, ou reconhecerem o papel social da educação, esses sujeitos compreendem que a educação é uma forma de intervenção no mundo e para tal há a necessidade de uma tomada de posição, de uma decisão de vivenciar a práxis da Educação Popular.

Também é possível observar a potência que esse espaço apresenta ao viabilizar o encontro desses diversos sujeitos que almejam vivenciar e se organizar a partir da Educação Popular. O encontro entre militantes, aqueles que se consideram empáticos ao tema e aqueles que reconhecem a dimensão social da educação, tem possibilitado uma potente articulação entre a Formação e Organização desses sujeitos no interior do cursinho e que reverberam na sua atuação profissional.

Na fala abaixo é possível observar as motivações que levam alguns educadores ao buscar o Cursinho Popular Edson Luís, a partir da vivência da Educação Popular. Ao ser questionada sobre quais os vivenciamentos formativos experimentados no Cursinho Popular Edson Luís contribuem para a sua formação, a Educadora Popular relatou:

Quando você vê um edital, um cursinho popular que tem como pressupostos a Educação Popular e quem vem pra cá se atrai por isso, espera ou se incomoda com alguma coisa. Existe um incômodo e quando você vê a possibilidade de você fazer parte de uma construção e que, às vezes, você não faz a mínima ideia do que é Educação Popular né?! Não teve contato com isso na graduação, porque nós somos negados a isso, principalmente quem vem da Licenciatura, em nossos currículos hoje a gente não vê nenhuma matéria que aborde sobre isso. E aí quando você vem pra esse espaço, já há um incômodo e um vislumbre de que é a partir da Educação que há uma transformação. E aí esse espaço da sala de aula, como espaço formativo pra essa vivência que é necessário fazer da teoria

do meu conteúdo, como um conteúdo acessível e que eu não posso deixar de lado esses sujeitos que estão ali, quem são essas pessoas, qual é o tipo de educação que está sendo proposto para essas pessoas e aí esse é um dos principais espaços (de formação). Porque a cada dia na sala de aula, a cada semana é uma aventura a ser vivida, sabe? É um espaço que nós não somos preparados para estar, porque a graduação não nos prepara. Fazer estágio pela Licenciatura, estar em projetos ali, a gente tem residência, PIBID, e esses espaços não nos preparam para esse momento de estar de frente de pessoas de diferentes idades, pessoas com diferentes tempos de formação, gente que não está na sala de aula há um certo tempo, gente que está no Ensino Médio e está mais fresco as coisas ali... E esse espaço da sala de aula que me forma um tanto para eu voltar aqui para nossas reuniões de núcleo, porque é dali que eu vejo, é a minha ação pro espaço de formação vai refletir para a sala de aula dos educadores que estão em sala de aula. A minha ação pro espaço de formação vai refletir nos espaços, pros outros núcleos de certa forma, pra quem não está em sala de aula e é educador de núcleo. Então, eu penso muito nesse espaço de sala de aula e como esse espaço é formativo porque é ali também que a gente tem vivido essa questão presencial. É um olhar, é um abraço que é dado e como isso transpassa muito isso da teoria, sabe? Vamos pra um espaço de formação, que de certa forma é um espaço teórico, mas esse espaço da vivência em sala de aula é um tanto quanto formativa. E esse incômodo do dia-a-dia em ver que há uma possibilidade e que essa possibilidade é pela educação. E aqui a gente fala de Educação Popular.”

Marielle Franco, 2022  
Grupo Focal próprio da pesquisa

É possível observar que os sujeitos que vivenciam o Cursinho Popular Edson Luís reconhecem que o currículo de seus cursos nega, em muitos casos, a aproximação com a concepção educativa da Educação Popular. Assim, o cursinho se constitui como um importante e propositivo lugar de encontro e formação à luz da Educação Popular. A partir da investigação e escuta dos próprios educadores, podemos perceber que este programa de extensão possibilita o contato de educadores com a ação-reflexão pedagógica, viabilizando um importante canal de aprofundamento com a práxis da Educação Popular, ainda muito distante dos currículos das Licenciaturas, de um modo geral do país.

Ao longo das últimas décadas, as críticas sobre o currículo têm posto em evidência características das políticas e práticas de formação de professores que demonstram a separação entre teoria e prática, a centralidade nos saberes científicos, o entendimento da prática pedagógica como mero campo de aplicação da teoria, o tratamento descontextualizado dado ao trabalho pedagógico e o não reconhecimento do professor como produtor de conhecimentos, com sua redução à condição de simples consumidor de teorias e aplicador de modelos curriculares e técnicas de ensino (SANTOS, 2010).

A articulação entre essas características tem contribuído para a afirmação de uma concepção fragmentada da docência, pela materialização de uma prática formativa de natureza técnico-instrumental. A crítica a tais condições toma contornos no debate social e acadêmico, com a emergência de abordagens fundadas nas teorias críticas, dentre as quais se destaca a contribuição de Paulo Freire, ainda distantes da formação de professores de um modo geral (SANTIAGO e BATISTA NETO, 2011).

Segundo Saul e Silva (2009), por um conjunto de múltiplas explicações que passam pelas políticas de currículo assumidas pelo Estado, o “currículo” acaba sendo assumido por um viés de transmissão do conhecimento. Dentre as explicações há as condições dos trabalhadores da Educação, cada vez mais deterioradas, pela formação tecnicista e aligeirada do professor, pelas condições frágeis, confusas e sucateadas da organização escolar, pelo caráter elitista, autoritário e centralizador da educação brasileira.

Nessa perspectiva, o Cursinho Popular Edson Luís tem sido, pela fala da Educadora Popular Marielle Franco, um lugar de busca para vivência da docência a partir de outra concepção formativa, fundamentada na Educação Popular. Outro ponto de destaque na fala da educadora é referente à oportunidade que os educadores encontram ao vivenciar a sala de aula com estudantes de diversas idades, em diversas perspectivas formativas. Tal vivenciamento não é oportunizado a muitos educadores em formação inicial pelas perspectivas curriculares que estruturam os currículos das licenciaturas de um modo geral, mostrando uma potente experiência para a construção de uma formação diferenciada em relação à forma como ela vem sendo construída. E que enriquece a formação dos educadores que vivenciam esta experiência.

Nesse sentido, compreendemos a importância da articulação entre Educação Popular, Extensão Popular e o movimento social Levante Popular da Juventude, que se constitui como uma propositiva relação, uma vez que esta contribui para uma formação crítica dos sujeitos envolvidos no processo, por meio de valores como a coletividade, reivindicação de pautas que tocam a vida das juventudes das classes populares, bem como a construção de um projeto popular de educação fundamentado na Educação Popular, tendência pedagógica que imprime uma

identidade de ser educador consciente de seu lugar social de agente transformador e multiplicador da pedagogia freireana.

Dessa forma, concordamos com Arroyo (2014), ao afirmar que os movimentos sociais contemporâneos retomam uma longa e persistente história de resistência às pedagogias dominantes que majoritariamente fundamentam as construções curriculares da formação docente e em contrapartida subsidiam suas ações político-pedagógicas em pedagogias de libertação e emancipação. Assim, retomam e atualizam uma história de práticas pedagógicas oficiais e de práticas contra pedagógicas não reconhecidas, mas persistentes. Práticas pedagógicas de atores sociais em relações sociais de dominação/colonização, de um lado, e de resistência, afirmação/libertação, de outro (ARROYO, 2014).

Outro ponto perceptível na fala da Educadora Popular Marielle Franco é em relação à dinâmica organizativa da construção do Cursinho Popular Edson Luís, referente ao núcleo de Formação. Neste trecho é possível observar que a Educadora significa a sua ação e a sua compreensão sobre a Educação Popular fundamentada nas formações que são construídas em parte pelo núcleo de Formação e como essa construção reverbera em sua prática de sala de aula, desdobrando-se em práxis.

Abaixo, destacamos um trecho referente a outras perspectivas e motivações que movimentam esses sujeitos ao encontro do Cursinho Popular Edson Luís, nesse sentido, destaca-se a seguinte resposta:

A perspectiva de construirmos uma sociedade mais democrática. Ao analisarmos a realidade brasileira, constatamos que a desigualdade historicamente construída ainda permanece viva e, como um instrumento de poder, cria espaços "interditos", ou seja, espaços onde determinados corpos não são aceitos, naturalizando e cristalizando as estruturas sociais. Tenho a convicção, que o CPEL politiza os alunos e contribui para que estes sejam sujeitos de suas narrativas. Dessa forma, tenho a convicção que participo de um projeto que não visa pura e simplesmente colocar o aluno na Universidade, mas visa a formação de um ser reflexivo que entende a realidade em que está inserido, que rompe grilhões e se torna sujeito no processo de construção de uma sociedade menos desigual.

Milton Santos, 2021  
Google Forms – Perfil e Expectativas Formativas

É possível observar que os sentidos assumidos pelos educadores convergem com a proposta político-pedagógica construída pelo Cursinho Popular Edson Luís ao trazer para o centro das práticas pedagógicas reflexões sobre a transformação da sociedade desigual ocasionada pelo modelo socioeconômico vigente, horizonte de

nossas ações. Também é possível visualizar que o educador nos coloca a questão de os alunos serem sujeitos de suas narrativas, politizados, confluindo com a discussão que abre esse capítulo. Nesse sentido, é possível inferir que a busca que esses educadores almejam ao construírem o cursinho fundamenta-se na perspectiva freireana de construção de uma educação subsidiada pelo diálogo, pela crítica, pela formação humana e na construção de uma sociedade menos desigual e mais democrática.

Em consonância, Freire (1985), na sistematização da pedagogia crítica e libertadora, propõe que, durante a ação educativa, o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor. Esse processo exige a participação crítica e democrática dos educandos no ato de conhecimento de que são também sujeitos. E o horizonte dessa pedagogia é a participação crítica e criadora do povo no processo de reinvenção de sua sociedade, tornando-a verdadeiramente democrática (FREIRE, 1985).

Dessa forma, o Educador Popular Milton Santos, ao aproximar-se do Cursinho Popular Edson Luís, almeja nessa experiência político-pedagógica a vivência da práxis freireana tendo como horizonte de suas ações a construção de uma prática pedagógica que desperte os alunos a serem sujeitos da construção do próprio conhecimento. E durante esse processo, os estudantes adiram à conscientização sobre a necessidade da transformação da sociedade desigual em uma sociedade democrática e que os mesmos sejam sujeitos desse processo.

A seguir, selecionei três trechos de três Educadores Populares distintos que constroem o Cursinho Popular Edson Luís, em referência sobre o que os mesmos compreendem por Educação Popular:

Acredito que a educação popular seja a proposta de educação que transforme, informe, renove e forme o educando como um ser reflexivo, capaz de pensar a sua história e compreender as inúmeras mazelas de um país com heranças patriarcais, escravocratas e meritocratas. Acredito que a educação popular contribua para que o aluno pense seus espaços, lute por mudanças e passe a sonhar com uma sociedade menos injusta e mais igualitária. A educação popular não tem como objetivo colocar somente o aluno na Universidade, o objetivo vai muito além. A Universidade é apenas um passo para que ele entenda a necessidade de rompermos os espaços "interditos", ou seja, onde nossos corpos não são aceitos. Isso só ocorre através de uma educação onde o estudante se veja sujeito capaz transformar histórias, rompendo com as hierarquias e cristalizações sociais impostas.

Milton Santos, 2021



Compreendo Educação Popular como uma práxis político-pedagógica calcada na construção do conhecimento a partir de interações dialógicas entre diferentes sujeitos. O que significa uma educação pautada pelo estabelecimento de relações e de trocas entre educadores e educandos, educadores e educadores, educandos e educandos. Ainda, ressalto o caráter crítico e desmistificador assumido por esta forma educativa visando à decodificação do mundo para a viabilização de sua transformação.

Carlos Marighella, 2021

Google Forms – Perfil e Expectativas Formativas

Educação Popular é uma pedagogia elaborada pelos movimentos de cultura popular nos anos 60, que tem como seu maior propulsor o educador Paulo Freire. A pedagogia do oprimido, como foi amplamente divulgada prevê a superação da condição de oprimidos pelo modelo econômico vigente através de práticas de ensino libertadoras. As bases epistemológicas que sustentam a Educação Popular são o diálogo, prática essencial para o processo de ensino-aprendizagem, o posicionamento político, no qual se opõe as dimensões políticas do capitalismo/neoliberalismo; o sujeito individual e coletivo e os saberes populares, dimensão indispensável à construção dos conhecimentos científicos; a práxis, articulação simbiótica entre teoria e prática, na qual o educador vai cada vez mais, num processo permanente, aproximando o que diz e o que faz.

Elza Freire, 2021

Google Forms – Perfil e Expectativas Formativas

Nos três enunciados é possível observar as significações que esses Educadores Populares atribuem à Educação Popular como fundamentação teórico-prática. É possível visualizar que algumas das bases epistemológicas suscitadas no capítulo teórico sobre Educação Popular estão presentes nesses enunciados, demonstrando uma apropriação sobre os fundamentos dessa concepção educativa. O diálogo, a práxis, a criticidade, a transformação social são dimensões que se expressam na fala desses sujeitos. E o Cursinho Popular Edson Luís tem contribuído para que esses sujeitos reconheçam e entrem em contato com essas bases epistemológicas.

É possível observar na fala de Milton Santos que esses educadores compreendem o valor axiológico dessa concepção educativa e o caráter transformador em que ela se subsidia. Mais do que uma educação que ensine os conhecimentos científicos ou uma educação que viabilize o acesso dos sujeitos em situação de vulnerabilidade socioeconômica ao Ensino Superior, a Educação Popular tem como prerrogativa a transformação da forma como o educando vê e se insere no mundo.

Além disso, é possível visualizar como os Educadores Populares atribuem a formação a partir do encontro com os diversos sujeitos que constroem o Cursinho Popular Edson Luís, com base nas relações educador-educando, educando-educando e educador-educador, retomando a discussão que abre esse capítulo sobre a concepção de alteridade que nos forma enquanto humanos. Os sujeitos que vivenciam o cotidiano do cursinho se constroem e se formam a partir dessa gama de relações alteritárias nesse espaço.

Ainda é possível observar que os Educadores Populares se fundamentam na construção de uma nova sociedade que se contraponha ao capitalismo/neoliberalismo, sem deixar de lado a discussão sobre as marcas opressivas ocasionadas pela escravidão, pelo sistema patriarcal e pela lógica meritocrática endossadas pelo sistema econômico vigente. O que corrobora com as construções discursivas da Educação Popular sistematizada por Freire, como também por aquelas articuladas pelo movimento social Levante Popular da Juventude.

Outro ponto de bastante destaque, que se torna relevante para a discussão presente é que o Cursinho Popular Edson Luís conta com a presença de dois ex-alunos como Educadores Populares e ambos afirmam que a maior motivação para estarem presentes nesse espaço foi a ajuda que tiveram do cursinho enquanto educandos para adentrarem no Ensino Superior. O que demonstra, além de um afeto com essa experiência político-pedagógica, a confiança nessa construção como possibilidade de contribuir com a inserção de mais jovens filhos e filhas da classe trabalhadora no Ensino Superior.

A partir dessas colocações, é possível inferir que a busca da vivência formativa em Educação Popular por esses jovens professores se fundamenta na perspectiva de compreender a dimensão teórica e prática e fazê-la práxis de seu exercício docente. Esses educadores almejam, na participação do cursinho, o encontro teórico-prático com essa concepção educativa, nesse sentido, vamos ao encontro do que a vivência a partir da Educação Popular proporciona a esses jovens educadores.

### **5.1.3 - A VIVÊNCIA DA EDUCAÇÃO POPULAR PARA A JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR**

Os Educadores Populares em formação inicial e continuada, envolvidos na construção do cursinho popular, chegam ao Cursinho Popular Edson Luís com diversas expectativas de formação, uma vez que apresentam uma heterogeneidade na questão formativa. Em busca de compreender essa multiplicidade formativa, o núcleo de formação estruturou um questionário, a partir do Google Forms, levantando questões a partir das demandas desses sujeitos no tocante à formação dos mesmos.

O questionário fundamentou-se em compreender o perfil formativo dos sujeitos que constroem as ações do Cursinho Popular Edson Luís, para isso, estruturou as questões levantando quais as compreensões estes sujeitos têm da Educação Popular, se já tiveram contato com a Educação Popular antes, o que esses sujeitos esperam do Cursinho Popular Edson Luís, o que motivou esses sujeitos a construir o cursinho, se já atuaram ou tiveram alguma formação na área da Educação, dentre outras. Ao todo, 40 Educadores Populares responderam este questionário.

A partir das respostas obtidas pelo formulário é possível observar que grande parte dos educadores populares que constroem as ações do Cursinho Popular Edson Luís se encontra em formação inicial, egressos da própria UFSJ, advindos das mais diversas áreas, sejam elas da Licenciatura ou do Bacharelado. Neste último caso, provocando grandes desafios no contexto formativo, uma vez que a dimensão pedagógica no currículo Bacharel não é explorada e aprofundada durante a formação inicial.

As críticas que recaem sobre formação docente no Brasil se constituem em grande parte pela forma como os currículos desses cursos são construídos. Até hoje, sobre uma base substancial de conteúdo específico, a formação pedagógica do professor licenciado coloca-se como uma complementação de créditos necessários para o exercício do magistério, e não como uma base essencial na formação do educador (SCHEIBE, 1983).

Em especial, o que se encontra nas instituições de ensino superior é o esquema antigo de formação de professores tendente mais a um bacharelado do que a uma licenciatura, ou seja, para esses cursos acrescenta-se um ano ao currículo com disciplinas da área de educação para a obtenção da licenciatura (GATTI, 2010). Dessa forma, o currículo ainda tende a ser construído a partir de

disciplinas específicas mais as disciplinas pedagógicas, sem conexões aparentes entre essas áreas.

Esses Educadores Populares vivenciam formativamente os mais diversos cursos na Universidade, entre eles estão os cursos de Psicologia, Letras, História, Filosofia, Direito, Geografia, Ciência da Computação, Engenharia Mecânica, Zootecnia, Matemática, Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura), Pedagogia, Engenharia Química, Física. Dentre outros cursos daqueles sujeitos que não participaram da resposta deste questionário.

Ao serem indagados sobre a experiência como educador, os educadores populares do Cursinho Popular Edson Luís responderam:



Imagem 8 – Gráfico referente à pergunta sobre a 1<sup>o</sup> experiência pedagógica dos educadores.  
Fonte: Elaborado pelo google forms.

Como é possível observar a maioria dos educadores, 18 desses sujeitos, relatam já ter vivenciado outras experiências além do Cursinho Popular Edson Luís enquanto professores. Essa situação evidencia potencialidades, mas também desafios para o desenvolvimento das atividades pedagógicas em sala de aula. As potencialidades são devido aos sentidos que esses sujeitos estabelecem com a docência. Por já terem vivenciado o exercício da docência, chegam ao Cursinho Popular Edson Luís com uma bagagem propositiva em relação à atuação em sala de aula, além de viabilizar troca de experiências com outros educadores nesse espaço. Já os desafios se concentram em relação à dificuldade desses educadores se apropriarem da concepção da Educação Popular e a colocarem em exercício de sua

práxis, uma vez que grande parte do coletivo alega não ter contato com a perspectiva teórico-metodológica dessa concepção educativa.

Um número relativo de educadores, seis deles, relatou vivenciar a primeira experiência da prática docente neste espaço, evidenciando uma potencialidade do Cursinho Popular Edson Luís como um exercício da docência ainda durante a formação inicial. Os educadores, desse modo, experimentam e constroem sentidos sobre a prática docente a partir de uma práxis político-pedagógica fundamentada na Educação Popular. O que viabiliza a esses sujeitos repensar a formação docente a partir de bases epistemológicas críticas, como veremos melhor a seguir.

Grande parte do coletivo - 32 educadores alegam ter o primeiro contato com a perspectiva teórico-metodológica da Educação Popular no Cursinho Popular Edson Luís. Outro grande desafio, uma vez que as bases epistemológicas que estruturam o pensamento freireano levam significativo tempo e reflexão para serem assimilados e venham a se tornar práxis, horizonte de nossas ações político-pedagógicas. É possível observar a importância que o cursinho tem em relação ao que esses sujeitos esperam da formação que esta experiência de extensão, movimento social e Educação Popular pode oferecer:

Espero que o processo de formação contribua para que eu seja cada vez mais crítico e reflexivo, não me fazendo perder de vista o sonho de uma grande revolução. Talvez a grande revolução social, levando em consideração o contexto brasileiro, esteja distante, mas não podemos perder de vista que revolucionamos vidas e criamos mecanismos para que trabalhadores tenha o seu pão de cada dia. A revolução já está acontecendo, nos estudantes e em nós cada vez que nos indignamos com as injustiças diárias do nosso cotidiano.

Milton Santos, 2021

Google Forms – Perfil e Expectativas Formativas

A partir dos seus próprios relatos, é possível observar que suas expectativas confluem com a perspectiva político-pedagógica que adotamos teórico-metodologicamente para embasar as nossas ações do Cursinho Popular Edson Luís, na perspectiva da Educação Popular. Paulo Freire nos aponta que pensar a “Pedagogia do Oprimido” é pensar em uma “Educação Como Prática da Liberdade”, e a liberdade, para Freire, assim como para nós do campo popular, será construída a partir de um processo revolucionário (FREIRE, 2009, 2014).

Assim, assumimos a dimensão revolucionária como horizonte de nossas ações. O caráter revolucionário se expressa a partir da denúncia da realidade

opressora e do anúncio de uma nova sociedade, construída pelo povo, para o povo e com o povo, onde os sujeitos tenham o seu pão de cada dia. Além disso, o caráter revolucionário se expressa a partir de uma concepção educativa que subsidia a formação inicial e continuada dos educadores populares que vivenciam o Cursinho Popular Edson Luís.

Para Rosa Luxemburgo, a expectativa no que tange à formação que o cursinho popular pode oferecer, envolve:

Aprender como preparar uma aula de matemática fundamentada na perspectiva da educação popular. Isso envolve aprender os pressupostos dessa educação, ler sobre práticas já realizadas, conhecer métodos caracterizados como da educação popular... Espero obter conhecimento e ferramentas que possam me auxiliar no preparo de uma aula não bancária.

Rosa Luxemburgo, 2021  
Google Forms – Perfil e Expectativas Formativas

No enunciado que esta educadora expressa é possível observar que embora ainda distante da perspectiva da Educação Popular, almeja na participação do Cursinho Popular Edson Luís compreender como as práticas pedagógicas são construídas a partir dessa concepção educativa. Com esse trecho é possível observar que o cursinho é um potente espaço onde os professores em formação buscam vivenciar e aprender sobre a práxis pedagógica freireana.

É importante destacar que grande parte desses educadores não tem contato com essa concepção educativa durante a formação inicial através dos currículos de seu curso, nesse sentido o Cursinho Popular Edson Luís, como articulador da extensão, movimento social e Educação Popular, viabiliza a esses sujeitos essa aproximação. O que evidencia potencialidades para as vivências formativas desses sujeitos.

Abaixo é possível observar outro enunciado que conflui com essa perspectiva. Ao ser questionado sobre como ele vê a construção da concepção teórico-prática da Educação Popular no cotidiano do cursinho, Carlos Marighella reflete que:

Eu acho que o primeiro ponto do cursinho, falando sobre Educação Popular, eu acho que é um lugar de apresentação da Educação Popular para um monte de gente, pelo menos pra mim também foi. É o lugar que você chega e vê que essa parada existe e que tem uma galera empenhada em pensar esse troço. Então, primeiro é esse lugar de primeiro contato que eu acho que é pra muita gente. Pra mim foi. Eu já tinha lido um livro só do Paulo Freire antes, eu já tinha tido um pouquinho de contato com experiência de estágio, uma experiência muito pouca. E quando eu cheguei no cursinho eu fui conhecer o que é isso. Aí a Educação Popular está muito embrenhada no vocabulário do cursinho, no léxico do cursinho, na prática

do cursinho e na ação do cursinho. Então, mesmo que nos encontros, em uma reunião formal de CPP que a gente tem que discutir demanda de achar verba para fazer simulado, a Educação Popular está no nosso léxico e está na maneira como a gente pensa isso. E isso é muito formativo pra quem não conhece sobre isso, porque a Educação Popular não é só um método, é uma pedagogia e uma pedagogia é uma prática, como também é uma postura. Então, quando a gente enfrenta um problema e a gente escuta as pessoas que estão no cursinho a mais tempo, que trabalham a mais tempo com Educação Popular, você percebe uma postura ao falar sobre determinado tema. E dá pra ver que essa postura pega um pouco de base dos preceitos da Educação Popular, então é sempre uma postura que tenta prever uma coletividade, que tenta prever esse encontro, é uma postura que tenta pensar o diálogo como uma possível fonte de achar a resposta. Então se a gente tem um problema vamos tentar conversar sobre esse problema, sabe? E isso é muito 'dahora' no CPEL porque dá pra ver que é uma postura que as pessoas têm. Essa é a impressão que eu tive quando eu entrei e é a impressão ainda hoje. Então eu acho que a própria convivência do cursinho que a gente experiencia aqui no meio é um pouco dessa prática mais voltada pro popular, que é uma prática que é muitas vezes é negada em muitos outros espaços. É uma prática que a gente não conhece em vários outros espaços. Um monte de espaço que a gente entra, enfrenta uma sociabilidade que é individualizante, até na própria Universidade Federal. É o seu trabalho de TCC que você tem que fazer e aí se vira. Acho que o cursinho quebra um pouco isso, ele te apresenta uma potência nova de tentar resolver as coisas, pensar o mundo, interpretar o mundo e recriar o mundo.

Carlos Marighella, 2022  
Grupo Focal próprio da pesquisa

É importante trazer à tona que muitos educadores alegam desconhecer sobre os princípios teórico-metodológicos da Educação Popular. Nesse sentido, esse espaço tem se demonstrado como potente possibilidade formativa a esses sujeitos junto a perspectivas educativas que têm em seu horizonte a emancipação humana.

No enunciado acima, é possível observar que o educador pontuou sobre o léxico e a linguagem que representa o universo vocabular dos Educadores Populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís e que são expressos em suas posturas. É possível inferir sobre a significação que esses sujeitos atribuem à Educação Popular no interior desse processo tendo contato com uma perspectiva de atuação profissional comprometida com as causas e urgências do povo brasileiro.

No discurso do educador é possível visualizar como o Cursinho Popular Edson Luís, a partir de sua visão, contribui com uma perspectiva formativa menos individualizante e mais coletiva. Através do diálogo os sujeitos que constroem as ações educativas do cursinho buscam as respostas que procuram para embasar a sua práxis político-pedagógica à luz da Educação Popular. Ainda nesse trecho, o educador Carlos Marighella, trata da postura assumida pelos Educadores Populares mais antigos do Cursinho Popular Edson Luís, a qual conflui com as reflexões de

Freire ao afirmar sobre postura que o educador crítico deve assumir frente à construção do conhecimento. Para o autor, o diálogo e a problematização são fundamentos de uma concepção educativa pautada na conscientização dos sujeitos e que deve ser assumida pelo educador crítico (FREIRE, 2014).

Segundo o autor:

Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra em interação. Saber que reflete o mundo e os homens, no mundo e com ele, explicando o mundo, mas, sobretudo, tendo de justificar-se na sua transformação (FREIRE, 2014, p.36).

Dessa forma, no enunciado anterior é possível observar que os Educadores Populares que constroem o cursinho compreendem que o exercício da docência pautado na Educação Popular necessita uma postura frente às atividades político-pedagógicas pautada no diálogo e na problematização das questões que permeiam o cotidiano do cursinho. E é a partir da coletividade dessas problematizações que o processo formativo dos professores vai sendo construído no interior das ações do Cursinho Popular Edson Luís.

No trecho abaixo, é possível observar como alguns educadores objetivam sua entrada no Cursinho Popular Edson Luís para vivenciar a Educação Popular.

Eu acho que estar aqui no CPEL e estar em contato com vocês e esses espaços de formação, com essa práxis do dia-a-dia que a gente tem que ir fazendo e vivendo, aí eu acho que foi um lugar de reflexão sobre isso (formação) pra mim. E foi um lugar que me abriu muito a mente por conta disso, de poder exercer e viver mais essa práxis. O meu objetivo de vir pro cursinho era viver essa Educação Popular na cotidiança. Eu acho que quando a gente forma para enquadrar, a gente tem só o título, mas quando a gente forma para viver mesmo, eu acho que é um outro tipo de formação, e é essa formação que a gente busca e está construindo aqui dentro. Essa formação que é essa vivência, que é se inserir ali e viver mesmo essa Educação Popular. Eu sou grata por esse espaço porque talvez se eu fosse estudar Paulo Freire, estudar Educação Popular igual eu queria para minha pesquisa de outro jeito, em outro espaço, talvez eu não teria alcançado o que eu alcancei aqui. Acho que abriu muito a minha mente para pensar. É uma outra significação pra mim dessa formação. Tanto pro currículo como para me auxiliar, citando Paulo Freire, nessa busca por ser mais. E eu vim pra cá com o intuito de ser mais. E como tudo faz parte disso, de todas as pessoas que a gente vai encontrando ao longo do processo.

Maria da Penha, 2022  
Grupo Focal próprio da pesquisa

Neste enunciado é possível observar alguns indícios da motivação e do impacto que essa jovem educadora objetivou para sua formação, ao demonstrar o desejo de vivenciar a Educação Popular na “cotidiança” a partir do Cursinho Popular



Edson Luís. É possível observar a significação que Maria da Penha atribui à construção e vivenciamento, a partir do cursinho, de uma práxis político-pedagógica fundamentada na Educação Popular.

É possível visualizar também que a educadora reflete sobre uma formação para enquadrar e uma formação para vida, que é a que buscamos enquanto educadores fundamentados na perspectiva freireana, uma Educação para a liberdade, na busca de “ser mais”. Ao encontro disso, em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2021) formula uma concepção de Educação fundamentada na humanização dos sujeitos, no momento em que esses sujeitos vivenciem essa permanente busca de “ser mais”. Este termo atravessou e interrogou por muitos momentos as minhas reflexões acerca da Educação Popular. Embora eu ainda não tenha encontrado uma definição concreta sobre o que é “ser mais”, ao longo de meus estudos fui construindo uma visão fundamentada na ligação cristã que Freire teve em vida e expressou em muitos momentos de sua obra. Essas reflexões confluem com uma perspectiva de que a busca em ser mais é a busca por fortalecer a humanização que há em nós.

Freire, como camarada de Cristo, como ele mesmo afirmava, em suas andarilhagens pelo Recife, ia ao encontro dos camponeses, dos favelados, dos seres vulnerabilizados e oprimidos pelo sistema econômico, movido por “uma certa lealdade ao Cristo”, como ele nos coloca em uma de suas últimas entrevistas em vida<sup>36</sup>. A partir disso, exercitava constantes reflexões sobre a realidade sócio-histórica que vulnerabiliza esses sujeitos:

A realidade dura do favelado, a realidade dura do camponês, a negação do seu ser como gente, a tendência àquela adaptação da que a gente falou antes, aquele estado quase inerte diante da negação da liberdade, aquilo tudo me remeteu a Marx. Não foi os camponeses que disseram pra mim: “Paulo, tu já lestes Marx?” Não, de jeito nenhum, eles não liam nem jornal. Foi à realidade deles que me remeteu a Marx. E aí eu fui a Marx. (...) Quanto mais eu li Marx, tanto mais eu encontrei uma certa fundamentação objetiva para continuar camarada de Cristo. As leituras que fiz de Marx, os alongamentos de Marx, não me sugeriram jamais que eu deixasse de encontrar Cristo na esquina das próprias favelas. Eu fiquei com Marx na mundanidade à procura de Cristo na transcendentalidade (FREIRE, 1997).

---

<sup>36</sup> Última entrevista concedida em 1997, em sua casa em São Paulo, quando Paulo Freire tinha 75 anos. Naquele momento, ocorria uma imensa Marcha do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e Freire começa sua entrevista refletindo: “Eu morreria feliz se eu visse o Brasil cheio, em seu tempo histórico, de marchas. Marcha dos que não têm escola, marcha dos reprovados, marcha dos que querem amar e não podem, marcha dos que se recusam a uma obediência servil, marcha dos que se rebelam, marcha dos que querem ser e estão proibidos de ser...” Entrevista completa disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=UI90heSRYfE&ab\\_channel=cbuson](https://www.youtube.com/watch?v=UI90heSRYfE&ab_channel=cbuson).

Freire, nesta fala, anuncia sua aproximação ao pensamento marxista e a ligação dessa concepção aos valores do cristianismo, em uma perspectiva de que ambos, Cristo e Marx, construíram o seu pensar-agir no mundo na busca da libertação dos sujeitos oprimidos. E essa opressão se fundamenta em uma sociedade dividida em classes, materializando sua opressão, seja a partir da renda, orientação sexual, raça, gênero, entre outras formas de opressão, o que impossibilita mulheres e homens a serem mais.

Essa busca em “ser mais”, que é permanente, se fortalece na medida em que denunciemos a sociedade opressora que castra a libertação de mulheres e homens, como também denunciemos as nuances opressoras que há em nós e, para, além disso, anunciamos uma nova sociedade, um novo eu em vigília constante sobre as perspectivas opressoras, para assim viabilizar aos sujeitos serem mais.

Segundo Freire (2021, p.46)

A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação exige uma permanente busca. Busca permanente que só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente porque não a tem.

Ao continuar sua reflexão, Freire nos mostra a necessidade que se impõe aos oprimidos de superar a situação opressora. E isto implica no reconhecimento crítico na razão desta situação de opressão, para que, através de uma ação transformadora que incida sobre ela, se instaure uma outra, que possibilite aquela busca do ser mais (FREIRE, p.46, 2021). Dessa forma, é possível inferir que o anúncio dessa nova sociedade, livre de todos os tipos de opressão, seja relacionado à classe, gênero, raça, orientação sexual, entre outros, viabilizaria aos sujeitos uma existência mais humana, que viabilize aos sujeitos serem mais,

É possível observar a partir do trecho da Educadora Popular Maria da Penha, que o Cursinho Popular Edson Luís possibilita uma formação que vai ao encontro de uma práxis transformadora, o que se desdobra em sua formação profissional e humana na busca de ser mais. E o encontro dessa práxis se dá também a partir da relação que estabelecemos com o outro no interior dessa construção coletiva que é o Cursinho Popular Edson Luís.

A práxis, como nos ensina Freire (2021) é reflexão e ação das mulheres e homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimido. E é a partir dela que construímos o horizonte de nossas ações pelo cursinho. É a partir dela, também, que almejamos a vivência da

Educação Popular para todos os sujeitos que vivenciam as experiências político-pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís.

No tópico a seguir nos dedicaremos a compreender como os jovens Educadores Populares que constroem o CPEL avaliam a sua participação nessa experiência político-pedagógica.

#### **5.1.4 - COMO A JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR AVALIA A EXPERIÊNCIA DE TRABALHAR NO CURSINHO POPULAR EDSON LUÍS**

Na busca de decifrarmos qual a implicação do Cursinho Popular Edson Luís na formação inicial e continuada dos Educadores Populares que constroem esta experiência, fomos ao encontro do que eles dizem sobre como avaliam a experiência de trabalhar no cursinho. Para tanto, procuramos respostas principalmente no documento de desligamento desse projeto de Extensão. Documento este confeccionado pelo Núcleo de Secretaria que concede a oportunidade de os próprios integrantes do cursinho relatarem e avaliarem suas experiências, o trabalho, o ambiente e as relações construídas no coletivo a partir de um relato de experiência.

O documento é constituído de duas seções: na primeira, os educadores prestes a se desligarem têm de responder quais os motivos do desligamento, justificando assim sua ação. Já na segunda seção, é requisitado um relato da participação do sujeito no cursinho, e uma avaliação do programa. Ao todo, nos debruçamos sobre 18 relatos de experiência que trazem a compreensão avaliativa desses sujeitos em relação à experiência formativa no Cursinho Popular Edson Luís.

A análise das respostas à objetiva pergunta da primeira seção nos revela um dado importante: das doze respostas analisadas, todas destacaram motivos externos para o desligamento ao coletivo. Normalmente os pontos ressaltados pelos educadores variam entre a impossibilidade de continuar no cursinho por acúmulo de outras tarefas, a não conciliação de horários e a sensação de esgotamento mental causada pela grande quantidade de funções assumidas, ou ainda, por enfrentarem momentos pessoais difíceis, situação agravada pela pandemia e as diversas crises vivenciadas em anos mais recentes.

Pontos relacionados à dificuldade de conciliar a dinâmica da vida estudantil, projeto de extensão, trabalhos informais para composição da renda e a vida pessoal dificultam a organização e dedicação desses sujeitos à construção cotidiana do

cursinho, fazendo com que alguns desses educadores optem pelo afastamento das atividades político-pedagógicas. Questões relacionadas à não obtenção de bolsa no projeto de extensão do cursinho impossibilitam maior dedicação desses sujeitos a essa experiência, uma vez que precisam buscar uma fonte de renda por outros meios, o que provoca grandes desafios no que se refere à conciliação de tempo para o cursinho.

Nenhuma resposta destacou, por exemplo, a insatisfação com a atuação do cursinho, ou o desapontamento com as ações desempenhadas no interior do coletivo. Informação que indica certa proeminência na organização do Cursinho Popular Edson Luís e uma ação ao menos congruente aos valores por ela defendidos. Porém, tais dados também nos indicam que é preciso voltar uma maior atenção para o bem-estar mental de nossos educadores, visando a construir um ambiente que seja capaz de acolher melhor as demandas por saúde, principalmente aquelas relacionadas ao campo da saúde mental.

A segunda seção, mais subjetiva, nos permite tecer uma série de considerações acerca da percepção dos Educadores Populares sobre as atividades desenvolvidas no Cursinho Popular Edson Luís. Um ponto com frequência destacado no enunciado dos educadores é a colocação de que, a partir do cursinho, foi possível atuar em sua área profissional na prática, sendo este espaço um grande catalisador da ação, da inserção e atuação profissional desses sujeitos na realidade concreta.

No enunciado abaixo é possível observar como a educadora Maria Carolina de Jesus significa a sua experiência formativa a partir do cursinho.

O Cursinho foi uma das melhores experiências de minha formação, sem sombra de dúvidas! Em meio à pandemia, foi um dos principais fatores que me manteve com a saúde mental preservada, através do apoio mútuo e toda a solidariedade que os membros puderam oferecer. Aqui minha fé na educação e na transformação social que ela pode possibilitar cresceu imensamente, percebendo que não estou sozinha nesta luta! A gentileza e o amor com que conduzimos as atividades permitiu que eu explorasse melhor meu lado afetivo, não privilegiando apenas o racional. Aqui aprendi de fato, na prática, uma ética imprescindível de lidar com os seres humanos. O Cursinho não só afetou minha história profissional, mas também minha ideologia de vida, auxiliando na formação de sentido e nos horizontes que pretendo alcançar. Cada desafio enfrentado foi gerador de compromisso e implicação, de forma que “até que enfim” a busca por artigos e estudos tivesse um sentido prático de resolver uma demanda real específica. Os momentos de formação foram riquíssimos, não só os que líamos algo, mas o próprio cotidiano e troca de ideias e pontos de vista possibilitava uma rica formação. Aqui foi onde eu cheguei o mais próximo do que se entende por democracia. Aprendi a ouvir e também me colocar de forma mais assertiva.

Com esse trecho é possível observar que a perspectiva formativa viabilizada pelo Cursinho Popular Edson Luís conflui com o repensar desses sujeitos sobre a própria formação acadêmica como também a formação humana. Carolina Maria de Jesus reflete sobre a ética necessária para lidar com os seres humanos. O que me remete a Freire ao afirmar que o educador progressista, para o exercício da pedagogia da autonomia, não pode se furtar da ética, no respeito à dignidade e à própria autonomia do educando (FREIRE, 2017). Freire em vários momentos de sua obra afirma a responsabilidade ética no exercício de nossa tarefa docente.

O autor vai além, ao falar sobre ética. Não se baseia em qualquer concepção. Para Freire, ao se referir à ética, trata sobre a ética universal do ser humano, que condena a exploração da força de trabalho do ser humano, que condena “falsear a verdade, iludir o incauto, golpear o fraco e indefeso, soterrar o sonho e a utopia, prometer sabendo que não cumprirá a promessa” (FREIRE, 2017, p. 17). A ética referida pelo autor é a que afronta qualquer manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe, entre outras. É a ética que estabelece compromisso com as gentes brasileiras na construção de uma nova sociedade, que necessita do sonho utópico que nos coloca em permanente movimentação para a construção dessa sociedade livre de opressões. Nesse sentido, a ética é um dos valores e princípios que subsidiam a concepção pedagógica que Paulo Freire se dedicou a construir, em consequência, é um dos valores que buscamos em nossa práxis nas atividades político-pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís.

É possível observar no enunciado da educadora Carolina Maria de Jesus sobre o compromisso e implicação ao buscar o conhecimento científico através dos artigos na perspectiva de resolver uma demanda do cotidiano do cursinho. E como essa busca “até que enfim” fez sentido em sua trajetória acadêmica. Esse enunciado me remete às considerações em torno do ato de estudar em Freire, onde o autor pontua sobre como as bibliografias que subsidiam o estudo, seja do professor, seja do educando, devem despertar o desejo de aprofundar o conhecimento naqueles que a buscam. A bibliografia deve provocar o ânimo de usá-la, aplicá-la em sua práxis (FREIRE, 2014 a). Nesse sentido, o cursinho provoca as educadoras a aproximarem as reflexões de seus estudos com a prática cotidiana concreta dessa experiência político-pedagógica.

A partir dos relatos das Educadoras e Educadores Populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís é cada vez mais perceptível os movimentos que visam à formação teórica de seus componentes, que incentivam a reflexão crítica da própria prática e embasam a luta política do coletivo na construção de uma sociedade mais democrática. O que nos permite dizer que é visível o esforço deste programa de extensão em promover uma unidade dialética entre a ação e a reflexão, entre a teoria e a prática, o que Paulo Freire (2021) nos apresenta como práxis.

Para além da formação profissional, um traço marcante presente nos enunciados dos educadores foi a contribuição do Cursinho Popular Edson Luís para a transformação da vida das pessoas a nível pessoal, como a educadora Carolina Maria de Jesus ressaltou em seu depoimento. Essa transformação se deu principalmente pelo contato dialógico e afetivo entre os diversos profissionais que integram o cursinho e compartilham a mesma luta. Tal questão me remete a Freire, ao refletir sobre as qualidades indispensáveis ao exercício da docência progressista. O autor nos coloca que:

Sem certas qualidades ou virtudes como amorosidade, respeito aos outros, tolerância, humildade, gosto pela alegria, gosto pela vida, abertura ao novo, disponibilidade à mudança, persistência na luta, recusa aos fatalismos, identificação com a esperança, abertura à justiça, não é possível a prática pedagógico-progressista, que não se faz apenas com ciência e técnica (FREIRE, 2017, p.118).

Dessa maneira, nos permite conjecturar que talvez tão importante quanto o desenvolvimento de trocas profissionais e teórico-metodológicas, seja o desenvolvimento de trocas afetivas, o que aponta para uma necessidade de que o cursinho se solidifique cada vez mais como um ambiente de sociabilidade, em que diferentes sujeitos se sintam próximos, pertencentes à coletividade e que vivenciem cada vez mais o afeto e a amorosidade no interior de suas atividades cotidianas.

No enunciado abaixo é possível evidenciar outros pontos que corroboram com a discussão.

Eu entrei no CPEL como voluntária de Pedagogia no núcleo de acompanhamento dos educandos e dos educadores. Este ano me desliguei do núcleo de acompanhamento dos educandos e entrei como educadora popular de redação junto à outra educadora. Entrei no ano de pleno conflito no nosso governo, que ataca constantemente a educação. Do ponto de vista do papel da Universidade Pública e da extensão - um de seus tripés - penso que em meio à presente crise, participar deste projeto contribuiu por um lado para a sensibilidade com os educandos, e minha (nossa) responsabilidade social em preservar, cuidar, fortalecer, incentivar a vontade destes que querem uma vaga em uma universidade pública e de

qualidade. Por outro, também deixa manifesta, antes mesmo de qualquer crise na educação, o compromisso que a Universidade pública, representada neste caso, por um projeto de extensão, já demonstra para com a cultura, o desenvolvimento, bem estar e a valorização desses estudantes. A experiência no cursinho foi incrível tanto para a minha formação profissional como pessoal. Tive oportunidade de conhecer de perto a Educação Popular e todos os desdobramentos entorno dela. A educação transforma mundos, pessoas, atitudes. Eu acredito muito nesse projeto e sou muito grata ao cursinho por todo esse contato e aprendizagem proporcionada ao final da minha graduação e início do mestrado. Acredito que o cursinho está com um funcionamento e uma organização bem melhor desde a entrada dos últimos voluntários. No entanto, acredito que um ponto de melhoria seria um diálogo maior entre os voluntários, educadores do cursinho e os núcleos. Aconteceram situações nesse um ano no cursinho que chamam atenção para a necessidade de se pensar estratégias para que essa comunicação seja feita de uma forma melhor. Pensar pautas/demandas que podem ser feitas coletivamente com dois ou mais núcleos, motivar a participação de educadores para entrar em alguns dos núcleos, incentivar a comunicação entre os voluntários e educadores para além dos afazeres do cursinho são algumas sugestões que pensei. No mais, acredito que estamos fazendo um bom trabalho na medida do possível. Espero, ainda, poder voltar em breve. Desejo sucesso, muita luta e resistência para vocês que ficam. Podem contar comigo sempre que precisarem!

Maria Lacerda de Moura, 2021  
Documento de desligamento

No discurso da educadora é possível observar que mesmo em processo de desligamento, alguns educadores manifestam o desejo de retornar ao cursinho em um momento posterior, quando tiverem mais tempo de dedicação para a realização das atividades que o cursinho exige. O que nos mostra um vínculo afetivo e uma confiança nessa construção político-pedagógica.

É possível observar também a significação que Maria Lacerda de Moura atribui à extensão no momento histórico que vivenciamos. Segundo ela, mesmo com os constantes ataques à educação, iniciadas pelo golpe jurídico-parlamentar em 2016 e fortalecidas pela gestão do governo federal que se sucedeu, a extensão universitária vem cumprindo um papel fundamental para a sensibilização dos sujeitos que vivenciam esta experiência em lutar para a garantia de acesso e permanência dos filhos e filhas da classe trabalhadora no Ensino Superior Público. Dessa forma, indica que o Cursinho Popular Edson Luís vem se mostrando como uma possibilidade de enfrentamento a esse modelo de sociedade, mantendo viva a atuação e luta comprometida dessas educadoras mesmo em momentos de extrema crise no setor da educação brasileira.

Também é possível observar no enunciado da educadora alguns desafios que envolvem a construção cotidiana do cursinho. Um desses desafios destacados por Maria Lacerda de Moura é a significação que alguns sujeitos que constroem essas ações atribuem ao voluntariado, uma vez que a maioria dos educadores que constroem essa experiência não recebe bolsa que subsidie o trabalho realizado,

Como companheira desses diversos sujeitos que constroem essa experiência, pude perceber que mesmo aqueles que atribuem ao voluntariado o trabalho realizado no interior do cursinho, visualizam a construção de um voluntariado combativo, engajado, comprometido com as classes populares. Dessa forma, entendemos que as atividades educativas de Educação Popular construídas nesse contexto têm potencial para a transformação de voluntariado em militância organizada para a massificação da organização social em torno da construção do Projeto Popular para o Brasil.

Outro desafio apontado pela educadora – que é um dos nossos maiores desafios no momento atual - é a necessidade do fortalecimento do diálogo entre os núcleos que compõem o cursinho e que diz respeito à organização de nosso trabalho, tópico que será melhor abordado na próxima seção.

Como vimos no decorrer dessa análise até esse momento, é que grandes são os desafios, mas também as potencialidades que essas educadoras e educadores assumem ao iniciarem essa construção coletiva que é o Cursinho Popular Edson Luís. Através de um panorama geral pudemos compreender como esses sujeitos vão construindo uma identidade de ser educadoras e educadores, no mesmo passo em que se formam a partir da Educação Popular, exercitando assim a práxis. E mesmo com todos os desafios, esses sujeitos significam dimensões epistemológicas do pensamento freireano durante a própria prática que é essa experiência político-pedagógica sobre a qual nos dedicamos a refletir.

Podemos observar, até aqui, que uma das dimensões que aproxima a maioria desses sujeitos é a formação docente. Esses sujeitos a partir das mais diversas licenciaturas ou até de outros cursos como vimos na fala do educador Chico Mendes, graduando em Zootecnia - repensando o seu caminho profissional - buscam através da formação o exercício da docência como dimensão profissional. São sujeitos que ao encontrarem com a Educação Popular em sua trajetória acadêmica, ressignificam suas maneiras de observar, objetivar e vivenciar a docência. O que nos



aponta que o Cursinho Popular Edson Luís contribui com a profissionalização de nossos educadores, de maneira a endossar a força social para a construção de uma sociedade mais democrática, mais plural, livre das diversas formas de opressão que subjagam os esfarrapados do mundo. Uma atuação profissional comprometida com a sociedade brasileira e as gentes brasileiras.

Esses educadores se engajam a partir da organização de seu trabalho e na luta social munidos da Educação Popular como linguagem, como postura e práxis de suas ações. Na próxima seção, vamos então ao encontro do que dizem esses educadores sobre as significações que fazem a respeito da organização do trabalho e da dimensão da luta no interior da experiência político-pedagógica que é o Cursinho Popular Edson Luís.

## **5.2 – A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO E A LUTA PELA EDUCAÇÃO DA JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR**

Conceitos como os de união, de organização, de luta, são timbrados, sem demora, como perigosos. E realmente o são, mas, para os opressores. É que a praticização destes conceitos é indispensável à ação libertadora.

*Paulo Freire*

A escolha dessa epígrafe se fundamenta em conceitos e ações que perpassam a construção do Levante Popular da Juventude e que se desdobram nas ações dos Educadores Populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís. Como tratado no segundo capítulo, Formação, organização e luta são fundamentos que direcionam as ações dos movimentos sociais do campo popular na busca da libertação do povo oprimido. Sem a luta organizada a transformação da sociedade não ocorrerá. Mas para que o povo oprimido se engaje na luta cotidiana na busca da emancipação humana há de se formar e organizar as suas ações para tal, práticas indispensáveis à ação libertadora.

Como anunciado, a construção analítica dessa pesquisa se dedica a trabalhar com quatro categorias de análise no interior dessa dissertação. Nessa seção, nos dedicaremos a apresentar e a discutir as categorias **Organização do Trabalho** e

**Luta**, as quais reverberam no contexto cotidiano dos Educadores Populares que constroem a experiência político-pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís.

O método de construção das categorias segue como o do anterior. A partir da leitura e análise dos dados levantados nesse trabalho, construí os grupos temáticos que pudessem circunscrever a multiplicidade de sentidos expressos pelos Educadores Populares, sujeitos construtores das ações cotidianas do Cursinho Popular Edson Luís. Dessa forma, busquei compreender o que esses sujeitos diziam sobre organização do trabalho e da luta travada na construção da Educação Popular a partir do cursinho.

### **5.2.1 – COMO A JUVENTUDE QUE OUSA LUTAR ORGANIZA O TRABALHO**

Como explorado no terceiro capítulo desta dissertação, o Cursinho Popular Edson Luís organiza seu trabalho a partir de núcleos de atuação. Os diversos núcleos que compõem a construção político-pedagógica do cursinho contribuem com a organização dos trabalhos desenvolvidos ao longo dos anos e demonstram como o cursinho tem se reinventado durante sua construção, na medida em que novos núcleos vão sendo construídos a partir da necessidade observada e avaliada pelos Educadores Populares nessa experiência. Como também, núcleos vão deixando de existir ou se fundindo a outros.

Além da organização do trabalho em núcleos, o cursinho conta com um espaço assemblear onde as pautas que perpassam a construção cotidiana são discutidas por todos os educadores que constroem essa experiência, sejam recém-egressas como também aquelas mais antigas, prezando pela gestão horizontal e democrática das questões que tocam as atividades político-pedagógicas do cursinho.

Constantemente estamos avaliando em coletivo a construção metodológica que estrutura as ações do Cursinho Popular Edson Luís, na busca de compreender e exercer a práxis fundamentada na Educação Popular. Nesse sentido, lançamo-nos na construção de ferramentas avaliativas nas quais todos os educadores expressam suas percepções sobre o todo do cursinho. Tais ferramentas nos auxiliam tanto na avaliação interna dos núcleos como na relação desses núcleos com os demais.

A partir dessas avaliações podemos observar as potencialidades como também os desafios que permeiam o desenvolvimento de nossas atividades. Nesse

momento nos debruçaremos sobre o que dizem os educadores sobre essas questões e como avaliam a contribuição formativa que essa experiência viabiliza, tendo como referência a questão da organização do trabalho. Dessa forma, separei alguns trechos de enunciados do que dizem sobre esse aspecto em suas formações.

Ao ser questionada sobre quais vivenciamentos formativos experimentados no Cursinho Popular Edson Luís contribuem para sua formação, a educadora Olga Benário pontuou:

A questão da autonomia foi uma primeira coisa que eu achei muito formativa pra mim, porque eu entrei no cursinho bem... assim, eu tinha acabado de entrar na faculdade, então eu não tinha participado de nada ainda. Ao entrar no cursinho eu 'tava' ainda bem crua mesmo. E pra mim chegar em um lugar, que tipo assim, não tem alguém que vai lá e manda você fazer algo, sabe? É algo que tem que surgir da gente, é uma iniciativa pra pensar... "Olha, isso tem que ser feito pro coletivo." Então é algo que tem que partir da gente, isso foi algo que foi muito formativo pra mim. Tipo, me colocar pra fazer as coisas e não esperar que alguém vá falar o que eu devo fazer e tal. Isso pra mim é muito formativo, a educação que eu tive foi sempre essa, de aprender que eu devo obedecer e eu devo esperar as pessoas falarem o que eu devo fazer e tal. Desde o primeiro dia do cursinho foi assim e aí eu já entro em outra coisa que me causou espanto e foi algo realmente diferente pra mim, que foi aquela questão do trabalho ser horizontal no cursinho. Eu lembro que eu fiquei muito espantada quando eu vi nos primeiros dias que não tinha uma pessoa que era o presidente ou a pessoa que é o líder. Isso pra mim foi bem diferente porque, antes do cursinho eu fazia parte de grupo de jovens de trabalho voluntário e sempre teve a pessoa do presidente, o secretário e tal, e quando eu vi que a liderança aqui não é assim, não existe isso. O trabalho é dividido, cada semana um núcleo é responsável por organizar a CPP, isso pra mim foi algo muito diferente e que eu vi que da certo, sabe? Porque às vezes eu pensava que tem que ter alguém ali que vai cobrar e tal. E eu vejo que da certo fazer as coisas em coletivo. É lógico que não é simples, a gente sabe que passamos por muitas coisas, mas que no geral da muito certo. Eu vejo o cursinho como uma experiência que da muito certo.

Olga Benário, 2022  
Grupo Focal próprio da pesquisa

É possível observar a partir desse enunciado, como Olga Benário constrói dimensões sobre a autonomia durante o processo formativo vivenciado a partir do Cursinho Popular Edson Luís. A autonomia a que a educadora se refere diz respeito a como o caminho que vem sendo construído ao longo do processo político-pedagógico do cursinho se fundamenta nessa concepção que atravessa a obra freireana. A autonomia em questão perpassa pela dimensão de como essa construção se fundamenta na horizontalidade das decisões e ações a serem

construídas pelos educadores, intencionando a construção de uma gestão democrática participativa e atuante desses educadores.

Em consonância com a dimensão da autonomia elucidada por Paulo Freire, o autor nos faz refletir sobre como essa concepção deve ser uma dimensão da prática pedagógica progressista que, ao ser corporificada pelo exemplo, deve viabilizar aos sujeitos envolvidos no processo educativo uma apropriação da educadora-educanda como sujeito igualmente responsável do processo de sua aprendizagem. E para tal é preciso engajar-se na construção dos conhecimentos, colocando-se em exercício da prática (FREIRE, 2021; 2017). Nesse sentido, o Cursinho Popular Edson Luís desperta na educadora que vá assumindo também o papel de educanda nesse processo e se engaje na construção coletiva dessa experiência.

Outro ponto de destaque no enunciado de Olga Benário é sobre a concepção pedagógica que forma a maioria dos educadores que chegam ao cursinho. Como ela pontuou, ao chegar no cursinho, esperava que alguém a ordenasse ou indicasse sobre o que fazer, assim como as experiências educativas anteriores a essa construção. O que nos mostra indícios do que Paulo Freire assume por Educação Bancária, na qual há um educador que prescreve o que o educando deve fazer, castrando sua curiosidade epistemológica (FREIRE, 2021).

Ainda sobre o enunciado de Olga Benário é possível observar como a gestão democrática é um dos valores que estruturam nossas ações a partir da responsabilização de cada núcleo em conduzir a CPP, mediar as pautas, se responsabilizar pela mística e tudo que envolve a construção político-pedagógica desse espaço assemblear. Paulo Freire (1997a), em *Pedagogia da Esperança*, ao resgatar a experiência no cargo da Secretaria Municipal de Educação, nos deu provas de que a descentralização não só é possível, mas é também desejável para fortalecer as decisões que vêm ao encontro dos desejos e necessidades das diferentes comunidades, relacionadas à educação e às diferentes pautas que tocam a vida do povo.

No entanto, há grandes desafios no que se refere à concepção de autonomia no interior dessa experiência e aos quais devemos nos atentar. Através das diversas ferramentas avaliativas que observamos ao longo do processo de sistematização dessa escrita, observamos uma forte discussão sobre a dificuldade de comunicação

entre os núcleos e que perpassa sobre a concepção que as educadoras compreendem sobre autonomia.

Ao ser questionada sobre quais os principais desafios relacionados à dinâmica de núcleos como organizadora do trabalho, Marielle Franco reflete:

Eu acho que uma das coisas da dificuldade... não sei se eu posso falar dificuldade, mais é a autonomia que o núcleo tem pra dentro dele, por que a gente parte do principio dessa construção coletiva e que é discutida em CPP, as pautas. Mas o sentir do núcleo de até onde a gente não precisa levar essa pauta para a CPP porque ela já foi resolvida, mas o quanto isso vai impactar na CPP e em outros núcleos também. Isso é uma das coisas que eu vejo que reverbera bastante pros núcleos que eu faço parte. Até onde esse núcleo tem a autonomia de decidir por si só ou tem que levar isso pra CPP e fazer dessa pauta algo maior que aquele núcleo julga ou não ser, sabe?

Marielle Franco, 2022  
Grupo Focal próprio da pesquisa

E a educadora Olga Benário complementa:

Eu concordo com essa questão da autonomia, que é uma contradição né?! Por que uma das coisas que eu falei que mais foram importantes, foi a questão da autonomia, mas dentro do núcleo também eu vejo como uma dificuldade, por quê ao mesmo tempo que dentro do núcleo você tem que se colocar na tarefa porque você tem que ter autonomia para fazer as coisas, e as vezes as pessoas não se colocam, né? Ficam esperando que alguém fale o que você tem que fazer e tal, então pra mim parece como uma dificuldade.

Olga Benário, 2022  
Grupo Focal próprio da pesquisa

Como podemos observar, um dos grandes desafios que se apresentam nessa construção é a questão que perpassa a dificuldade de compreensão sobre o que é de responsabilidade deliberativa do núcleo e o que é de responsabilidade deliberativa do coletivo a partir da CPP. O que provoca obstáculos no que tange a questão formativa da Educação Popular, sua apropriação e como significar isso na prática cotidiana do Cursinho Popular Edson Luís. Tais questões tocam o cotidiano do cursinho há algum tempo e contrastam alguns desafios que precisamos nos ater cotidianamente para a superação de tais questões.

Ao ser questionado sobre quais vivenciamentos formativos experimentados no Cursinho Popular Edson Luís contribuem para sua formação o educador Carlos Marighella pontuou outros elementos que corroboram para melhor elucidarmos a dimensão da organização do trabalho no interior do cursinho. Carlos Marighella nos coloca:

Nós somos seres em formação e é impressionante como o encontro é formativo, o encontro com as pessoas é sempre uma possibilidade formativa e é sempre uma formação. Eu gosto muito da ideia de espaço de

sociabilidade e eu acho que o CPEL é isso, um grande espaço de sociabilidade, às vezes tem mais sucesso, às vezes menos sucesso em fazer esse encontro, mas eu acredito que ele seja um espaço bem grande de sociabilidade. E a gente aprende no encontro. Quando a gente encontra outras pessoas é onde acontece o diálogo, o diálogo só existe no encontro e é impressionante como o diálogo ensina, como o encontro é formativo. Então todos os espaços do cursinho são espaços formativos. Eu acredito que dentro dele, obviamente que tem espaços privilegiados para essa formação e eu acho que esse primeiro espaço privilegiado de formação é o próprio núcleo. A gente tem essa estrutura de divisão de trabalho por núcleos e o núcleo é o primeiro lugar onde a gente encontra o trabalho prático, é o lugar da prática. E é impressionante como a prática educa. Eu acho que a gente aprende muitas coisas quando a gente está fazendo as coisas. Então eu acho que o núcleo seria esse primeiro espaço privilegiado de formação que é o primeiro espaço que a gente vai pegar e tentar fazer alguma coisa. E tentar fazer uma coisa é muito formativo. Só que aí tem um diferencial do cursinho, que eu acho que é uma coisa que o cursinho sempre tenta fazer e tenta incentivar muito a gente a fazer é refletir sobre esses espaços de prática, é uma coisa que poderia acontecer sempre dentro do núcleo, mais que acontece nas nossas reuniões e nos espaços de formação que é pensar um pouco sobre a prática que estamos fazendo. Que é parar um pouco e olhar para essa prática. Então eu acho que o cursinho também é um lugar privilegiado que a gente trabalha essa reflexão sobre a ação. Que a gente tenta construir essa práxis, essa dialética entre a ação e a reflexão. Então eu acho que o cursinho é muito fundamental na formação de educadores porque ele é um lugar que os educadores conseguem primeiro, estar presente com o trabalho prático de estar dentro de sala de aula, dentro de uma secretaria ou dentro do núcleo de comunicação e consegue estar pensando essa prática. Tá conseguindo parar pra pensar. “Gente, será se é isso mesmo? É esse o caminho? Qual o melhor caminho? Temos outros caminhos? Esses outros caminhos valem a pena ser trilhados?” E por aí vai, acho que é isso.

Carlos Marighella, 2022  
Grupo Focal próprio da pesquisa

Na fala do educador Carlos Marighella é possível observar a potência formativa dessa experiência a partir da organização do trabalho desenvolvido no interior do cursinho. Segundo o educador, a organização em núcleos possibilita o encontro, o diálogo e o repensar sobre a própria prática, viabilizando a práxis. É possível observar como o educador significa algumas bases do pensamento freireano no seu discurso, atribuindo ao encontro viabilizado no interior dos núcleos que organizam o trabalho do Cursinho Popular Edson Luís.

Cabe salientar que esse encontro, refletido por Carlos Marighella, acontece a partir do diálogo, como pontuado pelo educador. É pelo diálogo onde os sujeitos constroem perspectivas formativas coletivas, como também é pelo diálogo que o Cursinho Popular Edson Luís se fundamenta para a organização e construção dos trabalhos no interior dessa experiência. Nesse sentido, é possível relacionar a fala do educador ao pensamento freireano, onde o diálogo é elemento fundante da

proposta educativa da Educação Popular. Como vimos anteriormente, o diálogo é uma das bases epistemológicas que fundamentam a perspectiva educativa aqui explorada. Freire, ao refletir sobre a concepção de diálogo nos aponta que:

Não seria possível a educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação que resulta um termo novo: não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas educando –educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já, não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com a liberdade e não contra elas (FREIRE, p. 95, 2021).

Nesse sentido, é importante salientar que as Educadoras Populares que constroem essa experiência também vão se assumindo como educandas nesse processo, através do diálogo, aprendendo e exercitando a práxis a partir do diálogo. Além disso, o Cursinho Popular Edson Luís possibilita que as educadoras envolvidas nesse processo vão assumindo as significações e conceitos freireanos na própria perspectiva da organização do trabalho. Como é possível observar, Carlos Marighella pontua sobre o encontro formativo vivenciado no cursinho, e como o núcleo de atuação é esse primeiro espaço para o vivenciamento desse encontro. Desse modo, essa forma organizativa de trabalho, permite explorar o conceito educador-educando a fundamentar a sua práxis, a partir do diálogo, em espaços que transcendem a sala de aula.

Esse entendimento nos permite conjecturar que a divisão de trabalho construída pelo cursinho perpassa a construção dialógica para a fundamentação de suas ações. Além do mais, aponta o cursinho como um potente espaço que ressignifica a Educação Popular a partir das próprias particularidades que organizam as suas atividades, na busca de romper com a construção verticalizada de saberes necessários à prática educativa.

É possível observar também o destaque de privilégio que o educador atribui ao cursinho como um espaço de formação que possibilita o exercício da prática docente como também o repensar sobre essa prática de maneira coletiva, problematizando de maneira partilhada a construção sobre a docência. Nesse sentido, confluindo com as perspectivas freireanas sobre o exercício permanente

que é a reflexão sobre a própria prática que as educadoras fundamentadas na perspectiva progressista devem assumir em seu trabalho.

Freire (1997) nos alerta que a avaliação sobre a própria prática não deve ocorrer somente no final do processo pedagógico, como usualmente acontece e sim no início e no decorrer da construção do conhecimento com o estudante. Segundo o autor há um equívoco em como mecanicamente colocamos o instrumento da avaliação para o fim do processo educativo. Para Freire:

O bom começo para uma boa prática seria a avaliação do contexto em que ela se dará. A avaliação do contexto significa um reconhecimento do que vem nele ocorrendo, como e por quê. Neste sentido, esse pensar crítico sobre o contexto que implica avaliá-lo, precede a própria programação da *intervenção* que pretendemos exercer sobre ele, ao lado daqueles e daquelas com quem trabalharemos (FREIRE, 1997B, p.11).

Dessa forma, o Cursinho Popular Edson Luís vem sendo um espaço que contribui com esses sujeitos a se apropriarem da avaliação como ferramenta – não de caráter tecnicista e sim como instrumento – de aproximar nossa práxis aos ensinamentos freireanos. O que possibilita diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz (FREIRE, 1997a; 2017). E que tal exercício deve ser fundamento de nossas ações constantemente, em qualquer contexto que seja ao construirmos nossas atividades político-pedagógicas.

No entanto, há também desafios que perpassam a construção dos núcleos e a perspectiva do diálogo para fora dos núcleos, ou seja, entre um núcleo e os demais. Ao refletir sobre os quais são os principais desafios no que se refere à organização a partir dos núcleos, a educadora Maria da Penha pontuou:

Eu acho que a fragmentação também é uma questão entre os núcleos. A gente se divide para organizar o trabalho para essa questão democrática, mas às vezes, fica uma divisão que meio que afasta a gente, sabe? Eu, por exemplo, sai do Acompanhamento de Educadores e eu não sei mais nada do que acontece lá. Não sei como estão as meninas, não sei se elas estão precisando de ajuda, por que eu estou com o núcleo de formação agora e parece que não sei, eu não estou mais por dentro do que está acontecendo com elas, do que está acontecendo nos outros núcleos. Então, eu acho que é uma questão que foi levantada em vários momentos dentro do CPEL e a gente tem que falar dela aqui de novo, já que é pra falar, eu acho que às vezes, a gente fica muito separado e eu acho que a gente tem que estar mais junto.

Maria da Penha, 2022  
Grupo Focal próprio da Pesquisa

Pela fala da educadora Maria da Penha, é possível dimensionar como o núcleo também cria desafios para a práxis dessas educadoras que vivenciam o



cursinho e fundamentam suas ações a partir da Educação Popular. A educadora atribui uma dimensão de fragmentação nas ações, por conta da divisão dos núcleos para a construção das atividades político-pedagógicas do Cursinho Popular Edson Luís. O que explicita uma contradição que precisa ser enfrentada pelo coletivo na busca de se aproximar ainda mais da práxis fundamentada na Educação Popular. É um desafio, como comentado por Maria da Penha, que perpassa as reflexões construídas no interior do cursinho, que ainda precisa ser aprofundado, refletido e ressignificado pelas educadoras que constroem essa experiência.

Outro ponto que toca a questão da organização do trabalho no interior do cursinho é a dimensão revolucionária de luta que assumimos a partir da Educação Popular que subsidia nossas ações em busca da transformação social. A construção político-pedagógica dessa experiência acontece devido ao fato de apostarmos na Educação como um caminho de luta concreta para a construção de uma nova sociedade livre das marcas opressivas que os esfarrapados do mundo vivenciam pelas políticas sociais fundamentadas pelo modelo econômico neoliberal. Dessa forma, vamos ao encontro do que dizem as Educadoras e Educadores Populares sobre como significam a dimensão da luta a partir do trabalho realizado no Cursinho Popular Edson Luís.

### **5.2.2 – A DIMENSÃO REVOLUCIONÁRIA DA PRÁXIS COMO HORIZONTE DE NOSSAS AÇÕES**

A tão conhecida afirmação de Lênin: "Sem teoria revolucionária não pode haver movimento revolucionário" significa precisamente que não há revolução com verbalismos, nem tampouco com ativismo, mas com práxis, portanto, com reflexão e ação incidindo sobre as estruturas a serem transformadas.

*Paulo Freire*

Como anunciado anteriormente, o Levante Popular da Juventude, ao se lançar na construção das experiências de cursinhos populares, pauta a edificação do Projeto Popular para o Brasil. Para isso, aposta na Educação como uma das estruturas fundamentais a serem transformadas para a construção desse projeto.

Dessa forma, o movimento se fundamenta na Educação Popular para contribuir com esse processo de transformação social, a partir dessa bandeira de luta do movimento que é a Educação.

O movimento compreende, desde sua concepção, que a democratização do acesso à educação no Brasil, em especial do Ensino Superior é um eixo de luta fundamental, uma vez que as juventudes da classe trabalhadora, ao ocuparem os espaços das universidades, transformam a estrutura elitista e excludente na qual foram instauradas historicamente em um espaço cada vez mais popular e democrático.

A construção dos cursinhos populares parte da compreensão de que o acesso e permanência na educação pública é elemento fundamental para a construção de uma vida digna para as juventudes brasileiras e enquanto direito social deve ser defendido. Nesse sentido, vai ao encontro de Paulo Freire e sua práxis de caráter revolucionário para fundamentar essas experiências. Ao nos aprofundarmos nos trabalhos de Freire, enquanto movimento, compreendemos o caráter revolucionário de suas reflexões-ações, a partir de uma transformação radical no modelo de sociedade que vivenciamos. Livre de qualquer manifestação de opressão.

O Cursinho Popular Edson Luís, nesse sentido, absorve a compreensão do significado de luta no interior das obras freireanas, fundamentadas no marxismo sobre a luta de classes, e propõe uma luta a partir da Educação Popular como forma de enfrentar as desiguais oportunidades de acesso ao Ensino Superior das filhas e filhos da classe trabalhadora na cidade de São João Del Rei e região. Para isso, vai ao encontro de Paulo Freire na busca de aproximar as reflexões às ações.

À procura de compreender quais são os significados que os Educadores Populares do Cursinho Popular Edson Luís atribuem ao sentido de luta no interior desse processo, fomos ao encontro do que dizem. O principal documento que nos auxiliou a ir a esse encontro foi o que corresponde à avaliação interna do núcleo político-pedagógico realizada durante o início da pandemia, momento em que o cursinho estava reestruturando seu trabalho político-pedagógico para o formato remoto<sup>37</sup>.

---

<sup>37</sup> Como descrito no terceiro capítulo na seção 3.4.

Todos os integrantes - seis pessoas - que compunham o núcleo naquele momento responderam uma série de questões a respeito da atuação do núcleo. Entre as perguntas que compunham esse processo avaliativo havia uma sobre as perspectivas de Educação Popular: a favor de quem? Para que? Contra quem? Contra o que? São práticas educativas presentes nas nossas vivências enquanto educadores? Ao refletir sobre a questão, a Educadora Popular Lélia Gonzáles pontuou:

A nossa construção é a favor do povo brasileiro, daqueles que trabalham e dos seus filhos, pois o nosso país é extremamente desigual. Nós lutamos para mudar essa realidade, para que o trabalhador e a trabalhadora possam usufruir integralmente dos frutos do seu trabalho e acreditamos que essa sociedade nova só será construída se tivermos um acesso democrático à educação.

Lélia Gonzáles, 2020  
Avaliação da atuação do Núcleo Político Pedagógico

É possível observar com o enunciado de Lélia Gonzáles que os significados por ela atribuídos à luta perpassam pela superação da desigualdade, para que as trabalhadoras e trabalhadores juntos de seus filhos possam usufruir plenamente das conquistas advindas do seu trabalho. Além disso, ela compreende que essa nova sociedade só será construída se tivermos um acesso democrático à educação. O que conflui com Paulo Freire, ao tratar sobre a “sociedade fechada”, termo que cunhou em Educação Como Prática da Liberdade, para se referir sobre a sociedade que precisa passar por um processo de transição para ser transformada. Nesse sentido, Freire nos provoca reflexões acerca do papel da Educação nesse processo:

Das mais enfáticas preocupações de uma educação para o desenvolvimento e para a democracia, entre nós, haveria de ser a que oferecesse ao educando instrumentos com que resistisse aos poderes do “desenraizamento” de que a civilização industrial a que nos filiamos está amplamente armada. [...] Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. (FREIRE, 2020, p 118).

Paulo Freire, ao escrever Educação Como Prática da Liberdade, nos primórdios do que viria a ser a Pedagogia do Oprimido, compreendia a necessidade de pensar o processo político-pedagógico como possibilidade de instrumentalizar o educando para compreender na raiz da questão o porquê das gentes brasileiras se encontrarem em condição de opressão. Sem se abster, nesse processo, da

construção dos conhecimentos científicos articulados a esse desnudamento. Além disso, viabiliza aos sujeitos envolvidos no processo pedagógico, educador-educando a se engajarem conscientemente na luta pela libertação de oprimido-opressor. Nesse sentido, o que nos indica aproximações entre a concepção de formação que se constrói no Cursinho Popular Edson Luís com a dimensão freireana a respeito da luta, e que foi apropriado por Lélia Gonzáles no interior das ações do cursinho.

Outro exemplo de enunciado sobre a dimensão de luta atribuída pelos Educadores Populares que constroem o cursinho pode ser visto pelo enunciado da educadora Mercedes Sosa.

Precisamos melhorar de modo que o núcleo pedagógico, os professores, os voluntários e educandos possam construir o CPEL entendendo que este projeto é uma importante ferramenta de reconstrução nacional e que exige de nós: unidade, disciplina, trabalho e vigilância e que com o cursinho também estamos lutando pela liberdade na educação. Precisamente, não é de um dia para o outro que os novos voluntários e os novos professores irão priorizar as atividades do CPEL compreendendo sua importância, mas trata-se de um processo, e por isso a participação deles nos espaços de formação e nas reuniões é fundamental, pois nesses espaços é que buscamos a construção, de maneira coletiva, nas tentativas, nas proposições, observando as falhas para buscar novos caminhos e assim contribuir com a melhora do projeto.

Mercedes Sosa, 2020  
Avaliação da atuação do Núcleo Político Pedagógico

A partir desse enunciado é possível observar como a Educadora Popular Mercedes Sosa vai incorporando mais elementos para ilustrar a dimensão e a intencionalidade da luta atribuída por ela. A educadora propõe um olhar sobre a Educação como uma ferramenta de reconstrução nacional que exige elementos como unidade, disciplina, trabalho e vigilância. E complementa que a compreensão que ela estabelece sobre a assiduidade dos membros no núcleo político pedagógico em relação ao Cursinho Popular Edson Luís se revela pela clareza que esses sujeitos têm da construção do Projeto Popular pela transformação do Brasil.

Mercedes Sosa continua sua reflexão trazendo elementos que permitem inferir que, pela compreensão da educadora, existem sujeitos, dentre os educadores, educandos e voluntários que ainda não possuem uma compreensão aprofundada sobre os processos de transição da sociedade fechada para uma sociedade aberta, parafraseando as palavras de Freire (FREIRE, 2020). Além disso, Mercedes Sosa alega que os novos sujeitos que se incorporam nas ações do Cursinho Popular Edson Luís necessitam passar por um processo formativo para

compreender e aglutinar as forças necessárias para a construção desse novo projeto de reconstrução nacional.

Ao encontro disso, Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* vai nos provocar reflexões sobre a necessidade da liderança revolucionária traçar como linha e direcionamento político a organização das massas populares, para incidir na superação da situação de opressão das gentes brasileiras, transformando assim a sociedade. Segundo o autor, cabe à liderança revolucionária buscar a organização das massas populares, o que implica no testemunho que deve dar a elas de que o esforço de libertação é uma tarefa comum a ambas (FREIRE, 2021). Dessa forma, Mercedes Sosa pontua que para que os novos educadores possam se engajar na construção cotidiana do cursinho, compreendendo a importância do horizonte revolucionário de suas ações, os novos educadores, de maneira coletiva, junto ao núcleo político-pedagógico, nas tentativas, nas proposições, observando e avaliando as falhas, deve contribuir com a construção da práxis do Cursinho Popular Edson Luís.

O autor, ao continuar suas reflexões, indaga: “O que pode variar, em função das condições históricas de uma dada sociedade, é o modo como testemunhar. O testemunho em si, porém, é um constituinte da ação revolucionária” (FREIRE, 2021, p. 240). Nesse sentido, há uma exigência, por parte da liderança revolucionária, em compreender as condições históricas para incidir sobre elas, convocando, mobilizando e lutando ao lado das massas populares. O que nos permite conjecturar que a apropriação que Mercedes Sosa faz ao refletir sobre o papel do núcleo político-pedagógico do Cursinho Popular Edson Luís se fundamenta nos trabalhos de Freire, no movimento que o núcleo faz em busca de exercer assim a práxis freireana a partir da dimensão da luta popular.

Ainda segundo Mercedes Sosa, a compreensão que ela estabelece sobre a importância da participação dos novos educadores em vivenciarem os espaços de formação e reuniões é fundamental, para que, de maneira coletiva, os novos sujeitos que chegam ao Cursinho Popular Edson Luís se apropriem da responsabilidade coletiva que é a reconstrução nacional do país. E que a orientação revolucionária para a edificação desse projeto é a Educação Popular, concepção epistemológica que reivindicamos para as construções educativas do movimento social Levante Popular da Juventude.

Como vimos anteriormente à concepção de formação, organização e luta são a práxis do movimento Levante Popular da Juventude para a construção desse projeto. E essas categorias e significações se encontram presentes de diversas formas nos discursos das Educadoras e Educadores Populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís. Como pudemos observar, há uma busca no interior das ações do cursinho em fundamentar suas ações a partir da práxis freireana como horizonte estratégico para viabilizar a reconstrução da sociedade brasileira, traços fortemente presentes no discurso dos sujeitos que constroem essa experiência.

Vimos também a intencionalidade do movimento Levante Popular da Juventude a partir de sua tríade constitutiva - formação, organização e luta - em direcionar as ações do movimento a partir de suas experiências de cursinhos populares como é o caso do Cursinho Popular Edson Luís. O que possibilita aos sujeitos que vivenciam essa experiência se formarem a partir de uma perspectiva plural, democrática, comprometida e consciente de sua responsabilidade com a sociedade brasileira. O cursinho possibilita aos sujeitos, também, uma nova forma de se relacionarem com a tarefa histórica que temos em transformar a sociedade brasileira. Nesse sentido, compreendemos o potencial dessa ferramenta de incidir significativamente na formação das educadoras e educadores que vivenciam essa experiência.

Outro ponto relevante e que merece destaque é a compreensão que esses Educadores Populares assumem como sujeitos, conscientes e construtoras da própria história. Ao assumirem o sentido e o poder de seus enunciados, constroem uma forma de vivenciamento formativo a partir da docência que merece ser explorada pelos currículos de formação de professores pelo Brasil a fora. Por viabilizarem uma experiência de encontro com a humanização que há em nós, e que precisa ser fortalecida em qualquer que seja a concepção profissional que assumiremos como exercício de nossos ofícios, a concepção de Educação Popular deve ser disputada a nível curricular pelo movimento social que se compromete a pautar a construção de um Projeto Popular para o Brasil. Para que deixemos de ser roubados de nossas palavras, aprofundemos nosso encontro com o povo brasileiro e sejamos responsáveis pela construção de nossas histórias, reivindicamos a Educação Popular como horizonte revolucionário de nossas ações.

Outro ponto de destaque é que o tripé organizativo que fundamenta a práxis do Levante Popular da Juventude são conceitos e dimensões político-pedagógicas que fundamentam os discursos dos Educadores Populares que constroem a experiência do Cursinho Popular Edson Luís. No entanto, cabe salientar que, a partir do perfil socioeconômico e formativo desses educadores, há fortes indícios de que os educadores, ao significarem sua práxis fundamentada na dimensão da Educação Popular, são aquelas que no encontro com a Educação Popular, buscam-se formar, organizar e lutar por meio das pautas que mobilizam a Educação.

O Cursinho Popular Edson Luís, nesse sentido, verbaliza e anuncia uma experiência concreta dessa conduta militante que, ao ser sistematizada, proporciona um convite a pensar junto, como também um convite a nos indignar, a nos revoltar, mas sobretudo nos organizar e lutar contra este sistema socioeconômico que vulnerabiliza e oprime os nossos sujeitos.

## **AS CONSIDERAÇÕES FINAIS EM FORMA DE UMA CARTA ABERTA À REDE DE CURSINHOS POPULARES PODEMOS+**

São João del Rei, 10 de março de 2023.

Estimadas companheiras e companheiros, construtores da Rede de Cursos Populares Podemos + e do Levante Popular da Juventude,

Essas palavras que direciono a vocês, em forma de considerações finais são fruto de reflexões coletivas que realizamos no território de São João del Rei, Minas Gerais, a partir do Curso Popular Edson Luís. Mas, também, são reflexões que foram sendo construídas a partir de um olhar enquanto pesquisadora-militante que finaliza esta etapa como pós-graduanda do Mestrado em Educação da Universidade Federal de São João del Rei. E que sonha, a partir desse processo, fundamentada na pesquisa participante, contribuir com a construção político-pedagógica e ideológica que assumimos enquanto movimento social ao nos lançar na construção de experiências fundamentadas na Educação Popular.

Gostaria de iniciar essa reflexão compartilhada justificando a escolha do gênero textual carta. Inspirada em Freire e no legado deixado por suas reflexões, a dialogia é uma das bases que fundamentam o seu pensamento. O diálogo é a concepção que possibilita o encontro entre educador-educando e do movimento organizativo com as classes populares em torno da construção do Projeto Popular para o Brasil. É pelo diálogo também que materializamos um pensar junto, uma aprendizagem compartilhada que fundamenta e orienta nossas ações político-pedagógicas no campo popular. Além disso, a carta se fundamenta na compreensão de que quem escreve, espera responsivamente uma resposta, ou seja, não é um pensar solitário e sim um convite a pensar junto, através do encontro dialógico.

Uma camarada revolucionária que encontrei nessa caminhada me ensinou que com as cartas, Paulo Freire “corporificou a amorosidade que se ‘re-faz’ continuamente no diálogo como compromisso com o outro” (RAMOS, 2021. p.1175), como também vai “assumindo a carta não como gênero de produção, mas como a própria interface do diálogo; modo de se inscrever - escritor e leitor; remetente e destinatário - naquilo que pronuncia(m) e le(em)” (RAMOS, 2021. p.1176). Através das cartas, Freire incorporou o que constantemente afirmou em suas obras sobre o



diálogo responsivo com o outro. Há em sua extensa coleção de reflexões, alguns textos que são escritos a partir desse gênero textual, nos quais o autor propõe um encontro dialógico com educadoras e educadores, membros de sua família, militantes revolucionários que cruzaram seu caminho entre outros sujeitos com quem teve uma íntima relação em sua vida. Nesse sentido, me subsidio, a partir da carta, na busca de dar alguns acabamentos a essa pesquisa, como também procuro criar uma reflexão dialógica com as instâncias de condução política de nosso movimento social, a quem direciono essa carta.

Busco também, nesse processo, trazer novos questionamentos que foram reverberando e amadurecendo em mim ao longo desse processo de sistematização da pesquisa e que a partir da construção analítica desse trabalho, me deram subsídios para inferir algumas potencialidades, mas também desafios dessa experiência político-pedagógica que é o Cursinho Popular Edson Luís.

A partir desse percurso teórico-metodológico que construímos ao longo dessas páginas, nós propusemos a apresentação de um caminho onde a dimensão pedagógica freireana, significada na práxis das Educadoras e Educadores Populares que constroem o Cursinho Popular Edson Luís, se corporifica na ideia que visualizamos, enquanto movimento social do campo popular, para a construção de um Projeto Popular para o Brasil e para as gentes brasileiras.

Nossa proposta enquanto movimento social do campo popular é aglutinar forças, enraizar e massificar a compreensão sobre a denúncia da perversidade do modelo econômico capitalista e o anúncio de uma nova sociedade livre das diversas camadas opressivas que sustentam esse modelo econômico. E que muitas vezes tais camadas são apropriadas pelo capitalismo para degradar ainda mais a existência humana. Dessa maneira nosso horizonte estratégico é a construção de trabalho de base, fundamentada nas ações político-pedagógicas de nossos movimentos, para que as gentes brasileiras vão se assumindo como construtoras dessa nova sociedade. E possam ir se somando nessa denúncia e anúncio de uma nova sociedade possível.

O Cursinho Popular Edson Luís, nesse sentido, é uma proposta que aponta os desafios, mas, principalmente, as possibilidades que se criam a partir da práxis educativa construída pela Educação Popular. Educação, na qual nós, militantes e Educadoras e Educadores Populares, propomos a construir em favor do povo

oprimido, para superarmos a sociedade de classes profundamente desigual e desumana. Como também lutamos para nos tornarmos livres de qualquer manifestação de opressão. Trabalhamos por uma educação humanizadora apoiados nos trabalhos de Freire, a qual trate e enxergue as gentes brasileiras como sujeito ativo, inserido e atuante no processo de mudança histórico e cultural do país. Horizonte de nossa perspectiva de trabalho de base para a construção do Projeto Popular para o Brasil.

Nesse contexto, trabalhamos para a formação de uma cidadania a partir de indivíduos críticos, que tenham a capacidade de ler não somente a palavra, como também a realidade para transformá-la, e é nesse contexto que estruturamos as ações do Cursinho Popular Edson Luís. Somos profundamente contrários à visão burguês-liberal, que se utiliza das tendências tradicionais de ensino para fortalecer a divisão de classes nos espaços de ensino-aprendizagem.

Em consonância aos trabalhos realizados por Paulo Freire (2009) sobre Educação Popular e compreendendo o papel da Educação Popular como práxis política, o Cursinho Popular Edson Luís, assim, tem orientado teórico-metodologicamente suas ações. Dentre os fazeres de uma Educação Popular, destaca-se o momento participativo de planejar e organizar as atividades práticas de formação comunitária, pois é aí que os interesses e as intencionalidades políticas tornam-se coletivamente conscientes e explícitas, evidenciando os critérios adotados para a seleção de conhecimentos sistematizados e metodologias, as quais promoverão o percurso que se pretende implementar no processo de construção/apreensão/intervenção na realidade concreta (SILVA, 2007).

Nesse aspecto, as atividades do Cursinho Popular Edson Luís confluem com as observâncias do autor, uma vez que os espaços formativos vivenciados pelos Educadores Populares provocam reflexões sobre a práxis docente de forma a permitir que as educadoras envolvidas levantem coletivamente os desafios enfrentados pelo cursinho e assumam uma postura crítica em relação à ressignificação constante da Educação Popular, a partir da conjuntura histórica, como foi o caso do ensino remoto ocasionado pela pandemia, como a partir do próprio cotidiano do cursinho.

Além disso, o cursinho, mediante reuniões de CPP, possibilita aos educadores em formação inicial e continuada, assim como aos seus diversos

sujeitos que compõem essa construção coletiva, uma formação voltada para a Educação Popular no interior de um movimento social. Destaca-se a importância da dimensão educativa da participação nos movimentos sociais, a qual proporciona várias experiências socioeducativas, que constituem a dimensão pedagógica do movimento, que, em seus procedimentos e rituais, desenvolvem uma didática que compõe uma pedagogia comunitária, nascida da ação dialógica dos sujeitos (BATISTA, 2005).

Outro ponto relevante é a importância para professores em formação permanente comporem um coletivo maior de resistência às políticas neoliberais em curso, como a composição na campanha #ADIAENEM, inserida em um contexto nacional de luta, articulado a outros movimentos, como a UNE e a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES).

Concordamos com Freire, nesse sentido que:

É preciso, sobretudo, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção (FREIRE, 2017, p. 24).

Nesse sentido, os Educadores Populares assumiram a responsabilidade de criar as possibilidades para além do processo cognitivo, como também de proporcionar as possibilidades materiais para que o processo de construção do conhecimento seja viabilizado. Com isso, houve uma mobilização para arrecadação e distribuição de computadores, netbooks e notebooks para aqueles alunos que não os possuíam, além de possibilitar *internet* banda larga àqueles que necessitam.

Além disso, nesse momento histórico da pandemia do coronavírus, os Educadores Populares em busca de aproximar as reflexões às ações, compreenderam que o formato de vídeo-aulas se centrava de forma significativa ao ensino bancário, conteudista, expositivo e que muitas vezes inviabiliza o diálogo. Nesse sentido, os educadores repensaram sua prática e decidiram optar pelo ensino remoto na busca de construir o conhecimento com as e os educandos, a partir de uma interação dialógica.

Segundo Silva (2007), a apreensão crítica e efetiva do conhecimento cientificamente sistematizado deve ser objetivada pelas Educadoras Populares das diferentes áreas do conhecimento, a fim de articular referenciais e conceitos que sobressaem a uma determinada área, o que o autor chama de supradisciplinar. Em

consonância, o Cursinho Popular Edson Luís se preocupa com a perspectiva de construir coletivamente propostas didáticas, as quais abordem temas, que articulam conteúdos e conceitos, os quais perpassam as várias áreas do conhecimento, como são as aulas de caráter interdisciplinar, denominadas Encontro Crítico. Mas que merece um olhar mais aprofundado do coletivo sobre essa ferramenta.

No campo dos desafios, enfrentamos a dificuldade de conciliar todo o conteúdo didático previsto para o ENEM no tempo de aproximadamente cinco meses como ainda de garantir que essas aulas tenham, também, formação crítica, além de fazer um acompanhamento mais próximo dos educandos e dos educadores para identificar e buscar sanar os eventuais problemas que podem estar acontecendo nas suas vidas pessoais. Outro desafio constante é minimizar a evasão dos educandos, cuja permanência nem sempre é possível devido à dinâmica do estudante trabalhador; desafio ainda mais exacerbado com os desdobramentos da pandemia e da gestão de extermínio que nos assolou no último período.

Outro grande desafio é o aprofundamento sobre a concepção de diálogo estabelecida no cursinho, que, ao ser problematizada pelos Educadores Populares que constroem esse experiência, nos dão indícios de que por mais que essa concepção seja explorada no interior das atividades do cursinho, há muitas dificuldades de significação por parte dos educadores. A partir de suas narrativas, encontramos muitas questões que perpassam o desafio da comunicação e diálogo entre os núcleos no interior do Cursinho Popular Edson Luís, o que nos mostra desafios no campo da compreensão e significação dessa base epistemológica do pensamento freireano na práxis desse coletivo.

Outro desafio aparente, que me foi possível perceber para além de compreender a pergunta que construí ao longo dessa pesquisa, é relacionado à dificuldade que os educadores têm em se engajarem na organização do Levante Popular da Juventude. O que fica explícito ao nos aprofundarmos na busca de compreender o perfil dos Educadores Populares que constroem o cursinho é que elas almejam, no encontro com essa experiência política-pedagógica, se formar a partir da Educação Popular. E a partir dessa formação elas despertam dimensões sobre a organização do trabalho e da luta.

O que foi possível observar é que a dinâmica da vida em conciliar os estudos, o trabalho do cursinho, trabalhos informais para garantir as condições materiais de

sobrevivência, mais as questões que tocam a vida social e subjetiva de cada educador, dificulta o engajamento desses sujeitos nas diversas instâncias que o movimento constrói. No entanto, elas assumem em seus discursos dimensões fundamentais para a nossa organização como formação, organização e luta para a construção de um projeto de sociedade mais plural, mais democrático e livre de qualquer manifestação de opressão. Onde as disputas de poder se concentrem nas mãos da classe trabalhadora desse país.

Nesse sentido, provoco reflexões ao movimento. Faz-se necessário que esses educadores se engajem nas diversas instâncias de organização do Levante Popular da Juventude para que compreendam e se somem na construção do que tanto lutamos para edificar como o Projeto Popular para o Brasil? Nosso movimento tem condições concretas, hoje, de garantir a formação subsidiada na extensa obra freireana, aparatos teórico e metodológico para a práxis desses sujeitos? No enfrentamento aos desafios histórico-conjunturais, somos capazes de impulsionar e intencionar que esses sujeitos se engajem nas outras diversas pautas que o movimento estrutura em suas ações?

No campo das potencialidades, o cursinho, em seus nove anos de existência, auxiliou e continua auxiliando com o acesso de diversos jovens ao ensino superior público, além de contribuir para uma educação emancipadora, como também auxiliou com a formação inicial e continuada de professores aliadas a perspectivas educacionais críticas, nas quais a transformação social e a crítica ao modelo econômico vigente são princípios educativos tão fundamentais quanto os conteúdos científicos.

Como abordado no corpus analítico desta pesquisa, o Cursinho Popular Edson Luís se constitui como um importante e propositivo lugar de encontro e formação crítica entre educadores em formação inicial e continuada e a Educação Popular. A partir da investigação e escuta dos próprios educadores, podemos perceber que a aliança com a extensão possibilita o contato de educadoras e educadores com a ação-reflexão pedagógica, viabilizando um importante canal de aprofundamento com a teoria da Educação Popular.

Nesse sentido, cabe destacar a potente relação que se constrói a partir dessa experiência político-pedagógica que é o Cursinho Popular Edson Luís, articulando a extensão universitária, o movimento social de juventude – Levante Popular da

Juventude e a Educação Popular. Essa tríade contribui para uma formação crítica dos sujeitos envolvidos no processo, por meio de valores como a coletividade, reivindicação de pautas que tocam a vida das juventudes das classes populares, bem como a construção de um Projeto Popular de Educação fundamentado na Educação Popular, tendência pedagógica que imprime uma identidade de ser educador consciente de seu lugar social de agente transformador e multiplicador da pedagogia freireana, ainda muito distante dos currículos das licenciaturas do país.

Nesse sentido, precisamos nos aprofundar, enquanto movimento social, nos instrumentos científicos, na tecnologia e na ciência como um todo para melhor fundamentarmos nossa prática. E a extensão se mostra um caminho propositivo para que articulemos o conhecimento científico à realidade brasileira concreta, intencionando a interlocução entre os saberes acadêmicos, saberes populares em diálogo para resoluções das problemáticas sociais brasileiras.

Paulo Freire (2014, p.18), em Educação e Mudança, nos provoca refletir sobre o compromisso que devemos assumir na busca de humanizar a construção de uma nova sociedade:

Se o meu compromisso é realmente com o homem concreto, com a causa de sua humanização, de sua libertação, não posso por isso mesmo prescindir da ciência, nem da tecnologia, com as quais me vou instrumentando para melhor lutar por esta causa.

Nesse sentido, é necessário que, cada vez mais, avancemos e nos apropriemos dessas concepções teóricas que auxiliam nossa construção dessa nova sociedade, livre das mazelas do capitalismo neoliberal. Concordamos com Weyh (2005), nesse sentido, que, como em tantos outros momentos da história da humanidade, o desafio que se coloca, mais uma vez, para a Educação Popular no contexto de hoje, é continuar explicitando e desvendando a intencionalidade dos projetos políticos neoliberais em curso. Instrumentalizando-nos a partir da ciência para melhor lutar por esta causa.

Como aprendemos com a obra e vida freireana, as perspectivas educativas sistematizadas por Freire e que recebem o nome de Educação Popular emergiram em diálogo a partir de sistematizações que foram forjadas também no espaço acadêmico universitário. Freire, em diálogo com o Serviço de Extensão Cultural (SEC) da Universidade de Recife e os Movimentos de Cultura Popular (MCP), viabilizou a experiência do Rio Grande do Norte em Angicos. A partir dessa experiência o educador ganhou notoriedade no campo da Pedagogia, o que

contribuiu para que ele se tornasse uma referência para a Educação brasileira e mundial. Mostrando-nos possibilidades concretas de transformação social a partir da potente relação entre Educação Popular, Extensão Universitária e a organização social.

Pensando nos termos que propõe o autor já citado na pesquisa, Reis Neto (2019), compreendemos que, na perversa política da sociedade dividida em classes, está posta uma disputa de poder, que desagua no espaço educativo e nos espaços formativos formais, que fortalecem uma ótica do capital para a estruturação das políticas educativas e formativas do país e do mundo. Nesse cenário, desde as políticas públicas para a educação até a implantação das mesmas, há um verdadeiro jogo de disputas políticas e econômicas que se configura no entorno das mesmas. Daí a necessidade da ocupação desses territórios intelectuais invadidos pelo neoliberalismo e pela colonialidade que fomentam as desigualdades (REIS NETO, 2019).

Penso, nesse sentido, alinhada ao autor, que devemos nos lançar na construção de pesquisas e de nossa produção intelectual para disputarmos os espaços de poder, para, também assim, construir outro projeto de sociedade. Um Projeto Popular para o Brasil, livre de qualquer manifestação de opressão. Mais justo, igualitário, democrático, humano, antirracista, antilgbtfóbico, antipatriarcal, que combate as mais variadas formas de injustiça social que conhecemos e nos condicionam.

Por tudo isso, estamos em luta e continuaremos em luta, na rua, nos territórios, nos espaços de poder e em nossos espaços de estudo e formação construindo pesquisas e universidades que, de fato, sejam populares, do povo, para o povo e, sobretudo, com o povo. Nesse sentido, é preciso, enquanto movimento, considerarmos as pesquisas acadêmicas como instrumento de luta, de contestação e de resistência alinhada e comprometida com uma ciência de cunho popular.

Sabemos que a educação não mudará a sociedade, no entanto, é nela que se encontra o território de diálogo para as transformações que queremos. Assim como o futuro, estamos em constante formação e transformação, e é a partir desta possibilidade de transformação que o Cursinho Popular Edson Luís reconhece e percebe suas e seus educadores. Assim, este espaço não pode ignorar que esta formação deve ser constantemente refletida, discutida e problematizada e é frente a

tais pontos que nos propusemos à reflexão neste trabalho. Aqui discutimos, a partir de dados produzidos pelo próprio coletivo do cursinho em sua formulação, articulação e reflexão, quem são as educadoras e educadores que integram o Cursinho Popular Edson Luís, suas expectativas formativas, como significam a práxis freireana e como avaliam a participação nesta construção coletiva.

Como nos indaga Oscar Jara em diálogo com Freire em *Pedagogia do Compromisso*:

Acho que o conceito mais revolucionário, mais radical em nossa proposta que está aqui em discussão, é uma proposta metodológica dialética, é precisamente o esforço de fazer dos processos organizativos um espaço para a construção da capacidade do povo de construir, de produzir teoria, que não significa produzir tudo do zero, que não significa negar a teoria já existente, a teoria acumulada historicamente, mas que significa tentar ligar a produção das nossas teorizações próprias com a teoria já existente para produzir novas teorias, novos elementos teóricos que respondam as necessidades atuais da nossa transformação (FREIRE, p. 109, 2018).

Façamos das universidades públicas brasileiras instrumento radical para a transformação que almejamos, fundamentando suas reflexões e ações a serviço da transformação da sociedade, para que esta se faça livre de qualquer camada de opressão, seja de classe, raça, gênero, sexualidade dentre outras.

Há (braços), companheiras e companheiros. Nos vemos nas lutas, revertendo a ordem capitalista que insiste em nos dizimar.

Lorrana Nascimento Ferreira



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Márcia Angela da S; DOURADO, Luiz Fernandes. BNCC e formação de professores: concepções, tensões, atores e estratégias. **Retratos da Escola**, Brasília, CNTE, v.13, n. 25, p. 33-37, jan./mai. de 2019.

ARROYO, Miguel. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2. ed. - Petrópolis. RJ - Editora Vozes, 2014

ARROYO, Miguel. Tensões na condição e no trabalho docente-tensões na formação. **Movimento-revista de educação**, 2015, 2.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch et al. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1979.

BAKHTIN, Mikhail. “Os gêneros do discurso” In: **Estética da Criação verbal**. 6º ed. São Paulo: ed. Martins Fontes, 2011, p. 261-270.

BATISTA, Maria. Educação popular em movimentos sociais: construção coletiva de concepções e práticas educativas emancipatórias. **Reunião Anual da ANPEd**, v. 28, p. 13, 2005.

BATISTA, Maria. Educação popular em movimentos sociais: construção coletiva de concepções e práticas educativas emancipatórias. **Reunião Anual da ANPEd**, v. 28, p. 13, 2005.

BAZZO, Vera; SCHEIBE, Leda. De volta para o futuro. **Retrocessos na atual política de formação de professores**. **Retratos da Escola, Brasília**, v. 13, n. 27, p. 669-84, 2019.

BELLOTTI, Adreia. O grupo focal reflexivo como instrumento metodológico na abordagem histórico-cultural: uma construção possível. **Fazer pesquisa na abordagem histórico-cultural: metodologias em construção**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, p. 37-52, 2010.

BONILLA, V, D et al. Causa popular, ciência popular uma metodologia do conhecimento científico através da ação. In: BRANDÃO, C.R. **Repensando a pesquisa participante**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 131-157.

BRANDÃO, C.R; STRECK, D. R. Pesquisa participante: a partilha do saber. **Aparecida: Idéias e Letras**, 2006.

BRANDÃO, C.R. Participar-pesquisar. In: BRANDÃO, C.R. **Repensando a pesquisa participante**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 7-14.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação Infantil e Ensino Fundamental. Versão final. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96**. Brasília: Editora do Brasil, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Conselho Nacional de Educação**. Parecer CNE/CP nº 9. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, 2000.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 2, de 20 de dezembro de 2019**. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília, 2019b.

CRUZ, P. J. S. C. **Extensão Popular: A Reinvenção da Universidade**. In: Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência. São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.

DE GRAMMONT, Maria J.; FERREIRA, Lorrana N. A EXPERIÊNCIA POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSINHO POPULAR EDSON LUÍS DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONAVÍRUS. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 627-639, 2021.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o movimento hip hop**. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e do Desporto, 1998.

ENGELMANN, Solange. **Entidades, movimentos sociais e sindicatos cobram revogação da Reforma do Ensino Médio de próximo governo**. MST, 2022, Disponível em: <<https://mst.org.br/2022/08/04/entidades-movimentos-sociais-e-sindicatos-cobram-revogacao-da-reforma-do-ensino-medio-de-proximo-governo/>>. Acesso em: 20/03/2023

FORPROEX, 2012. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Porto Alegre: UFRGS.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural: Para a liberdade e outros escritos**. Editora Paz e terra, 2014 a.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **À Sombra Desta Mangueira**. 48. Reimpressão. Rio de Janeiro. Editora Paz e terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2 ed. Organização e notas Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade e outros escritos**. Editora Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 36 ed., Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira; prefácio de Jacques Chonchol. 25. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 55 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Editora Paz e Terra, 1997 a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 80 ed., Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Tolerância**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. **Cartas a quem ousa ensinar**, v. 10, 1997 b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do compromisso: América Latina e educação popular**. Editora Paz e Terra, 2018.

GADOTTI, Moacir. Extensão universitária: para quê. **Instituto Paulo Freire**, v. 15, 2017.

GATTI, Bernardete A. Formação de professores no Brasil: características e problemas. **Educação & Sociedade**, v. 31, p. 1355-1379, 2010.

GATTI, Bernadete Angelina. Grupo focal na pesquisa em Ciências sociais e Humanas. Brasília: Líber Livro Editora, 2005. 77 p. **Série Pesquisa em Educação**, v. 10.

GATTI, Bernardete A. Perspectivas da formação de professores para o magistério na educação básica: a relação teoria e prática e o lugar das práticas. **Revista da FAEEBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 29, n. 57, p. 15-28, 2020.

GOMES, Gabriel Teodoro. **Juventude E (M) Movimento: Pedagogia entre jovens e práxis política do Levante Popular da Juventude**. Dissertação de Mestrado pela UFSJ. São João Del Rei - MG. 2019

GRAMMONT, M. J.; FERREIRA, L. N. A experiência político pedagógica do Cursinho Popular Edson Luís durante a pandemia do novo coronavírus. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 1, p. 627-639, 2021.

GRAMSCI, A. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 3.

JARA, Oscar. A educação popular latino-americana, história e fundamentos éticos, políticos e pedagógicos. **São Paulo: Alforja, Ação Educativa, Enfoc-Contag, CEAAL**, 2020.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **Como Construir um Cursinho Popular?** Rede de Cursinhos Populares Podemos +. Cartilha de Divulgação, 2019.

LEVANTE POPULAR DA JUVENTUDE. **Quem somos**. Disponível em: <http://levante.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 16 ago. 2020.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 1989.

LUDKE, M. e ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 198

MACIEL, Karen de Fátima. O pensamento de Paulo Freire na trajetória da educação popular. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, v. 2, n. 2, p. 326-344, jul./dez. 2011.

MELO NETO, José Francisco. **Extensão popular**. 2.ed. - João Pessoa: Editora da UFPB, 2014.

MENEZES, Marília Gabriela de; SANTIAGO, Maria Eliete. Contribuição do pensamento de Paulo Freire para o paradigma curricular crítico-emancipatório. **Proposições**, v. 25, p. 45-62, 2014.

PELOSO, Ranulfo. **Trabalho de base**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira; PEREIRA, Eduardo Tadeu. Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. **Revista HISTEDBR On-line**, v. 10, n. 40, p. 72-89, 2010.

RAMOS, Bruna Sola da Silva. CARTAS A Paulo Freire: denúncias de opressão, anúncios de liberdade. **Revista e-Curriculum**, v. 19, n. 3, p. 1174-1197, 2021.

SANTIAGO, Maria Eliete; NETO, José Batista. Formação de professores em Paulo Freire: uma filosofia como jeito de ser-estar e fazer pedagógicos. **Revista e-curriculum**, v. 7, n. 3, p. 1-19, 2011.

SANTOS, Edlamar Oliveira dos. **A formação continuada na rede municipal de ensino do Recife**: concepções e práticas de uma política em construção. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – PPGE/UFPE, Recife, 2010.

SAUL, Ana; SILVA, Antonio Fernando. O legado de Paulo Freire para as políticas de currículo e para a formação de educadores, no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 90, n. 224, 2009.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 32 edição. Campinas - SP. Editora Autores Associados. 1999

SCHEIBE, Leda. A formação pedagógica do professor licenciado-contexto histórico. **Perspectiva**, v. 1, n. 1, p. 31-45, 1983.

SILVA, Antonio Fernando Gouvêa (2007). A busca do tema gerador na práxis da educação popular. Organização Ana Inês Souza. Curitiba: Gráfica Popular, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da .**Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUZA, Joao Francisco de. Uma pedagogia da revolução. **São Paulo**, 1987.

STRECK, Danilo Romeu. **Fontes da pedagogia latino-americana: uma antologia**. Autêntica, 2010.

WEYH, Cênio Back. Faces (novas) da educação popular no contexto brasileiro atual: a construção do poder popular pela participação. **Reunião Anual da ANPEp**, v. 28, p. 16, 2005.